



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ECONOMIA**

ALLAN HERÁCLITO XAVIER FERNANDES

**O ocaso da globalização neoliberal: Instabilidades político-
econômicas pós-Crise de 2007-08**

**Campinas
2022**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ECONOMIA

ALLAN HERÁCLITO XAVIER FERNANDES

O ocaso da globalização neoliberal: instabilidades político-econômicas pós-Crise de 2007-08

Prof. Dr. Hugo Miguel Oliveira Rodrigues Dias – orientador

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Econômico, na área de Economia Social e do Trabalho.

**ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL
DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO ALUNO
ALLAN HERÁCLITO XAVIER FERNANDES E
ORIENTADO PELO PROF. DR. HUGO MIGUEL
OLIVEIRA RODRIGUES DIAS.**

Campinas
2022

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Economia
Luana Araujo de Lima - CRB 8/9706

F391o Fernandes, Allan Heráclito Xavier, 1994-
O ocaso da globalização neoliberal : instabilidades político-econômicas pós-crise de 2007-08 / Allan Heráclito Xavier Fernandes. – Campinas, SP : [s.n.], 2022.

Orientador: Hugo Miguel Oliveira Rodrigues Dias.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia.

1. Crises. 2. Neoliberalismo. 3. Tecocracia. 4. Democracia. I. Dias, Hugo Miguel Oliveira Rodrigues, 1978-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Economia. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: The decline of neoliberal globalization : political-economic instabilities post crisis of 2007-08

Palavras-chave em inglês:

Crises

Neoliberalism

Technocracy

Democracy

Área de concentração: Economia Social e do Trabalho

Titulação: Mestre em Desenvolvimento Econômico

Banca examinadora:

Hugo Miguel Oliveira Rodrigues Dias [Orientador]

Eduardo Barros Mariutti

Fernando Leitão Rocha Junior

Data de defesa: 26-04-2022

Programa de Pós-Graduação: Desenvolvimento Econômico

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-0200-1862>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/8915096975804874>



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ECONOMIA

ALLAN HERÁCLITO XAVIER FERNANDES

O ocaso da globalização neoliberal: instabilidades político-econômicas pós-Crise de 2007-08

Prof. Dr. Hugo Miguel Oliveira Rodrigues Dias – orientador

Defendida em 26/04/2022

COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dr. Hugo Miguel Oliveira Rodrigues Dias - PRESIDENTE
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Prof. Dr. Eduardo Barros Mariutti
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Prof. Dr. Fernando Leitão Rocha Junior.
Universidade Federal dos vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)

A Ata de Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica do aluno.

AGRADECIMENTOS

Mais do que um esforço individual, este trabalho não se concretizaria sem a grande e imprescindível contribuição direta ou indireta de diferentes colegas, docentes, amigos e familiares.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa de pesquisa oferecida a este pesquisador que garantiu as condições materiais para cursar um mestrado e realizar esta pesquisa agora apresentada. Também em relação a financiamento, agradeço ao International Center for Development and Decente Work (ICDD) da Universität Kassel que financiou esta pesquisa em sua fase final.

Meus agradecimentos vão também ao Instituto de Economia da Unicamp (IE/UNICAMP) pela estrutura e apoio pela qual eu tive a disposição no decorrer do meu mestrado.

Ao meu orientador Hugo Miguel pela paciência, ensinamentos e pela liberdade concedida a este autor na confecção deste trabalho. Também na pessoa do Hugo Miguel estendo meus agradecimentos a todos professores do IE pelos ensinamentos nas diferentes disciplinas e aulas pela qual eu tive o privilégio de assistir no Instituto.

Aos professores Fernando Leitão Rocha Junior e Eduardo Barros Mariutti participantes da minha banca de qualificação que forneceram importantes e valiosas contribuições as quais busquei incorporar neste trabalho. Também os agradeço enormemente por terem participado da banca de defesa.

Também estendo meus agradecimentos a todos docentes, técnicos e pesquisadores do Centro de Estudos Sindicais e Economia do Trabalho- CESIT.

A todos da Secretaria de Pós-graduação do IE pela presteza e empenho em auxiliar este pesquisador quando foram demandados.

Não poderia deixar de agradecer aos meus professores da graduação na UFVJM e aos colegas do Grupo de Estudos de Crítica à Economia Política. Na pessoa de Marcio Lupatini, meu orientador da graduação, estendo meus agradecimentos a todos os docentes da UFVJM. Um agradecimento especial a Vanessa Jurgenfeld que além de minha professora na graduação também foi colega de pós-graduação no IE e me auxiliou quando cheguei ao Instituto.

Aos colegas economistas que no período de confecção deste trabalho eu convivi, partilhei experiências e tive apoio. À Thamiris Laure, Acon Gusmão, Alisson Carvalho, Vinícius Figueiredo egressos da UFVJM que tive o prazer de reencontrar nos corredores do IE.

Também aos colegas pesquisadores(as): Thiago Nogueira, Rozi Ferreira, Wallas Matos, Isabela Agapito, Ana Paula Moreira. A tantos colegas de pós-graduação no Instituto de Economia e aos amigos da UFVJM que mesmo distantes ainda partilho da amizade.

Aos colombianos que passaram pela República Chibchombia que me ofereceram o lugar que chamei de minha casa em Campinas. A todos que moraram ou agregados que por lá passaram: Carolina, Laura, Luís Fernando, Manoel, Mauricio, Edna, Diego e Germán; com estes aprendi um pouco mais sobre *Nuestra América*.

Por fim e não menos importante; agradeço à minha família. Dedico com carinho a minha avó Ana Souza (*in memoriam*) que veio a falecer enquanto eu estava distante no decorrer desse mestrado. Aos meus pais Natalino e Ildaides, meu irmão Arley e minha Irmã Valéria, sou um privilegiado pelo amparo e apoio recebido durante todo o tempo. A conclusão dessa etapa, tem a importante e longeva contribuição de toda a minha família.

*Eu quase que nada sei. Mas desconfio de muita coisa.
(Guimarães Rosa; Grande Sertão: Veredas)*

RESUMO

Este material apresenta teorias e acontecimentos buscando comprovar que a globalização neoliberal tem adentrado em uma nova fase na última década trazendo com essa crise novos fenômenos políticos e uma mudança nas sociedades. A crise do mundo atual pode estar inserida dentro de um quadro chamado por crise estrutural do capital, na qual este escrito buscará apresentar somente algumas de suas facetas. Em especial, esse trabalho explora a ascensão da extrema-direita no mundo, o perfil e as condições do eleitorado que chancelam essas alternativas com viés notadamente autoritárias e também antiliberais. O descrédito em alguns países com a democracia e com suas instituições também são abordadas neste trabalho mostrando que há uma crise de representação e legitimidade em alguns países ocidentais. Abordaremos também questões do fascismo clássico buscando na literatura os paralelos em tempos atuais com aquele fascismo do século XX. Parte desse trabalho mencionará aspectos principais do neoliberalismo e sua conturbada relação com a democracia. Também traremos *insights* sobre a aliança neoliberal-neoconservadora. Vale ressaltar que este trabalho tem em plano os países ocidentais e traz sobretudo estudos e fatos relacionados a maior economia e democracia liberal do mundo; os Estados Unidos da América que passou os últimos anos governado por um político que tem muita relação com o objeto de estudo deste trabalho.

Palavras-chave: Crise, neoliberalismo, tecnocracia, democracia

ABSTRACT

This material presents theories and events seeking to verify if that neoliberal globalization has entered a new phase in the last decade, bringing with this crisis, new political phenomena and changes in societies. A crisis of the current world can be inserted in one row called by the structural crisis of the capital, in which this paper will seek to present some of its facets. In particular, this work explores the ascent of the alt right of the world, or the profile and the conditions of the electorate that offer these alternatives highly authoritarian and / or illiberal. Or discredit in some countries with democracy and with its institutions also addressed in this work showing that there is a crisis of representation and legitimacy in some Western countries. We will also address aspects of classical fascism, searching in literature for parallels in ancient times like that of XX century fascism. Part of this work will mention the main aspects of neoliberalism and its troubled relation with democracy. We will also bring insights about the neoliberal-neoconservative alliance. It is worth highlighting that this work was based on the western countries and traced mostly studies and data related to a larger economy and liberal democracy in the world; the United States of America that spent the last years governed by a politician who has a relation as the object of study of this work.

Keywords: Crisis, neoliberalism, technocracy, democracy

LISTA DE FIGURAS



Figura 1 à esquerda; Figura 2 à direita. Créditos: The Economist

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1.1 O NEOLIBERALISMO CHEGA AO SÉCULO 21	21
1.1.1 <i>Um novo milênio moldado pela internet</i>	21
1.1.2 <i>As crises capitalistas escancaradas e a perda de perspectiva</i>	35
1.1.3 <i>Um período de aceleração do tempo e dos processos históricos</i>	44
1.2 A QUEDA DO LIBERALISMO CLÁSSICO, O FASCISMO E O NEOLIBERALISMO HOJE EXISTENTE	53
1.2.1 <i>Notas sobre o surgimento do fascismo no século XX</i>	53
1.2.2 <i>Similaridades entre o fascismo com os tempos atuais: um neofascismo?</i>	58
1.2.3 <i>O liberalismo do fim do século: o (neo)liberalismo tecnocrático</i>	63
2 RACHADURAS NOS SISTEMAS POLÍTICOS.....	72
2.1 EXTREMA DIREITA, CRISES POLÍTICAS E O NEOLIBERALISMO CONTESTADO	72
2.1.1 <i>A crise da globalização neoliberal</i>	72
2.1.2 <i>A (não) relação entre neoliberalismo, democracia e soberania popular</i>	81
2.1.3 <i>Vivemos uma crise da democracia liberal e dos seus sistemas representativos?</i>	88
2.1.4 <i>A derrocada do neoliberalismo progressista e a governança “the winner take all”</i>	99
2.1.5 <i>O ressentimento, os “recalcados” e o crescimento da extrema direita</i>	105
2.1.6 <i>Resiliência dos dogmas neoliberais ou aprofundamento da sua crise de legitimidade?</i>	120
3. A CRISE AMBIENTAL COMO IMPORTANTE CONTRADIÇÃO NO CAPITALISMO.	134
3.1 OS DESAFIOS AMBIENTAIS PARA A HUMANIDADE	134
3.2 AS ALTERNATIVAS QUE LEVAM EM CONTA O ASPECTO AMBIENTAL	140
3.2.1 <i>A saída ecológica proposta pelas corporações</i>	142
3.2.2 <i>O ambientalismo no reformismo</i>	147
3.2.3 <i>Ecosocialismo</i>	152
3.2.4 <i>As teses de crescimento zero e economia circular</i>	153
3.3 PLANOS AMBIENTAIS QUE ESTÃO SENDO LANÇADOS.....	157
CONSIDERAÇÕES FINAIS	160
REFERÊNCIAS	166

INTRODUÇÃO

Quando comecei esse projeto em meados de 2019; delimito que perseguir-se-ia a hipótese de uma crise de grandes proporções à espreita do capitalismo. Já nessa época relatórios de instituições multilaterais e alguns economistas viam a possibilidade de uma grande crise financeira, comercial e/ou bolhas de crédito gerando instabilidade nos anos seguintes. Quem acreditava na possibilidade de uma crise nos anos vindouros afirmava que ela seria de grande intensidade; dentre outros fatores porque o mundo vinha em uma trajetória de baixo crescimento e recessão em países importantes. Dizia-se também que uma grave crise seria dificilmente manejada pelos estados pois estes estavam com pouco poder fiscal dado ao já alto endividamento advindo dos gastos fiscais na crise de 2007-2008. Apesar de circular diagnósticos como esses, poucos analistas eram incisivos em apostar em crise de grandes proporções e também raro eram os que pareciam visualizá-la no curto prazo.

Neste trabalho sustentarei que o capitalismo sob sua forma neoliberal que vigora desde os anos 1970 passa por uma ruptura. Esta é uma das principais premissas deste trabalho que entende que em diversos locais do mundo as sociedades estão passando por importantes transformações demográficas, geopolíticas, econômicas, informacionais etc., pressionadas e impulsionadas por crises migratórias, ambientais, epidemiológicas, econômicas, políticas e de diversas outras ordens. A pandemia de coronavírus, uma doença respiratória bastante contagiosa que se espalhou rapidamente num mundo globalizado, foi um agente catalizador de uma crise que já estaria se formando para pressionar o neoliberalismo e a globalização (desglobalização e *slowbalization* foram os vértices pela qual adentrei esta pesquisa, que em seu esboço inicial, seria investigar o declínio da globalização). Quando finalizava as últimas linhas deste trabalho, uma invasão Russa na Ucrânia, a primeira grande invasão de um país europeu desde a Segunda Guerra fortalece a tese da erosão dos princípios do liberalismo globalizante também no campo geopolítico, com o mundo revivendo temores de uma guerra entre potências nucleares.

Em 2019 a principal e mais antiga revista de negócios perguntava: *Is this the era of slowbalisation*. Essa era uma das manchetes que repercutiram a edição da semana de 24 de janeiro/2019 que colocava na capa (figura 1) e no debate o termo “*slowbalisation*” do ensaísta holandês Adijedj Bakase. Segundo a revista, dentre os

fatores que diminuem o ritmo da globalização estaria a maior autossuficiência chinesa e os custos com comunicação e transporte que pararam de cair. Segundo a revista, as cadeias produtivas estão preferindo integrar-se regionalmente a enfrentar os riscos globais e incentivos tem sido dados por estados para a repatriação de capitais (SLOWBALISATION, 2019).

Um ano e uma pandemia depois, a revista pode considerar seu prognóstico acertado. Na sua capa da edição da semana de 16 de maio de 2020 a tradicional revista econômica inglesa decreta; “*Goodbye Globalisation*” (Figura 2). O artigo principal intitulado “*Has covid-19 killed globalisation?*” começa lembrando que “mesmo antes da pandemia, a globalização estava com problemas” (GOODBYE, 2020). Segundo o artigo; a pandemia de Covid-19, foi o terceiro golpe em doze anos (sendo o primeiro a crise financeira de 2007-08 e o segundo a Guerra Comercial sino-americana) ao sistema de livre comércio que vigorou no mundo por décadas. Segundo a revista, o arranjo global de comércio após 1990 com a China sendo a fábrica de um mundo com fronteiras abertas a mercadorias, pessoas, capitais e informações foi um período único no mundo. Ainda segundo a *The Economist* esse arranjo começa a declinar, após a falência do Lehman Brothers em 2008. Agora devido a pandemia (e após ela) a revista porta-voz de interesses dos capitalistas anglo-saxões acredita que:

À medida que as economias reabrem, a atividade se recuperará, mas não espere um retorno rápido a um mundo despreocupado de livre movimentação e livre comércio. A pandemia politizará as viagens e as migrações e criará um viés para a autossuficiência. Essa mudança de foco para dentro das fronteiras enfraquecerá a recuperação, deixará a economia vulnerável e espalhará a instabilidade geopolítica [...] em todo o mundo, a opinião pública está se afastando da globalização. As pessoas ficaram perturbadas ao descobrir que sua saúde depende de uma querela para importar equipamentos de proteção e dos trabalhadores migrantes que trabalham em casas de repouso e fazem as colheitas (GOODBYE, 2020, p. 7).

A publicação inglesa destacava ainda que como resposta à pandemia, os governos tem estimulado a repatriação de empresas e criação e complexos nacionais de produção autossuficientes. A união europeia assentou na chamada autonomia estratégica e criou um fundo para comprar participações em empresas cruciais a economia do continente e os EUA pressionara a Intel fabrique seus componentes no país. O fluxo de capital estrangeiro tem sofrido retração em importantes praças. Tudo isso para a revista, resultará numa vida mais cara, menos livre e um mundo mais instável. Preocupada, a revista assim termina o artigo: “três golpes feriram em tal medida o sistema aberto de comércio que os poderosos argumentos a seu favor estão sendo negligenciados. Dê adeus

à maior era da globalização - e preocupe-se com o que acontecerá” (GOODBYE, 2020, p. 7).

E em se falando da cobertura da imprensa; em maio de 2020 ainda no início da pandemia (quando eu escrevia parte destas linhas) o único consenso registrado nas páginas dos jornais eram que as taxas de crescimento do mundo em 2020 seriam profundamente negativas. A Covid-19 deixava a atmosfera muito tensa e imprevisível para as economias e para a própria vida humana. A única certeza de então entre entidades e economistas era de que a economia do mundo cairia bastante e as estimativas poderiam ser sempre refeitas durante a epidemia global projetando cenários mais sombrios onde cabia com segurança qualquer estimativa entre -2% e -10% de queda do PIB para qualquer lugar do mundo.

Ao final do ano pandêmico de 2020, o Brasil decresceu 4,1% do seu PIB, a União Europeia viu seu PIB encolher 6,4%, semelhantes ao tombo de -6.6% da América Latina.

Já os EUA, mesmo com pacotes de estímulos trilionários de para reanimar a economia ao longo do primeiro ano pandêmico, viu seu PIB decair 3,5% (maior queda desde a Segunda Guerra) número parecido com o decréscimo do PIB do mundo que foi de -3,4 em 2020 segundo o Banco Mundial. Por lá a pobreza cresceu 2,4% em 2020 puxado pelo desemprego pandêmico.

No Reino Unido a queda da economia foi ainda mais drástica e recuou em 9,9% em 2020; o que sugere que foi a maior queda desde a Grande Geada de 1709. Com essa queda, a economia britânica recuou a patamares do PIB de 2015.

Segundo números da CEPAL, a pobreza e extrema pobreza na América Latina e Caribe, atingiram níveis que não se via a aproximadamente 2 décadas. Segundo a entidade, ao fim de 2020, 22 milhões de pessoas engrossaram as filas da pobreza na região atingindo 33,7% da população, isto é, 209 milhões de pessoas sendo que desse total 78 milhões estavam em condições de extrema pobreza. Segundo a entidade, os programas de amparo dos governos atingiram aproximadamente metade da população e contribuiu para frear um avanço ainda maior da pobreza e extrema pobreza na região. Ao final do ano, o desemprego na região subiu de 8,1% em 2019 para 10,7% em 2020 atingindo de maneira mais forte as mulheres, jovens e migrantes. Vale destacar que os números da Cepal apontaram uma queda de 7,7% do PIB na região, uma queda maior do que a calculada pelo Banco Mundial.

Durante as quarentenas, as praças e ruas ficaram desertas pelo mundo inteiro ao ponto de animais selvagens transitarem em vias onde semanas antes eram locais de trânsito intenso, buzinas, congestionamentos e multidões em compras. O ar das cidades se tornou mais respirável pela queda do trânsito e de atividades industriais. Mas as ruas voltaram a lotar em protestos semanas depois mesmo em meio a epidemia respiratória. Nos EUA os protestos se irradiaram por todo o país, criticando o racismo incrustado nas polícias por causa da morte de um cidadão negro numa abordagem truculenta. Milhares de cidadãos saíram as ruas por vários dias seguidos em mais de 75 cidades norte-americanas, inclusive em Washington D.C onde às portas da Casa Branca; onde uma multidão em revolta fez o presidente se esconder em um *bunker*. No Brasil; no primeiro dia de julho de 2020, entregadores de aplicativos pararam as entregas por um dia em São Paulo e algumas outras cidades do país, a primeira grande greve destes trabalhadores desde que esse tipo de trabalho entrou em voga com a tecnologia que o permite. Essa greve mostrou que tais paralizações chamadas *breque dos apps* podem vir a ser o instrumento de luta destes trabalhadores precarizados.

Em idos de 2021, quando a pandemia respiratória já se arrefecia pelos efeitos da vacinação, uma confluência de tormentas se acumulava sobretudo no centro capitalista. Falta de gás natural na Europa aumentando os preços da energia elétrica e causando dificuldades para as casas manterem o aquecimento durante o inverno, falta de caminhoneiros na Inglaterra e na Alemanha, o que causava a escassez nos supermercados e alta inflação (que viria a aumentar muito mais nos meses seguintes como consequência da Guerra entre Rússia e Ucrânia). Notícias de quando a pandemia arrefeceu davam conta da falta de nitratos, chips, magnésio e outros materiais essenciais a indústria e a agricultura. Latas de refrigerantes vão aos mercados sem pinturas de seus rótulos. Na China, os cortes de energia tornaram frequentes, paralisando centros de produções e pressionando o governo que anuncia a construção de novas termelétricas a carvão. A escassez hídrica toma conta de Taiwan que cada vez mais teme a invasão militar da China visando tomar controle da sua produção de chips que responde a 70% da produção mundial. O algodão viu seu preço dobrar. A crise energética fez o preço do silício triplicar em alguns países, aumentando o preço das placas solares. Matérias primas e *commodities* como petróleo, minério de ferro, celulose e carne subiram enormemente pressionando a inflação no mundo todo e levando mais descontentamentos a populações que já passaram por processo de perda de renda e desemprego por consequência da pandemia. As turbulências se confluem, amplificam e geram consequências globais (afinal a produção

se organiza em imensas cadeias globais) e prova que o capitalismo não é tão organizado como poderia pensar seus entusiastas. Mas também não é tão frágil como poderiam dizer seus críticos mais apressados.

Trouxemos apenas algumas das fotografias mostrando o cenário devastador da epidemia mundial em alguns negócios capitalistas. E escrevendo no calor dos acontecimentos, tem se claro que a pandemia foi o estopim de uma grave crise em um mundo que já apresentava indicadores fracos e sinais de rupturas e bolhas, que como dito anteriormente, já despertara nossa atenção antes mesmo do surgimento de uma pandemia avassaladora.

Mas o capitalismo é resiliente e as crises são sempre oportunidades para alguns. Não tardou o passar de alguns dias da (na) epidemia para que alguns conglomerados aumentassem ainda mais suas acumulações de capital e valorização de suas ações nas bolsas de valores. Aproximadamente um novo bilionário surgiu por dia, durante o período pandêmico. Este clube de bilionário viu suas rendas subirem 60% enquanto o mundo mergulhava em mortes, desemprego e agravamento da fome. Não foi a mais grave epidemia em um século que derrubou o capitalismo; embora as estatísticas já nos informam que levará alguns anos para que o mundo recupere a magnitude da produção de anterior a pandemia.

O ocaso do neoliberalismo não significa que ele acabará espontaneamente e de maneira suave. Há obviamente interesses e forças poderosas empenhadas a manter o sistema funcionando mesmo que em deterioração. Os interesses na manutenção do sistema buscarão por exemplo; compensar as quedas na taxa de lucratividade com a espoliação de direitos dos trabalhadores e bens comuns.

Destacamos que dinâmica de expansão do capitalismo choca frontalmente com os limites ambientais. As empresas capitalistas no jogo da concorrência procuram sempre reduzir seus custos frente aos seus concorrentes para não serem expulsas do seu mercado de atuação. E uma das saídas históricas para estes custos é a sua “externalização”. E dentre essas externalidades, a degradação ambiental continua sendo uma das mais usadas até hoje pelas empresas inseridos na lógica de competição capitalista.

Procurarei mostrar nesse trabalho algumas das crises capitalistas diversas, seus sintomas aparentes e indícios rumo ao desenho de um mundo diferente. Os indicadores de crises financeiras, crises de acumulação, instabilidades políticas e institucionais, fuga de capitais, guerras comerciais, retração do comércio mundial, crise

ambiental, intensificação de conflitos geopolíticos etc.,¹ elementos que já estavam postos antes da epidemia (que é uma crise sanitária e de saúde) mostravam um novo mundo se configurando. Essa “tempestade perfeita” nas crises do capitalismo também é constatada por autores como Alain Bihr, Nancy Fraser, Lazzarato, Naomi Klein, Mészáros, Streeck e outros que apresentaremos no decorrer do nosso trabalho.

Embora reconheço que há a confluência dessas diversas crises importantes decorrentes de uma crise estrutural (a lá Mészáros) e um período de *interregnum* (a lá Gramsci) não tratarei todas de forma aprofundada. Adianto que, não é o intuito aprofundar nas definições de democracia, mas na grande maioria dos autores mobilizados e citados aqui trata da democracia representativa; a vigente hoje (mas como defenderemos, em crise) na maior parte dos países ocidentais.

Cabe lembrar que crises no capitalismo são acontecimentos endógenos e esperados dentro do desenvolvimento sistêmico. Mas são também períodos de muita apreensão e incertezas. As várias contradições presentes dentro do modo capitalista podem inclusive gerar o seu próprio fim.

Se procurarmos num dicionário pelo termo crise; encontraremos significados relacionados a definição de um momento ou acontecimento instável geralmente abrupto com viés negativo (e não desejável) a um grupo, indivíduo, empresa etc. que passa por tal momento. E embora também não iremos aprofundar em pormenores sobre as teorias da crise, entendo que a explicação marxista nos oferece pistas importantes para entender o processo de valorização e crises do capitalismo:

Consequentemente, quanto mais desenvolvido o capital, quanto mais trabalho excedente criou, tanto mais extraordinariamente tem de desenvolver a força produtiva do trabalho para valorizar-se em proporção ínfima, i.e, para agregar mais valor – porque o seu limite continua sendo a proporção entre a fração da jornada que expressa o trabalho necessário e a jornada de trabalho total. O capital pode se mover unicamente no interior dessas fronteiras (MARX, 2011, p. 267).

Dentro da tradição Marxista, Gramsci e Mészáros certamente foram dois dos autores que mais nos entregaram elementos para se compreender as crises nevrálgicas do capitalismo. Escrevendo após a crise de 2008, Mészáros afirmava que num mundo

¹ Em Mészáros o autor cita uma crise por ele chamada de crise de dominação; que traduz os riscos subjacentes por exemplo, a vulnerabilidade da organização industrial onde até mesmo uma pequena greve localizada pode ter impactos em uma longa cadeia de produção. Assim, mesmo se uma pequena fornecedora de produtos ou serviços (mesmo os mais simples) paralisa suas atividades, esta ação pode prejudicar uma indústria imensa globalmente. Uma outra crise de dominação do capital está relacionada a capacidade de fornecer emprego a intelectuais que cada vez mais não se veem inseridos em oportunidades para qual são qualificados, e a subordinação de intelectuais ao capital fica comprometida.

permeado por diversas forças sociais em conflito, o *status quo* global é assegurado sempre de forma precária e a pergunta a se fazer não é se *haverá* ruptura, e sim *quando* e por *qual meio* esta ocorreria. E já em 2009 antes mesmo do aprofundamento da crise financeira e econômica de 2008 e da crise política que levou a formação de governos incomuns, líderes instáveis, extremistas e explosivos; Mészáros já escrevia naquela oportunidade que “hoje estamos vivenciando não é apenas uma crescente polarização—inerente a crise estrutural do capitalismo atual—mas, igualmente, o que se multiplica os riscos de explosão, o colapso de uma série de válvulas de segurança que cumpriam um papel vital na perpetuação da sociedade de mercado” (MÉSZÁROS, [2009] 2011, p. 49). Demonstrando uma alta capacidade de prognóstico, Mészáros dizia também que:

A crise estrutural do sistema capital como um todo tende – a qual estamos experimentando nos dias de hoje em uma escala de época—está destinada a piorar consideravelmente. Vai se tornar em certa altura muito mais profunda, no sentido de invadir não só o mundo das finanças globais mais ou menos parasitárias, mas também todos os domínios da nossa vida social, econômica e cultural” (MÉSZÁROS, 2011, p. 17).

Mészáros nos corroboraria se chamássemos essa janela histórica como um período que se encaminha para uma crise civilizatória ou crise da existência humana; afinal temos riscos reais de aniquilação nuclear ou de uma dramática perda de vidas (humanas ou não) advindo do rápido (e em alguns aspectos irreversível) esgotamento ambiental (mudanças climáticas incluídas).

Ainda dentro do arcabouço marxista contemporâneo, Harvey tem obras destacando contradições capitalistas que podem exacerbar (e/ou confluir) ainda mais, desencadeando crises capitalistas de grandes proporções. A desigualdade de riqueza e renda, o desenvolvimento regional desigual e as constituições urbanas de espaços excludentes, as contradições da reprodução social (a educação, as condições de reprodução de uma força de trabalho especializada etc.) e as contradições da tecnologia são alguns dos descompassos listados por Harvey que trazem instabilidade ao capitalismo atual; além da clássica contradição entre capital e trabalho e do que ele chama de uma contradição muito perigosa que é a relação do capital com a natureza (HARVEY, 2014).

A primeira parte desse trabalho aborda brevemente o fascismo e seus elementos básicos que de algum modo podem estar se replicando nos tempos atuais, visto que o fascismo clássico foi também uma rejeição do liberalismo político de forma parecida com o descrédito a democracia liberal que hoje presenciamos. Abordarei também a mudança informacional de um paradigma analógico para um paradigma digital

hiper conectado. Essas mudanças impactaram muito as sociedades do segundo milênio que tem em mãos ferramentas substantivamente diferentes do que se tinha acesso antes. Estou falando principalmente da transformação trazida pela internet que é crucial para entender os desenvolvimentos da sociedade deste século; que grosso modo, considero que se inicia em 2008 com a crise econômica sendo seu marco fundamental.

No segundo capítulo, ancorado na premissa de que as turbulências do mundo atual são facetas que explicam um novo período do capitalismo (ou o período de travessia deste rumo a uma regulação, organização ou modo de vida desconhecido); discuto as crises de legitimidade, de representatividade e de uma das principais instituições do último século que é a democracia burguesa representativa. Trarei também nesse trabalho os principais autores que acreditam que a fase neoliberal do capitalismo passa por uma grande transformação/crise.

No terceiro capítulo apresento rapidamente alguns rumos e propostas que se apresentam tendo em vista os limites ambientais na qual a humanidade se defronta. Essas propostas vão desde aquelas ligadas a ordem neoliberal até proposições que postulam que não há saída ecológica mantendo o atual modo de produção capitalista.

Por certo, há outras alternativas de vida que poderiam ser mais benéficas e justas a maior parte da humanidade e ao meio ambiente; e muitos autores defendem estas alternativas. E claro, uma crise do neoliberalismo atual pode também resultar numa posterior retomada em termos mais “selvagens” ou desembocar na “barbárie”. São tempos de incertezas!

Gostaria de ter abordado nesse trabalho de forma mais aprofundada várias outras facetas da crise capitalista que nos afeta. Aspectos do desemprego, os trabalhadores precários e destruição dos direitos do trabalho mundo afora; as crises humanitárias dentre as quais os refugiados de guerra e a fome que continuam a matar milhares anualmente são temas que serão abordados muito superficialmente neste trabalho. Certamente caberia em trabalhos desta temática, um desenvolvimento mais aprofundado da geopolítica e das relações entre estados e do redesenho no tabuleiro de forças internacionais; temas que infelizmente pelo tempo ou pela natureza desse trabalho optei por não priorizar nesse escrito.

Qualquer desenvolvimento teórico feito ainda no desenrolar dos acontecimentos tem suas dificuldades e o risco de se envelhecer mal. Procurei ancorar minha pesquisa sempre que possível com obras atualizadas que versam sobre os temas, incluindo autores de outras partes do mundo que lá refletem sobre as crises atuais em seus

países. Sendo uma pesquisa sobre acontecimentos contemporâneos, o leitor encontrará muitas referências a notícias e indicadores que são pistas ainda quentes que ajudam a compreender a temática em lacunas onde faltam obras acadêmicas pela atualidade dos desdobramentos.

A maior parte desse trabalho foi confeccionada no decorrer de uma grave pandemia mundial que forneceu vários elementos para nossa análise; mas que certamente terá seus impactos e consequências melhores compreendidos no futuro, pois afinal, tal pandemia ainda nem acabou quando este trabalho se finalizava. E se já é teoricamente difícil pesquisar sobre acontecimentos sociais e econômicos enquanto eles se desenvolvem; e se já é difícil “humanamente” se adaptar bruscamente para pesquisar (e sobreviver) numa pandemia inédita a minha geração; é exponencialmente mais complexo (e triste) trabalhar levando em conta dados e análises tão aterradoras sobre um vírus mortal e causador de tantos sofrimentos que ainda assim encontrou um “batalhão de aliados” entre os humanos. E esse trabalho abordará alguns aspectos dessa questão; a saber, a necessidade da humanidade em encontrar alternativas viáveis para sua sobrevivência em sociedade.

O CAPITALISMO DO SÉCULO XXI

A maioria das civilizações desapareceu antes que tivesse tido tempo de explorar ao máximo todas as suas possibilidades. Por isso mesmo não diremos, baseados no seu rendimento, que o intermezzo capitalista será provavelmente prolongado. Na verdade, vamos tirar agora justamente a inferência oposta (Joseph Schumpeter, Capitalismo, socialismo e democracia).

1.1 O NEOLIBERALISMO CHEGA AO SÉCULO 21

1.1.1 Um novo milênio moldado pela internet

Olhando em retrospecto, os historiadores conseguem demarcar eventos históricos, ideologias e transformações que moldaram o curso e/ou serviram de paradigma das sociedades por mais décadas ou séculos. Sem querer entrar em maiores detalhes, podemos citar somente a título de exemplos na história moderna; o Iluminismo, a Revolução Francesa, a Revolução Industrial, as ideias de Darwin, as teorias do liberalismo e comunismo, a Crise de 1929 e o Keynesianismo, a Guerra Fria, o Maio de 1968 na França e no mundo (somado a contracultura), o fim de Bretton Woods, os Atentados de 11 de Setembro e os eventos que o sucederam, o advento da internet e a crise de 2007-08. Todos estes marcos foram bastante pesquisados e a eles atribuíram fortes influências sobre a sociedade, alguns influenciaram de forma mais ampla e duradoura do que outros, alguns romperam radicalmente com paradigmas anteriores e outros sobreviveram permeando todos os demais. Mas de alguma forma este trabalho está discorrendo sobre a influência e os eventos que sucederam a partir destes dois últimos marcos (Internet e Crise de 2007-8) além de estarmos escrevendo no momento de outro evento que também garantirá seu posto na história; a pandemia de Sars-Cov-2 (ou coronavírus).

É muito difícil delimitar um período como marco de abertura de um novo tempo histórico. Tarefa mais difícil ainda é delimitar estes marcos estando no desenrolar dos acontecimentos; mas como entendo; a crise de 2007-8² pode ser escolhida como o

² Concordaria Chantal Mouffe: “No entanto, a crise econômica de 2008 trouxe à tona as contradições do modelo neoliberal, e hoje a formação hegemônica neoliberal está sendo questionada por uma variedade de movimentos de estabelecimento, tanto da direita quanto da esquerda. Esta é a nova conjuntura, que eu chamarei de ‘momento populista’” (MOUFFE; 2018, p. 15-6). Castells também concorda que a Crise pode ser tomada como um marco importante: Diz ele: “As contradições latentes na economia e na sociedade transformadas pela globalização, a resistência identitária e a dissociação entre Estado e nação apareceram à luz da prática social na crise econômica de 2008-10 [...] Na raiz da crise de legitimidade política está a crise financeira, transformada em crise econômica e do emprego, que explodiu nos Estados Unidos e na

momento inaugural de um novo período político-econômico nas sociedades. Como diz Denis Gimenez: “o mundo que saiu da crise de 2008 agrava as tendências do capitalismo contemporâneo sobre o aumento da pobreza, das desigualdades e cria um impasse civilizatório, sobre os limites da organização econômica e sua relação com o regime político” (SETTI, 2019, p.5).

A disseminação da internet certamente tem um peso fundamental na explicação dos tempos atuais e ainda é bastante incompreendida. Entendo que sem considerar o peso da internet na vida social e cotidiana sobretudo a partir da segunda década do milênio, as análises sobre os tempos atuais ficam prejudicadas.

A forma de se comunicar, locomover, consumir, relacionar etc., se mudou substancialmente nos tempos atuais impactados pelas *boom* das telecomunicações. Assim, por exemplo; um adolescente de 2018 tem um cotidiano e uma forma de se relacionar e ver o mundo substancialmente diferente de um jovem da primeira década do século XXI (uma diferença de aproximadamente uma década). A rotina de milhares de adolescentes brasileiros (e de outras partes do mundo) em 2008 poderia ser descrita da seguinte forma: iam à escola no período da manhã (ou tarde), chegavam em casa e iria assistir um episódio de alguma animação ou clipe musical num canal de TV, depois iria jogar algum jogo no computador ou videogame e/ou ajudar os pais nas tarefas domésticas. Poderia ter algum tempo para navegar na internet e usar o MSN ou o Orkut por alguns minutos, mas esta possibilidade não era tão disseminada e presente dado o ainda baixo acesso à internet em várias camadas da população, além da distribuição geográfica e velocidades limitadas. O acesso ao mundo online ainda era dependente de um computador instalado em algum local fixo da casa, o que limitava o acesso quando não se dedicasse inteiramente a atividade de manejar o aparelho. Se este adolescente hipotético por algum motivo perdesse o episódio do dia do seu programa de TV preferido; no outro dia ele procuraria se informar sobre o que se passou com seus colegas de escola para que quando assistisse o episódio sucessor, entendesse o sentido da trama. Na maioria das vezes, não havia a opção de assistir os episódios perdidos em um momento posterior pois isso estava sob o controle da programação da emissora de TV³.

Europa no outono de 2008. Foi, na realidade, a crise de um modelo de capitalismo, o capitalismo financeiro global” (CASTELLS; 2018, p.18).

³ Obviamente, tal cenário é hipotético e propositalmente, bastante simplista: sabemos que mesmo a oportunidade de ir à escola estava negado para uma grande parte das crianças do mundo naquela época (problema que ainda persiste) e números exorbitantes de crianças e adolescentes brasileiros dos anos 1990 e 2000 não podiam ter aparelhos como videogames ou computadores em casa. Outra parcela significativa

Já um adolescente de hoje, com as devidas exceções e ressalvas, conta com ferramentas que não estavam disponíveis, acessíveis ou popularizadas na primeira década deste século. Surgiram smartphones, *wi-fi* e internet móvel muito mais acessíveis e de melhor tecnologia que possibilitaram que estes jovens (e adultos) atuais usem a internet em qualquer lugar e a todo tempo. Apareceram aplicativos e redes sociais que possibilitaram novas formas de comunicar e socializar diferentes daquelas do primeiro adolescente hipotético do nosso exemplo. O adolescente de hoje, não precisa preocupar em perder o episódio do dia de sua série favorita, pois ele pode ser acessado a qualquer momento no seu serviço de *streaming* e aqueles que não tem uma assinatura mensal de *streaming* até pode recorrer a alternativas “piratas” na internet. A geração de hoje elevou o uso de uma palavra basicamente desconhecida naquela primeira década; a palavra *spoiler*. Se para aquele primeiro adolescente hipotético dos anos 2000 era conveniente perguntar no dia seguinte ao seu colega de escola como foi o episódio anterior de seu programa de TV preferido; o jovem atual tem horror a ouvir ou saber da trama sem assistir, pois ele pode assistir a qualquer momento ou local que quiser e a seu tempo, visto que o episódio está disponível na internet. Redes sociais populares e de uso quase geral hoje como Facebook, Instagram, Whatsapp, Telegram, Snapchat, Tik Tok e Twitter não estavam disponíveis para aquele outro jovem. O Youtube, assim como portais jornalísticos e afins, já existia, mas eram poucos que faziam seu uso na década passada e sua expansão acompanhou a popularização da internet. Em síntese; a forma de consumir música, filmes, comida, entretenimentos, *status* e relacionamentos mudaram radicalmente em poucos anos mudando, por conseguinte a vida cotidiana. E vale dizer, estamos confrontando as diferenças entre duas gerações de jovens com a diferença de poucos anos entre uma e outra; as diferenças são ainda mais profundas se comparadas por exemplo com a geração jovem dos anos 1990 (que é somente cerca de 30 anos atrás).

O mundo do trabalho foi uma das instituições que se alterou profundamente no curso de poucos anos com o impulso da internet e dos meios digitais. A massa do novo proletariado atual tem cada vez mais o aumento da participação daqueles trabalhadores que autores como Ricardo Antunes chama de infoproletários; que são trabalhadores imersos em vínculos empregatícios cada vez mais instáveis, precários e sem direitos. Alguns destes trabalhos foram possíveis de serem criados (ou recriados) apenas com a existência da internet; tal como os trabalhadores de aplicativos de mobilidade, os

de crianças e adolescentes no Brasil e no mundo não tinham tempo livres para o lazer pois estavam precocemente inseridos no mundo do trabalho.

“teleprofessores”, os entregadores de comida sob o regime de *apps* de *delivery* e outros (ANTUNES, 2018).

Mas a classe trabalhadora está longe de acabar como diziam as teses de algumas décadas atrás⁴. A maquinaria avançada ainda não chegou ao ponto (e provavelmente nunca chegará) de prescindir do trabalho humano. As redes informacionais mudaram substancialmente o mundo da produção e da circulação das mercadorias e conseqüentemente do trabalho. As redes de comunicação possibilitaram um novo arranjo na divisão internacional do trabalho que conseqüentemente trouxeram impactos na organização da classe trabalhadora, nas escolhas políticas e geopolíticas dos/nos Estados capitalistas. Ou seja; a internet moldou também um novo mundo do trabalho cujos efeitos são importantes para analisar o século XXI: Como diz Antunes (2018, p.30, *itálicos no original*):

Ao contrário da eliminação completa do trabalho pelo maquinário informacional-digital, estamos presenciando o advento e a expansão monumental do *novo proletariado da era digital*, cujos trabalhos, mais ou menos intermitentes, mais ou menos constantes, ganharam novo impulso com as TICs [tecnologias da informação e comunicação], que conectam, pelos celulares, as mais distintas modalidades de trabalho. Portanto, em vez do *fim do trabalho na era digital*, estamos vivenciando o *crescimento exponencial do novo proletariado de serviços*, uma variante global do que se pode denominar *escravidão digital*. Em pleno século XXI.

Os custos e o acesso a organização política reduziram drasticamente com a popularização da internet. Os grandes conglomerados tradicionais de mídia perdem o monopólio da informação (e manipulação da opinião pública) e hoje tem que disputar seus conteúdos numa arena em que o cidadão comum pode competir praticamente em condições de igualdade com os grandes jornais. Tal situação era impensável vinte anos atrás. Agora os oligopólios que disputam o poder da informação e manipulação da opinião são digitais/cibernéticos; sobretudo os conglomerados Google e Facebook com seus algoritmos. Estudos apontam que nos EUA nos últimos 15 anos; 300 jornais foram fechados. À medida que pequenos jornais locais deixam de existir, os noticiários nacionais sobreviventes tomam seus espaços (e são muito mais pautados em noticiários políticos, internacionais, julgamentos da Suprema Corte e afins) que são conteúdos muito

⁴ Antunes (2018, p. 33) é cirúrgico: “O mito de que a ‘sociedade de serviços pós-industrial’ eliminaria completamente o proletariado se mostrou um equívoco enorme. Evaporou-se. Desmanchou-se no ar. Na contrapartida, vem aflorando em escala global uma outra tendência, caracterizada pela expansão significativa de trabalhos assalariados no setor de serviços”.

mais polarizados, partidarizados, polêmicos e que respaldam mesmos nos debates de eleições interioranas.

Este terreno virtual (que agora ocupa enorme presença na vida cotidiana) expande rapidamente sem o acompanhamento de regras, legislação e aparato (ou disposição) para controle e é rapidamente povoado também por desinformação, mentiras, difamação de adversários etc. A internet torna possível a disseminação de ideias extremistas que provavelmente não teriam espaço em grandes canais de TV, rádio ou jornais alguns anos atrás⁵:

E como num mundo de redes digitais em que todos podem se expressar não há outra regra além da autonomia e da liberdade de expressão, os controles e censuras tradicionais se desativam, as mensagens de todo tipo formam uma onda bravia e multiforme, os *bots* multiplicam e difundem imagens e frases lapidares aos milhares, e o mundo da pós-verdade, do qual a mídia tradicional acaba participando, transforma a incerteza na única verdade confiável: a minha, a de cada um (CASTELLS; 2018, p. 25).

Mais do que a rápida disseminação destas posições, a internet com suas redes sociais, fóruns, canais, comunidades e assemelhados possibilitam a reunião de portadores dessas opiniões extremistas em grandes e barulhentas bolhas que podem influenciar rumos da sociedade como resultados de eleições, não necessariamente, por meios virtuosos. Nas campanhas políticas ganham centralidade os matemáticos, físicos e os especialistas em algoritmos enquanto que os tradicionais porta-vozes e marqueteiros vão perdendo espaços pois hoje segmentar públicos e os atingirem com mensagens focalizadas é mais eficiente numa campanha eleitoral do que modelar um discurso público que seja distribuído para o amplo e heterogêneo eleitorado.

Estudos e informes recentemente vazados (Facebook Papers ou Facebook Files) sobre a empresa Facebook, maior conglomerado do que se chama de redes sociais, tem mostrado que a empresa sabe com detalhes⁶, negligencia repetidamente e promove

⁵ “Durante toda a improvável campanha de Trump, ficou estampado o papel decisivo das mídias sociais em contornar os difusores tradicionais da política americana. Numa época anterior, as redes de TV provavelmente teriam se recusado a levar ao ar suas mentiras descaradas ou as diatribes contra imigrantes, minorias religiosas e adversários políticos. Mas, graças ao Twitter, Donald Trump não precisava da infraestrutura dos veículos de mídia tradicionais. Em vez disso, podia tuitar mensagens diretamente para seus milhões de seguidores. Quando o fazia, as emissoras convencionais enfrentavam uma escolha amarga: ignorar o principal assunto da conversa e cair na irrelevância — ou discutir cada tuíte à exaustão, desse modo amplificando ainda mais a mensagem de Trump, conforme a dissecavam sob os olhos do público. Não surpreende que tenham se decidido pelo segundo curso de ação” (MOUNK, 2019, p. 177).

⁶ De posse dos vazamentos divulgados por Frances Haugen, ex funcionária do Facebook, o The Wall Street Journal concluiu que: “o Facebook Inc. sabe, em detalhes agudos, que suas plataformas estão repletas de falhas que causam danos, muitas vezes de maneiras que apenas a empresa entende completamente. Essa é a conclusão central de uma série de reportagens do Wall Street Journal, com base em uma revisão de

conscientemente conteúdos discriminatórios, polêmicos⁷ e de desinformação para obtenção de mais anúncios e engajamentos. Mensagens que vieram à tona sobre comunicações internas do Facebook no momento da invasão do Capitólio em janeiro de 2021, mostram que os funcionários não reagiram com surpresa e sim com nervosismo com a cúpula da empresa que sempre se recusara a tomar medidas efetivas e enérgicas de controle:

No momento da invasão, o diretor de tecnologia Mike Schroepfer pediu aos funcionários que "esperassem" enquanto a empresa calculava uma medida. "Temos estado 'aguentando firme' há anos", respondeu uma pessoa. "Devemos exigir mais ação de nossos líderes. Neste ponto, a fé por si só não é suficiente." Outro funcionário respondeu: "Com todo o respeito, mas não tivemos tempo suficiente para descobrir como gerenciar o discurso sem permitir a violência? Há muito tempo que alimentamos esse fogo e não devemos nos surpreender que agora esteja fora de controle" (LAFRANCE, 2021).

O algoritmo do Facebook e principalmente do Instagram tem causado danos à saúde mental, além de incentivar práticas de *bullying* e anorexia em adolescentes. Mesmo ciente desses problemas, o Facebook (atualmente Meta) detentor do Instagram, tem gasto quase a totalidade dos seus recursos de marketing anuais para atingir os adolescentes em idade escolar num esforço para manter o aplicativo atrativo para que os jovens passem muitas horas do seu dia dentro da plataforma. A criação de um "Instagram Kids" para crianças abaixo de 13 anos (que pela lei americana não podem ter contas em redes sociais) também estava sendo desenvolvida a todo o vapor pela empresa antes de serem impactadas pelos vazamentos de 2021 (FRENKEL, MAC, ISAAC, 2021).

As ferramentas automatizadas das redes sociais, sobretudo do Facebook incentivam as pessoas a participarem de grupos incluindo grupos perigosos e conspiratórios, sendo que nessas bolhas de discussão, a disseminação de conteúdos prejudiciais pode ser até três vezes mais frequentes do que em outras partes da rede social (que já é muito alto). Vazamentos de documentos da empresa mostram também o quase

documentos internos do Facebook, incluindo relatórios de pesquisa, discussões on-line com funcionários e rascunhos de apresentações para a alta administração. Repetidamente, mostram os documentos, os pesquisadores do Facebook identificaram os efeitos nocivos da plataforma. Vez após vez, apesar das audiências no Congresso, de suas próprias promessas e de inúmeras denúncias na mídia, a empresa não os corrigia. Os documentos oferecem talvez a imagem mais clara até agora de quão amplamente os problemas do Facebook são conhecidos dentro da empresa, indo até o próprio presidente-executivo" (THE FACEBOOK FILES, 2021, *s.p.*, tradução nossa).

⁷ Estudos do Facebook revelaram que entre todas as "reações/emojis" disponíveis aos usuários; a expressão de raiva é a que tem mais chance de ir contra padrões da plataforma, mas eram também indicativas de conteúdos mais propensos a serem compartilhados. A atitude do Facebook frente a isso? Deu maior peso as reações de raiva para serem distribuídas nos *feed* dos usuários. A medida aparentemente foi revogada algum tempo depois por pressão da equipe de moderação da plataforma (LAFRANCE, 2021).

completo desinteresse do Facebook em coibir ações ilegais fora dos EUA e da língua inglesa. 84% dos gastos do Facebook contra desinformação em 2020 foram destinados ao Estados Unidos, deixando apenas 16% desse orçamento ao resto do mundo com sua profusão de idiomas, países, religiões, conflitos etc. Os dados revelam que para o idioma árabe por exemplo, em especial alguns dialetos com milhões de falantes, a contenção de conteúdos perigosos pelos filtros da plataforma é praticamente inexistente e a moderação humana em alguns países (com graves conflitos religiosos, terrorismo, ataques a população LGBT etc.) simplesmente inexistente! (LAFRANCE, 2021; SCOTT, 2021; DEBRE, AKRAN, 2021; ZAKRZEWSKI, VYNCK, MASIH, MAHTANI; 2021). Sobre a pouca efetividade do Facebook em conter e diferenciar discursos de ódio no idioma árabe, diz Scott (2021, *s.p.*, tradução nossa):

No Afeganistão, onde 5 milhões de pessoas são usuários mensais, o Facebook empregou poucos falantes do idioma local para moderar o conteúdo, resultando em menos de um por cento do discurso de ódio retirado. Em todo o Oriente Médio, os algoritmos são desajeitados para detectar conteúdo terrorista mas excluíram incorretamente o conteúdo não violento em árabe em 77% das vezes, prejudicando a capacidade das pessoas de se expressarem online e limitando o relato de possíveis crimes de guerra [...] Outro documento separado e sem data intitulado "Oportunidades para mudanças de alto impacto no sistema árabe" alertava que quase não havia pessoas que falavam árabe iemenita dentro da equipe de moderação de conteúdo, mesmo com a guerra civil no país aumentando e o Facebook destacando o Iêmen como uma das principais prioridades.

Com a polarização e desinformação nas redes sociais; frequentemente se formam grupos de pressão baseados em teorias conspiratórias que nas redes ou fora delas contestam resultados eleitorais, como aconteceu com a Invasão do Capitólio no final do mandato de Donald Trump. Como mostram os documentos vazados do Facebook, a desinformação de grandes sites da *alt-right* norte-americana eram tolerados pelo Facebook, pois em anos eleitorais geravam muito engajamento e tais sites tinham a simpatia de milhões de usuários e do próprio presidente⁸.

Mounk discorrendo sobre as eleições do EUA em 2016, também mostra o impacto das “bolhas” das redes sociais na manipulação da opinião pública:

⁸ Hagey & Horwitz (2021, *s.p.*) mostram a letargia do Facebook para aplicar suas próprias regras a grandes disseminadores de conteúdos falsos. Os jornalistas citam em especial o caso do site Breitbart: “Eles [funcionários do Facebook que fizeram alertas] também alegaram que o Facebook deu tratamento especial a Breitbart e outros editores conservadores, ajudando-os a contornar as penalidades por circular desinformação ou discurso de ódio. Os sites de direita estão consistentemente entre os editores de melhor desempenho na plataforma em termos de engajamento, de acordo com dados da empresa de pesquisas NewsWhip”.

O perfil de Trump no Twitter virou uma poderosa arma em suas mãos. Mas ela foi potencializada por uma rede difusa de soldados, uns agindo por ideologia, outros por motivos fundamentalmente financeiros. O mais proeminente deles foi o Breitbart, um veículo noticioso cujo rápido crescimento mostrou em que medida a comunicação de massa fora democratizada na era digital. Alguns anos depois de lançado, o site podia rivalizar com as tradicionais organizações de mídia em tamanho e influência. E, como não se sentia na obrigação de respeitar os limites impostos a elas, repetidamente publicava matérias que chamavam a atenção muito mais por seu caráter incendiário do que por serem verídicas (MOUNK, 2019, p. 177-8).

O autor acima citado acrescenta que os impactos das redes sociais são significativos na vida política e ainda é cedo para dizer se está transformando o mundo para melhor ou pior, mas que atualmente os populistas tem usado de forma mais eficiente a internet para solapar a democracia liberal.

O termo *Fake News* foi o termo escolhido pelo dicionário de Oxford como a palavra do ano de 2017 e nunca mais saiu de cena. E é hoje um instrumento primordial na arena política digitalizada. Como nos lembra Empoli (2019, p. 15):

Por trás do aparente absurdo das *fake news* e das teorias da conspiração, oculta-se uma lógica bastante sólida. Do ponto de vista dos líderes populistas, as verdades alternativas não são um simples instrumento de propaganda. Contrariamente às informações verdadeiras, elas constituem um formidável vetor de coesão. “Por vários ângulos, o absurdo é uma ferramenta organizacional mais eficaz que a verdade”, como escreveu o blogueiro da direita alternativa americana Mencius Moldbug.

O crescente relativismo, regado por anos de influência pós-moderna, sobretudo nas fileiras do progressismo, fizeram a extrema-direita utilizar a internet para divulgar suas “verdades alternativas” resistentes aos fatos, à ciência ou ao crível. Se teses pós-modernas misturadas aos preceitos competitivos e de eficácia neoliberal nos ensinaram que o que importa é o discurso; e que o melhor discurso é aquele que se sobressai na arena agonística; tem se hoje a dificuldade de combater *fake news* com fatos; pois a ciência, as teorias e as instituições foram desacreditadas. As *fake news* atuais e digitalizadas são filhas do relativismo pós-moderno. As verdades são aquelas mais convenientes que chegam nas telas dos *smarthphones*.

As mentiras sempre acompanharam a humanidade e desde muito cedo são aproveitadas nas campanhas e nos jogos do poder; mas há algumas diferenças entre as mentiras eleitorais de décadas atrás e as de agora. Os grandes diferenciais são o poder de veiculação possibilitado por meios rápidos, baratos e acessíveis a quase toda uma sociedade; além de um grande impulso na criação/distribuição autônomas dessas mensagens; isto é, a transmissão gratuita e voluntária de mentiras por partes de uma

grande quantidade de cidadãos agora bastante polarizados pelo crescente bombardeio de mensagens favoráveis a apenas um determinado agente político. O trecho abaixo exemplifica uma ação real que mostra o poder e a funcionalidade da internet e suas plataformas sociais no direcionamento político:

O que emerge de uma leitura atenta dos *Facebook Papers* e da observação da maneira como a empresa conecta grandes grupos de pessoas muito rapidamente; é que o Facebook não é uma ferramenta passiva, mas um catalisador. Se os organizadores da invasão do Capitólio tivessem tentado planejar a manifestação usando outras tecnologias de épocas anteriores, como telefones, eles teriam que identificar e entrar em contato individualmente com cada participante em potencial e, em seguida, persuadi-los a viajar para Washington. O Facebook tornou os esforços das pessoas em coordenação altamente visíveis em uma escala global. A plataforma não apenas os ajudou a recrutar participantes, mas ofereceu às pessoas uma sensação de força em números. O Facebook provou ser a máquina de propaganda perfeita para os inclinados ao golpe (LAFRANCE, 2021, s. p.).

Ainda no campo das *fake news* políticas é interessante o grau de engajamento e influência de grandes teorias conspiratórias não estão baseadas em nenhum critério racional e crível. Na campanha presidencial americana de 2016; se criou uma imensa conspiração da existência de uma rede de pedofilia chefiada pela candidata democrata Hillary Clinton que operaria sob uma pizzaria de Nova York! Obviamente, nada era verdade, mas foi exaustivamente compartilhado por sites de extrema-direita beneficiando o candidato republicano Donald Trump. O nível de convencimento da teoria conspiratória foi tão grande que um crente da teoria chegou a invadir a pizzaria e disparar tiros no local antes de ser preso. Com a vitória eleitoral de Trump a conspiração do *Pizzagate* perde importância e surge outra já no mandato do republicano que toma uma proporção ainda maior; a chamada Teoria QAnon cujo surgimento tem sido rastreado aos fóruns 4Chan ou 8Chan, mas cujo autor até o momento não foi identificado. A teoria QAnon arrebatou milhões de pessoas mundo afora, sempre incrementada com teses delirantes; todas favoráveis a Donald Trump descrito pela teoria como um guerreiro da liberdade contra os pedófilos, comunistas, democratas, Hollywood etc. A teoria conspiratória disseminada pela internet foi uma das grandes influenciadoras da invasão do congresso americano em janeiro de 2021, que contestava os resultados eleitorais e a passagem de poder do republicano ao democrata eleito.

Por óbvio, nem só as massas guiadas e influenciadas pelos algoritmos (que privilegiam o extremismo que dão mais “tempo de tela” e engajamento) fizeram das redes uma ferramenta poderosa para se expressarem. Os próprios políticos fizeram de *tweets*, *lives* e *posts* a forma de comunicação principal dos governos, substituindo os antes

importantes assessores de imprensas, porta-vozes e comunicados de imprensa. Mais uma vez, Donald Trump foi o pioneiro e principal político usuário desse tipo de comunicação. Por *tweets*⁹, o presidente dos EUA governava o país; criando e compartilhando mentiras, demitindo assessores, criticando potências e líderes estrangeiros com palavras pouco diplomáticas e gerando polêmicas com artistas, cientistas e jornalistas. Aliás, a polêmica tem sido um elemento central nessa forma comunicação política¹⁰.

As campanhas eleitorais atuais já mudaram substancialmente da forma com que se disputava votos algumas eleições atrás. Ao passo que ferramentas digitais avançadas permitem uma segmentação de conteúdo muito específicas a determinados grupos, métricas avançadas e instantâneas permitem aos gestores de campanha observar o impacto de suas mensagens e eventualmente as potencializarem ou dá espaço a temas de maior engajamento.

Um artifício em especial se mostrou crucial nas últimas eleições especialmente as de Trump em 2016 e do Brexit (acrônimo para *Britain Exit*) também em 2016; que é o disparo de mensagens altamente direcionadas e visíveis apenas aos segmentos eleitorais preconcebidos. Isso permite que um mesmo candidato envie propostas diferentes e até antagônicas a grupos muito dispares que só se convergirão nos dias de votação. Permite-se também que se disseminem fatos inverídicos e difamações sem o conhecimento das campanhas e advogados adversários. No caso americano de 2016 essa ferramenta do Facebook também foi bastante utilizada para desencorajar alguns segmentos democratas a não participarem das votações. Ferramentas como essa atuam para a radicalização de posicionamentos e de votos extremistas ao invés da convergência

⁹ Em 7 de novembro de 2012; Obama era reeleito presidente dos Estados Unidos e nesse dia, Trump que ainda estava muito longe de ser levado a sério como candidato político publicou uma série de *tweets* que chegaram a chamar a atenção de alguns apresentadores de TV (na época ele era “apenas” um magnata excêntrico do ramo imobiliário). Nesse dia seus *tweets* desacreditavam a vitória de Obama, lançavam dúvidas sobre a nacionalidade do presidente (o que talvez seja a primeira grande *fake news* do futuro presidente) e continham vários chavões retóricos que seriam utilizados exaustivamente pelo candidato e posteriormente presidente Trump. Mas para representar a revolução do uso das redes sociais para fins políticos, o que de alguma forma nasceu ali; Trump disse o que talvez fosse uma das suas contestações mais verdadeiras (ou pelo menos, efetiva). Disse Trump: “Obrigado! Muitos estão dizendo que eu sou o melhor escritor de 140 caracteres do mundo! É fácil quando é divertido.” Já em 2012, o site *Politico* fez uma retrospectiva dos principais *tweets* de Donald Trump daquele ano que podem ser acessados pelo link: <https://www.politico.com/story/2012/12/trumps-notable-tweets-in-2012-085606>. Há também uma matéria do mesmo site mostrando alguns dos raivosos *tweets* do magnata no dia da reeleição de Obama que pode ser acessado em: <https://www.politico.com/story/2012/11/trump-throws-fit-on-twitter-083450>.

¹⁰ Empoli (2019) mostra a trilha seguida por Trump até a vitória nas eleições. Uma corrida eleitoral sempre permeada de polêmicas, mentiras descaradas e frases chocantes que só aumentavam a cobertura ao seu nome e a identificação para com ele em um grande contingente de pessoas.

ao centro que era a forma mais indicada para ganhar uma eleição quando as mensagens eram transmitidas a “luz do dia”.

Com o advento da internet, os processos de escolha da democracia representativa podem parecer que se tornaram por demais demorados e burocráticos. Isto é, a maioria dos eleitores tem que esperar meses ou até anos para escolher alguns representantes; sendo que uma substantiva quantidade de representantes políticos sequer são escolhidos diretamente pelos cidadãos. A internet é acima de tudo uma imensa, conectada e rápida urna. Nela quase todos os cidadãos estão de alguma forma votando ou opinando numa espécie de democracia aberta possibilitada pelas ferramentas digitais. Quer seja dando um voto por meio de diferentes reações no Facebook, comentários raivosos no Twitter, voto numa eliminação de algum participante com posturas racistas em *reality show*, quer seja com a criação de petições online contra alguma empresa ou órgão. Se alguma personalidade ou instituição comete algum equívoco, ela é rapidamente “cancelada”; uma gíria de redes sociais para denominar um processo rápido, violento e massivo de críticas, *unfollows*, pressão sobre as fontes de rendimento e patrocínio. Enquanto isso, na democracia representativa tradicional, políticos que praticam ações impopulares ou são pegos em casos de corrupção se mantêm nos governos ou arrastam em processos judiciais que parecem infundáveis (quando não o são, literalmente). O contraste é gritante entre a agilidade, a impaciência e textos curtos das redes com a morosidade e aparente imutabilidade da democracia representativa e seus órgãos de controle, fiscalização e punição com seus extensos relatórios. Em tempos de redes sociais e hiper conectividade, a cobertura política se aproximou da cobertura de *pop stars*; o que se espera das celebridades também são aplicados a campanhas eleitorais.

Anos de racionalidade neoliberal, de várias métricas de desempenhos sobre empresas e indivíduos, de sistema de controle e vigilância sobre o trabalho fez da sociabilidade atual uma sociedade do cansaço. Indivíduos que se culpabilizam e sacrificam “voluntariamente” para conseguir obter desempenhos capazes de sobreviver e pagar seus boletos, prestações, financiamentos e contas de serviços cada vez mais amplos e indispensáveis para que os indivíduos mantenham “ativos”; isto é, reproduzindo o capital:

Convencidos de sua liberdade, os indivíduos livres entregam seu destino aos grilhões da concorrência e às ilusões da meritocracia. Transtornados por suas culpas, os perdedores acomodam-se aos suplícios da exclusão e da desigualdade. Hegel diria que o capitalismo realizou o seu conceito (BELLUZZO E GALÍPOLO, 2019, p. 193).

Estas pressões e métricas sobre os trabalhadores parece contrastar com as regalias e morosidade na qual os políticos e burocratas do Estado tocam suas vidas e trabalhos; e certamente essa dicotomia se exacerba de tempos em tempos, também sendo bem manipulada por personagens políticos que a literatura convencionou a chamar de populistas.

Mesmo em meio a maior epidemia do último século, houve espaço para políticos negacionistas escolherem um lado, um lado que negasse o bom senso. Se tudo é subjetivo, cabe espaço para ser anti-vacina, anti-ciência e para ignorar as recomendações de epidemiologistas. O subjetivismo já bastante arraigado nas sociedades iguala as opiniões de um político perverso, um epidemiologista ou um desconhecido da internet como igualmente válidas para tratar de um assunto tal como virologia.

Estamos em tempos onde as emoções são ferramentas poderosas e cada vez mais utilizadas nos debates políticos, muito em parte, porquê o sistema já não consegue apresentar resultados econômicos satisfatórios a maioria dos indivíduos.

Um dos temas onde as emoções são bastante mobilizadas para fins políticos na contemporaneidade é a questão imigratória. Se o *Welfare State* convivia e era funcional para a sua estabilidade que um contingente de estrangeiros que assumiam os piores empregos e eram parcamente cobertos pelos sistemas de proteção social; garantindo que os cidadãos nacionais pudessem usufruir de serviços públicos ou contratados baratos; hoje no neoliberalismo tais imigrantes são vistos como fontes dos problemas sociais, sobretudo o desemprego.

Temos hoje sociedades mais xenófobas como também mais etnicamente diversas, o que vem causando alguns choques culturais e reações preconceituosas. No período da globalização neoliberal, cresceu bastante o afluxo de indivíduos de países pobres aos países ricos. Constata Mounk (2019, p. 201);

A velocidade com que nações altamente homogêneas passaram a heterogêneas desde o fim da Segunda Guerra Mundial é impressionante. Na Grã-Bretanha, por exemplo, “a quantidade de cidadãos de minoria étnica [era de] algumas dezenas de milhares na década de 1950”. Hoje, são mais de 8 milhões. A história é parecida em grande parte da Europa Ocidental. Na Alemanha, o governo tentou impulsionar seu milagre econômico do pós-guerra abrindo vagas para trabalhadores não qualificados da Grécia, da Itália e da Turquia, recebendo seu milionésimo “trabalhador convidado” no país em 1964. Em 1968, a quantidade de cidadãos estrangeiros era de aproximadamente 2 milhões. Hoje, cerca de 17 milhões de imigrantes e seus descendentes vivem na Alemanha. Na Itália, o salto é mais recente, mas está sendo igualmente rápido. Em 2002, o país tinha pouco mais de 1 milhão de estrangeiros residentes. Em 2011, pouco mais de 4 milhões.

Sociedades antes etnicamente homogêneas e com grande crescimento econômico passam por mudanças demográficas profundas e rápidas, recebendo estrangeiros que em períodos de baixo crescimento servem de bode expiatório para serem responsabilizados pelas crises, mazelas sociais e terrorismo (“todos os terroristas são basicamente migrantes”)¹¹. A explosão da imigração em vários países da Europa fez com que pesquisas detectem que nos últimos anos o tema era a principal preocupação em praticamente todos os países da União Europeia.¹² O argumento xenófobo e anti-imigratório foi um dos principais discurso mobilizados por Donald Trump em 2016; eleito não *apesar de*; proferir frases xenófobas contra os mexicanos e muçulmanos várias vezes na campanha¹³; mas *em virtude de* mobilizar essa narrativa numa sociedade onde 70% dizia que a imigração seria um fator decisivo para seu voto em 2016.

Na Dinamarca; as defesas anti-imigratórias do Partido Popular Dinamarquês de extrema-direita eram tão fortes e conhecidas na sociedade; que nas eleições 2015 (na qual obteve 1/5 dos votos e a segunda maior bancada, participando do governo) o partido nem se deu ao trabalho de repetir seu mantra anti-imigração; e o substituiu por um *slogan*: “você sabe pelo que lutamos” (MOUNK; 2019). Este partido perdeu bastante votos e cadeiras nas eleições seguintes de 2019 mas suas bandeiras certamente ainda eram referência eleitoral e a imprensa noticiou que o “partido de esquerda abraçou bandeiras de direita para voltar ao poder” mencionando que nos anos anteriores e nas eleições de 2019, o Partido Social-Democrata abraçou bandeiras e ajudou a aprovar propostas anti-imigrantes¹⁴. Convocar a nação a se defender contra um inimigo já é uma arte da política

¹¹ Fala de Viktor Orbán em 2015.

¹² “Em 2016, por exemplo, 71% dos dinamarqueses, 67% dos húngaros e 57% dos alemães escolheram a migração como questão política mais urgente; em apenas um dos 27 Estados-membros da UE os eleitores não mencionaram a imigração como uma das duas principais preocupações” (MOUNK; 2019, p. 201).

¹³ “No fim da década de 1960, apenas cerca de uma em vinte pessoas vivendo nos Estados Unidos nascera no exterior; hoje, uma em sete [...] O crescimento das populações latina e muçulmana — principais alvos da ira de Donald Trump — tem sido especialmente rápido. A população latina nascida fora do país, por exemplo, quadruplicou entre 1980 e 2008” (MOUNK; 2019, p. 2013).

¹⁴ “Nos últimos anos, os social-democratas apoiaram diversas medidas controversas, entre elas a proibição de cobrir rostos em público, a suspensão das cotas das Nações Unidas para o reassentamento de refugiados na Dinamarca e o confisco de bens de solicitantes de asilo para ajudar a custear suas despesas. Embora essas propostas destoem do perfil da esquerda europeia, Mette Frederiksen, a líder do partido, não se furta de defendê-las. Recentemente, a política de 41 anos afirmou que a abordagem era necessária ‘se quisermos que essa sociedade funcione’” (BONIS, 2019, *s.p.*).

bastante conhecida desde pelo menos Carl Schmidt e que tem sido muito usada para unir um eleitorado contra um suposto inimigo da integridade nacional.

Portanto; a mudança demográfica a que passou diversos países com a chegada de imigrantes tem claro impacto na ascensão de partidos e políticos populistas e xenófobos que pressionam e atacam (e são estimulados e/ou estimulam) a atacar as bases da democracia liberal. Essa visão é compartilhada por Empoli (2019, p. 43):

Por trás da ira pública, há causas reais. Os eleitores punem as forças políticas tradicionais e voltam suas bandeiras para líderes e movimentos cada vez mais extremistas. Sentem-se ameaçados pela perspectiva de uma sociedade multiétnica. E, no conjunto, castigados pelos processos de inovação e mundialização que as elites lhes vêm empurrando goela abaixo, em doses cavalares, ao longo do último quarto de século.

A globalização das informações e as redes sociais fazem superestimar o fenômeno migratório e parecer que mesmo os moradores de condados ou países com poucos imigrantes estão na iminência de perder seus empregos, escolas e serviços para estrangeiros¹⁵. Empoli (2019) nos mostra por exemplo como Viktor Orbán na Hungria superestima o fenômeno migratório em seu país para alavancar sua popularidade. O primeiro ministro húngaro, quando se viu em queda de popularidade, protestos e envolvimento em escândalos; elegeu os imigrantes islâmicos como o inimigo número um da Hungria (primeiramente ele tentou sem sucesso reconquistar a simpatia popular com uma proposta de pena de morte) mesmo que na ocasião os imigrantes totais no país só chegassem a 1,4% da população e que os fugidos das guerras árabes utilizassem a Hungria apenas como rota de passagem¹⁶ rumo a Alemanha e outros países europeus.

Os imigrantes, exaustivamente filmados pela imprensa frequentemente em ângulos a mostrar uma horda de invasão bárbara construiu no imaginário popular uma

¹⁵ Mounk (2019) demonstra que regiões com menor percentual de imigrantes tendem a votar mais expressivamente em candidatos xenófobos e plataformas anti-imigratórias do que regiões com maior número de estrangeiros. A hipótese é a de que comunidades que recebem muitos imigrantes, com o tempo aprendem a conviver, depender, relacionar e a trocar experiências com os estrangeiros e formam opiniões mais liberais sobre a questão do que moradores de regiões que não veem de perto o fenômeno e tendem a superestimar e temer sem conhecer, alimentando um ressentimento (termo usado pelo autor). Mas o autor menciona também que condados americanos que sofreram grandes e rápidos influxos migratórios tiveram a tendência de dar vitórias maiores a média nacional a Donald Trump.

¹⁶ Em 2016, a União Europeia assina um controverso acordo com a Turquia na qual essa se comprometeu a bloquear o fluxo de refugiados em passagem no país. Tal acordo diminuiu drasticamente o fluxo migratório na chamada Rota Balcânica na qual a Hungria se inseria e assim Viktor Orbán perderia seu grande filão discursivo. A sobrevida vem logo a seguir com um acordo na qual a União Europeia adotaria cotas de refugiados que continuassem a chegar na Europa (agora principalmente via Itália). A Hungria deveria acolher 1294 refugiados. Um número muito baixo, mas suficiente para Viktor Orbán aprofundar seus ataques a imigração já no plebiscito que foi marcado para decidir o tema.

imagem de estranhos a disputar espaço dentro de suas comunidades. O recém chegado é; principalmente em tempos de escassez de postos de trabalhos e baixo crescimento, considerado como mais um concorrente a roubar empregos, benefícios sociais ou destruir sua cultura, costumes ou religião; afinal o desconhecido tem sido na história frequentemente associado ao perigo. Como imigração e preconceito geralmente andam juntos (a exemplo da associação de árabes como terroristas e latino-americanos como estupradores¹⁷) os imigrantes estão quase sempre aquém da linha da compaixão¹⁸ e das convenções morais dos nacionais já estabelecidos; afinal, como dizia o anti-imigrante alçado à presidência americana; ‘merecem ser chutadas pra fora pois não são pessoas’¹⁹.

1.1.2 As crises capitalistas escancaradas e a perda de perspectiva

Os diversos aspectos da crise no capitalismo contemporâneo estão por todas as partes. Nos EUA, 44 milhões de pessoas acumulam uma dívida estudantil que já chega a 1,5 trilhões de dólares, isto é, 7,5% do PIB do país (DIAS, 2018). Também por lá, uma pesquisa envolvendo 43 mil universitários de 66 instituições constatou que mais de 36% deles não tinham dinheiro para alimentar suficientemente (pulavam refeições ou reduziam a quantidade) e igual índice responderam que não tinham acesso a uma moradia segura, sendo que mais 9% de universitários ficaram sem moradia por pelo menos um dia em 2017 e dormiram em carros, albergues ou prédios abandonados (GOLDRICK-RAB *et al*; 2018). Isso pode explicar porque outras pesquisas captam que metade dos jovens estadunidenses respondem que prefeririam viver sob um regime socialista.

O nível de desemprego, sobretudo entre os jovens nos anos 2010, atingiram altos e persistentes índices como nunca tinha sido visto antes em países como Espanha, Grécia, Portugal, Irlanda e Itália. Em alguns desses países o desemprego jovem chegou a taxas de 50% no auge do que foi chamado de Crise da Zona do Euro que se sucedeu a

¹⁷ No lançamento de campanha para a eleições presidenciais americanas de 2016; Trump chamou os mexicanos de estupradores e traficantes de drogas. Ele reafirmou essas declarações e inúmeras outras ofensas aos latinos nos anos posteriores.

¹⁸ É muito significativa por exemplo; a cena de um golpe de rasteira dada por uma jornalista húngara em um pai refugiado que corria da polícia com um filho no colo. Link para o vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=qy51taKYkT0>

¹⁹ Fala de Trump na Califórnia em 2018 relatada pela imprensa: “Estamos impedindo a entrada de muitas pessoas em nosso país ao mesmo tempo em que mandamos outras tantas embora. Vocês não acreditam o tipo de gente que estamos lidando. Não são pessoas, são animais que estamos chutando para fora.”

Crise de 2007-08. Passado o pior momento da crise a situação ainda continua preocupante e o índice de desemprego entre os jovens persiste acima dos patamares verificados antes de 2008. Diziam os jornais: “a economia da zona do euro avança a todo vapor - seu crescimento chegou em 2017 ao nível mais alto em dez anos, mas a recuperação não alcançou os jovens. A taxa de desemprego entre eles é superior aos níveis pré-crise econômica mundial”²⁰. Com o advento da epidemia de covid, estas taxas de desemprego aumentaram ainda mais, causando preocupação, com um fenômeno chamado por especialistas de “geração perdida para os jovens” que por sucessivas faltas de oportunidades de emprego, não conseguem inserir adequadamente no mercado de trabalho na faixa etária pedida pelos empregadores.

No mundo globalizado, a China cumpre um papel importante como uma locomotiva da economia mundial. Mas nos últimos anos, mesmo antes da pandemia, os indicadores mostraram que o país vem tendo o menor crescimento em três décadas (embora ainda muito superior à média mundial). A situação não é diferente de outros países que teve na segunda década do século XXI taxas de crescimento menores do que as de décadas anteriores. Duménil e Lévy (2011, p. 1-2) já diziam:

Assim, torna-se cada dia mais claro que o colapso de instituições financeiras e a queda da produção em 2008 devem ser entendidos como uma primeira fase de perturbações em uma longa série de eventos. A perturbação sequente já está em andamento na atual crise das dívidas soberanas. A partir de agosto de 2011, a lenta recuperação da produção parece alcançar seus últimos momentos, possivelmente o primeiro passo na direção de um novo declínio do PIB.

Dados da OMC tem captado a redução do comércio mundial. Em janeiro de 2019, portanto antes mesmo da pandemia, o índice de comércio mundial medido pela organização atingiu o seu menor patamar desde março de 2010 e a participação do comércio no PIB mundial tinha passado de 39% em 1990 para 61% em 2008 e recuou para 58% em 2018. Já o investimento transfronteiriço das empresas passou de 3,5% do PIB mundial em 2007 para 1,3% em 2018 (CANTO, 2019; DESROSIERS, 2019).

Após a crise de 2007-8, adentramos um período de radicalização das crises capitalistas, algumas na qual não há perspectivas de resoluções. A queda nas taxas de crescimento por exemplo, implica um maior aumento de desigualdade e de contestações sociais que estão sendo respondidas pelo capital com maior autoritarismo. Mas mesmo as

²⁰ Ver: Desemprego (2018,s.p.).

respostas mais autoritárias nem sempre conseguem conter aspirações de mudanças sistêmicas. As pessoas já percebem²¹ que:

Não vivemos uma crise econômica ou financeira isolada. As bolhas econômicas especulativas, o desemprego, a desigualdade, a mudança climática, a crise energética, a fome, o consumismo, as crises de valores e mais profundamente a crise da democracia, estão relacionados e são sintomas de uma crise geral do sistema. O capitalismo enquanto sistema econômico está em declínio (FELBER, 2010, p.10, tradução nossa).

E nesse sentido, as chamadas Teorias de Decrescimento que são propostas como soluções ambientais, também são inimagináveis dentro de um modo de produção capitalista pois não são capazes de superar as contradições desse sistema.

Alain Bihr conecta todas as crises à uma crise maior, de natureza civilizacional que ameaça a própria existência da humanidade. A solução seria a derrubada do capitalismo e a busca de uma nova sociabilidade; o comunismo a nível planetário:

Globalmente, o capitalismo nos afunda numa crise multiforme (ecológica, econômica, social, política e simbólica) que se torna cada vez mais catastrófica. Existe mesmo certa urgência em se refletir sobre a trajetória histórica na qual o capitalismo engajou toda a humanidade, numa trajetória catastrófica. Sou um pouco pessimista sobre o presente e ainda mais sobre o futuro, porque penso que nós não temos como alternativa o socialismo ou a barbárie, porque, para nós, somente há a alternativa do comunismo ou da morte. Isso significa que se a humanidade não se afirmar sob a forma do comunismo, isto é, assumir em nível planetário o controle do seu próprio futuro, começando evidentemente pelo controle dos meios materiais, os meios sociais de produção, e se esse futuro permanecer inscrito no quadro das estruturas e orientações que lhe impõe o capitalismo, a humanidade não poderá sobreviver pura e simplesmente. Portanto, acredito que não há mais nada a se esperar do capitalismo que não seja o agravamento da catástrofe em que estamos (ALAIN BIHR *entrevista para AMORIM*, 2017, p. 33).

Ressalta-se que as crises do capital, sobretudo tendo em mente o entendimento de Crise Estrutural *a lá* Mészáros, nem sempre são bem captadas em indicadores convencionais, como PIB, crescimento de fortunas e bilionários e indicadores das bolsas de valores. Indicadores de crescimento da financeirização por exemplo, podem ser entendidos (dizem algumas teses) como a saída do capital da esfera da produção rumo a especulação carregando, portanto, um componente de um sintoma mórbido vigente no outrora triunfante capitalismo.

²¹ “En 2010, el editorial Bertelsmann publicó una encuesta cuyos resultados indicaban que un 88 por ciento de los alemanes preguntados deseaban un “nuevo orden económico”. En Austria era un 90 por ciento de los encuestados. Vamos a deleitarnos: nueve de cada diez personas querían un modelo económico diferente al actual” (FELBER, 2010, p. 9).

As respostas e encaminhamentos das crises atuais, em importantes e significativos casos estão impulsionando votações à extrema direita como discorreremos algumas páginas adiante. Observa-se que “após a crise global de 2007-2008, os partidos populistas de extrema-direita mais que dobraram sua participação em muitas economias avançadas, incluindo França, Reino Unido, Suécia, Finlândia, Holanda, Portugal e Japão” (FUNKE, SHULARICK, TREBESCH, 2016, p. 233). Para tomar alguns exemplos, o Partido da Liberdade classificado como de extrema-direita passou de 5,9% dos votos em 2006 para 15,9% em 2010. Na Finlândia, o partido Verdadeiros Finlandeses passou de 4,1% dos votos do país em 2007 para 1/5 dos votos em 2011. Na França a Frente Nacional obteve apenas 4,3% dos votos em 2007 e cresceu a 13,6% dos votos ao legislativo em 2012, mantendo se na casa dos 13% em 2017, mas conseguindo emplacar uma extremista candidata, Marine Le Pen ao segundo turno presidencial²². Em 2022 essa candidata passou novamente para a disputa no segundo turno com chances ainda maiores de ser eleita, uma vez que o pêndulo político francês se dirigiu ainda mais rumo a saídas anti-establishment (Éric Zemmour, um outro candidato de extrema direita conseguiu 7% dos votos).

As perspectivas de um futuro também se esvaem; um sintoma da deterioração das condições no presente. Como constata Berardi [2009] (2019, p. 18) “o futuro não é uma dimensão natural da mente humana, é uma modalidade de percepção e de imaginação, de espera e de avanço. E essa modalidade se forma e se transforma no curso da história”. E o curso da história na qual estamos, torna duvidosas as esperanças de um mundo melhor para todos.

[Agora] tendemos a não acreditar que o futuro estará à altura das expectativas deixadas para nós como herança pela época moderna. Não colocamos em dúvida a existência física do futuro, mas questionamos algo que era óbvio nos séculos XIX e XX, ou seja, que futuro e progresso são equivalentes (BERARDI, 2019, p. 18-19).

Dardot & Laval também enxergam o futuro com pessimismo e o presente parece preso em uma armadilha. Os autores também tem pontuado em suas obras a falta de contrapartes ideológicos ao capitalismo neoliberal com condições de o desafiar; e este capitalismo até tem se reforçado em meio as crises dele mesmo derivadas:

²² Para os dados de crescimento de partidos extremistas de direita no Entreguerras; ver Bromhead, Eichengreen e O'Rourke (2012). Eles constatam por exemplo (p. 8) “Na Alemanha, aproximadamente 13% dos votos e assentos foram para partidos antissistemas [principalmente o Nazista] em 1928. Apenas 4 anos depois, esses partidos obtiveram 60% dos votos e cadeiras”.

O futuro parece bloqueado. Vivemos esse estranho momento, desesperador e preocupante, em que nada parece possível. A causa disso não é mistério e não decorre da eternidade do capitalismo, mas do fato de que este ainda não tem forças contrárias suficientes diante de si. O capitalismo continua a desenvolver sua lógica implacável, mesmo demonstrando dia após dia uma temível incapacidade de dar a mínima solução às crises e aos desastres que ele próprio engendra. Parece até estender seu domínio sobre a sociedade à medida que desafia suas consequências (DARDOT & LAVAL, 2017, p. 12).

Diferente do início do século passado, na qual havia até movimentos artísticos denominados de futuristas, com poetas, pintores e artistas vários empolgados e esperançosos com grandes realizações no futuro. E em parte a modernidade cumpriu estes sonhos e máquinas voadoras, aparelhos de comunicação a distância por vídeo, ‘projetores de imagens’, máquinas agrícolas automáticas etc., saíram dos rabiscos dos pintores para a realidade ao cabo de um século ou menos.

Se no alvorecer da modernidade as sociedades viam o tempo como aliado do progresso e de um mundo rumo a um patamar mais justo, mais rico e feliz; a partir de certo momento essa crença perde força. Agora, muito frequentemente o futuro é visto como uma degradação do presente. Mesmo as vozes mais otimistas começam a imaginar o futuro estagnado isso numa das melhores hipóteses. A estagnação é uma hipótese provável para um grande contingente de países e povos (por exemplo a OCDE que prevê que o Brasil estará com um padrão de vida estagnado pelos próximos 40 anos):

O futuro, a própria ideia de futuro caminha agora com o sinal trocado, a positividade se transforma em negatividade e a promessa se torna ameaça. Certamente, os conhecimentos se desenvolveram, mas são incapazes de eliminar o sofrimento humano, alimentam a tristeza e o pessimismo que se espalham (BENASAYAG & SCHMIT, 2004, p. 29).

Não atoa candidatos políticos que trabalham e aceitam a retórica da estagnação tem tido resultados eleitorais melhores. Em 2016 Hillary Clinton construiu uma plataforma política impregnada de termos e discursos que remetiam a possibilidade de ascensão econômica e social nos EUA. Pregava em várias entrevistas as supostas virtudes e possibilidades do mérito que possibilitaria que o trabalho árduo conduzisse inevitavelmente a prosperidade. Trump, o vencedor das eleições construiu uma plataforma em torno da frustração e falou muito mais em declínio industrial, estagnação econômica, medo de definhamento de hegemonia etc. (SANDEL, 2020).

A relação da estagnação ou declínio econômico com o desencanto e insatisfação dos trabalhadores não é um fenômeno novo e já foi teorizado por Adam Smith e é curiosamente próximo do entendimento atual sobre a frustração com o neoliberalismo:

Talvez mereça ser observado que a condição dos trabalhadores pobres parece ser a mais feliz e a mais tranquila no estado de progresso, em que a sociedade avança para maior riqueza, e não no estado em que já conseguiu sua plena riqueza. A condição dos trabalhadores é dura na situação estacionária e miserável quando há declínio econômico da nação. O estado de progresso é, na realidade, o estado desejável e favorável para todas as classes sociais, ao passo que a situação estacionária é a inércia, e o estado de declínio é a melancolia (SMITH, 1996, p. 131).

Nos 25 anos após 1935 o rendimento médio das famílias americanas dobrou; uma magnitude de crescimento também observada nos 25 anos posteriores; mas desde 1985 a classe média americana mantém seus rendimentos esmagados ou em declínio (MOUNK; 2019). Paralela a essa estagnação dos rendimentos da classe média e operária, verifica-se uma explosão da desigualdade atrelada a ascensão do modelo neoliberal. Em 1968, o CEO da General Motors ganhou cerca de 66 vezes mais do que a média salarial dos trabalhadores da empresa; já em 2020 a CEO da mesma empresa recebeu 23,6 milhões de dólares, isto é, aproximadamente 200 vezes mais do que a média salarial anual dos empregados da empresa que ganhavam cerca de 17500 US\$ (incluindo gastos com pensões). Ainda em 2020, ano de crise de saúde global; os CEOs das 500 maiores empresas listadas no S&P 500 receberam em média 300 vezes mais do que seus funcionários. CEOs de empresas como a Nike, Coca-Cola, GE e Walmart recebiam respectivamente 1935, 1621, 1357 e 1078 vezes mais do que a média salarial dos empregados das suas empresas. A explosão das remunerações dos grandes executivos e o aumento da distância desses rendimentos frente aos trabalhadores é um processo que acompanhou os desenvolvimentos do neoliberalismo (COMPANY, 2021; LA REAU, 2021; JUDT, 2010).

Judt é um dos autores que discorre dos malefícios da má distribuição de renda na sociedade e suas consequências sociais e políticas. Segundo o autor “a desigualdade é corrosiva; apodrece as sociedades por dentro” (JUDT, 2010, p. 25, tradução nossa). O autor (que morreu em 2010) por certo já estava vendo as raízes do descontentamento social norte-americano que anos mais tarde iria eleger a extrema-direita e agregar milhões em torno de pautas conspiracionistas, xenófobas, armamentistas e de fundamentalismo de mercado.

Pesquisas tem mostrado que pela primeira vez na história, a expectativa de vida está caindo nos Estados Unidos e metade dos americanos nascidos nos anos 1980 tem hoje rendimentos inferiores aos de seus pais (este patamar era de apenas 8% para os nascidos em 1940), tendência que se verifica em outras partes do mundo.

Houve um colapso em mobilidade intergeracional: em contraste com seus pais e avós, as crianças hoje no Reino Unido e nos Estados Unidos têm muito pouca expectativa de melhorar a condição em que nasceram. Os pobres permanecem pobres. A desvantagem econômica se traduz em problemas de saúde, oportunidade educacional perdida e -cada vez mais- os sintomas de depressão, alcoolismo, obesidade, jogos de azar e contravenções [...] Estatísticas mostram que a disparidade de renda agrava os problemas e que a incidência de doenças mentais se correlaciona intimamente com a renda nos EUA e no Reino Unido (JUDT, 2010, p. 20-21, tradução nossa).

A crença incondicional na meritocracia vai se esvaindo mesmo na “América” que por anos embebeu-se de tal ideologia embora muitos ainda relutem em admitir²³. As novas gerações estão cada dia mais cientes que o sonho americano está dando lugar a um pesadelo com notas de exaustão ecológica, desemprego tecnológico, gentrificação, *burnouts*, vigilância e espionagem digital e afins. Hoje, os nascidos entre os 25% mais pobres nos Estados Unidos, tem apenas 5% de chance de ascender a quartil mais rico mais rico do país se não tiver um bom diploma universitário²⁴. Em *A tirania do mérito*, Sandel observa:

A era da globalização distribuiu suas recompensas de forma desigual, para dizer o mínimo. Nos Estados Unidos, a maior parte da renda nacional desde o final dos anos 1970 foi para os 10% do topo, enquanto a metade inferior recebeu praticamente nada. Em valor real, a renda média para homens em idade para trabalhar, aproximadamente US\$ 36 mil, é menos do que era há quatro décadas (SANDEL, 2020, p. 37).

Em 2018 noticiava-se que no condado de Los Angeles o número de moradores de rua²⁵ havia aumentado em 75% em relação a seis anos antes. Só no ano anterior a reportagem (2017) o número de pessoas vivendo nas ruas de Los Angeles tinha aumentado 23% e este crescimento continuou. Em 2018, 59 mil pessoas (número substancialmente maior, se incluir os detentores de alugueis provisórios e albergues do governo) dentre as quais, 8800 famílias, moravam nas ruas de Los Angeles (O GLOBO,

²³ 70% dos estado-unidenses acreditam que os pobres podem sair da pobreza sozinhos. Na Europa esse nível é da ordem de 35%.

²⁴ “A mobilidade social nunca foi tão baixa no país das oportunidades” (BELLUZZO; GALÍPOLO, 2019, p. 14).

²⁵ Mesmos os empregados californianos também se veem despejados de suas moradias e passam a morar dentro de carros; como ilustra o trecho da reportagem: “Cameron Jones entra com seu carro esportivo num estacionamento ao ar livre de Los Angeles, escolhe uma vaga, desliga o motor, reclinando o banco... e dorme! ‘Perdi meu apartamento há dez dias porque não podia pagar os US\$ 2,2 mil de aluguel. Disseram-me que este é um lugar seguro para ficar até sair da crise’, disse Jones, fuzileiro naval veterano que serviu no Afeganistão e trabalha numa empresa que vende painéis solares. ‘Posso dormir tranquilamente aqui sem ter de acordar a cada momento e olhar para os lados’, acrescentou o jovem de 26 anos. Ele mantém um traje social pendurado na parte de trás do carro e toma banho em uma academia de ginástica antes de sair de manhã para o trabalho” (ZABLIT, 2019).

2019; NEIVA, 2019; GUIRADO, 2018). Para todo o estado da Califórnia (o mais rico do país), as estimativas eram de cerca de 130 mil pessoas nessas condições; respondendo por 24% do total dos EUA. As próprias reportagens nos fornecem pistas para tal tragédia social:

Estimativas mostram que uma em cada três famílias de Los Angeles gasta mais de 50% da sua renda para pagar o aluguel. Um trabalhador que recebe o salário mínimo da Califórnia (US\$ 12,00 por hora), por exemplo, teria que trabalhar cerca de 79 horas por semana para pagar o aluguel de uma residência de um quarto (O GLOBO, 2019).

Há ainda verdadeiras crises mentais. As estimativas da OMS são de mais de 300 milhões de pessoas sofrendo com depressão e 800 mil suicídios por ano. Na União Europeia mais de um quarto da população entre 17 e 65 anos já sofreu algum problema de saúde mental. Estudos do sistema de saúde inglês mostra que 17,5% da população acima de 16 anos sofre de formas variadas de depressão e ansiedade. E pesquisadores tem determinado a relação entre o atual sistema econômico e os sintomas de deterioração da saúde mental nos indivíduos (MATTHEWS; 2019).

O adoecimento mental é fruto daquilo que Chul Han chama de “Sociedade do Desempenho” cuja busca pela performance espriaiara pela sociedade responsabilizando e impelindo os indivíduos pela obtenção de determinados parâmetros e índices de produtividade sem que a coerção seja visível. A velha coerção do fiscal é substituída pela pressão pela obtenção de resultados. O sujeito continua disciplinado agora por ele mesmo²⁶. Desnecessário dizer que tal arranjo é um responsável por parte das ansiedades e depressões no mundo atual (HAN, 2015).

A ordem meritocrática tem imposto padrões competitivos cada vez mais elevados em todos os poros da vida social. A competitividade se torna uma regra desde a infância. Tais fardos tem se tornado bastante significativos na adolescência daqueles que aspiram um assento nas universidades pelo mundo. E diretores de faculdades ficam felizes quanto maior for o índice de rejeição de seus cursos. Por exemplo; em 1970 Stanford aceitava 1/3 dos candidatos inscritos a um dos seus cursos. Em 2019 esse índice de

²⁶ “O sujeito de desempenho está livre da instância externa de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo. É senhor e soberano de si mesmo. Assim, não está submisso a ninguém ou está submisso apenas a si mesmo. É nisso que ele se distingue do sujeito de obediência. A queda da instância dominadora não leva à liberdade. Ao contrário, faz com que liberdade e coação coincidam. Assim, o sujeito de desempenho se entrega à *liberdade coercitiva* ou à *livre coerção* de maximizar o desempenho [...] O explorador é ao mesmo tempo o explorado. Agressor e vítima não podem mais ser distinguidos. Essa autorreferencialidade gera uma liberdade paradoxal que, em virtude das estruturas coercitivas que lhe são inerentes, se transforma em violência. Os adoecimentos psíquicos da sociedade de desempenho são precisamente as manifestações patológicas dessa liberdade paradoxal” (HAN, 2015, p. 19).

aceitação foi menor do que 5%; e obviamente, a imensa maioria são daqueles que tiveram condições de pagarem bons cursos, psicólogos, programas esportivos, orientadores e programas de intercâmbio na adolescência (ou pagar pelo ingresso de formas fraudulentas ou de doação familiares “filantrópicas” a algum prédio ou programa esportivo em troca de vagas etc.). E não é de se surpreender que nas universidades que compõem a Ivy League, mais de 2/3 dos alunos venha do quintil superior de renda. Em Yale e Princeton tem mais alunos provenientes dentre os 1% mais ricos do que dos 60% mais pobres dos EUA (SANDEL, 2020).

O espaço de trabalho invade os espaços da vida. O celular e os sistemas tecnológicos acompanham e/ou levam os empregos (cada dia mais precários) para dentro da casa do trabalhador. “É preciso dar a vida pela empresa”, dizem os empregadores, no que cada dia se torna mais literal dado o esgotamento físico e mental nos trabalhos. Mesmo o tempo que sobra para o lazer é cada vez mais intermediado pelo consumo, adequação e vigilância dos algoritmos. A suposta cura para os males da mente humana são, por um lado as caixas de ansiolíticos, antidepressivos, hipnóticos e outros psicotrópicos tão consumidos em tempos atuais que tem inclusive elevado as preocupações dos ambientalistas para com a concentração desses químicos nos leitos de água, potencialmente afetando a vida aquática. A outra infeliz “saída” para milhares de indivíduos anualmente tem sido o suicídio, que já é a quarta maior causa de morte entre jovens e “essa onda de suicídios parece sugerir que o gênero humano está fora do tempo máximo, e o desespero tornou-se o modo predominante de se pensar sobre o futuro” (BERARDI, 2019, p. 114).

E a gestão da epidemia escancarou uma pulsão de morte que há algum tempo vinha se manifestando nas sociedades. Uma espécie de balão de ensaio para o extermínio da população mais pobre. Muitas séries e filmes são feitos retratando um apocalipse, invasão zumbi ou um mundo de barbárie fizeram muito sucesso nos últimos anos. E *quizzes* (que logo descobriram estar coletando dados dos respondentes para uso político) nas redes sociais identificava se seu perfil era “forte” o suficiente para sobreviver nesses mundos pós-civilização. A chegada da pandemia veio para confirmar em muitas partes do mundo o desprezo pela vida dos “mais fracos” (os idosos tem taxas maiores de mortalidade na epidemia). Não havia espaço para os *losers* numa epidemia, pois eles deveriam ceder suas vidas em prol da máquina de acumulação. Assim como não há tempo para cuidar do meio ambiente. Afinal, como a exemplo da curiosa (e retroalimentada) associação de um niilismo pentecostal com o capitalismo; a terra e tudo que nela há deverá

ser subjugada pelos homens. E por que pensar nas gerações do futuro se a chegada de Jesus está tão próxima²⁷ para arrebatá-los os vencedores?

1.1.3 Um período de aceleração do tempo e dos processos históricos

Como já dito, defendo que se tiver que escolher um marco inaugural; após a crise imobiliária que se irrompeu nos EUA em 2007 e depois se alastrou para o mundo, o capitalismo neoliberal está num período de transição. Um período tal qual o que Gramsci observou e colocou na célebre frase: “a crise consiste precisamente no fato de que o velho está morrendo e o novo não pode nascer; neste interregno, uma grande variedade de sintomas mórbidos aparecem”. Nesse *interregnum* gramsciano os diferentes pilares do consenso estabelecido são questionados com uma crise hegemônica que se manifesta em várias frentes.

Após descrever uma série de acontecimentos e desajustes nas economias capitalistas contemporâneas, como desemprego tecnológico, desigualdade, riscos financeiros sistêmicos, desconfiança da população nos governos, etc., no último parágrafo de Belluzzo e Galípulo os autores deixam o que pode ser entendido como um diagnóstico do *zeitgeist* do mundo atual e de um prognóstico para os próximos anos:

A vitória do nacionalismo xenófobo de Donald Trump nos EUA, a saída do Reino Unido da União Europeia, a tensão entre a Alemanha e a política monetária do senhor Mário Draghi na Zona do Euro, o Japão a beira da recessão e a desaceleração chinesa são eventos que apontam mudanças de grande alcance na dinâmica da economia mundial, resultantes da fratura do arranjo geoeconômico erigido nos últimos 40 anos (BELLUZZO; GALÍPOLO, 2019, p.196).

E é correto afirmar que partidos da extrema-direita historicamente crescem significativamente nos parlamentos do mundo ocidental após as crises e comumente passam de forças inexpressivas à partidos com condições de disputar o governo e/ou participar dos governos de coalização ou de serem a maior força de oposição nos parlamentos. Bromhead, Eichengreen e O’Rourke (2012) são autores que captam a correlação entre crises financeiras e a ascensão de partidos e líderes autoritários ou de extrema-direita no Entreguerras. Segundo eles: “a Grande Depressão claramente

²⁷ Pesquisa do Pew Research Center de 2010 identificou que 41% dos estadunidenses acreditavam que Jesus voltariam a terra até 2050. Desses; 23% afirmaram que isso era uma certeza.

beneficiou os partidos de extrema-direita e há poucas evidências dela favorecendo os partidos comunistas” (BROMHEAD, ENGHEGREEN, O’ROURKE, 2012, p.13).

Polanyi é um autor que tem ferramentas conceituais que contribuem com nossa percepção de uma mudança no capitalismo contemporâneo. Utilizando sua original constatação de duplo movimento de forças nas sociedades, um pêndulo que ora se inclina para a economia de mercado intensificando a rotação do “moinho satânico” e ora se movimenta rumo a autoproteção da sociedade com a busca dessas de maior proteção frente ao mercado. Segundo o autor, décadas de mercados liberalizados tendem a gerar problemas nas quais as soluções são buscadas no campo de uma maior intervenção social no funcionamento da economia.

Quando escreveu, Polanyi interpretou que os 50 anos de “mercados autorreguláveis” e ditados pela ideologia liberal que reinou após os anos 1879 e findou justamente com a Crise de 1929, (que era, portanto, uma crise dos mercados autorregulados) deu origem a novos modos de organização da expansão capitalista cujo maior exemplo se deu com o *New Deal* que pregava maior controle dos negócios e mais proteção social frente aos mercados:

Em última instância, a autorregulação deficiente do mercado conduziria à intervenção política. Quando o ciclo dos negócios deixou de funcionar adequadamente de modo a restabelecer o emprego, quando as importações deixaram de conseguir produzir exportações, quando as regulamentações das reservas bancárias ameaçaram desencadear o pânico no mundo dos negócios, quando os devedores estrangeiros se recusaram a pagar, os governos tiveram de enfrentar a tensão. Em situação de emergência, a unidade da sociedade afirmou-se por meio da intervenção. (POLANYI, 2016, p. 326).

Podemos tomar a crise de representatividade da democracia liberal; uma democracia que quando se uniu com o neoliberalismo foi bastante alijada da soberania popular, como tentativas da sociedade em buscar alternativas para proteger-se do “moinho satânico” dos mercados na qual o neoliberalismo é uma grande expressão dessa força mercadológica atuando contra a cidadania.

Após a crise financeira de 2007-8, o neoliberalismo (e a globalização acompanhada) triunfante dos anos 1980 e 1990 dos anos 2000 toma uma forma diferente denotando uma crise da era neoliberal (e do capitalismo) que se manifesta de forma explosiva em diversas frentes, notadamente nos modelos de representação política, acirramento em conflitos geopolíticos e aprofundamento da expropriação e barbárie capitalista. Sob uma lente marxista; assim constatava Mészáros chamando a atenção para a dificuldade do surgimento de outras alternativas ao capitalismo:

Se o tom da política tradicional se modifica, isso se deve ao fato de que as condições objetivas da situação atual já não podem mais ser contidas, seja por meio do puro poder e da força bruta, seja pelo suave estrangulamento promovido pela política de consenso. Na verdade, estamos diante de uma crise sem precedentes do controle social em escala mundial. Seria uma grande irresponsabilidade se nos tranquilizássemos numa espécie de estado de euforia, contemplando uma “revolução socialista mundial na virada da esquina” (MÉSZÁROS, 2011, p. 57).

Em um livro publicado em 1995; Ellen Wood já notava que principalmente sob o impacto do desmoronamento da União Soviética que “os intelectuais da esquerda, vem tentando definir novas formas, que não a contestação, de se relacionar com o capitalismo. A maneira típica é procurar interstícios no capitalismo onde criar espaços e identidades alternativas” (WOOD, 2006, p. 13). Para a autora; tais posicionamentos refletiam uma capitulação frente ao capitalismo ao mesmo tempo em que intelectuais de esquerda encontrava nestas novas formas de ação política, uma desculpa para abandonar as inspirações marxistas e abraçar os preceitos liberais. Portanto, essa sua abordagem aproxima-se do que dirá Mézáros anos depois (como na citação acima) que; defrontando com um evento de magnitude comparável ao desmoronamento da União Soviética; isto é, a Crise econômica de 2007-08 e seus efeitos, também notou uma passividade daqueles que esperam o surgimento de uma revolução social espontânea a emergir da crise neoliberal. Como vimos neste escrito, Mézáros também defende que em face de uma crise estrutural, a mudança também deve ser estrutural pois não há nessa crise, correções possíveis dentro da estrutura estabelecida.

Mouffe está denominando esse hiato pós Crise de 2007-8 de um “momento populista”²⁸. Na visão de Mouffe, para bem ou para o mal, há atualmente um retorno do agir político após vários anos de pós-política neoliberal. E esse retorno tem afluído para alternativas autoritárias; mas que há espaço para saídas que desemboquem em democracias radicais e plurais (a autora defende uma intersecção das várias lutas incluindo de classe, mas não tendo essa proeminência sobre as demais).

Yasha Mounk, um alemão professor nos EUA, assim enxerga o momento em que vivemos hoje no mundo:

²⁸ “Quando, sob a pressão de transformações políticas ou socioeconômicas, a hegemonia dominante é desestabilizada pela multiplicação de demandas insatisfeitas. Nessas situações, as instituições existentes falham em garantir a lealdade das pessoas, na tentativa de defender a ordem existente. Como resultado, o bloco histórico que estabelece a base social de uma formação hegemônica é desarticulado, e surge a possibilidade da construção de um novo sujeito de ação coletiva — o povo — capaz de reconfigurar uma ordem social tida como injusta” (MOUFFE, 2018, p. 20).

E existem também anos breves em que tudo muda abruptamente. Novas figuras políticas tomam o palco de assalto. Eleitores clamam por políticas públicas que até o dia anterior eram impensáveis. Tensões sociais que por muito tempo fervilharam sob a superfície vêm à tona numa explosão terrível. O sistema de governo que antes parecia inabalável dá sinais de que vai desmoronar. É o tipo de momento em que vivemos hoje (MOUNK, 2019, p.13).

Algumas páginas adiante o autor volta a enfatizar a especificidade do momento histórico, especificamente para a democracia ocidental. Optamos por deixar que as palavras originais do autor enfatizem sua visão de ruptura histórica:

Existem tempos ordinários, em que as decisões políticas influenciam a vida de milhões de pessoas de muitas maneiras, graves e tênues, mas as características básicas da vida coletiva de um país não estão em risco. Apesar das profundas divergências, os partidários de cada lado na arena política endossam as regras da disputa. Eles concordam em acertar suas diferenças com base em eleições livres e justas, comprometem-se com as normas básicas do sistema político e aceitam que uma derrota nas urnas legitima a vez de seu adversário político na condução do país [...]

Existem tempos extraordinários, em que os contornos básicos da política e da sociedade estão sendo renegociados. Em períodos assim, as divergências entre partidários de ambos os lados são tão feias e profundas que eles não concordam mais com as regras do jogo. Para obter uma vantagem, os políticos se prontificam a sabotar eleições livres e justas, a escarnecer das normas básicas do sistema político e a difamar seus adversários. Conseqüentemente, os que vivem em tempos extraordinários começam a encarar os riscos da política como existenciais. Em um sistema cujas regras são seriamente contestadas, eles têm bons motivos para temer que uma vitória nas urnas possa se revelar eterna; que a derrota em uma batalha política venha a despojá-los da capacidade de travar a guerra mais ampla; e que o progresso derrotado hoje acabe pondo o país no caminho de uma perene injustiça.

A maioria de nós passou grande parte da vida em tempos ordinários (MOUNK, 2019, p. 33, negritos nosso).

Para ilustrar a citação anterior, vale mencionar as recusas, as insinuações e os inúmeros pedidos judiciais (mais de 60) que o presidente Donald Trump utilizou para contestar os resultados das eleições nos EUA que não o reconduziu ao cargo. Concomitantemente ao ajuizamento de várias ações judiciais contestando resultados em estados específicos, a campanha de Trump flertava também com uma manobra nunca antes utilizada pedindo que assembleias estaduais de maioria republicana indicassem os delegados pró-Trump como uma forma de driblar o colégio eleitoral desfavorável eleito por voto popular naqueles estados. Como resume a manchete de uma reportagem: “ele não aceita que perdeu”²⁹. Na esteira desses acontecimentos; o *Washington Post* divulgou

²⁹ MCKELVEY (2021).

nos primeiros dias de 2021, uma gravação de Trump³⁰ pedindo ao secretário geral do estado da Geórgia para “recalcular o resultado e encontrar 11780 votos” que lhe garantiria a vitória no estado na qual segundo ele, teria tido muito mais votos que garantiria uma vitória no estado. Mas o maior ataque as “regras do jogo” viria alguns dias depois e vale menção pois demonstra uma inédita tensão dentro da considerada maior e mais estável democracia (liberal) do mundo.

No dia 06 de janeiro de 2021 enquanto o Congresso Americano ratificava a vitória do democrata Joe Biden (uma cerimônia que seria apenas protocolar em tempos anteriores); Trump em frente (e também nas redes sociais) a uma multidão de partidários³¹ que se reunia em Washington os incitavam a marchar ao congresso e pressionar o vice presidente Mike Pence (que nos EUA também é presidente do Senado) a não reconhecer o resultado das eleições. A imprensa anunciava horrorizada que Trump teria dito ‘não vamos desistir jamais. Nunca cederemos. Não reconhecemos a derrota’.

O que se seguiu foi noticiado com um misto de incredulidade e repúdio pelos principais jornais do mundo que noticiava que de forma nunca antes vistas; o Capitólio fora invadido durante uma sessão num episódio que resultou em 5 mortes. As manchetes e noticiários do mundo inteiro começaram a utilizar termos como “insurreição”, “ataque inédito a democracia americana”, “tentativa de golpe insuflados pelo presidente”, “terrorismo doméstico”, “mancha à democracia”, “crise da democracia americana” etc. Correspondentes internacionais de grandes redes americanas traçavam paralelos a golpes de estados e insurreições que ocorreram mundo afora (algumas patrocinadas pelos EUA) que anos atrás pareceriam acontecimentos exclusivos de “Republicas de Bananas”.

No crepúsculo do fim do mandato de Donald Trump, o elefante que sempre esteve na sala parece ter sido por fim notado e de repente um rápido consenso editorial e

³⁰ Para consultar a transcrição da conversa ver Gardner e Firozi (2021) cujo link para acesso é: https://www.washingtonpost.com/politics/trump-raffensperger-call-transcript-georgia-vote/2021/01/03/2768e0cc-4ddd-11eb-83e3-322644d82356_story.html

³¹ O perfil e a estética destes partidários chamaram a atenção. Cenas bizarras como nacionalistas brancos vestidos de vikings estamparam os sites de jornais. Havia ainda muitas bandeiras confederadas (associadas ao racismo), camisas nazistas com referência a campos de concentração também foram vistas além bandeiras anarcocapitalistas (as amarelas com uma serpente e a frase “*Don’t tread on me*”), cruces e bandeiras americanas. A revista The Atlantic informava que “o nome de Deus estava por toda a parte e placas com os dizeres Jesus Salva” e que “um homem agitou a bandeira de Israel pedindo aos transeuntes que digam sim a Jesus” (GREEN, 2018). Vários desses manifestantes acreditavam e difundiam a teoria conspiratória do QAnon que diz que Trump trava uma guerra secreta com pedófilos adoradores de satanás presentes no alto escalão do governo, na imprensa e nas corporações. Muitos desses elementos também estavam presentes na marcha ultranacionalista/racista de Charlottesville de 2017 organizada por grupos da *alt right*.

político concordaram que Trump seria um perigo a democracia liberal e as instituições. Mesmo faltando apenas duas semanas para o fim do mandato e a transição (que fora colocada em dúvida) grandes correntes se formaram pedindo um impeachment do presidente ou a utilização inédita da chamada 25ª Emenda que destituiria rapidamente o presidente a pedido da maioria do seu gabinete. Uma parte do país (e do seu partido) que por 4 anos tolerou o presidente (e que por 50 mil votos não o reelegeu) parecia que não estavam dispostos a suportar mais alguns dias de mandato trumpista. Embora, caiba ressaltar que mesmo perdendo força dentro do partido Republicano, 45% dos filiados destes apoiaram ativamente as pessoas que invadiram o Capitólio segundo pesquisa do YouGov. Trump ou um dos seus filhos são cotados a serem candidatos para representar a extrema-direita na próxima eleição presidencial provavelmente concorrendo pelo Partido Republicano. Assim escreveu um colunista da *The Atlantic*, após quase um ano de saída de Donald Trump da presidência: “a menos que a biologia interceda, Donald Trump buscará e obterá a indicação republicana em 2024. O partido está em seu poder. Nenhum oponente pode derrubá-lo e poucos tentarão. Nem um revés fora da política – como uma acusação, ou um revés nos negócios - impedirá Trump de concorrer” (GELLMAN, 2021, *s.p.* tradução nossa).

Mouk verificou que na chamada “maior democracia do planeta” onde o derrotado nas eleições uma inédita recusa a seguir os protocolos, reconhecer os resultados e transferir o poder de forma harmoniosa. Aliás, harmonia virou um termo ultrapassado³². Todos os desdobramentos tornavam incertos o dia seguinte na terra da democracia liberal. São tempos extraordinários! Se sabe por exemplo; que a presidente da Câmara pediu as forças militares que não acatassem possíveis pedidos de ataques nucleares³³ nos últimos dias de mandato de Trump. Meses depois foi revelado que o Chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas dos Estados Unidos ligou ao colega chinês dois dias depois da invasão do Capitólio para tranquilizar a China de um eventual ataque surpresa ordenado por Trump. Mesmo com a ligação, o militar chinês não se tranquilizou³⁴.

³² Em 1960 uma pesquisa perguntou aos adultos americanos se ficariam chateados caso um filho casasse com um partidário oposto ao de sua preferência. Apenas 5% disseram que ficariam incomodados. Cinquenta anos depois, em pesquisa de 2010; 30% dos pais democratas e 40% dos republicanos disseram que se chateariam com esse tipo de casamento. Por certo; esse patamar é ainda maior atualmente.

³³ Mattingly (2021).

³⁴ Stanley-Becker (2021).

E por falar em armas nucleares; estas continuam nos arsenais cada dia mais modernizadas. Dentre as 13400 ogivas nucleares existentes no mundo; cerca de 3720 estão implantadas em forças e vetores operacionais ativos e destas, aproximadamente 1800 são mantidas em alerta operacional alto, isto é, com alto nível de prontidão e resposta. Ou seja; longe de uma governança globalizada e tranquila; os impérios mesmo que bastante integrados economicamente; mantêm as capacidades bélicas do armagedon prontas para uso e que nas suas últimas diretrizes de defesa vem ampliando o papel nuclear nos seus planos. Quando escrevíamos, as últimas linhas deste trabalho, o mundo se voltava a preocupar com a possibilidade real de lançamentos de armas nucleares (sobretudo as táticas) no conflito entre Ucrânia e Rússia. Declarações foram feitas sinalizando que tais ações eram uma possibilidade real e passíveis de uso.

Em 1995, Immanuel Wallerstein já dizia que o Sistema-Mundo Moderno estava em uma transformação e as sociedades capitalistas viviam uma bifurcação histórica (que tem seu marco inicial em 1968). Nas bifurcações, o sistema está fora de equilíbrio podendo pequenas ações desencadear grandes mudanças (inspiração que Wallerstein buscou na física com Ilya Prigogine). Segundo ele “podemos dizer que estamos novamente perante a extinção de um sistema histórico paralelo à extinção do sistema feudal europeu há 500-600 anos atrás [...] podemos afirmar que é improvável que o sistema histórico atual dure muito mais de (talvez 50 anos, no máximo)” (WALLERSTEIN, 1995, p. 21). Vale destacar que para o autor, toda mudança de sistema mantém continuidades com o sistema anterior; as mudanças, principalmente em se olhando no momento em que ocorrem nunca parecem demasiadas significativas visto carregar ainda aspectos importantes de continuísmos.

Manuel Castells nas primeiras linhas de “Ruptura: Crise da democracia liberal” escrito em 2017 também vem de encontro a nosso entendimento de que o mundo se encontra em um período de maior instabilidade (uma imensa crise de legitimidade, para o sociólogo espanhol). Vamos ao trecho na qual corroboramos:

Sopram ventos malignos no planeta azul. Nossas vidas titubeiam no turbilhão de múltiplas crises. Uma crise econômica que se prolonga em precariedade de trabalho e em salários de pobreza. Um terrorismo fanático que fratura a convivência humana, alimenta o medo cotidiano e dá amparo à restrição da liberdade em nome da segurança. Uma marcha aparentemente inelutável rumo à inabitabilidade de nosso único lar, a Terra. Uma permanente ameaça de guerras atroztes como forma de lidar com os conflitos. Uma violência crescente contra as mulheres que ousaram ser elas mesmas. Uma galáxia de comunicação dominada pela mentira, agora chamada pós-verdade. Uma sociedade sem privacidade, na qual nos transformamos em dados. E uma cultura, denominada entretenimento, construída sobre o estímulo de nossos baixos instintos e a

comercialização de nossos demônios. Existe, porém, uma crise ainda mais profunda, que tem consequências devastadoras sobre a (in)capacidade de lidar com as múltiplas crises que envenenam nossas vidas: a ruptura da relação entre governantes e governados. A desconfiança nas instituições, em quase todo o mundo, deslegitima a representação política (CASTELLS, 2018, p. 7).

Não só os desequilíbrios econômicos e políticos atuam sobre este capitalismo. As crises migratórias e divisões étnico-religiosas exacerbam na medida em que as crises econômicas do capitalismo se aprofundam. A catástrofe ecológica e climática está mais do que nunca no radar, sem indicação de que o capitalismo irá mudar radicalmente a rota para evitar estes colapsos. Afinal, como dizia Marx:

Quanto mais um país, como, por exemplo, os Estados Unidos da América do Norte, se inicia com a grande indústria como fundamento de seu desenvolvimento, tanto mais rápido esse processo de destruição. Por isso, a produção capitalista só desenvolve a técnica e a combinação do processo de produção social ao minar simultaneamente as fontes de toda a riqueza: a terra e o trabalhador (MARX, 1996b, p. 133)

Em tempo; vale ressaltar que a crise e decomposição de um sistema político-econômico não necessariamente gestará outro melhor ou que o próximo virá imediatamente depois. Entre um sistema agonizante e outro nascente frequentemente há um hiato histórico de turbulências, instabilidades e caos. Um período em que o antigo não consegue mais continuar hegemônico e o nascente ainda não possuiu as ferramentas para assumir o controle ou sequer nem se mostra.

A tese acima encontra ancoragem também em Hardt & Negri (2016) na qual os autores veem os mecanismos de controle e exploração do capital cada vez mais em contradição embora sejam compensados por novas formas de expropriação do comum. Em resumo; “a crise capitalista não avança automaticamente para o colapso [...] a organização política é necessária para atravessar o limiar e gerar acontecimentos políticos” (HARDT & NEGRI, 2016, p. 192-3). Em complemento, os autores acreditam ser necessário a organização de um sujeito político (na concepção deles, a multidão) para estar preparado para aproveitar do *Kairós* (a explosão, momento que a cronologia repetitiva e monótona dos acontecimentos é quebrada).

Hardt & Negri estão escrevendo observando movimentos políticos atuais organizados horizontalmente, sem líderes e repulsivos a ideias de institucionalidade e centralização. Segundo os autores, atualmente as lutas estão passando por essa multidão, organizações sociais e movimentos de massas que tem alcançado grande eficácia na derrubada de líderes autoritários embora fracassem em constituir relações sociais e

governos duradouros. São movimentos que esfacelam quando entram em contato com o realismo político e a forma como atualmente estão estruturados os Estados.

O filósofo Italiano Franco “Bifo” Bernardi quando perguntado se estamos num momento tal como Gramsci dizia (em que o velho mundo agoniza e o novo tarda a nascer) é categórico: “É claro e cristalino. O velho mundo está morrendo, acabou. O capitalismo ainda está no poder, mas está morto. Um organismo pode sobreviver a si mesmo, se seus tentáculos continuam vivos após a morte desse corpo” (SAYURI, 2020). Ainda de acordo com “Bifo”, estamos no limiar do trauma, no que pode ser uma passagem das trevas à luz ou da luz às trevas. Posição semelhante é a de outro pensador italiano; Lazzarato que também defende que a Crise de 2008 como marco de um novo período no mundo:

Vivemos tempos “apocalípticos”, no sentido literal da palavra, tempos que manifestam, tempos que fazem ver. O que desvelam em primeiro lugar é que a derrocada financeira de 2008 inaugurou um período de rupturas políticas [...] O que os tempos apocalípticos também fazem ver é que o (novo) fascismo é a outra face do neoliberalismo (LAZZARATO, 2019, p. 09).

Por óbvio, não se pode esperar a complacência do *status quo* a novas formas de compartilhar o mundo, portanto podemos pressupor que alternativas ao capitalismo hoje existente terá que reverter-se com força ideológica, política, tecnológica e até mesmo de combate a fim de fazer frente aos aparatos de vigilância, controle e da manutenção da ordem.

Estamos em um período histórico em que; se haverá um novo modelo de vida e sociabilidade emergente, este ainda não se mostrou, pois são poucas as experiências político-organizativas e econômicas que nos últimos anos tenha acumulado forças de modo a se portar como uma alternativa. Por exemplo; Wendy Brown explica o título³⁵ do seu livro “Nas ruínas do Neoliberalismo” utilizando se do termo “ruínas” para representar algo que está velho, mas ainda existe; segundo ela (e corroboramos com essa tese) o neoliberalismo está desmoronando, mas não acabou; está vivendo seu processo de decadência. Uma pergunta importante que procuramos responder nesse trabalho é o que essa decadência carrega consigo.

³⁵ Brown (2020).

1.2 A QUEDA DO LIBERALISMO CLÁSSICO, O FASCISMO E O NEOLIBERALISMO HOJE EXISTENTE

1.2.1 Notas sobre o surgimento do fascismo no século XX

Nos tópicos acima trouxemos elementos que nos faz crer que estamos vivendo um momento impar da história capitalista moderna, um período que reivindica um lugar de ruptura, de graves crises e de contestações e ataques para com a ordem estabelecida. Nos próximos tópicos discutiremos as similaridades e distinções entre os tempos atuais e o momento de uma outra ruptura histórica onde também houve contestação ao liberalismo de então e com ascensão de modelos políticos autoritários.

Lembremos que o fascismo que nasceu de (e) numa depressão econômica, numa grande crise política e sob os escombros de uma guerra mundial; era um movimento político eminentemente antiliberal. Estes acontecimentos são importantes para entender o surgimento do fascismo. Vale lembrar que “a guerra também tem um legado financeiro. Havia altos níveis de endividamento colocando os países em uma situação financeira instável e limitando a capacidade dos governos em promover resultados econômicos favoráveis” (BROMHEAD, EICHENGREEN, O’ROURKE, 2012, p. 3, tradução nossa).

Se tivéssemos que determinar um marco para o surgimento fascista; “oficialmente, o fascismo nasceu em Milão, em um domingo, 23 de março de 1919” (PAXTON, 2007, p. 16). Nesse dia, cerca de 100 ex-soldados, sindicalistas apoiadores da Primeira Guerra e intelectuais futuristas³⁶ se reuniram sob os olhares de alguns repórteres e curiosos para formar o que Mussolini chamou no decorrer do evento de *Fasci di Combattimento* (Fraternidades de Combate). O partido cresceu rapidamente, teve 19,1% dos votos já em 1921 e 65% dos votos em 1925.

O programa fascista que foi divulgado 2 depois do seu encontro inaugural tinha uma mistura de aspirações expansionistas italianas típica dos veteranos e propostas de reforma sociais bastante radicais para época e/ou de inspiração socialista como: jornada de trabalho de 8 horas, sufrágio feminino aos 18 anos, abolição do senado, assembleia constituinte, confisco de alguns bens da Igreja, co-gestão dos trabalhadores

³⁶ Jovens intelectuais que seguiam os Manuais Futuristas de Felipo Tomaso Marinetti que fora publicado no jornal francês *Le Figaro* em 1909. Este jovens futuristas exaltavam as liberdades da aventura, da velocidade e da violência tidas como revigorantes. Apoiaram a guerra, tinham certa repulsa ao passado incluindo suas representações como os museus. Em contraponto a louvava o futuro, a vontade, a tecnologia e afins.

nas fábricas e “expropriação parcial de todos os tipos de riquezas” por meio de tributação (PAXTON, 2007). O fascismo tinha nos seus discursos elementos anticapitalistas que não se verificaram³⁷ uma vez que chegaram ao poder:

Uma outra característica supostamente essencial do fascismo é seu ânimo anticapitalista e antiburguês. Os primeiros fascistas ostentavam seu desprezo pelos valores burgueses e por aqueles que queriam apenas “ganhar dinheiro, dinheiro, imundo dinheiro”. Atacavam o capitalismo financeiro internacional com quase a mesma veemência com que atacavam os socialistas. Chegaram a prometer expropriar donos de lojas de departamentos [...] quando os partidos fascistas chegaram ao poder, entretanto, eles nada fizeram para cumprir essas ameaças anticapitalistas. Puseram em prática com extrema e eficácia as ameaças contra os socialistas (PAXTON, 2007, p. 25).

Embora retratado pelos seus seguidores como uma revolução, o fascismo no poder era mais um regime recauchutado assentado em velhas estruturas onde provavelmente a maior novidade era a recusa na crença liberal do um livre mercado como a ferramenta para resolver os graves problemas da depressão econômica.

Aliás, se as promessas anticapitalistas nunca foram colocadas em prática pelos fascistas, as violências contra a esquerda eram desde sempre realizadas. Na Itália, o primeiro ato do recém formado *Fasci de Combattimento* veio algumas semanas depois da sua reunião inaugural, com o ataque a redação do jornal socialista *Avanti* que deixou 4 mortos, 39 feridos e a destruição de todo o equipamento. Vale a nota de que Mussolini (que não participou do ato) foi editor de tal jornal antes da guerra e um dos líderes desse ataque era o autor dos Manifestos Futuristas, Filippo Tomaso Marinetti.

Sassoon (2009) nos lembra que Mussolini chegou ao poder como primeiro ministro na Itália pelas vias legais³⁸ e embora os fascistas tentaram posteriormente realçar elementos de uma revolução e dos movimentos armados (principalmente no que diz respeito a Marcha sobre Roma) a ascensão de Mussolini foi tolerada pelo rei, negociada com parlamentares e os pouco treinados Camisas Pretas poderiam ser facilmente

³⁷ Outras das principais divergências entre discurso e prática, sobretudo no fascismo italiano foram os aspectos anticlericais que os fascistas pragavam que não se confirmaram uma vez instalados no poder. Houveram divergências também entre a exaltação romântica do agrarismo, do tradicionalismo dos campos, e dos modos de vidas dos camponeses que contrastava com o apelo a modernização empreendida pelo Estado fascista sobretudo voltado a guerra, a propaganda e a indústria visando acompanhar outros países ocidentais (PAXTON, 2007, HOBSBAWM, 1997; SASSON, 2009).

³⁸ “A chegada de Mussolini ao poder foi estrita e perfeitamente legal. Como explicaria o grande político liberal e ex-primeiro-ministro Giovanni Giolitti a seus eleitores, no dia 16 de março de 1924. Mussolini fora designado constitucionalmente, prestara juramento de fidelidade ao rei e à Constituição e apresentara seu programa de governo ao Parlamento, dele solicitando e obtendo plenos poderes” (SASSON, 2009, p. 8).

debelados pelo exército se assim fosse ordenado³⁹. Mas também para o autor; embora as características pessoais de Mussolini como carisma e boa oratória⁴⁰, sua infância humilde (que facilitava a modulação do discurso para com a realidade dos apoiadores) e a própria letargia e certa convivência das estruturas do Estado vigente; o fator mais importante e que tornou possível o surgimento do fascismo foi a Primeira Guerra que acarretou grandes mudanças na sociedade. Nas palavras do autor:

Todos os fatores que o tornaram possível, a Primeira Guerra Mundial foi o mais importante. A guerra acelerou as mudanças na sociedade italiana, desestabilizou o sistema parlamentar do país e realinou seus movimentos políticos, contribuindo decisivamente para a conjuntura que permitiu a Mussolini ser nomeado primeiro-ministro em 1922 (SASSOON; 2009, p. 30).

Para Bianchi (2002) recorrendo se as formulações de Gramsci; diz que para o autor italiano a crise política não pode ser deduzida automaticamente da crise econômica embora ambas tenham um vínculo profundo⁴¹. Diz Bianchi (2002, p. 33):

A crise econômica cria um “terreno favorável” para a crise política na medida em que ela compromete as bases materiais para a construção do consenso e da legitimação da ordem burguesa. A absorção das demandas não antagônicas das classes subalternas, necessárias para a constituição desse consenso, torna-se, assim, um processo árduo e raramente completado de maneira eficaz.

³⁹ “Mussolini alegou que queria evitar uma guerra civil, mas na realidade não poderia ter chegado ao poder de qualquer outra forma. Seu ‘exército’ de fascistas não era forte o suficiente. Poderia ter sido facilmente contido e o próprio Mussolini poderia ter sido detido sem dificuldade em Civitavecchia — a meio caminho entre Pisa e Roma —, onde o Exército bloqueara a passagem, para impedir, se necessário, que *os camice nere* (camisas negras) convergissem para a capital. Mussolini poderia ter sido interceptado a qualquer momento. Roma estava bem resguardada. O general Emanuele Pugliese foi incumbido de organizar a defesa da capital; o que não era propriamente uma tarefa árdua, pois as colunas fascistas avançavam lentamente. O Exército ocupou prédios públicos, instalou barreiras de arame farpado, coordenou a movimentação de tropas. Pugliese garantiu ao primeiro-ministro, Luigi Facta, que não teria problemas para restabelecer a ordem. Em Milão, os fascistas não encontraram condições melhores. Entrando no quartel de Alpini, depararam-se com um irado coronel que lhes disse que caso não se retirassem imediatamente seriam detidos. Trataram de sair sem discussão. Leal à Coroa, o general Pugliese tinha sob seu comando mais de 10 mil homens. Outros 28 mil controlavam as estradas para a capital. Pugliese ordenou que as ferrovias com destino a Roma fossem interceptadas 50 quilômetros ao norte da cidade, e 400 policiais teriam bastado para pôr fim à chamada “Marcha sobre Roma”. Desse modo, como fica patente em documentos militares, o Exército estava no pleno controle da marcha. Se recebesse ordens de interceptar os fascistas, a Marcha teria chegado ao fim (SASSOON, 2009, p. 10-1).

⁴⁰ Milner [um dos pioneiros da direita radical inglesa] anteviu em 1905 o que década e meia depois seria um movimento fascista. [Diz ele] “Um dia, talvez, poderá destacar-se algum grande charlatão (um saltimbanco da política, um palhaço, um mentiroso, um orador de praça pública ou qualquer outro favorito do público); apesar disso, ele poderá ser um homem de Estado — a combinação não é impossível — que, tendo obtido o poder graças a uma qualquer ação popular, poderá utilizá-lo para objetivos nacionais” (BERNARDO, 2015, p.218).

⁴¹ Um pouco mais sobre as teses de Gramsci e Palmiro Togliatti (dirigente do Partido Comunista Italiano) apresentada as Internacionais Comunistas pode ser vista em: Roio (2020); Togliatti (2004).

Quando Gramsci escrevia no cárcere no qual foi colocado pelo fascismo italiano; o autor já notava que o consenso possibilitado pelas vias jurídico-parlamentar liberal já se esvaíra; e a crise do Estado liberal já era uma visão difundida. A Primeira Guerra era uma evidência desse esgotamento e o período de paz que se seguiu não dava mostras de um fortalecimento das soluções liberais (BIANCHI; 2002).

É bastante comum encontrar na literatura a ascensão fascista sobre os escombros do liberalismo clássico, visto pelos fascistas como um modelo moribundo, corrupto e ineficaz. O Fascismo se fortaleceu com a derrocada da gestão liberal. Historiadores a direita e a esquerda assinam teses como essa. A exemplo de Kuttner que diz “O fascismo prosperou com o fracasso da democracia parlamentar em resolver questões urgentes e problemas” (KUTTNER, 2018, p. 273). E os problemas abundavam na época e se mostravam difíceis de serem resolvidos e principalmente as classes médias e pequeno burguesas começaram a depositar suas esperanças em líderes fortes para resolver os problemas econômicos e políticos causados pela crise e pelos efeitos da guerra.

Segundo Hobsbawm movimentos de direita que apelavam para tradições antigas de intolerância e nacionalismo eram tendência nos anos 1890 e atraíam os grupos inferiores e médios da sociedade europeia; principalmente em países onde a democracia e o liberalismo não havia adentrado profundamente ou que não haviam passado por revoluções; como a Revolução Francesa.

O cimento comum desses movimentos era o ressentimento de homens comuns contra uma sociedade que os esmagava entre a grande empresa, de um lado, e os crescentes movimentos de trabalhistas, do outro. Ou que, na melhor das hipóteses, os privava da posição respeitável que tinham ocupado na ordem social, e que julgavam lhes ser devida, ou do status social numa sociedade dinâmica a que achavam que tinham direito a aspirar (HOBSBAWM, 1997, p. 99).

Embora haja um certo consenso na literatura do tema de que o movimento fascista, tinha na pequena burguesia sua maior força; trabalhadores de “colarinhos brancos”, profissionais liberais provincianos e os estratos médios aderiram significativamente ao fascismo e nazismo. Dos Nacionais Socialistas eleitos conselheiros distritais em Viena em 1932; 18% eram autônomos, 56% trabalhadores de escritório e funcionários públicos e 14% operários. Nesse mesmo ano, analisando as eleições estaduais austríacas chega se ao número de 51% trabalhadores de escritórios e funcionários públicos e 10% de operários. Na Guarda de Ferro romana seus quadros eram

formados majoritariamente por camponeses pobres. Ex-soldados da linha de frente da Primeira Guerra também vieram a compor fileiras do fascismo⁴² e do nazismo; incluindo nas primeiras forças paramilitares comuns a esses movimentos políticos:

As camadas de classe média e média baixa continuaram sendo o alicerce desses movimentos por toda a era da ascensão do fascismo. Não negam isso a sério nem mesmo historiadores ansiosos por revisar o consenso de “quase” todas as análises feitas sobre o apoio nazista feitas entre 1930 e 1980 (HOBSBAWN, 1997, p. 100).

No caso do fascismo italiano, vale mencionar que por mais de uma década e meia ele não mostrou sinais de antissemitismo. Mussolini tinha o apoio de proprietários de terra e industriais judeus e cerca de 200 destes participaram da marcha sobre Roma. Uma amante (e autora da primeira biografia do *Duce*) era judia, bem como amigos próximos e fascistas judeus como Aldo Finzi. O antissemitismo nunca foi um componente central no fascismo italiano e só começou a ganhar tração já no fim do governo por influências hitlerianas e a necessidade de maior alinhamento com a Alemanha.

Hobsbawm sustenta que o fascismo e a ascensão em geral da extrema direita após a Primeira Guerra mundial era uma resposta as revoluções sociais e ao poder operário. Embora existisse radicais de extrema direita desde o fim do século XIX⁴³ eles eram mantidos sob controle. Embora, aponte o autor, essa ameaça vermelha era muito superestimada e pouco diferenciada pelos fascistas uma vez que os nomes apontados como comunistas muitas das vezes eram socialistas, operários de esquerda e anarquistas desorganizados:

As condições ideais para o triunfo da ultradireita alucinada eram um Estado velho, com seus mecanismos dirigentes não mais funcionando; uma massa de cidadãos desencantados, desorientados e descontentes, não mais sabendo a quem ser leais; fortes movimentos socialistas ameaçando ou parecendo ameaçar com a revolução social, mas não de fato em posição de realizá-la (HOBSBAWM; 1997, p. 104).

⁴² “Cinquenta e sete por cento dos primeiros fascistas italianos eram ex-soldados” (HOBSBAWM; 1997, p. 103).

⁴³ Engels por exemplo, prefaciando “A luta de classes na França” de 1895, desconsiderava um apelo à direita com o aumento do eleitorado. Engels acreditava que a ampliação do eleitorado traria mais votos para a esquerda dentro da velha democracia liberal. Ele escreveu “Se [a crescente votação socialista] continuar assim, ao final deste século, nós [os socialistas] teremos conquistado a maior parte dos estratos médios da sociedade, os pequenos burgueses e os camponeses, transformando-nos na força decisiva do país [...] nós, sob essa legalidade, adquirimos músculos rijos, faces rosadas, e a aparência de vida eterna e eles [os conservadores] nada resta a fazer senão encontrar, eles também, brechas nessa legalidade” (ENGELS, 1895 *apud* PAXTON, 2017, p. 14). Vale ressaltar que Engels previa um contra-ataque conservador anti-esquerdista, mas não imaginava este tendo apoios populares como o fascismo acabou por arregimentar.

Trotsky, um outro importante marxista, observando à época o crescimento fascista descreve o que teria sido o “passo-a-passo” do surgimento do fascismo na Itália e também destaca a importância assumida pela pequena burguesia nesse processo. A similaridade com o surgimento da extrema direita atual em diferentes partes do mundo e sua propensão ao culto a violência, a opressão e a neurose coletiva é bastante visível:

De cada vez o fascismo é o elo final de um ciclo político específico que inclui as fases seguintes: a crise mais grave da sociedade capitalista; o aumento da radicalização da classe trabalhadora; o aumento da simpatia para com a classe trabalhadora e o anseio de mudança por parte da pequena burguesia rural e urbana; a indecisão extrema da grande burguesia; as suas manobras covardes e traiçoeiras, com o intuito de evitar que a revolução chegue ao apogeu; a exaustão do proletariado; uma indecisão e uma indiferença crescentes; o agravamento da crise social; o desespero da pequena burguesia, o seu anseio de mudança; a neurose coletiva da pequena burguesia, a sua propensão a acreditar em milagres, a sua propensão a medidas violentas; o aumento da hostilidade para com o proletariado, que não correspondeu às suas esperanças. Estas são as premissas da formação rápida de um partido fascista e da sua vitória. (TROTSKY *apud* BERNARDO, 2015, p. 25-6).

A democracia que parecia em desuso e enterrada no entreguerras; renasceu no Pós-Guerra e até tornou forma predominante de governo nos anos 1990; mas “o mundo pode estar, infelizmente, reentrando num período em que as vantagens desse sistema não pareçam mais tão óbvias quanto entre 1950 e 1990” (HOBSBAWM; 1997, p. 115). Hobsbawn afirmava no fim do século XX que as incertezas quanto ao futuro da democracia se faziam presentes no momento em que se aproximavam da chegada do novo milênio.

1.2.2 Similaridades entre o fascismo com os tempos atuais: um neofascismo?

John Bellamy Foster é um dos autores que entende que estamos passando por uma era de ascensão dos movimentos de direita; que poderiam ser chamados de neofacistas. Para o autor, que corrobora Hobsbawm; o declínio do liberalismo nos anos 1920 e 1930 se deveu a uma crise socioeconômica em todo o sistema capitalista. Após a primeira guerra mundial houve um curto período de prosperidade seguido por uma estagnação econômica; elemento que forneceu um forte substrato para a ascensão fascista. Em tempos atuais; o liberalismo; além dos bem conhecidos efeitos concentradores de riqueza e renda, também tem atuado no rumo da destruição de todas as relações de solidariedade e de comunidade rumo a relações mercadológicas. Tal situação também serve de substrato a ascensão aos movimentos de extrema direita que atraem massas trabalhadoras com o discurso de crítica as elites neoliberais; frequentemente lançando

mão também de discursos xenófobos que unem os locais contra os imigrantes frequentemente (e erroneamente) responsabilizados pelas mazelas sociais.

Para Foster (2019) o fascismo tem como contraponto não o socialismo mas a democracia liberal. Em consoante com tal visão; o autor afirma que atualmente o neofascismo encontra terreno onde a esquerda radical não tem grande relevância nos espaços políticos e onde até mesmo as esquerdas populistas (com pautas antielitista sem componente claro de classe trabalhadora) e social-democratas (e seus muitos partidos que; no poder, aplicaram políticas neoliberais) também chegaram a uma fase de esgotamento em várias partes do mundo.

Se a esquerda jaz incapaz de enfrentar significativos desafios do sistema capitalista, por quê movimentos neofacistas tem angariado apoio de importantes frações da classe capitalista dado não ser necessário uma saída autoritária para combater uma debilitada esquerda? Segundo Foster (2019) a resposta estaria na crise estrutural do sistema capitalista. Estando o sistema estagnado (ao mesmo tempo, com uma imensa esfera financeira a esperar remuneração) há a exigência para o sistema em aumentar o grau de exploração e expropriação de seus povos; isto é, o capital busca minar as bases da própria democracia liberal para autoritariamente facilitar a expropriação de riquezas; uma vez que estas não mais são obtidas “normalmente” e em magnitude interessante pelo processo de crescimento.

Segundo Foster (2019) a classe trabalhadora do pós-guerra, conseguiu em países avançados uma série de ganhos institucionais como forma de desencorajar a tomada de posições radicais comunistas. Atualmente; estes direitos conquistados num pacto social daquele momento estão sendo expropriados pelo capital; isto é, desmontando os sistemas de seguridade social e de saúde, suprimindo direitos trabalhistas e políticos, expropriando os sistemas de moradia, centros comunitários e culturais etc. O capital, na impossibilidade de crescer está espoliando dos trabalhadores e usando de movimentos reacionários tais como o neofascismo para alcançar ou facilitar tais objetivos.

Já para o brasileiro Armando Boito Jr; movimentos e governos atuais tal como o bolsonarismo no Brasil estão enquadrados no que ele chama de neofascismos; embora não esteja propriamente numa ditadura fascista. Boito Jr (2020) nos lembra que o caminho ao fascismo italiano percorreu um período de tempo considerável com Mussolini e seu partido fascista governando dentro de um regime de democracia burguesa em frangalhos. A ditadura fascista italiana foi sendo arquitetada durante as circunstâncias e aprofundamentos da crise e não estava colocada como um fim desde os primeiros dias.

Togliatti, o líder do Partido Comunista Italiano na época do desenvolvimento fascista defendia em suas teses que o fascismo não nasceu totalitário, se tornou totalitário pela situação econômica e movimentos de massa, sendo ele um regime reacionário de massa. Esse movimento fascista poderia inclusive ter sido dissolvido ou sido assimilado como força minoritária dentro dos aparatos da democracia burguesa, o que na época que ele escrevia, poderia acontecer também no chamado neofascismo brasileiro que ainda não era uma ditadura fascista, embora os apelos da base social bolsonarista clamasse e impulsionasse movimentos nesse rumo.

No cenário de crise estrutural e que se arrasta de forma mais pronunciada desde a crise de 2007-8 da qual o capitalismo não conseguiu recuperar alguns dos indicadores do pré-crise; há um crescimento de movimentos e governos com características fascistas no mundo guardam semelhanças com o fascismo original. Como apontado por Hobsbawm (1997); o fascismo atua mobilizando uma massa a partir de baixo para cima utilizando-se de elementos de teatralidade, da oratória e na promessa de um retorno a um passado tradicional (o que explica em parte, o apoio de grandes segmentos da Igreja⁴⁴ ao fascismo sobretudo na Italiano e Espanha). Com uma enorme semelhança com a extrema-direita atual; “os fascistas denunciavam a emancipação liberal — as mulheres deviam ficar em casa e ter muitos filhos — e desconfiavam da corrosiva influência da cultura moderna, sobretudo das artes modernistas, que os nacional-socialistas alemães descreviam como “bolchevismo cultural” e degeneradas” (HOBSBAWM, 1997; p. 97).

Os paralelos entre o fascismo original e o neofascismo que agora parece renascer nos trópicos são destacados por Boito Jr (2020, p. 117):

A crise política que gera o fascismo original é mais grave que a crise política brasileira que gerou o neofascismo. Ambas possuem elementos gerais comuns: estão articuladas com uma crise econômica do capitalismo; apresentam uma crise de hegemonia no interior do bloco no poder – disputa entre o grande e o médio capital, num caso, e disputa entre a grande burguesia interna e grande burguesia associada ao capital internacional, no outro; comportam uma aspiração da burguesia por retirar conquistas da classe operária; são agravadas pela formação abrupta de um movimento político disruptivo de classe média ou pequeno burguês; comportam uma crise de representação partidária da burguesia; são marcadas pela incapacidade dos partidos operários e populares de apresentarem solução própria para a crise política.

⁴⁴ “O que ligava a Igreja não só a reacionários anacrônicos mas aos fascistas era um ódio comum pelo Iluminismo do século XVIII, pela Revolução Francesa e por tudo o que na sua opinião dela derivava: democracia, liberalismo e, claro, mais marcadamente, o ‘comunismo ateu’ [...] Quando o liberalismo caiu, a Igreja, com raras exceções, se rejubilou com sua queda” (HOBSBAWM, 1997; P.95-6).

Em artigo mais recente, Boito Jr.; mesmo reconhecendo as resistências teóricas de diferentes correntes em aceitar a categorização de fascismo fora do tempo e espaço originário, isto é, Itália e Alemanha do entreguerras. Boito Jr. (2021, p. 01) é categórico ao afirmar que “há uma onda de movimentos e governos de extrema direita em diversas regiões do mundo. No nosso entendimento, nem todos eles podem ser caracterizados como fascistas, mas o governo Bolsonaro, sim”. Para chegar a essa conclusão, Boito Jr. se ancora nas definições teóricas de Togliatti e Poulantzas que convergiam no sentido de entender o fascismo como um regime ditatorial e reacionário de massas (que poderia ser aplicável a tempos presentes). Ainda de acordo com o autor, a crise política que gestou o fascismo italiano e a crise política que impulsionou Bolsonaro no Brasil guarda algumas semelhanças.

Robert Paxton, que é um historiador do fascismo, elenca alguns dos princípios fundamentais do fascismo alguns dos quais estão presentes nos movimentos de extrema-direita atuais⁴⁵. São alguns dos elementos citados por Paxton (2007): 1. sensação de crise avassaladora, 2. primazia de grupo, 3. crença que o grupo está sendo subjugado/é vítima, 4. temor de influências estrangeiras e conflitos de classe que levem a dissolução do grupo, 5. necessidade de um líder e crença nos instintos superiores deste guia do grupo, 6. culto à violência voltada aos interesses fascistas.

Lazzarato entende que estamos presenciando em vários países do mundo, um fascismo contemporâneo que é uma mutação do fascismo histórico; um fascismo mais nacional-liberal⁴⁶ do que nacional-socialista. Se o fascismo clássico adotava componentes socialistas (devidamente esterilizados) incluindo o termo “socialista” nos nomes dos partidos; o neofascismo atual “ao contrário, é ultraliberal. Ele é a favor do mercado, da empresa, da iniciativa individual ao mesmo tempo que quer um Estado forte para ‘reprimir’ as minorias, os ‘estrangeiros’, os delinquentes etc.” (LAZZARATO, 2019, p. 38). Para Lazzarato o fascismo contemporâneo aceita a democracia parlamentar e as

⁴⁵ Vale ressaltar, que tais listas de caracterizantes fascistas (tais como os 14 pontos de Umberto Eco) sofre importantes críticas dentro dos estudos da temática. As polêmicas giram principalmente em torno dos critérios de seleção desses supostos pontos principais e a relevância de alguns frente a supressão de outros. Há também quem vê que tais listas acabam sendo em algum grau aplicáveis a ditaduras militares e outros governos não entendidos como fascistas. E há quem denuncie uma falta de um substrato teórico sob a qual deveria assentar esses enumerados de características fascistas. Concordamos em parte com tais críticas embora entenda que tais listas tenham relevância no entendimento da questão; mas não é o intuito deste trabalho aprofundar nessas discussões.

⁴⁶ Mais liberal do que nacional. Diz Lazzarato (2019, p. 39): “Com os novos fascismos a agenda continua sendo a do neoliberalismo, só que maquiado de nacionalismo.”

eleições até porque se dá muito bem nelas e porque perdeu muito do aspecto conquistador para subverter radicalmente essa ordem. O fascismo contemporâneo é mais temerário, defensivo e consciente de um futuro que não estará do seu lado. O autor diz que o fascismo atual é menos imperialista do que seu antecessor histórico: “a Inglaterra é um bom exemplo: depois de pôr a ferro e fogo o planeta inteiro durante séculos, quer se entocar, numa boa, em suas fronteiras, de onde pode barrar as invasões daqueles que foram seus ‘escravos’ e agora ameaçam sua ‘civilização’ (LAZZARATO, 2019, p. 39).

Entendo que podemos tomar o atual processo de declínio da democracia liberal como uma importante ruptura histórica; visto que até hoje se tinha uma ascendente do modelo democrático-burguês que começa a dar sinais de esfacelamento. Os regimes que deram lugar ao fascismo e nazismo no século XX pouco parecem com a democracia representativa já amadurecida (não quer dizer que seja estável) que se verifica(va) contemporaneamente e que agora se vê fraturada. Yascha Mounk e Kuttner são alguns dos autores que advertem para este fato. Segundo eles; até bem pouco tempo atrás, a democracia trafegava em mão única rumo a sua consolidação e processos de desconsolação democrática eram, por assim dizer, casos isolados.

Já para Dardot e Laval (2019) a analogia do fascismo com os tempos atuais é problemática. Para os autores, no fascismo era característico o Estado total ao passo que atualmente o que se tem chamado de fascismo (por inflação semântica, dizem os autores) é a manutenção e aprofundamento do modelo de mercado e da lógica empresarial na sociedade. Mas os autores franceses concordam que o neoliberalismo está passando por uma metamorfose perigosa, está renunciando da aparência liberal e de democracia e se juntando a ultranacionalismos, fechamento de fronteiras e afins.

Dardot e Laval (2019) reconhecem que elementos apontados na literatura como constituintes do fascismo como: amor ao chefe, hipernacionalismo, racismo, desprezo ao ‘inferior’ e estrangeiro, desconsideração pelos direitos e dignidade, violência e outras características aparecem atualmente nos casos do trumpismo e bolsonarismo (casos citados pelos autores) mas escapariam de especificidades históricas do fascismo como a imposição de partido único, mobilização e enquadramento das massas em organizações hierárquicas obrigatórias, corporativismo profissional fascista, proibição de oposições e ideal do soldado totalmente consagrado ao Estado. A nosso ver; para negar uma analogia dos tempos atuais ao fascismo, os autores procuram defender que um renascimento fascista se daria nos mesmos termos do fascismo histórico e com coincidências quase que completas entre elementos constitutivos dos movimentos nas

duas diferentes épocas históricas. É uma posição bastante purista e no limite, problemática.

Certo é que; ao contrário do que concluiu Fukuyama em 1989⁴⁷, o liberalismo não conquistou sua vitória definitiva e não provou sua suposta primazia sobre outros modelos de organização socioeconômicos. Para o autor, a tendência a partir de então era a de expandir e consolidar o modelo liberal vigente no ocidente para outras regiões do mundo dado as supostas qualidades e adaptabilidade do liberalismo/capitalismo democrático. Ao contrário da previsão de Francis Fukuyama, o mundo viu ataques a democracia liberal mesmo nos países mais ricos do ocidente e o gradual deslocamento da área de influência do mundo ocidental rumo ao oriente, isto é, em direção a China que há décadas consegue imprimir taxas de crescimento muito superiores à média ocidental, sendo administrada por um modelo diferente do preconizado por Fukuyama como o que ascenderia em todo o mundo. Hoje os governos e partidos com influências consideradas iliberais, compõem parte significativa do espaço político e geográfico ocidental (e mundial). Os movimentos de traços fascistas (que Fukuyama considerava que estaria enterrado definitivamente) voltam a aparecer com força suficiente para amealhar cadeiras em parlamentos ou mesmo os governos de países europeus e americanos.

1.2.3 O liberalismo do fim do século: o (neo)liberalismo tecnocrático

Na década de 1970; o capitalismo regulado que teve a legitimidade contestada (muito fortemente em maio de 1968 na França que depois se espalhou ao mundo); aproveita parte das pautas contestatórias que devidamente esterilizadas e transfiguradas para os interesses do capital tornam-se elementos de uma nova fase do capitalismo. Era o tempo de uma guinada do capital ao neoliberalismo, uma tentativa capitalista de resolver os problemas estruturais que desembocaram na crise dos anos 1970. (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009; STREECK, 2017). Como afirma Streeck:

Havia chegado a hora de se despedir dos mercados de trabalho esvaziados, da produtividade estagnada, dos lucros em baixa e das reivindicações cada vez maiores dos sindicatos do capitalismo já maduro e administrado pelo Estado. O caminho rumo ao futuro, à nova expansão a que todo capital aspira de coração, apontava para fora, para o mundo ainda alegremente ingovernado de uma economia global sem limites – na qual os Estados, em vez de conter mercados, estão contidos neles (STREECK, 2017, p. 1-2).

⁴⁷ FUKUYAMA, Francis. The End of History and the Last Man. **National Interest**, V. 16, p. 3-18, 1989, p. 3-18.

Duménil e Lévy enxergam a ascensão do neoliberalismo como uma ação deliberada das minorias privilegiadas que notaram que vinha perdendo relativamente perdendo poder e lucratividade com a vigência do *Welfare State*. O neoliberalismo teria sido uma medida para reafirmar o poder da burguesia e reestabelecer maiores taxas de lucro que estavam em decadência nos anos 1970. A iniciativa da mudança de curso do capitalismo foi tomada, segundo os autores; pela fração financeira da burguesia que a partir daí se tornou a fração do capital mais interessada e dominante no neoliberalismo. Mas os autores deixam claro que; não podem desconsiderar que as políticas neoliberais tem a reafirmação do poder dos possuidores do capital, como o aspecto principal (DUMÉNIL; LÉVY, 2007).

Duménil e Lévy são autores enxergam o neoliberalismo como um instrumento de classe. Mais do que isso; o neoliberalismo tendo sido um instrumento implantado para manejar uma crise do capital e sendo tal instrumento comandado pelas finanças; significa que ele sobressai bem (aos olhos da classe que o maneja) em crises dado sua forte ligação com as finanças. E a administração de crises pelas finanças significa ser indiferente ao desemprego, a desigualdade, a proteção social, a reposição salarial etc. O neoliberalismo é um instrumento sempre em busca de lucros financeiros em detrimento a tudo mais:

As finanças utilizam igualmente a crise nos planos ideológico e político para colocar em órbita um tipo de sociedade a sua imagem e conforme seus interesses. Apresentam-se com salvadoras, como a única força que pode tirar o capitalismo do atoleiro. Manipulam a opinião com um cinismo particularmente notável pois na gestão da crise elas primeiramente asseguram a preservação de seus próprios interesses, sem importar-lhes a prolongação da crise e do desemprego, e faz isso com a facilidade porque seus adversários estão desalentados e mudos (DUMÉNIL; LÉVY, 2007, p. 18).

O neoliberalismo chegou com a cartilha que pregava que *There Is No Alternative* (TINA); e sob os auspício dessa suposta falta de alternativa, diferentes governos de diferentes partidos e espectros ideológicos implementaram as diretrizes da cartilha neoliberal. A TINA se tornou uma deusa onde quem quisesse servir deveria reconhecer a derrubada de todos os grilhões do capital o deixando livre de todas restrições e regulamentações. Controle de circulação do capital e benefícios do Estado deveriam ser extirpados. Um Estado competitivo, resguardados de governos intervencionistas e com práticas de livre-comércio substituiria o antigo Estado de bem estar e suas políticas nacionalistas. O avanço do credo neoliberal foi de tal magnitude que; “antes que a década de 80 chegasse ao fim, o neoliberalismo já havia se transformado no pensamento único

da vida política, da centro-direita à centro-esquerda” (STREECK, 2017, p. 8). Na prática, pela ótica do capital, o neoliberalismo conseguiu estancar a queda da taxa de lucro que chegava aos mínimos no início dos anos 70 (na ótica marxista, configurando como uma contra-tendência à lei de queda tendencial da taxa de lucro) conseguindo retardar por algumas décadas (com muitos custos sociais) a crise do capitalismo substituindo um modo de acumulação fordista por um modo de acumulação flexível.

O neoliberalismo trouxe uma regressão social, institucional e política. Partidos perderam simpatizantes dado que os conflitos distributivos eram vistos como problemas a serem resolvidos por tecnocratas. Sindicatos encolheram e foram atacados pelos governos. A participação popular foi cada vez menor nas eleições sobretudo entre os mais pobres. Mecanismos de participação popular implantados no capitalismo do pós-guerra foram desmontados (STREECK, 2017). Wendy Brown vem a corroborar. Diz a autora:

O neoliberalismo, deste modo, visa limitar e conter o político, apartando-o da soberania, eliminando sua forma democrática e definindo suas energias democráticas. De suas aspirações e afirmação "pós-ideológicas" da tecnocracia até sua economicização e privatização das atividades governamentais, de sua oposição desenfreada ao "estatismo" igualitário até sua tentativa de deslegitimar e conter as reivindicações democráticas, de seu objetivo de restringir direitos até seu objetivo de limitar agudamente certos tipos de estatismo, o neoliberalismo busca tanto restringir quanto desdemocratizar o político.

O neoliberalismo é, portanto, desde sua gênese uma força que ataca e pressiona a democracia visto que apelos democráticos são sempre entendidos pelos neoliberais como populistas e entraves ao desejável livre funcionamento dos mercados. O próprio agente político é desautorizado em desfavor dos supostos especialistas e tecnocratas,⁴⁸ sobretudo em áreas estratégicas ao capitalismo tais como os tesouros nacionais, os ministérios das áreas econômicas, secretarias tributárias e fiscais, autarquias de regulação financeira e os bancos centrais. Estes últimos, sempre defendidos pelos

⁴⁸ “Enquanto as agências independentes ocasionalmente geram grandes manchetes, elas geralmente exercem seu poder real em áreas políticas mais obscuras. Eles agora são responsáveis pela grande maioria dos novos regulamentos federais. Um artigo de 2008 na *California Law Review* observou que, durante o ano anterior, o Congresso promulgou 138 leis públicas. No mesmo ano, as agências federais haviam finalizado 2.926 regras. Tais regras variam de estipulações técnicas que afetam apenas algumas empresas especializadas a reformas substanciais que têm um impacto direto na vida de milhões [...] O surgimento de agências independentes como a EPA é apenas um pequeno pedaço de uma tendência maior na qual o governo se tornou menos responsável perante o povo. Na segunda metade do século XX, o Federal Reserve conquistou uma independência muito maior dos políticos eleitos e começou a implantar ferramentas monetárias muito mais poderosas” (MOUNK, 2018, *s.p.*, tradução nossa).

neoliberais para serem independentes, isto é, independente de mandatos democráticos concedidos pelos cidadãos votantes. A resumir; diz Brown (2019, p.75):

Assim, todos eles [autores neoliberais] procuravam conter radicalmente os poderes políticos por meio da submissão da política às coordenadas e métricas econômicas, por um lado, de sua sujeição às exigências do mercado, por outro. A economicização do tecido social e a subordinação de seus poderes à economia juntas apaziguariam seus perigos. Acima de tudo, os neoliberais se uniram na oposição à democracia robusta - movimentos sociais, participação política direta ou demandas democráticas ao Estado - que identificaram com o totalitarismo, o fascismo ou o governo da plebe. Para esse fim, Hayek contestava a soberania popular como incoerente e a própria noção de soberania política como imprópria para as sociedades livres.

O neoliberalismo preza por uma burocracia não eleita e com poderes bastante amplos para decidir os rumos (frequentemente cortes de direitos adquiridos) da sociedade; e “a legislatura, outrora o corpo político mais importante de todos, perdeu boa parte de seu poder para tribunais, burocracias, bancos centrais e tratados e organizações internacionais” (MOUNK, 2019, p. 77-8). A consequência desse tecnocratismo é o afastamento dos representantes legislativos de suas bases e ideologias o que faz com que o cidadão se sinta alienado e alheio as decisões tomadas; “quando olha para os políticos, não se reconhece — e, quando olha para as decisões que tomam, não vê reflexo de suas prioridades” (MOUNK, 2019, p.78).

Aliás, é bem verdade que crescentemente as decisões são por estes “tecnocratas sem rostos” e por instituições supranacionais que na prática governam por procuração:

Organizações globais quase governamentais, como o Fundo Monetário Internacional e Organização Mundial do Comércio, são muito menos transparentes e menos responsáveis do que suas contrapartes públicas domésticas e também mais fáceis para as elites corporativas capturarem e dominarem. A globalização tende para aumentar a influência das elites que favorecem mais *laissez-faire* e mais globalização, então; é um processo que se auto-alimenta (KUTTNER, 2018, p.10, tradução nossa).

Com anos de neoliberalismo e de primazia da tecnocracia no lugar da partilha das decisões/democracia deliberativa além de um bombardeio teórico-midiático constante de posições de defesa da contenção das influências do povo nas decisões; se forma populações neoliberalizadas desorientadas em relação a democracia, e no limite adversa a ela. Como diz Kuttner:

A globalização é profundamente antidemocrática. Por um lado; os acordos comerciais globais estreitam o espaço para a política nacional e enfraquecem a capacidade do governo de dominar o capitalismo. No outro flanco, a revolta popular contra os resultados da globalização está fazendo surgir líderes

antidemocráticos, partidos e sentimentos ultranacionalistas (KUTTNER, 2019, p.8-9, tradução nossa).

Hoje tem se que “a política se tornou mera questão de gestão da ordem estabelecida, um domínio reservado aos especialistas e a soberania popular foi declarada obsoleta. Um dos pilares simbólicos fundamentais do ideal democrático – o poder do povo – foi minado” (MOUFFE, 2018, p. 24).

Uma democracia ampla era vista pelos primeiros neoliberais como sinônimo de muitos apelos populares e, portanto, mais estado de bem-estar social⁴⁹ (que eles queriam dismantelar). A democracia deveria ter limites para não prejudicar o neoliberalismo que era entendido como um estado suficientemente forte para abrir caminho ao *laissez faire* com governo preferencialmente gerido por um corpo de tecnocratas principalmente em postos-chaves a reprodução do capital:

Parag Khanna, defensor inveterado da globalização, defendeu uma tecnocracia na qual muitas decisões são tomadas por "comitês de especialistas em prestação de contas". Escrevendo perto do final da temporada principal de 2016, quando a ascensão de Trump à nomeação republicana já parecia imparável, Andrew Sullivan ofereceu a destilação mais vigorosa dessa linha de lamentos antidemocráticos: "As democracias terminam quando são democráticas demais", a manchete de seu ensaio anunciado. "E agora, a América é um terreno fértil para a tirania" (MOUNK, 2018, s. p, tradução nossa).

As promessas de bem-estar geral feitas pela globalização neoliberal⁵⁰ buscando legitimação não foram cumpridas; tampouco a pujante economia dos serviços e do conhecimento que absorveriam empregos industriais. Como ressalta Belluzzo e Galípulo (2019, p. 193):

Em sua configuração atual, o capitalismo escancara a incapacidade de entregar o que promete aos cidadãos. A exclusão manifesta-se no desemprego dos jovens, no desemprego estrutural promovido pela transformação tecnológica e pela migração da manufatura para regiões de baixos salários.

Nessa imbricação entre o neoliberalismo e a globalização; há um papel importante do primeiro minando as democracias atuando no terreno dos discursos

⁴⁹ “[...] ‘excessos da democracia’. Todos os neoliberais usaram essa expressão para condenar os movimentos sociais dos anos 1960 e o alargado ‘escopo da ação estatal guiado por decisão democrática’. Hayek declara repetidamente que a democracia é um método para se tomar decisões, não um bem em si ou princípio de aplicação geral” (BROWN, 2019, p. 89).

⁵⁰ “O neoliberalismo chegou com a globalização; ou melhor, a globalização chegou com o neoliberalismo; assim começou a Grande Regressão” (STREECK, 2017, p. 07).

políticos com um grande número de pós-verdades (dado não ter boas coisas a mostrar aos eleitores) ao passo que a globalização e seus aparatos são responsáveis pela perda das soberanias populares e nacionais.

Para Streeck (2017) uma das características do “espírito do tempo” de hoje é um profundo descontentamento das massas com a globalização neoliberal dado ter criado uma grande quantidade de “perdedores” neste processo. O descontentamento torna-se mais latente a partir de 2008 e um dos motivos para a seu tardio aparecimento é; segundo Streeck, porque os representantes destes “perdedores” participaram antes dos anos 90 como entusiastas dessa globalização, mas depois de alguns anos de espera pelos prometidos frutos da prosperidade, passaram ao outro lado pois nessa altura “quem experimentava a ‘globalização’ como problema, e não como solução, ficou sem ter quem o representasse [dentro do *establishment*]” (STREECK; 2017, p. 12). E os dados corroboram Streeck; nos EUA, o rendimento médio de um trabalhador caiu 40% desde 1970. De cada dez trabalhadores, 9 viram seus rendimentos caírem desde 1980. Na parcela da população em que rapidamente foi identificada como a que deu vitória a Trump (homens brancos de meia idade sobretudo do *Rust Belt*) tem taxas de alcoolismo e suicídio mais altas. Entre os homens brancos com ensino médio, a expectativa de vida caiu 3 anos em 2008 comparados a 1990 (HOCHSCHILD, 2016).

Milanovic sustenta que a globalização elevou as rendas das classes médias dos países pobres que receberam empregos deslocados dos centros capitalistas mas reduziu a massa salarial nos países mais ricos. Vale ressaltar que “quando uma fábrica local e suas indústrias fornecedoras fecham, não são apenas os bons empregos industriais imediatos que desaparecem, mas também centros comerciais, bares e clubes sociais, igrejas, escolas e todo um estilo de vida” (KUTTNER, 2018, p. 20).

Os defensores da globalização costumam alegar que a perda de renda de empregos no centro capitalista é compensada com maior consumo (de produção importada com preços reduzidos) e redução dos custos de vida para as classes trabalhadoras ou novos empregos nos setores de ponta. Essa linha de defesa tem suas fraquezas. Dorn, Autor e Hanson (2016) calcularam que para cada 100 dólares importados, os trabalhadores norte-americanos perdem 55 dólares de renda e recebem apenas 6 dólares de compensação do governo. Segundo os mesmos economistas, cerca de 2 milhões de empregos industriais foram perdidos nos EUA entre 1999 e 2011 frutos do comércio com a China. Autores como Kuttner e Deneen chegam a resultados e dados semelhantes que corroboram a deterioração da baixa classe média e operária americana.

A globalização liberal não trouxe ganhos a estes grupos. (KUTTNER, 2018; DENEEN, 2018; DORN, AUTOR, HANSON, 2018). Eleitoralmente, a classe operária branca norte americana que representava 83% do eleitorado em 1960 reduziu para 34% em 2016, ainda assim com peso substancial em eleições sobretudo por estar localizada geograficamente em estados chaves ao colégio eleitoral (KUTTNER, 2018).

Há um certo consenso de que a globalização falhou em prover melhores condições a um grande contingente de pessoas que em diferentes países estavam silenciosamente revoltados. Além do fato da queda absoluta nos rendimentos, os britânicos Goodwin & Eatwell destaca a percepção de queda relativa nos padrões de vida e *status* que refletem em perspectivas de futuro:

A Economia neoliberal globalizada alimentou fortes sentimentos do que psicólogos chamam de *privação* relativa, resultado do aumento das desigualdades de renda e riqueza no Ocidente e a perda de fé em um futuro melhor. Embora muitas pessoas que apoiam o *national populism* tenham empregos e vivem com rendimentos médios ou até acima da média (mesmo que muitos desses empregos sejam precários), a transformação da economia do Ocidente alimentou um forte senso de *privação 'relativa'* - uma crença entre certos grupos que eles estão perdendo em *relação aos outros*. Isso significa que eles têm muito medo do futuro e do que está à frente para si e seus filhos (GOODWIN & EATWELL, 2018, tradução nossa; *itálicos dos autores*).

Harari, partindo de um enfoque ideológico distinto chega a conclusões bastante parecidas com as de Streeck e Goodwin & Eatwell logo acima apresentadas. Para Harari (2018) a igualdade se tornou uma busca de quase todas sociedades a partir da modernidade tardia em parte devido a Revolução Industrial que teria dado importância as massas e também devido ao surgimento de ideologias como o comunismo e o neoliberalismo; assim:

Consequentemente, a história do século XX girou em grande medida em torno da redução da desigualdade entre classes, raças e gêneros [...] Nos primeiros anos do século XXI esperava-se que o processo igualitário continuasse e até mesmo se acelerasse. Esperava-se que a globalização disseminasse a prosperidade econômica pelo mundo, e que como resultado pessoas na Índia e no Egito usufruíssem das mesmas oportunidades e privilégios de pessoas na Finlândia e no Canadá. Uma geração inteira cresceu sob essa promessa. Agora parece que a promessa talvez não seja cumprida. Certamente a globalização beneficiou grandes segmentos da humanidade, mas há sinais de uma crescente desigualdade, entre e dentro das sociedades. Alguns grupos monopolizam cada vez mais os frutos da globalização, enquanto bilhões são deixados para trás. Hoje, o 1% mais rico é dono de metade da riqueza do mundo (HARARI, 2018, p. 90-1).

Um outro famoso filósofo liberal progressista americano; Michael Sandel também faz coro a posição de que a globalização carrega uma parcela da responsabilidade

no crescimento da extrema-direita, pois tal globalização não conseguiu cumprir as aspirações de parte das camadas sociais que esperavam ascender em *status* social via mérito, como prometido pelo neoliberalismo no momento de desconstruir o estado paternalista. Não só essa promessa de ascensão meritocrática não se concretizou, como houve empobrecimentos, perdas de empregos e de participação decisória:

Assim como o triunfo do Brexit no Reino Unido, a eleição de Donald Trump em 2016 foi um veredito irritado sobre a desigualdade crescente e uma versão da globalização que beneficia quem está no topo, mas faz com que cidadãos comuns sintam ter perdido poder. Foi também uma reprimenda direcionada à abordagem tecnocrata da política, que é insensível aos ressentimentos de pessoas que sentem ter sido deixadas para trás pela economia e pela cultura. A dura realidade é que Trump foi eleito drenando um manancial de ansiedade, frustração e queixas legítimas para as quais os partidos dominantes não tinham resposta convincente (SANDEL, 2020, p. 31).

Sandel observa ainda que os discursos de ascensão meritocrática propagados pelos políticos não encontram aderência numa sociedade com uma vasta camada de perdedores com a globalização que não estão dispostos a darem mais votos de confiança nos discursos meritocráticos propagados pelos vencedores da globalização:

Quando o 1% mais rico recebe mais do que toda a metade inferior da população, 30 quando a receita média fica estagnada por quarenta anos, 31 a ideia de que esforço e trabalho árduo o levará longe começa a parecer vazia. Esse vazio produz dois tipos de descontentamento. Um é a frustração que surge quando o sistema fica aquém de suas promessas meritocráticas, quando aqueles que trabalham duro e seguem as regras não conseguem avançar. O outro é o desespero, quando acreditam que a promessa meritocrática já foi cumprida e eles ficaram de fora. Esse é um descontentamento mais desmoralizante, porque sugere que, no caso das pessoas deixadas para trás, o fracasso é culpa delas (SANDEL, 2020, p.135).

O capitalismo neoliberal, desde sua gênese carrega o *ethos* de desconstrução de modelos anteriores que pautassem em algum grau de justiça social. É um instrumento de guerra (terminologia de Lazzarato) posta em movimento para retirar os entraves à chegada de um capitalismo selvagem e expropriatório. O neoliberalismo é uma busca de recuperação de taxas de lucratividades avançando sobre direitos sociais e no rebaixamento do nível de vida de trabalhadores. A inovação técnica ainda continua sendo uma ferramenta aproveitada pelo capitalismo (desde sempre) para a extração de mais-valias extraordinárias e assim garantir a alguns setores, países e empresas condições de liderança frente aos concorrentes; porém essa inovação técnica e tecnológica arrasta consigo a intensificação, controle e precarização da vida de grandes massas de trabalhadores na ‘aldeia global’.

Um alto nível tecnológico possibilitou o surgimento de sofisticados e inovadores sistemas de logística tais como o *delivery* de comidas por aplicativo, o transporte particular demandado a qualquer tempo por um aplicativo de celular e entregas de encomendas feitas pela internet em até um dia. Mas associados a essas tecnologias, temos, talvez como nunca na história do capitalismo, a regressão do padrão de vida a elas associados; tais como: a exaustiva e desprotegida jornada dos entregadores de comidas, a alta carga horária requerida para que “motoristas de aplicativos” necessitam para cobrir seus gastos com o meio de trabalho (que é de responsabilidade do trabalhador). A rapidez na entrega de produtos de consumo pedidos pelo site da Amazon por exemplo; é executado por trabalhadores que urinam em garrafas pois seus intervalos para ir ao banheiro são controlados e afetam nas exaustivas metas que precisam cumprir⁵¹.

Em síntese, o neoliberalismo atual é distinto do liberalismo clássico. Carrega consigo a defesa do uso do Estado (forte) para impor práticas concorrenciais, gerenciais e mercadológicas a toda a sociedade. Como mostramos; o discurso meritocrático e a prática tecnocrática nos governos são eixos centrais do neoliberalismo. E esse tecnocratismo, bem como os resultados do neoliberalismo tem importantes influências nos sistemas políticos ocidentais, como veremos a seguir.

⁵¹ Ver: Vitório (2021); Bloodworth (2018).

2 RACHADURAS NOS SISTEMAS POLÍTICOS

São esses os sinais dos tempos e que não se deixam encobrir por mantos purpúreos nem por sotainas negras. Não significam que milagres hão de ocorrer amanhã. Indicam que nas próprias classes dominantes já se insinua o pressentimento de que a atual sociedade não é um cristal sólido, mas um organismo capaz de mudar e que está em constante processo de mudança. (Karl Marx, O Capital)

2.1 EXTREMA DIREITA, CRISES POLÍTICAS E O NEOLIBERALISMO CONTESTADO

2.1.1 A crise da globalização neoliberal

As cadeias globais de valor forjadas nos anos 1980 expandiram forte e constantemente até a Crise de 2007-08. O comércio global cresceu mais rápido que produção mundial. Grandes países da Ásia foram incluídos como destino de fábricas e capitais do ocidente. Países como Taiwan, Índia, Vietnã, Tailândia, Coreia do Sul e principalmente a China se tornaram importantes elos da cadeia global de produção e suprimentos numa imensa e complexa teia coordenada graças aos avanços da comunicação e dos transportes.

Hoje, mais de uma década depois da Crise de 2008, uma pandemia, eleições de candidatos nacionalistas mundo afora, a invasão russa sobre o território ucraniano que desencadeou sanções fortíssimas para a economia e finanças russas etc., é bastante visível os rasgos sofridos pela globalização. O comércio global decresceu durante toda a década de 2010 assim como o número de acordos de livre comércio. O custo da força de trabalho na China aumentou significativamente e cresceu a classe média nesse populoso país, num crescimento em que aumenta a participação do mercado interno chinês no crescimento do país. Somando esse aumento do custo da força de trabalho no oriente, com os desenvolvimentos da automação e as instabilidades geopolíticas, fez com que os atrativos de fabricação na Ásia fossem repensados e reorientados de volta para a Europa e EUA; o que claro, joga areia nas engrenagens da globalização. Atualmente as grandes cadeias de valor estão encolhendo buscando proteger-se dos riscos que uma produção por demais globalizada pode sofrer.

A efemeridade das redes sociais também criou as exigências de compras rápidas e de produtos “virais” em um determinado momento. Longas cadeias de produção se tornaram desafios ao *just in time*. A concentração de alguns nós de suprimentos e

mercadorias em locais distantes do destino final tem aumentado o risco de criação de gargalos. Um navio encalhado em um canal, enchentes ou revoltas sociais em países produtores de componentes eletrônicos, terremotos e tsunamis, conflitos etc., são fatores que tem tornado a produção global por demais sujeita a fatores difíceis de controlar num mercado cada vez mais exigente de rapidez.

A globalização tem refreado também pois os países estão repensando suas políticas de segurança e soberania alimentar, energética, militar e sanitária. Para os EUA por exemplo, é cada dia mais desconfortável que se dependa da China para abastecer seu mercado interno de eletrônicos, materiais médico-hospitalares, adubos, peças de automóveis e outras mercadorias importantes. Também temendo que a China faça o que as *big techs* americanas fazem pelo mundo, os EUA proibiram alguns aplicativos e marcas de tecnologia chinesas de operar dentro do país ou de ter ações nas bolsas americanas. Com o temor de ficar à mercê dos desígnios chineses, a Grã-Bretanha já criou o Project Defende que busca internalizar a produção de produtos sensíveis ou buscar um esforço para que a cadeia de suprimentos de itens essenciais a sua soberania fique localizada em países amigos. Já a China tem buscado reduzir a dependência externa de alimentos e investido bastante para a ampliação da produção interna⁵² ou financiando áreas produtivas na África onde cada dia mais amplia sua influência.

Vale mencionar, sob a luz do conflito entre Rússia e Ucrânia que as medidas econômicas e financeiras são utilizadas como táticas estratégicas como a deixar claro que as finanças respondem aos interesses geoestratégicos das grandes potências econômicas (EUA especificamente). No prazo de alguns dias; mais de 300 empresas ocidentais deixaram a Rússia e seu sistema bancário e financeiro foi praticamente isolado do resto do mundo pela negativa de acesso de bancos russos à rede SWIFIT e congelamento de ativos no exterior. Esses movimentos fortalecem a tese de Lazzarato de que o neoliberalismo é um aparato da Máquina de Guerra do Capital (e dos Estados), capazes de nos momentos críticos decidir quem pode acessar ou não a economia, o comércio e as finanças mundiais.

⁵² Fala do primeiro ministro chinês Xi Jinping a um Conselho Nacional: “A vigilância na segurança alimentar não deve diminuir, não devemos pensar que os alimentos deixam de ser um problema após a industrialização e não podemos contar com suprimentos internacionais para resolver o problema. As tigelas de arroz do povo chinês sejam preenchidas com grãos chineses [...] Devemos planejar com antecedência, aderindo aos princípios de produção doméstica e autossuficiência, garantindo um nível adequado de importações e desenvolvimento apoiado em tecnologia” (LAU, 2022, tradução nossa).

Mészáros constata que “o que estamos vivenciando hoje não é apenas uma crescente polarização-inerente a crise estrutural do capitalismo atual mas, igualmente, o que multiplica os riscos de explosão, o colapso de uma série de válvulas de segurança que cumpriam um papel vital na perpetuação da *sociedade de mercado*” (MÉSZÁROS, 2011, p. 47, grifos do autor). Depois de cerca de uma década de crescimento em que os apologistas do capital asseguravam a sustentabilidade e estabilidade do sistema (previsões que foram derrubadas com a crise em 2007-8); o autor marxista já trabalhava com uma visão de crise estrutural do capital que se esbarra em contradições no seu desenvolvimento.

Para Mészáros (2011), a crise estrutural do sistema não advém da explosão da bolha imobiliária em 2007. Uma crise estrutural, diferentemente de uma crise conjuntural não se resolveria com os mecanismos disponíveis dentro da estrutura vigente. As características da crise estrutural enxergada por ele eram o fato de ser universal (diversos setores econômicos); global (atingido diversos países do mundo); em escala de tempo extensa e contínua (portanto, não cíclica) e gradual (embora não descartassem as explosões sociais repentinas). Uma crise estrutural; segundo o autor, mesmo uma que se desenrole gradualmente é muito mais séria do que crises conjunturais repentinas e dramáticas, mas na qual é possível resolver ou atenuar seus paradoxos até onde são viáveis (quase sempre impondo mais pressões na crise estrutural).

Uma crise estrutural do regime neoliberal também é identificada por David Kotz que afirma:

Os eventos de 2018 não se limitaram a uma severa crise financeira e uma forte recessão. Marcaram o início de uma crise na forma neoliberal do capitalismo que havia se configurado após 1979, isto é, uma crise que surge das características estruturais de um regime capitalista de acumulação, que não se pode resolver sem a constituição de um novo regime institucional (KOTZ, 2018, p. 32, tradução nossa).

Apesar da fraca (e instável) recuperação econômica registrada após a crise de 2008, Kotz afirma que o neoliberalismo que vigora na economia americana segue imerso em uma crise estrutural e embora este regime de acumulação possa continuar por algum tempo; essa situação gera descontentamentos políticos e sociais que pode acarretar a substituição desde regime tal como ocorreu nas décadas de 1930 e 1940 com a substituição da forma do capitalismo de livre mercado por fascismos ou o modelo mais longo de capitalismo social-democrata e de socialismos de Estado. Segundo Kotz (2018, p. 58, tradução nossa):

Nos últimos anos parecia perceber certos ares de mudança. Trump ganhou a nomeação presidencial republicana em 2016 mobilizando o atrativo de um nacionalismo autoritário de direitas, decidido a aumentar os impostos e o gasto em infraestruturas, ainda que até agora o governo segue aplicando as políticas neoliberais preferida pelas grandes empresas no âmbito da política nacional.

Para o economista presidente do Conselho de Assesores Econômicos do presidente Bill Clinton e ganhador do Nobel de Economia de 2001, Stiglitz (2019, *s.p*) “o mundo enfrenta três crises existenciais: uma crise climática, uma crise de desigualdade e a crise da democracia. Seremos capazes de avançar sem ultrapassar os limites do planeta?”. Para o autor métricas como as aferições de PIB são problemáticas pois não captam a destruição do meio ambiente (que dificulta a sustentabilidade do capitalismo) e não mostra quem está apropriando do crescimento da riqueza⁵³. Stiglitz (2019, *s. p*) vem como a sintetizar o cerne que norteia este nosso escrito:

E deve estar claro que, apesar do aumento no PIB, apesar da crise de 2008 ter ficado para trás, as coisas não vão bem. Enxergamos isso no crescente descontentamento político em tantos países desenvolvidos; no crescente apoio a demagogos, cujo sucesso depende da exploração do descontentamento econômico; e no meio ambiente que nos cerca, onde alastram-se incêndios e ocorrem inundações e secas em intervalos cada vez menores.

Kuttner, um outro autor que tal como Stiglitz se diz tributário de Keynes, além de identificar alguns aspectos das crises vai mais além ao relacionar diretamente a globalização neoliberal como um fator que enfraquece as democracias:

Meio século depois [dos pactos sociais do *Welfare State*], os trabalhadores estão sitiados e inseguros. Um exército global de reserva de desempregados derruba os salários e marginaliza o poder político do trabalho. Um Lumpemproletariado de sem-teto, vagabundos e migrantes apátridas rasgam o tecido social. Mesmo as elites das profissões estão se proletarizando. O mercado globalizado enfraquece o alcance da política democrática, minando as proteções sociais na economia (KUTTNER, 2018, p.14, tradução nossa).

Wolfgang Streeck, hoje um dos principais autores tributários da tese da existência de um processo de decadência do capitalismo, assim abre um artigo: “existe atualmente a sensação generalizada de que o capitalismo passa por uma situação mais crítica do que nunca desde o final da Segunda Guerra Mundial” (STREECK, 2014, p. 38; tradução nossa). O autor vê os sintomas dessa crise em aspectos como a queda persistente do crescimento econômico em países ricos (cada vez mais desindustrializados); queda

⁵³ “As medições do PIB também não nos amparam com a orientação necessária para atender a crise de desigualdade. De que vale o PIB estar crescendo, se a maior parte dos cidadãos está pior? Nos primeiros três anos da suposta recuperação da crise financeira, cerca de 91% dos ganhos foi para o 1% mais rico” (STIGLITZ, 2010, *s.p*).

essa agravada após a crise de 2008. Associada a este baixo crescimento está o aumento da dívida (pública e privada) nos principais países capitalistas e o aumento da desigualdade econômica. Uma legitimação do capitalismo pelos despossuídos necessitaria segundo o autor, de crescimento constante, um mínimo de equidade e de uma moeda sólida. Há muito estes requisitos deixaram de existir (STREECK, 2014).

Streeck (2013) tem como pano de fundo dos seus desenvolvimentos teóricos; a perspectiva de que o capitalismo está desde sempre numa permanente busca de legitimação e cooptação da classe trabalhadora. Durante os Trinta Anos Gloriosos o capital aceitou financiar sistemas de proteção social às custas do lucro para conseguir se legitimar com os trabalhadores que poderiam se verem tentados pelo modelo soviético. Rompendo com todas as expectativas, incluindo de autores experientes; este capitalismo conseguiu reagir vitoriosamente numa revolta contra o que o autor chama de Economia Mista do Pós-Guerra e direcionar rumo a um capitalismo de mercado; o neoliberalismo.

Streeck, considera que muito eficientemente o capitalismo comprou tempo (legitimidade) com dinheiro; em outras palavras ganhou a adesão das massas com endividamento estatal e crédito às famílias. Essa era a fórmula do pós-guerra enquanto, silenciosamente o capitalismo ganhava tempo e forças para se realinhar em volta de uma economia sob ditames de mercados livres de amarras e controles. A fórmula de *Welfare State* começa a ter a legitimidade contestada; tanto pelos próprios capitalistas que já não interessava em ver parcelas substantivas de seus lucros financiando este modelo, mas também por autores de esquerda. Muitos autores escrevendo no final dos anos 1960 e 1970; estava discorrendo que as condições de produção e econômicas estavam asseguradas e bem geridas pelo estado keynesiano⁵⁴ e que mudanças deveriam passar apenas pelo aspecto político (os trabalhadores) e de maiores direitos a serem conquistados financiados por esse capitalismo misto: “a abordagem destas teorias [neomarxistas de Frankfurt] excluía a possibilidade de ser o capital e não o trabalho a retirar legitimidade ao capitalismo democrático” (STREECK, 2013, p. 37). Ledo engano; o capital estava prestes a contestar este arranjo e reassumir as rédeas e inclusive aproveitou das próprias contestações políticas (por exemplo; Maio de 1968) para se remodelar numa roupagem liberal, privatista, flexível e desregulamentada acompanhado de uma imunização

⁵⁴ Hoje pode parecer tremendamente absurdo, mas nos anos 60 consideravam se que “[...] a possibilidade de convergência entre capitalismo e comunismo era um tema legítimo no debate político-econômico: o mercado capitalista precisava de mais planeamento, o planeamento comunista precisava de mais mercado – assim, o capitalismo e o comunismo podiam encontrar-se a meio caminho” (STREECK, 2013, p.31).

democrática; pois havia “democracia demais” e era preciso reduzir a força dos clamores populares que vigorou nos *roaring seventies*. Nas palavras de Streeck (2013, p. 23):

Retrospectivamente, a história da crise do capitalismo tardio desde os anos 70 afigura-se como um desenvolvimento da tensão, muito antiga e fundamental, entre o capitalismo e a democracia – como dissolução progressiva de um casamento forçado, arranjado entre ambos depois da Segunda Guerra Mundial. Ao transformarem-se em problemas de acumulação, os problemas de legitimação do capitalismo democrático perante o capital exigiram como condição para a sua solução que a economia capitalista se libertasse cada vez mais da intervenção democrática. Assim, o lugar de garantia de uma base popular para o capitalismo moderno transferiu-se da política para o mercado.

A resumir; o crescimento econômico resultante do pacto entre capital e trabalho do pós-guerra que possibilitou empregos estáveis, melhorias nas condições de trabalho, proteção social e elevação de salários é posto abaixo com o neoliberalismo. Este neoliberalismo para se legitimar e conquistar apoio de parte expressiva da sociedade, o faz em três fases segundo Streeck; a primeira com o inflacionamento, onde o Estado utiliza-se da impressão monetária para passar a sensação de maiores ganhos aos trabalhadores sem crescimento real que acompanhasse. Esta fase vigorou nos anos 1970 e fez crescer a inflação em diversos países (a conhecida estagflação) e obviamente não poderia oferecer uma paz duradoura. No final dos anos 1970 os estados sobem a taxa de juros para combater a inflação e lança mão de outra arriscada manobra; o desmantelamento dos sindicatos e a normalização de altas taxas de desemprego. Se não poderiam usar mais o inflacionamento para abrandar as expectativas que se tinha sobre este capitalismo tardio e acalmar as classes populares e média (e também os rentistas) é que os estados iniciam os anos 1980 com o aumento do endividamento público⁵⁵; que “tal como a inflação, permite a um governo utilizar, para a pacificação de conflitos sociais, recursos financeiros que na realidade ainda não existem” (STREECK; 2013, p. 53).

O endividamento público (segunda fase) era o Estado recorrendo a crédito das instituições privadas para continuar financiando sistemas de proteção social que ainda continuavam muito fortes e em muitos casos, com direitos conquistados relativamente intocados. Este artifício do endividamento público vigorou por cerca de uma década, e nos anos 1990 tais estados atingiram um grau de endividamento em que já se perdia a credibilidade dos credores para continuar tais financiamentos. Primeiramente nos EUA com Clinton (um democrata), depois no resto do mundo desenvolvido com

⁵⁵ A outra alternativa; a elevação dos impostos, era politicamente muito impopular.

recomendações do FMI e OCDE, tais países começam o receituário de equilibrar o orçamento e reduzir o endividamento cortando gastos sociais. E para este neoliberalismo continuar se legitimando; bem como continuar mantendo uma demanda alta é que após os anos 1990 se liberaliza os mercados de crédito e de capitais injetando solvência no sistema através do endividamento privado; uma fase que Streeck chama de “keynesianismo privatizado” que:

Trata-se da terceira e, até à data, última versão do preenchimento da lacuna das promessas do capitalismo tardio do pós-guerra através de uma antecipação do poder de compra. Nesta versão, o Estado – através da política reguladora correspondente – limita-se a permitir aos agregados familiares que se endividem por sua conta e risco, para compensar as perdas dos rendimentos provenientes da atividade remunerada e das prestações sociais do Estado (STREECK, p. 56).

Para Streeck; podemos estar vivendo atualmente a fase tardia da configuração política do pós-guerra. Diz ele; “tenho a certeza de que estamos, hoje, numa fase tardia da *democracia*, na medida em que a democracia, tal como a conhecemos, está prestes a ser esterilizada como democracia de massas redistributiva e reduzida a uma combinação de Estado de direito e distração pública” (STREECK; 2013, p. 24). Ainda de acordo com ele; esse processo de desdemocratização do capitalismo avançou muito após a Crise de 2008.

Se de acordo com Streeck, o neoliberalismo passou por três fases para tentar comprar tempo e conter as expectativas sob este capitalismo tardio; cada uma destas fases implicou elevados e crescentes custos e dificuldades para se tornar viável e a última fase já entrou em crise. O que virá agora dado que o capitalismo não pode se tornar independente do Estado (seu velho aliado) e um crescimento milagroso não parece estar no horizonte? Streeck tira daí a conclusão de que a tentativa é de um capitalismo livre não dos Estados, mas das aspirações democráticas e uma despolitização da sociedade; este caminho que já vem trilhado há anos com a cessão de postos-chaves da gerência dos Estados na mão de burocratas não eleitos e distantes dos controles populares.

Willian Davies também classifica o neoliberalismo e para o autor, tem até o momento três fases; a primeira que vai de 1979 até a derrubada do Muro de Berlim, fase essa que o autor chama de Neoliberalismo Combativo. Nesta fase o neoliberalismo era dirigido por partidos e políticos neoconservadores direcionados ao suposto combate do socialismo. E como a definição de socialismo usada por Hayek, Friedman e outros tem raízes na definição de Mises dos anos 1920 este “socialismo” era quase tudo que não fosse

o capitalismo liberal de mercado⁵⁶. Davies (2016) ressalta a importância dessa definição binária que passa também por uma relação de amigo-inimigo como um fator de coesão desse neoliberalismo no combate ao inimigo socialista ou para enfraquecer os supostos instrumentos (como sindicatos e regulações trabalhistas) que pudessem levar a este suposto socialismo.

Passado esta primeira fase; o neoliberalismo entra numa segunda fase chamada por Davies de Neoliberalismo Normativo e nesta fase o neoliberalismo é inclusive adotado por partidos e governantes de esquerda. Aliás, segundo o autor; as políticas neoliberais eram mais facilmente implementadas por tal campo político visto que o neoliberalismo com seus arsenais de medidas e diretrizes de eficiência e “governança” necessitava de alguma modernização das instituições públicas e intervenção na vida social cuja melhores técnicas, instituições e experiências para tal estavam mais ligadas a socialdemocracia do que aos movimentos conservadores da fase anterior. Nesta segunda fase; chamada pelo autor de Era de Ouro do neoliberalismo, este adentra todas as esferas da vida se populariza e faz parecer que a única saída é se submeter aos ditames do mercado, da competitividade, da suposta meritocracia e da moralidade da desigualdade. As teorias do capital humano surgem para dizer que as melhores políticas era “dotar de competências” para que os indivíduos se lancem de maneira “competitiva” no mercado⁵⁷. Nos manuais inundam-se de métricas neoclássicas para medir as “falhas de mercado”. Classificam-se igualmente cidades, países e empresas buscando medir as supostas competitividades e boas governanças. Com a Crise de 2008 descobre-se (sem surpresa) que as agências de classificação de risco se moviam por interesses financeiros e essas instituições que distribuíam os rankings de eficiência e boas governanças não eram elas mesmo guiadas por essas práticas!

Em 2008 finda-se a fase que Davies (2006) chama de Neoliberalismo Normativo e inicia a fase do Neoliberalismo Punitivo. Esta é a fase da transferência das dívidas bancárias ao Estado e da austeridade (para remunerar esta dívida) sendo, portanto, um neoliberalismo em que os governos e sociedades liberam o ódio e castigos para com

⁵⁶ “*La rigurosa elección binaria introducida por Mises entre la racionalidad del sistema de precios y la irracionalidad de todo lo demás tiene el efecto de oscurecer todas las diferencias que existen entre los sistemas y las culturas del socialismo. Anula elecciones entre formas de colectivismo más y menos eficaces, al tiempo que bloquea los diversos tipos de economía mixta que prosperaron durante el auge de pós-guerra*” (DAVIES, 2016, p.135).

⁵⁷ Há vários escritos críticos mostrando o que se entende por capital humano; recomendamos a leitura das primeiras páginas de um ensaio de Wendy Brown (2019).

sua própria população. Nessa fase, a espoliação, a vigilância, a retirada de direitos sociais remanescentes de períodos anteriores e a vigilância vai se tornando cada vez mais a regra do jogo.

Nos anos que se seguiram a Crise de 2008; desencadeou-se uma série de políticas de austeridade em diversos países do mundo com o capital buscando aumentar o seu peso frente ao trabalho desmantelando diferentes sistemas de proteção social existente nos países. Dando razão a Willian Davies, tais políticas carecem de legitimidade (não foram decididas pela população) em vários desses países sendo aplicada inclusive com governos sem votos como no caso brasileiro com Michel Temer ou sob intenso protestos e contestações em outros países. Isto é; as políticas neoliberais não conseguem mais obter um “consenso” para suas aplicações; diferindo bastante dos anos de um neoliberalismo triunfante.

As sucessivas e relativamente fáceis vitórias desse modelo autoritário parecem não encontrar grandes resistências ou alternativas pela esquerda desmontada ou também imbuída dos preceitos do neoliberalismo; uma esquerda neoliberal progressista. Mas tal fase também denota um declínio do neoliberalismo.

Para Milanovic (2020) a globalização (que para o autor, tem nas cadeias globais de valor a sua representação mais visível) é bastante conhecida pelo desembarço das restrições de mobilização de capital pelo globo; mas também abriu possibilidade a mobilizações maiores dos trabalhadores mundo afora. E as mobilizações do trabalho; isto é, imigrações tem sido historicamente fonte de grandes tensões nas sociedades onde estes fluxos desembarcam. Se na globalização o capital é bastante encorajado a adentrar nos países, o mesmo não ocorre com a força de trabalho que cumulativamente vai potencializando reações dos cidadãos naturais do território. E por mais que a globalização se desenvolva, a cidadania continua ligada aos locais de nascimento sendo enxergada como um patrimônio econômico; que como tal, pode ter a qualidade e quantidade diminuída quando há mais dependentes dos benefícios dessa cidadania. Também para Milanovic, a conclusão é de que globalização neoliberal está passando pelo seu pior momento com contestações importantes a alguns de seus resultados como a elevação da desigualdade dentro dos países, a desindustrialização no ocidente e o não cumprimento de uma cidadania globalizada aos trabalhadores das regiões mais pobres.

Para finalizar, de acordo com Harvey “é evidente que o motor do capitalismo está passando por dificuldades graves” (HARVEY, 2014, p. 15). O autor diagnostica que não somente os capitalistas e seus ideólogos acadêmicos tem passado dificuldade para

encontrar alternativas a essa crise do capital que se arrasta com baixo crescimento, desemprego elevado e perda de soberania do Estado; também nas fileiras da esquerda há uma incapacidade de organizar uma sólida oposição contra o poder do capital. A esquerda tradicional estaria desacreditada e a esquerda mais pujante tende a ser identitária que ideologicamente se nutre de pensadores pós-modernos (HARVEY, 2014). Em um conselho semelhante; Streeck (2017; p. 21) nos diz: “se a esquerda, contudo, ainda deseja desempenhar algum papel, vai precisar tirar lições do fracasso da ‘governança global’ e desse sucedâneo que é a política identitária”.

2.1.2 A (não) relação entre neoliberalismo, democracia e soberania popular

Antes de mais nada, vale ressaltar que democracia é um dos conceitos mais disputados e cheio de nuances nas teorias sociais e políticas. Aqui neste trabalho quase sempre estamos referindo a democracia representativa de raízes liberal-burguesa; esse modelo participativo vigente nas maiores economias dos países ocidentais. De difícil e exata conceituação está também o neoliberalismo embora ao termo seja atribuídos características quase que consensualmente aceitas. Como bem diz Wendy Brown:

As ambiguidades e os múltiplos significados de “democracia” e “neoliberalismo” complicam qualquer esforço para teorizar a relação entre ambos. “Democracia” se conta entre os termos mais disputados e promíscuos de nosso vocabulário político moderno. No imaginário popular, “democracia” é tudo, desde eleições livres até mercados livres, desde protestos contra ditadores até a lei e ordem, desde o caráter central dos direitos até a estabilidade dos Estados, desde a voz da multidão reunida até a proteção da individualidade. Para alguns, a democracia é a joia da coroa do Ocidente; para outros, é aquilo que o Ocidente nunca teve ou é simplesmente um verniz para suas metas imperiais (BROWN, 2017, p. 11, tradução nossa).

Recordamos que a democracia; mesmo a representativa burguesa, nunca esteve intrinsecamente ligada ao neoliberalismo. Ou seja, a democracia representativa burguesa não é um arranjo criado ou aperfeiçoada pelo neoliberalismo (está mais para o inverso). Autores neoliberais como Hayek explicita isso em suas obras:

Liberalismo e democracia, embora compatíveis, não são a mesma coisa. O primeiro diz respeito à extensão do poder governamental, o segundo a quem dispõe desse poder. A diferença é mais bem percebida se se consideram seus opostos: o oposto do liberalismo é o totalitarismo, enquanto o oposto da democracia é o autoritarismo. Por consequência, é em última instância possível por princípio que um governo democrático seja totalitário e que um governo autoritário aja de acordo com princípios liberais” (HAYEK, 1984, p. 364 *apud* ANDRADE, p. 186).

Posicionamentos como o acima citado e outros da Escola de Chicago e neoliberais de toda a sorte, não devem ser estranhados, já que estes sempre escolherão; já dizia Hayek; “ditaduras liberais” à “democracias sem liberalismo” pois para ele “o princípio que guia sua ‘escolha’ não é a liberdade, mas a propriedade privada que, para ele, como para todos os liberais são sinônimos. Pinochet a garantia, já com Allende não se podia estar tão certo” (LAZZARATO, 2019, p.42).

Autores importantes do neoliberalismo como Friedman, também não viram problemas em aconselhar Pinochet; um dos mais sanguinários ditadores da época e que fez do Chile um laboratório para o neoliberalismo. As primeiras aplicações do neoliberalismo tiveram como laboratórios países governados por ditaduras na qual o Chile é o maior exemplo, mas se estende também a Argentina e Uruguai pós-golpe. E se essa relação entre neoliberalismo e autoritarismo estão muitas vezes embaçadas nas análises atuais, isso se deve, diz Lazzarato (2019) as teses de Foucault que optou por analisar o neoliberalismo com belos conceitos desconsiderando suas relações com processos políticos reais, isto é, com as ditaduras que o germinou⁵⁸. Lazzarato é muito contundente a associar o surgimento do neoliberalismo a dois fatores muito importantes; as suas origens fascistas e militares/autoritárias e seu fortalecimento enquanto reação ideológica aos movimentos de 1968. E este ano foi importante segundo Lazzarato pois:

A revolução se manifestou mundial pela primeira vez na história e que tinha ao sul do equador seus focos mais ativos. E era preciso esmagá-la como pré-requisito a qualquer “governamentalidade” mesmo que para isso tivesse que legitimar ou se aliar a fascistas torturadores e criminosos. Coisa que os liberais (neo ou não) estão sempre dispostos a fazer e a refazer se algum momento a “propriedade privada” é ameaçada, ainda que virtualmente (LAZZARATO, 2019, p. 24).

Portanto; não devemos tomar o neoliberalismo e a democracia liberal como um par fortemente interligado. Como diz Lazzarato (2019, p. 42): “não há incompatibilidade alguma entre ditadura e neoliberalismo. Os neoliberais são muito claros a esse respeito. Ludwig Von Mises declarava que os fascismos e as ditaduras salvaram a civilização europeia (entenda por ‘propriedade privada’)”. Páginas adiantes, como a concluir, Lazzarato afirma convictamente que o capital pode ser politicamente

⁵⁸ Nesse diapasão; Lazzarato critica nominalmente outros autores como Dardot & Laval e Boltanski e Chiapello, bem como reivindica uma defesa dos movimentos mundiais de 1968. Em suas palavras: “Uma diferença em relação a Foucault—mas também a Boltanski & Chiapello ou à Dardot & Laval-- é radical, pois eles dão sumiço não apenas as origens fascistas do neoliberalismo, mas também na ‘revolução mundial’ dos anos 1960 [...] a natureza do capitalismo que essas teorias ‘pacificam’ apagando a vitória político-militar como condição do seu [neoliberalismo] desenvolvimento” (LAZZARATO, 2019, p. 26).

muito versátil: “o capitalismo pode funcionar dentro de diferentes sistemas políticos: democracia constitucional, Estado centralizador e autoritário como na China e Rússia ou regimes fascistas. A ideia segundo a qual o capital está sempre acompanhado de democracia é desmentida a cada dia” (LAZZARATO, 2019, p. 55).

Para Lazzarato, o neoliberalismo é uma ideologia (em algumas passagens ele denomina de máquina de guerra) contrarrevolucionária que está sempre a postos. No início ela encontrou desafiantes mais fortes exigindo golpes militares e torturadores para sua aplicação. Com o decorrer do tempo o neoliberalismo aumentou sua vantagem e o grau em que subjuga os vencidos (terminologia militar proposital e utilizada pelo autor) e não encontrou mais desafiantes à altura, apenas meros contestadores; o que não significa que tal neoliberalismo não possa retornar aplicando graus maiores de violência e legitimação a barbaridades, dado que nasceu desse meio.

Kuttner (2018) por exemplo, desacredita as teses que afirmam que o capitalismo é a força motriz da democracia por supostamente promover aspectos importantes à democracia. O autor responde a essas teses com uma pitada de ironia dizendo “em algum mundo idealizado, o capitalismo pode melhorar a democracia, mas na história do Ocidente, a democracia se expandiu limitando o poder de capitalistas. Quando essas amarras rompem, as forças das trevas são frequentemente desencadeadas” (KUTTNER, 2018, p. 12, tradução nossa). O autor lembra ainda que não raramente os capitalistas sentaram a mesa de ditadores durante todo o século XX. A falta de democracia não impediu o capitalismo de se expandir confortavelmente sob regimes ditatoriais.

Ou seja; o neoliberalismo pode estar acompanhado de democracia ou não, pois sua lógica se reside no mercado e não na sociedade; aliás como disse a grande figura neoliberal Margareth Thatcher; “mas o que é sociedade? Não existe essa coisa. O que existe são homens, mulheres e famílias” e, complementaríamos, seguindo seu credo; que esses homens, mulheres e famílias são unidades econômicas competindo entre si no mercado. Yascha Mounk, um defensor do liberalismo e da democracia (para ele, valores inegociáveis) corrobora a ligação entre o distanciamento entre democracia e liberalismo (este para ele, mais relacionado aos direitos individuais):

A primeira grande suposição do pós-guerra parece estar errada: liberalismo e democracia não combinam tão bem quanto a maioria dos cidadãos — e muitos estudiosos — sempre presumiu. Conforme a vontade popular se choca com os direitos individuais, a democracia liberal aos poucos se desmantela em suas partes integrantes (MOUNK, 2019, p. 122).

No neoliberalismo; a democracia e as demandas sociais frequentemente são vistas como maléficas⁵⁹ e ameaças ao bom funcionamento dos mercados. As pressões democráticas e populares, e sistemas de bem-estar social são vistas pelos neoliberais como refúgio para os agentes que fracassaram no mercado:

O *Welfare State* adquiriu um estigma explícito. Para ser um destinatário de público ajuda, seja na forma de pensão alimentícia, vale-refeição ou desemprego benefícios, era uma marca de Caim: um sinal de fracasso pessoal, prova de que um de alguma forma caiu pelas rachaduras da sociedade. Na contemporaneidade Estados Unidos, em um momento de crescente desemprego, um homem ou mulher desempregado é, portanto, estigmatizado: eles não são um membro pleno da comunidade (JUDT, 2010, p. 27, tradução nossa).

Para o neoliberalismo, aqueles que buscam serviços públicos do Estado de bem-estar estão concomitantemente buscando aumentar a tirania do Estado para um paternalismo que prejudica as leis de concorrência e do mercado. Por isso; o neoliberalismo tem arranjos muito instáveis com governos reformistas (não ler como progressistas no sentido de liberdades individuais, direitos femininos etc.). É uma posição que Lazzarato nos ampara a luz da experiência lulista brasileira e a posterior ascensão autoritária, quando diz: “o que o Brasil deixa transparecer tão claramente é a incompatibilidade radical do reformismo com o neoliberalismo, já que o último foi pensado, construído e almejado justamente contra a experiência ‘Keynesiana’” (Lazzarato, 2019, p.27).

Já Mouffe que embora tenha sua defesa do populismo de esquerda criticada por Lazzarato, vem em linhas muito semelhantes destacar a incompatibilidade entre o keynesianismo/*Welfare State* e neoliberalismo:

As visões liberal e democrática sempre estiveram em conflito, mas, durante o período do Estado de bem-estar keynesiano, o individualismo liberal foi mantido sob controle pelas práticas social-democráticas. Em geral, o senso comum social-democrata prevaleceu até ser minado pela ofensiva neoliberal (MOUFFE, 2018, p.58)

⁵⁹ Mas vale ressaltar que a posição de que a democracia deve ser protegida dos apelos do povo vem de longa data e está inclusive inscrita nos manifestos dos Pais Fundadores dos EUA. No manifesto “Federalista”. Alexander Hamilton e James Madison escrevem que a essência da república americana deve ser; palavras e destaque deles: “A TOTAL EXCLUSÃO DO POVO, EM SUA CAPACIDADE COLETIVA, de qualquer participação [no governo]” Assim a república representativa americana foi fundada em parte para negar a democracia. No Reino Unido tampouco o parlamento foi concebido como uma ferramenta para o povo governar e sim um arranjo de forças e negociação entre uma elite e um monarca em apuros (MOUNK,2019). Ou seja, como diz Lazzarato (2019, p.54) “a democracia sempre foi compreendida pelos liberais como democracia dos possesores”.

Para o neoliberalismo; a democracia deve estar dentro de certos limites e algumas instâncias decisórias econômicas nunca podem estar sob escrutínio e escolha pública; e a defesa de bancos centrais independentes é um dos grandes elementos da defesa neoliberal. Políticas fiscais; políticas monetárias, de salário entre outras devem estar muito bem salvaguardadas dos chamados apelos populistas; ou seja:

A abordagem tecnocrata de governança tratou várias questões públicas como questões técnicas que estavam além do alcance de cidadãos comuns. Isso restringiu o escopo de argumentação democrática, esvaziou os termos do discurso público e produziu uma sensação crescente de perda de poder. A concepção favorável ao mercado e tecnocrata de globalização foi acolhida por partidos dominantes de esquerda e de direita (SANDEL, 2020, p. 35).

Um dos exemplos do grau de desdemocratização da política pelo neoliberalismo vem de George Stigler, economista da Escola de Chicago laureado com um Nobel e amigo próximo de Friedman (foi também um dos participantes do evento inaugural da sociedade Mont Pèlerin em 1947). Stigler acreditava que o sistema de preços poderia ser aplicado à democracia e as eleições. O autor dizia que os custos para realizações de eleições eram por demais altos e os custos de recontração de uma leva de novos políticos não justificaria o custo das eleições. O autor propunha um tempo indeterminado de mandato cujo portador poderia ser destituído se 10% do eleitorado peticionasse uma nova eleição e ficassem responsáveis pelos custos desse pleito.

O credo neoliberal há muito já tem aplicado regras e diretrizes para a gestão do Estado que impossibilita e até criminaliza os governantes que não as seguirem. Os padrões do mercado e da administração empresarial como da eficiência dos negócios, da lógica do lucro (elevados dividendos nas estatais por exemplo) já se encontra no interior do Estado, isto é; o neoliberalismo desde sua gênese vem se apoderando do Estado e impondo seus preceitos de “governança”. Todas as diretrizes são decididas desde cima (ou de fora), quando muito com a participação dos parlamentos; mas sem nunca passar diretamente pelo crivo popular para evitar o “excesso de democracia”.

Em poucas palavras, o neoliberalismo engendrou uma crise profunda da democracia liberal-social, cuja manifestação mais evidente é a forte ascensão dos regimes autoritários e dos partidos de extrema direita, apoiados por uma ampla parte das classes populares nacionais. Deixamos para trás a época do pós-guerra fria, na qual ainda era possível acreditar na expansão mundial do modelo de democracia de mercado (DARDOT & LAVAL, 2019 p.10).

Também comentando sobre os ataques aos mecanismos de participação popular e social; Brown (2019) destaca que além das conhecidas críticas de Hayek ao

Estado, Hannah Arendt uma autora lembrada como das fileiras da esquerda também teria contribuído bastante na demonização do estado social nos primórdios do neoliberalismo. Segundo Brown, tanto Arendt como Hayek “execram o Estado dedicado a suprir as necessidades humanas e execram a vida pública —incluindo a democracia—quando devotada ao bem estar humano” (BROWN, 2019, p. 62).

Tanto Arendt (que se reivindica à esquerda) e Hayek (à direita) temem que o espaço político seja tomado pela multidão reivindicando justiça ou atendimento das suas necessidades (privação). De forma parecida, os autores discordam que o social seja o *locus* para a emancipação, democracia ou justiça. Uma forte presença de direitos sociais como nas sociais-democracias é vista como empecilhos para a democracia pois modelaria seus cidadãos a uma espécie de servidão. Em síntese “eles compartilham a convicção de que a questão social tomou a vida política moderna e que a sociedade tomou o indivíduo. A liberdade está em demonizar e, finalmente, derrotar o social. A sociedade deve ser desmantelada” (BROWN, 2019, p. 63).

O neoliberalismo seria, portanto, de acordo com Brown um ataque a democracia pois mina pilares como o da igualdade, da justiça social, da soberania popular e da redistribuição e é o responsável pela perda de confiança nessa democracia e um dos berços do neofascismo e formas autoritárias modernas pois se assentam cada vez mais em promessas de recriar um mundo hierárquico, estável, patriarcal e religioso para continuar se legitimando⁶⁰.

Para Wendy Brown desde sempre o neoliberalismo se propôs a destruir normativamente, conceitualmente e de forma prática toda a conceituação de social, sociedade, direitos sociais, Estado de bem-estar social, justiça social e assemelhados. Hayek já dizia ser sem sentido o termo “sociedade”⁶¹ e Thatcher dizia que sociedade não existia. Segundo Brown (2019, p. 39, *grifos da autora*) “o ataque ao social, que estamos prestes a examinar mais de perto, é fundamental para gerar uma *cultura antidemocrática*

⁶⁰ A amálgama entre o neoliberalismo e conservadorismo cristão está bem apresentada em Melinda Cooper uma outra autora cuja teoria tem bastante pontos de contato com as teses de Wendy Brown. Queira ver; Cooper (2017).

⁶¹ “De todos os intelectuais neoliberais, foi Friedrich Hayek quem criticou de forma mais sistemática a noção de social e sociedade e ofereceu a crítica mais sólida da social-democracia. A hostilidade de Hayek em relação ao social é sobredeterminada, pode-se dizer até mesmo exacerbada, na medida em que busca os fundamentos epistemológicos, ontológicos, políticos, econômicos e até mesmo morais. Ele considera a própria noção de social, falsa e perigosa, sem sentido e oca, destrutiva e desonesta, uma ‘fraude semântica’ [...] a justiça social é uma ‘miragem’ e a atração por ela é a ‘mais grave ameaça à maioria dos outros valores de uma civilização livre’” (BROWN, 2019, p. 41).

desde baixo, ao mesmo tempo em que constrói e legitima *formas antidemocráticas de poder estatal desde cima*. A sinergia entre os dois é profunda”.

Para Brown, os ataques do neoliberalismo às garantias sociais têm encontrado eco em sociedades crescentemente antidemocráticas dispostas a aceitarem governos mais autoritários. Belluzzo e Galípolo (2019, p. 194) também chegam a conclusões semelhantes quando dizem “sob o pretexto de enfrentar o corporativismo e a resistência dos ‘direitos adquiridos’, os serviços da globalização propõem o retorno aos padrões primitivos nas relações entre as forças do capital e as debilidades do trabalho”. Desmantelar o Estado social é justificado pelo neoliberalismo como a passagem para um modelo de cidadãos livres e responsáveis, bem como para corrigir supostas deficiências do causadas ao mercado autorregulador.

De maneira curiosamente próxima a Brown; Streeck (2013) discorre que a liberalização hayekiana vem tentando e realizando uma imunização do mercado à democracia através de reeducação neoliberal do cidadão através de uma doutrinação pública permanente e de abolição da democracia seguindo o modelo chileno. Mas esta segunda opção (golpes militares), não estaria disponível atualmente e “por isso a eliminação da tensão entre capitalismo e democracia, assim como a consagração de um primado duradouro do mercado sobre a política têm de ser levadas a cabo, em primeira linha, através de ‘reformas’ incrementais das instituições político-econômicas” (STREECK; 2013, p. 87). Essa transição diz respeito por exemplo a várias regras para as políticas econômicas, orçamentos desassociados de resultados eleitorais e bancos centrais independentes; pois “é necessário neutralizar a democracia, entendida no sentido da democracia social do capitalismo democrático do período pós-guerra” (STREECK, 2013, p. 88).

Essa imunização do capitalismo a intervenção das massas, faz os apologetas da “justiça do mercado” se impor em termos retóricos e ideológicos em denúncia a termos como “justiça social” que é reduzida simploriamente a um sinônimo de “politicagem” que seria imbuída de interesses corruptos e de grupos, ao contrário; dizem eles:

[Do] caráter aparentemente impessoal [dos mercados] e a alegada calculabilidade em termos de teoria de preços, funciona independentemente da política, portanto, de acordo com princípios universalistas, sendo, portanto, “pura”, isto é, apolítica. Este tipo de distinções e equiparações há muito que penetrou na linguagem comum: muitas vezes, a afirmação de que algo foi decidido, “politicamente” basta para fazer parecer que a decisão favoreceu um grupo de interesses qualquer. Os mercados – de acordo com a suposição promovida incansavelmente pelas relações públicas capitalistas – distribuem

segundo regras universais, enquanto a política, pelo contrário, distribui segundo o poder e as relações (STREECK, 2013, p. 88).

Esquecem estes defensores neoliberais que o mercado não é meritocrático, também sofre várias distorções, não precifica danos ambientais e não são responsabilizados por erros. Parecem ocultar o fato de que o mercado é uma criação humana, não é um ordenamento natural e desassociado das formas de vida humana. Buscam também apagar ou deturpar as experiências da democracia social que vigorou durante o período keynesiano do pós guerra, que mesmo com vários defeitos, provou ser possível que a democracia poderia estar associada a um capitalismo com mercados regulados.

2.1.3 Vivemos uma crise da democracia liberal e dos seus sistemas representativos?

É certo que após a Crise de 2008 até agora, os sistemas políticos do mundo inteiro passam por turbulências e acontecimentos que sacodem o *establishment* político. Os primeiros protestos populares de massa contestando os regimes políticos pós a crise se observou com o *Occupy Wall Street* e depois numa série de protestos em países árabes no que ficou conhecido como Primavera Árabe; na Espanha com os Indignados e na Grécia como resposta as políticas de austeridade.

Conforme apontado por Funke, Schularick e Trebesch (2016); analisando 20 países e mais de 800 eleições gerais desde 1870 chegaram à conclusão de um claro avanço de partidos extremistas de direita nos anos posteriores a crises bancárias e financeiras⁶². Em média, os partidos de extrema direita crescem 30% nos cinco anos após a eclosão de crises financeiras. Tais fatos foram notadamente presentes no Entreguerras, mas tais índices persistiram em diferentes países e nos anos do pós-guerra. Os autores concluem que “após as crises financeiras, os eleitores parecem ser sistematicamente atraídos pela retórica política da extrema direita, com suas tendências frequentemente nacionalistas ou xenófobas” (FUNKE, SHULARICK e TREBESCH; 2016, p. 228). As crises bancárias e das finanças, costumam desencadear e fortalecer os partidos e argumentos que apontam

⁶² A metodologia seguida pelos autores, não inclui recessões, surtos inflacionários, crises energéticas e afins na rubrica de crises financeiras analisadas no estudo. A crise de 2007-8 está incluída como crise financeira para a maioria dos países analisados incluindo as maiores economias como EUA, Reino Unido, França e Alemanha entre outros, mas tida como não financeira para Austrália, Canadá, Japão, Finlândia e Noruega. Para ver a tabela com os anos das crises e suas classificações entre financeiras ou não, pela metodologia dos autores, ver o anexo *Table D2* em Funke, Shularick e Trebesch (2016, p. 253).

narrativas de favorecimento econômico, corrupção e falhas políticas como causas da crise, e assim acabam por fortalecer partidos de extrema direita nos anos imediatamente após as crises.

A dificuldade de gestão da sociedade pelas velhas burocracias partidárias e políticas tem se deteriorado nos últimos anos. A democracia liberal burguesa vem sofrendo pressões e descrédito⁶³ de diferentes lados; quer seja vindo a partir de novas burocracias políticas, quer seja a partir de demandas provindas a partir de baixo, isto é, dos cidadãos.

Ao se capitular a modelos denominados de “Terceira Via” (que tinha como ideólogo o sociólogo Anthony Giddens e foi seguida por políticos como Bill Clinton e Tony Blair) e aceitar que *there is no alternative* ao neoliberalismo, a esquerda já estava ponderando que a democracia seria menos importante do que as liberdades individuais. A esfera pessoal tomou ainda mais proeminência e se abandona a política entendida como arena de mediação de conflitos da sociedade.

Como já dito anteriormente; com um Estado já instrumentalizado e legislado sob preceitos neoliberais; a mudança de partidos e governos não são capazes de mudar radicalmente os rumos dos países e há, portanto, uma frustração da sociedade com a representação e com a democracia buscando alternativas vistas como de fora desses arranjos. Assim, autores como Kuttner e Mouffe considera que manifestações eleitorais e políticas recentes com votos fora do *establishment* podem ser entendidas como tentativas de recuperação da democracia visto que esta está aprisionada nas cúpulas dos grandes partidos, das autarquias tecnocratas e nos órgãos supranacionais pois “a globalização tem sido ótima em promover os interesses do capital e débil na defesa ou ampliação do domínio dos direitos humanos. A casa da democracia - ou antidemocracia - continua a ser a política nacional” (KUTTNER, 2018, p. 267, tradução nossa).

Chantal Mouffe (2018) é otimista. Ela enxerga a crise atual da representação como oportunidade para a ocupação dos espaços pela esquerda e acredita que é preciso reconhecer que o atual “momento populista” é uma crise da hegemonia neoliberal e que para a esquerda melhor se colocar neste momento é preciso reconhecer e aceitar a natureza das transformações sociais e econômicas dos últimos 30 anos. Para a autora,

⁶³ “Os cidadãos de várias democracias supostamente consolidadas na América do Norte e Europa Ocidental não apenas se tornaram mais críticos com seus líderes políticos. Em vez disso, eles também se tornaram mais cínicos sobre o valor da democracia como sistema político, menos esperançosos de que qualquer coisa que eles façam influenciar as políticas públicas e mais dispostos a expressar apoio a alternativas autoritárias” (FOA; MOUNK, 2016, p. 7).

desde 1968 a esquerda não deu conta de adequar aos vários movimentos (feminismo, meio ambiente, movimento gay, antirracismo e outros) que seriam resistências a dominações que não se enquadravam em termos de classe (mas ressalta a autora, que não se trata de uma defesa de privilegiar estas demandas frente a classe trabalhadora).

Kuttner (2018) também faz questão de diferenciar o populismo. Segundo ele há um populismo neofascista (mais presente ultimamente) e o populismo progressista que faz críticas verdadeiras as deficiências da globalização e suas instituições. Este é importante pois, na visão do autor, só uma proposta política capaz de arregimentar as massas é capaz de fazer frente aos domínios do grande capital nas instituições nacionais e supranacionais. Defende o autor:

Trump e Sanders apelaram para alguns dos mesmos eleitores, mas com muito diferentes narrativas sobre o que afligia a economia e a política [...] precisamos distinguir populismo reacionário e populismo progressivo. A democracia nunca vai manter as elites financeiras sob controle, a menos que os líderes políticos reúnam pessoas comuns para compreender apostas, para participar na política e para usar os instrumentos da política liberalismo para evitar que as elites destruam uma economia decente. Essa marca de o populismo não é abominável. É indispensável. (KUTTNER, 2018, p.298-299, tradução nossa).

Lazzarato é crítico da adoção de alguma variação de populismo, mesmo o de esquerda e considera todos os populismos inconsistentes em seus acordos políticos. Segundo Lazzarato (2019, p.38) “o populismo (mesmo o de ‘esquerda’) abre e prepara a chegada ao poder dos novos fascismos”. Uma posição bastante interessante, visto que o fascismo do século XX se nutriram de influências e grupos socialistas nas suas gêneses e programas (mas que posteriormente, avançaram rapidamente ao anti-esquerdismo e perseguição a sindicalistas de esquerda etc.)

Já Castells (2018) considera a crise da democracia liberal como a mãe de todas as crises atuais; e sendo um fenômeno global, infere-se que esse modelo de representação está em descenso em todo o mundo. Este autor enxerga alternativas ao modelo de representação burguesa em descenso (para ele em parte perigoso e com desfechos desconhecidos) e assume uma linha reformista. Há para ele possibilidades de dotar os sistemas representativos com maior participação popular capazes de atender as demandas cidadãs. Quase que diametralmente oposta; é a posição de Bresser-Pereira que assim titula um artigo “a democracia não está morrendo: foi o neoliberalismo que fracassou”. O título já resume a defesa do autor, mas a complementar; diz ele:

Não foi a democracia que fracassou, foi a forma neoliberal que o capitalismo assumiu desde 1980 e que hoje enfrenta uma crise terminal. A democracia

certamente enfrenta problemas em países nos quais ela já está consolidada, principalmente nos Estados Unidos, onde ela vem se deteriorando desde os anos 1980, e no Brasil, onde essa deterioração é mais recente, no entanto grande. Quando a qualidade de uma democracia diminui, ela se torna mais facilmente alvo de grupos minoritários neofascistas e populistas de direita (BRESSER-PEREIRA, 2020, p. 52).

Para Bresser-Pereira a democracia resiste, pois foi uma conquista popular que as elites aceitaram há aproximadamente um século. Mas Bresser-Pereira também admite alguma erosão significativa na democracia liberal, principalmente se tomarmos como exemplo países de renda média como Hungria, Polônia, Turquia e outros. Diz ele que “há um fundo de verdade na tese do desaparecimento gradual da democracia: o populismo de direita está em alta não apenas nos países ricos, mas também nos de renda média onde o espírito antidemocrático pode ser mortal para a democracia” (BRESSER-PEREIRA, 2020, p. 53). Para o autor; o populismo antidemocrático emergiu nas sociedades fruto da perversidade do modelo econômico (o neoliberalismo) imposto pelas elites liberais. Esse modelo fracassou em melhorar os padrões de vida; e configurou como um “fracasso de uma forma de organização econômica do capitalismo associada a alta instabilidade financeira, redução do crescimento e aumento brutal da desigualdade econômica” (BRESSER-PEREIRA, 2020, p. 53).

Gramsci percebia que no período em que escrevia, que a crise do Estado liberal se dava pela perda de capacidade dirigente da burguesia que se desagrega a si própria e é incapaz de incluir novos elementos da sociedade. Perde se então a capacidade da burguesia em produzir consensos e garantir a legitimidade da ordem e isso tem como efeito imediato uma desassociação entre representantes e representados. Esse distanciamento afeta também as instituições e seus líderes e os grupos sociais se afastam e não reconhecem mais nestes como expressão de suas frações de classe. Estes momentos são chamados por Gramsci de crise de hegemonia ou crise do Estado. No tempo em que escrevia, Gramsci percebeu que a crise fez multiplicar o número de partidos políticos pois havia dificuldade de formar maioria nos parlamentos e os grandes partidos políticos perdiam o prestígio e o poder de oferecer um norte⁶⁴. Em síntese; “a crise da hegemonia é, assim, uma crise do Estado e das formas de organização política, ideológica e cultural

⁶⁴ “As divisões dos partidos e as crises internas que os atravessam são, assim, manifestação dessa crise [de hegemonia] a dificuldade de compor uma direção instável e os choques permanentes entre diferentes claques reproduzem nos partidos os mesmos problemas encontrados no governo e no parlamento [...] cada fração considera a si mesma a única com condições de superar a crise do partido, assim como cada partido considera-se o único capaz de superar a crise da nação. Os fins passam a justificar os meios” (BIANCHI, 2002, p.34).

da classe dirigente. O aspecto mais visível é a crise dos partidos e das coalizões governamentais” (BIANCHI; 2002, p. 34).

Atualmente, o descrédito nos sistemas representativos pode ser observado com o grande percentual de abstenção nas eleições, a falta de confiança nos partidos, nos governos, nos parlamentos e outras instituições. Nas eleições tem crescido o percentual de votos dados a soluções anti-sistêmicas e radicais. Sindicatos, imprensa e até a Igreja não passam incólumes neste processo e vem aumentando o descrédito frente a população. Na Espanha; a desconfiança sobre o Parlamento e sobre o governo passaram de 39% em 2000 para 77% em 2016. E não é nenhuma novidade dizer que políticos em boa parte do mundo são vistos como a pior profissão que existe (IBOPE, 2018; DATAFOLHA, 2019; CASTELLS, 2018; MOUNK, 2019).

Um outro sintoma da crise da representação política se vê em países com sistemas parlamentares cuja formação de governo tem sido bastante complicada e primeiros ministros tem dificuldades em permanecerem nos cargos. A crise política representativa se dá com desdobramentos sucessivos e rápidos. Acontecimentos que em outros tempos demorariam anos; em tempo de uma crise se dão ao cabo de poucos dias ou meses. Coalizões são feitas e dissolvidas rapidamente; partidos formam alianças e as desfazem com facilidade; líderes aparecem meteoricamente e da mesma forma caem em penumbra⁶⁵.

Mounk (2019) também mostra uma tendência de declínio nas aprovações dos presidentes e do legislativo nos EUA e na Europa. Segundo o autor, no início dos anos 1970 a aprovação do Congresso nos EUA era de 40% e este número despenca para 7% em 2014. O interesse dos americanos por política também vem registrando queda geração após geração; 84% dos nascidos na década de 1930 tinha interesse pela política e somente 41% dos nascidos na década de 1980 mantinham esse interesse, “e a exemplo dos americanos, os europeus jovens têm muito menos interesse na política do que os mais velhos (MOUNK, 2019, p. 126). Em 1964, eram 78% os norte-americanos que confiavam nas decisões do governo federal, em 2015 esse patamar tinha reduzido a 19% (KUTTNER, 2018).

⁶⁵ “Por isso, para Gerbaudo (2017), essa situação constituiria uma crise política, na qual os vínculos entre as várias organizações e instituições e as bases sociais que elas representam teriam se tornado instáveis. Para o sociólogo, “é precisamente em meio a esses crescentes grupos de cidadãos ‘não representados’ que se sentem frustrados pela falta de representação de suas visões e demandas que o movimento das praças recrutou seus apoiadores” (2017, p. 53)” (ANDRADE; 2019, p. 117).

A democracia representativa é baseada no princípio de que os representantes escolhidos são capazes de traduzir a vontade dos representados. Se há um descompasso entre estes, isto é, se os representados acreditam que aqueles que deveriam os representar não atuam como esperado tem-se, portanto, uma crise de legitimidade. E em muitos países e regiões do mundo tem se acentuado as contestações aos governantes e suas instituições vistas como corruptos, injustos, insensíveis, burocráticos, opressivos e alheios aos problemas da população: “é o que está acontecendo na Espanha, na Europa e em grande parte do mundo. Mais de dois terços dos habitantes do planeta acham que os políticos não os representam, que os partidos (todos) priorizam os próprios interesses, que os parlamentos não são representativos” (CASTELL, 2018, p. 12).

Em Streeck (2013) o autor percebia que a redução na participação em eleições era um fenômeno que acompanhava o neoliberalismo que dava indícios de suplantar capitalismo democrático⁶⁶ dos anos 1960 e 1970. Em mais da metade das eleições com maior nível de abstenção do pós guerra nas nações ocidentais se verificaram após o ano 2000 e assim; “quanto mais recentes hajam sido as eleições, tanto mais provável é que a participação nelas tenha sido a mais baixa de todo o período do pós-guerra” (STREECK; 2013, p.80). Os cidadãos participavam cada vez menos pois já não sentem que podem fazer a diferença trocando de partidos sob a ordem neoliberal; pois *there is no alternative*.

Mounk (2019) afirma que até bem pouco tempo atrás parecia que a democracia liberal reinava absoluta e os cidadãos pareciam concordar com ela apesar de suas deficiências, os partidos “radicais” eram insignificantes e a economia estava em crescimento e parecia que o futuro asseguraria a permanência da democracia liberal sem contestações significativas. Mas “então o futuro chegou—e se revelou, na verdade, bem diferente”⁶⁷ e a desilusão com o estado das coisas pelo cidadão tomou maiores proporções e rumos raivosos, inquietação e desdenho. Os sistemas partidários que prevaleciam parecem, segundo o autor, paralisados. Para Mounk, a eleição de Donald Trump foi a manifestação mais visível de uma crise da democracia justamente no seu terreno mais

⁶⁶ Por vezes, esquecemos que este arranjo que associava uma democracia onde os cidadãos conseguiam aprovar significativos desejos coletivos com alguma intervenção direta na economia, é uma construção que não é natural. Não podemos esquecer de outros modelos burgueses como o fascismo. Diz Streeck (2013, p. 83): “os países ocidentais terem conseguido associar uma economia capitalista a um sistema político democrático, nomeadamente, a um sistema que obtinha a sua legitimidade de uma intervenção direta e permanente no funcionamento da economia de mercado, em prol da maioria dos seus cidadãos dependentes do salário e em prol de objetivos coletivos, aprovados democraticamente, parece tudo menos óbvio”.

⁶⁷ Mounk (2019, p. 14).

longevo e sólido. Candidatos e políticos extremistas chegam ao poder sem encontrar resistência sólida das instituições de controles partidários e da democracia e uma vez no poder se lançam a desconsolidar a democracia⁶⁸. Diz Mounk (2019, p. 15) “não resta mais a menor dúvida de que estamos em um momento populista. A questão agora é se esse momento populista vai se tornar uma era populista — e pôr em xeque a própria sobrevivência da democracia liberal”.

Mounk (2019, p. 131) enxerga que “os melhores dados disponíveis revelam que muitos cidadãos criticam não só seus governos como também a própria democracia, isso dá crédito real ao medo de que a democracia não seja mais a única opção”. Ou seja, é o “fim do caso de amor entre o cidadão e a democracia” título que o autor dá a um tópico de “O povo contra a democracia”.

Um outro autor, assim via a questão na Europa em 2017:

A democracia liberal europeia está à beira de uma crise perigosa. O cansaço da democracia chegou à Europa, e é visível da Suécia à Itália e da França à Hungria. Na Europa as eleições também estão virando um meio de dizer “não” à democracia liberal. Nessa conjuntura, a Alemanha (APPADURAI, 2017, p.25).

Em 2014 Viktor Orbán já ‘decretava’ oficialmente o fim da democracia liberal na Hungria. Traduzindo (e impulsionando) os sentimentos antiglobalizantes e eurocéticos presentes no país; assim ele disse:

A nação húngara não é um simples aglomerado de indivíduos, mas uma comunidade real, que deve ser organizada, reforçada e, na prática, construída. Nesse sentido, o novo Estado que estamos em vias de erguer na Hungria é um Estado ‘iliberal’, não um Estado liberal. Ele não nega os valores fundamentais do liberalismo, como a liberdade, mas, por outro lado, não faz dessa ideologia o elemento central da organização estatal (EMPOLI, 2019, p. 78).

Há um quarto de século atrás, a maioria dos cidadãos das democracias ocidentais estavam satisfeitos com as suas instituições e até governos; hoje estão desiludidos e impelidos a votar em candidatos que pregam contra princípios da democracia liberal. Citando pesquisas, Mounk afirma que 2/3 dos estadunidenses acreditam que é extremamente importante viver numa democracia; mas este número é de menos de 1/3 para a geração dos *millennials*. Em 1995, somente 1 a cada 16 cidadãos dos EUA acreditava que um governo militar seria uma boa forma de governo; agora essa proporção subiu para 1 a cada 6.

⁶⁸ Aliás, as conclusões como essas são bastante correntes que encontra voz também em autores mais famosos na mídia nos últimos anos como Levitsky & Ziblatt (2018).

Na Europa em 1995 um patamar de 6% de jovens ricos apoiava o domínio do exército como forma de governar; atualmente 17% dos jovens de mais alta renda são favoráveis a essa alternativa. O apoio a formas de governos militares tem crescido bastante entre as frações mais ricas dos Estados Unidos; e se em 1995 os mais ricos eram os mais opostos a governos militares (com apoio de apenas 5%), hoje esse apoio a um governo militarizado é de 16%. Esta anuência de parcelas mais ricas a saídas antidemocráticas, pode ser apenas um retorno a norma histórica e não é de se surpreender haja visto que há a opinião corrente nas classes mais abastadas de que a democracia é associada a demandas redistributivas e irresponsáveis dos mais pobres (MOUNK, 2019; FOA, MOUNK, 2016).

Nos EUA o apoio a democracia se inverteu de acordo com pesquisas. Para a geração de 1940, um percentual de 71% considerava importante viver numa democracia; para os nascidos nos anos 1980, 71% não consideram que viver numa democracia seja importante. Por esses e outros motivos é que o Mounk nomeia um tópico do seu livro com o lamento: “a juventude não nos salvará”. Mounk pergunta retoricamente se os cidadãos americanos estariam hoje considerando a aceitar líderes despóticos. E responde: “Sim. Na verdade, não só os jovens americanos estão bem mais inclinados do que os mais velhos a apoiar uma liderança desse tipo, como também a preferência de americanos de *todas* as idades por um líder forte é maior hoje do que há vinte anos”⁶⁹ (MOUNK, 2019, p. 136, itálicos do autor).

Ressalta-se que Mounk (2019) vê uma imbricação entre democracia e liberalismo que seria uma parceria profícua; mas não significaria que a presença destes dois elementos garanta uma estabilidade:

Os especialistas sempre souberam que o liberalismo e a democracia podiam, às vezes, ser observados isoladamente um do outro. Na Prússia do século XVIII, um monarca absoluto fez um governo relativamente liberal respeitando (em parte) os direitos de seus súditos e permitindo (o mínimo de) liberdade de expressão. Já na antiga Atenas a assembleia do povo governava de maneira clamorosamente iliberal exilando estadistas impopulares, executando filósofos críticos e censurando desde discursos políticos a partituras musicais. Mesmo assim, a maioria dos cientistas políticos há muito considera o liberalismo e a democracia como complementares. Embora reconhecessem que os direitos individuais e a vontade popular nem sempre andam juntos, eles se aferravam à crença de que era esse o seu destino. Nos casos em que o liberalismo e a

⁶⁹ “A quantidade de eleitores alemães que apoiavam a liderança de um déspota aumentara de 16% para 33%; entre os eleitores franceses passara de 35% para 48%. No Reino Unido, o resultado foi ainda mais duro: enquanto apenas 25% apoiavam um líder autoritário em 1999, hoje eles são 50%” (MOUNK, 2019, p.40).

democracia caminham lado a lado, assim se diz, eles formam um amálgama particularmente estável, resiliente e coerente.

Mas quando as opiniões do povo tendem a ser iliberais e as preferências das elites se tornam antidemocráticas, liberalismo e democracia colidem. democracia liberal, essa mistura única de direitos individuais e governo popular que há muito tem caracterizado a maioria dos governos na América do Norte e na Europa Ocidental, está se desmantelando. Em seu lugar, presenciamos a ascensão da *democracia iliberal*, ou democracia sem direitos, e do *liberalismo antidemocrático*, ou direitos sem democracia (MOUNK, 2019, p. 27-28 *itálicos no original*)

Portanto; Mounk enxerga uma lenta divergência entre liberalismo e democracia em direção a cenários de *oligarquização* da democracia⁷⁰ ou uma democracia sem direitos. É com temor que Mounk (2019, p. 34) diz “o apuro que enfrentamos hoje é tão recente, e tão assustador, que ninguém até o momento conseguiu se dar conta realmente do que significa [...] a democracia liberal está se decompondo em suas partes integrantes”. Diagnóstico semelhante pode ser encontrado também em Deneen (2018); que diz que o liberalismo reinou por tempos sob uma máscara de neutro e que apraz em mistificar sua existência e preferências. Mas também para Deneen “o liberalismo se torna cada dia mais visível porque suas deformações estão se tornando óbvias demais para serem ignoradas” (DENEEN, 2018, p. 5).

Partindo de matiz ideológica distinta; Lazzarato concordaria com os diagnósticos acima. Em síntese, concordariam que a democracia liberal está sendo minada e reconfigurada em estados autoritários sem o uso de golpes clássicos. Leis e instituições são desmanteladas por líderes e parlamentos eleitos em sociedades caminhando rumo a configurações despóticas, iliberais, de maior controle e institucionalização da violência. Diz Lazzarato (2019, p.10):

Os tempos apocalípticos nos fazem ver que os novos fascismos estão reativando, apesar de nenhum comunismo ameaçar o capitalismo e a propriedade, a relação entre violência e instituição, guerra e “governabilidade”. Vivemos a época da indistinção, da hibridação do Estado de direito com o Estado de exceção. A hegemonia do neofascismo não se mede apenas por essas organizações, mas também pela capacidade que ela tem de encardir o Estado e o sistema político e midiático. Os tempos apocalípticos revelam que debaixo

⁷⁰ “Entretanto, os direitos sem democracia não precisam se provar mais estáveis: depois que o sistema político virar um playground de bilionários e tecnocratas, a tentação de excluir cada vez mais o povo das decisões importantes continuará aumentando” (MOUNK, 2019, p. 19). Mais adiante, no capítulo de “Democracia sem direitos” diz à guisa de sugestão: “toda democracia deveria ter a postos um conjunto de mecanismos institucionais efetivos para traduzir a opinião popular em políticas públicas. Nos Estados Unidos, esses mecanismos hoje estão significativamente enfraquecidos. O compromisso do país com os direitos liberais permanece profundamente entranhado. Mas a forma que assume esse liberalismo é cada vez mais antidemocrática. A América não está sozinha em sua tendência ao liberalismo antidemocrático. Praticamente todas as atuais democracias desenvolvidas apresentam fortes mecanismos tutelares” (MOUNK 2019, p. 116).

da fachada democrática, atrás de “inovações” econômicas, sociais e institucionais, encontramos sempre o mesmo ódio de classe e a violência do confronto estratégico.

Chamamos a atenção pela força argumentativa pela qual o autor nomeia este momento (“tempos apocalípticos”) sendo tal autor, mais um com a convicção da reativação de um tipo fascista no mundo.

O historiador israelense Yuval Harari, que vem das fileiras liberais também constata com preocupação⁷¹ uma perda de vigor do liberalismo:

Após o colapso do fascismo e do comunismo agora o liberalismo está emperrado.

Então para onde caminhamos?

Essa pergunta é especialmente incômoda, porque o liberalismo está perdendo credibilidade justo quando as revoluções gêmeas na tecnologia da informação e na biotecnologia enfrentam os maiores desafios com que nossa espécie já deparou (HARARI, 2018, p. 11).

Para Harari (2018), a narrativa liberal encontra-se sem antagonista ideológico desde a queda do socialismo real e atualmente isso mostra ser um problema ao próprio liberalismo.

Harari considera que o liberalismo está colapsando pois “não tem respostas imediatas para os maiores problemas que enfrentamos: o colapso ecológico e a disrupção tecnológica. O liberalismo baseou-se tradicionalmente no crescimento econômico para resolver conflitos sociais e políticos” (HARARI, 2018, p. 29). O liberalismo agonizante, ao invés de fazer apontar novas formulações para o futuro, faria reacender nostalgias de um suposto tempo de prosperidade:

Sem dúvida, é isso que está acontecendo em todo o globo, quando o vácuo deixado pelo colapso do liberalismo está sendo, de forma vacilante, preenchido por fantasias nostálgicas de algum passado local dourado. Donald Trump associou seu chamado para o isolacionismo americano com uma promessa de “Tornar a América grande novamente” — como se os Estados Unidos das décadas de 1980 ou 1950 tivessem sido uma sociedade perfeita que os americanos deveriam de algum modo recriar no século XXI.

Os partidários do Brexit sonham em fazer da Inglaterra uma potência independente, como se ainda vivessem na época da rainha Vitória e como se o “isolamento esplêndido” fosse uma política viável na era da internet e do aquecimento global (HARARI, 2018, p. 28).

O camaronês Achille Mbembe acredita que o mundo entrou na fase final do que ele chama de Era do Humanismo. Para o pensador, o período que estamos; a primeira

⁷¹ “Grande parte do livro discute as imperfeições da visão de mundo liberal e do sistema democrático. Faço isso não por acreditar que a democracia liberal é excepcionalmente problemática, e sim porque penso que é o modelo político mais bem-sucedido e versátil que os humanos desenvolveram até agora para lidar com os desafios do mundo moderno” (HARARI, 2018, p. 12).

metade do século XXI será marcado como a batalha entre a democracia liberal e o capitalismo neoliberal; dois modelos que embora conviveram por alguns anos, vivem atualmente um descolamento irremediável. Este esfacelamento do modelo de democracia das últimas décadas é descrito assim nas palavras do autor:

O capitalismo e a democracia liberal triunfaram sobre o fascismo em 1945 e sobre o comunismo no começo dos anos 1990 com a queda da União Soviética. Com a dissolução da União Soviética e o advento da globalização, seus destinos foram desenredados. A crescente bifurcação entre a democracia e o capital é a nova ameaça para a civilização.

Em seu núcleo, a democracia liberal não é compatível com a lógica interna do capitalismo financeiro. É provável que o choque entre estas duas ideias e princípios seja o acontecimento mais significativo da paisagem política da primeira metade do século XXI, uma paisagem formada menos pela regra da razão do que pela liberação geral de paixões, emoções e afetos [...] Nesta nova paisagem, o conhecimento será definido como conhecimento para o mercado. O próprio mercado será re-imaginado como o mecanismo principal para a validação da verdade. Como os mercados estão se transformam cada vez mais em estruturas e tecnologias algorítmicas, o único conhecimento útil será algorítmico (MBEMBE, 2017, *s.p.* tradução de André Langer).

Há, portanto, um leque de autores que nos respaldam para afirmar que a crise de representatividade da democracia liberal é realmente um aspecto considerável nos tempos atuais. A erosão desse modelo de organização política burguesa é de acordo com diferentes leituras aqui expostas, um sintoma da crise do neoliberalismo⁷²; e este neoliberalismo ao dismantelar os freios de contenção social e de participação popular acaba por potencializar sua própria crise e ficar sujeito a explosões sociais de grande desafio ao modelo neoliberal. Em analogia, o neoliberalismo tem com a democracia uma relação tal como uma infestação de parasita em um hospedeiro que quando mais suga as energias desse, fortalece temporariamente o parasita, mas sempre tem que se precaver em relação a morte do hospedeiro (e consequentemente do próprio parasita). Nessa nossa analogia, não há indicativos que o nosso parasita (o neoliberalismo), que como todo parasita, não parece estar preocupado em estar tirando em demasia as energias do hospedeiro que pode estar caminhando rumo a morte.

⁷² Como bem disse Bresser-Pereira na qual respaldamos: “A explicação que nos oferece o pensamento hegemônico no Ocidente é que a crise é da democracia liberal e a sua causa é o populismo de direita. Eu estou afirmando que a crise não é uma crise da democracia desvirtuada pelo populismo, porque este é apenas mais um sintoma político principal da crise. A crise hoje em curso no capitalismo não é uma crise de regime político e sim da forma que o capitalismo assumiu a partir de 1980 – a forma neoliberal e financeiro-rentista – e que sua causa é a incapacidade desse neoliberalismo de organizar o capitalismo de maneira razoavelmente eficiente, razoavelmente estável e razoavelmente menos injusta” (BRESSER-PEREIRA, 2020, p. 64-5).

2.1.4 A derrocada do neoliberalismo progressista e a governança “the winner take all”

Lazzarato; que vê a ascensão da extrema direita brasileira sob as ruínas do modelo “reformista *soft*” do petismo (assentado em crédito, financeirização, consumismo superficial, endividamento etc.) um período de rearranjo de alianças neoliberais rumo a um modelo mais autoritário. E na concepção teórica do autor o neoliberalismo não teve a menor dificuldade em se legitimar numa alternativa hiperreacionária, dado que já tem um ferramental extenso e experiência nesses manejos prontos para uso. Segundo Lazzarato (2019) rapidamente se reconstróem⁷³ as alianças entre o latifúndio, religiosos reacionários (em especial os evangélicos), finanças nacionais e internacionais, militares e fascismo que legitima uma saída autoritária:

Ao lado desses movimentos do grande capital, a revolta, as vinganças das elites brancas e da classe média alta encontraram lugar para manifestar. O ódio de classe suscitado por um presidente operário, pelas cotas [...] exprimiu-se por ocasião do revés das políticas econômicas. Mas não se deve excluir a hipótese de que os sentimentos de tristeza do homem endividado, e ao mesmo tempo frustrado, assustado e isolado, angustiado e despolitizado, tenham tornado disponíveis para a aventura fascista pobres e assalariados. A micropolítica dos créditos [petista] criou as condições para uma micropolítica fascista (LAZZARATO, 2019, p. 35).

Nancy Fraser (2019) recupera Gramsci e numa obra chamada *The old is dying and the new can not be born*, afirma que Trump (e o trumpismo) seriam marcos na dissolução do bloco hegemônico anterior que segundo a autora, seria o do neoliberalismo progressista. Neste as demandas sociais (liberais) progressistas (direitos LGBT, antirracismo, feminismo, ambientalismo etc.) estiveram num estranho casamento com as mais financeirizadas instituições do neoliberalismo (Wall Street, Hollywood e Silicon Valley). O neoliberalismo progressista colocado abaixo por Donald Trump, era conscientemente superficial. Substituíu a igualdade pela enviesada meritocracia; a

⁷³ Termo do autor. A terminologia “reconstrução de alianças” parece remeter ao fato de que a aliança estava em grave crise na fase final do petismo e precisava ser reativada rapidamente pelo neoliberalismo para garantir a governamentalidade; agora em uma chave mais reacionária pois a aliança caminhou no sentido da legitimação fascista. Me parece que o autor concordaria que uma aliança entre agronegócio e latifúndio, religiosos, militares, finanças e militares já estavam presentes dando sustentação ao petismo. Ressalta-se que para o autor embora já houvessem sementes do neoliberalismo no período petista, ele desembarcaria para valer após os governos do PT o que fica claro no seguinte trecho: “o neoliberalismo não chegou de repente no fim dos mandatos de Lula [parece querer dizer PT/Dilma], ele foi cultivado, favorecido, cevado—ironia do destino!—pelo partido dos trabalhadores. O capital tem uma excelente relação com as instituições do movimento operário, pois a financeirização teria sido inconcebível sem os ‘fundos de pensão’ dos assalariados estadunidenses e grandes investidores institucionais da bolsa” (LAZZARATO, 2019, p.36).

emancipação se resumia ao “empoderamento feminino” e ideais vagos de fortalecimento da diversidade. O meio ambiente era tratado inteiramente dentro da ótica capitalista financeirizada; a exemplo dos Créditos de Carbono. Dentro desse neoliberalismo progressista só havia espaço para as correntes majoritárias e pouco contestatórias; e movimentos sociais e posições mais radicais eram deixadas a margem, sem financiamento, sem voz, sem espaço na mídia. Mesmo as correntes mais fortes desse progressismo, tinha a função de:

Os progressistas no bloco neoliberal progressista deveriam ser; claro, seus parceiros juniores, muito menos poderosos do que seus aliados em Wall Street, Hollywood e Vale do Silício. No entanto, eles contribuíram com algo essencial para esta ligação perigosa: o carisma, um "novo espírito do capitalismo". Exalando uma aura de emancipação, este novo “espírito” carregou a atividade econômica neoliberal com um *frisson* de excitação. Agora associado com visão de um futuro libertador, cosmopolita e moralmente avançado; o sombrio de repente tornou-se emocionante. Graças em grande parte a este *ethos*, as políticas que promoveram uma grande concentração de riqueza e renda adquiriram um verniz de legitimidade (FRASER, 2019, *s.p.* tradução nossa).

Segundo Fraser, para se tornar o bloco dirigente, o neoliberalismo progressista teve que derrotar (em terras norte-americanas, estamos falando do clintonismo noventista) os remanescentes do *New Deal* e o neoliberalismo reacionário que também tinha uma política redistributiva regressiva, mas estava muito mais ligado aos interesses militares e extrativistas ao mesmo tempo em que eram profundamente homofóbico, patriarcal e religioso (nos EUA se alojavam dentro de alas do partido Republicano). Mas ambos os blocos neoliberais defendiam o corte de direitos, livre comércio, desregulamentação financeira (houve a revogação da Lei Glass-Steagall por exemplo) e baixos impostos corporativos.

Segundo Fraser (2019), no tempo em que vigorou, o neoliberalismo progressista contou com a complacência do seu antagonico reacionário e pouco fez para mitigar efeitos de políticas econômicas⁷⁴ sobretudo as globalizantes (acordos comerciais com a China recém ingressa na OMC, criação do Nafta e outros) que aprofundaram a

⁷⁴ Embora não utilize tais denominações; Michael Sandel tem considerações bastante próximas as de Fraser sobre as características centrais desse neoliberalismo pela esquerda nos Estados Unidos. Diz o autor: “Eles [Bill Clinton, Tony Blair e Gerhard Schröder] suavizaram as duras arestas do livre mercado, mas não desafiaram a premissa central da era Reagan-Thatcher: que mecanismos de mercado são os instrumentos principais para alcançar o bem público. Alinhados a essa crença, aceitaram uma versão favorável ao mercado para a globalização e acolheram a crescente financeirização da economia. Nos anos 1990, a administração Clinton se juntou a republicanos na promoção de acordos internacionais de comércio e de desregulamentação da indústria financeira. Os benefícios dessas políticas fluíram, sobretudo, para aqueles no topo, mas democratas pouco fizeram para abordar o aprofundamento da desigualdade e o crescente poder do dinheiro na política (SANDEL, 2020, p.36-7).

decadência de áreas industriais dentro dos Estados Unidos. No neoliberalismo progressista não havia espaço para esses residentes, economias e regiões. Na terminologia “neoliberalismo progressista”; a face neoliberal cumpriria o papel de relegar a competitividade do mercado a sobrevivência ou não das atividades econômicas e a face progressista via nos valores desses indivíduos e regiões como culturas paroquiais do passado, obsoletas e sujeitas a morrer sob uma cultura cosmopolita.

Ainda segundo Fraser (2019) o primeiro grande movimento contra os arranjos neoliberais norte-americano veio em 2011 com o Occupy Wall Street que foi rapidamente neutralizado. Nas eleições de 2016, surgiram dois desafiantes de peso aos blocos neoliberais (progressista ou reacionário); o primeiro foi Bernie Sanders um autoproclamado socialista que mesmo no partido Democrata não se comprometeu com o legado do neoliberalismo progressista em decadência de Barack Obama e o segundo sendo Donald Trump, vencedor das eleições e que deixou para trás dezesseis outros candidatos republicanos escolhidos a dedo pelos grandes doadores e estrategistas do seu partido:

Em ambos os lados, os *scripts* usuais foram revirados, como um par de estranhos ocupou a lacuna hegemônica e passou a preenchê-la com novos memes. Tanto Sanders quanto Trump criticaram a política distributiva neoliberal, mas suas políticas de reconhecimento [identidade] diferiam agudamente. Enquanto Sanders denunciou a "economia manipulada", Trump pegou emprestada a mesma frase, mas a coloriu nacionalista e protecionista [...] A base da "classe trabalhadora" que sua retórica conjurou era branca, heterossexual, masculina e cristã, baseado na mineração, perfuração, construção, e indústria pesada. Em contraste, a classe trabalhadora que Sanders cortejou era ampla e expansiva, abrangendo não apenas os trabalhadores fabris do *Rust Belt*, mas também trabalhadores do setor público e de serviços, incluindo mulheres, imigrantes e pessoas de cor [ipsis litteris] (FRASER, 2019, *s.p.*, tradução nossa).

Para Fraser (2019); Sanders se pautava num populismo progressista ao passo que Trump se cacifou ao poder num novo bloco proto-hegemônico de populismo reacionário. E aqui a importante ressalva; embora tenha sido eleito com essa plataforma; diz a autora que logo que assumiu o cargo, Trump passou a governar seguindo os ditames neoliberais (reacionários) do partido Republicano. Não se investiu em uma nova infraestrutura geradora de empregos no *Rust Belt*, não modificou o código tributário em favor das classes trabalhadoras e médias (pelo contrário, reduziu os impostos dos mais ricos), não confrontou Wall Street. Em síntese, Trump governou ainda sob o neoliberalismo com doses cavaleares de compadrio e interesses próprios.

Não abandonando o pilar neoliberal, passou a dobrar a aposta na chave reacionária aumentando o nível de preconceitos, políticas discriminatórias, anti-imigrações, pró-armas, acenos a Kun Klux Klan etc.:

As políticas do presidente Trump divergem totalmente do candidato Trump. Não só o seu populismo econômico desapareceu como seu bode expiatório tornou-se cada vez mais cruel. O que os partidários votaram, não é o que eles têm agora. O resultado não é populismo reacionário, mas neoliberalismo hiper-reacionário (FRASER, 2019, *s.p.*, tradução nossa).

Em tempo, para Fraser (2019); a hegemonia⁷⁵ neoliberal está em xeque e o resgate do neoliberalismo progressista a lá Obama não é uma saída sustentável; mas não se enxerga(va) no momento em que ela escrevia, de uma contra-hegemonia para desafiar o trumpismo e os dois tipos de neoliberalismo. Para a autora, o momento era de um interregno tal como descrito na célebre frase de Gramsci.

Se o “neoliberalismo *soft*”/”neoliberalismo progressista” dirigido pela esquerda perdeu sua influência com a ascensão das direitas; este progressismo precisou passar por uma limpeza para dar lugar a moldes mais autoritários. E para isso, as novas extremas direitas que ascenderam ao poder nos últimos anos, utilizaram-se do método que nomino de *Winner Take All*⁷⁶ para representar o que uma vez no poder, o grupo vencedor seleciona/troca operadores políticos por fiéis a cartilha retórica (extremista) que os levaram ao poder. Obviamente, a troca dos cargos políticos auxiliares da máquina estatal sempre foi uma prerrogativa do partido, coalizão ou presidente vencedor; mas frequentemente não havia grandes guinadas ideológicas em departamentos onde algum

⁷⁵ A autora é clara em descrever os tempos atuais como uma crise de hegemonia do neoliberalismo. Segundo ela: “a hegemonia tem a ver com a autoridade política, moral, cultural e intelectual de uma determinada visão de mundo e com a capacidade dessa visão de mundo de se incorporar em uma aliança durável e poderosa de forças e classes sociais. O neoliberalismo progressista gozou de hegemonia nesse sentido por várias décadas. Agora, no entanto, sua autoridade está severamente enfraquecida; se não totalmente estilhaçada. Basta considerar a explosão de movimentos antineoliberais em todo o mundo. Geralmente estamos focados nas variantes populistas de direita, como o voto Brexit no Reino Unido; a ascensão do racismo, partidos anti-imigrantes no norte e leste europeu e, claro, a vitória de Trump nos Estados Unidos. Mas isso é apenas parte da história. Não devemos ignorar as forças anti-neoliberais de esquerda [...] Seja à direita ou à esquerda, estes são todos os casos em que as pessoas estão dizendo que não acreditam na regra narrativas neoliberais mais. Eles não têm fé no estabelecido partidos políticos de centro-esquerda ou centro-direita que os promoveram. Elas querem tentar algo completamente diferente” (FRASER, 2019, n.p. Tradução nossa).

⁷⁶ *The Winner Take All* (O vencedor leva tudo) é uma terminologia originária de jogos e apostas, mas tem seus usos em trabalhos de economia para tratar sobretudo dos estudos da formação de alguns monopólios e também para estudos da desigualdade. Na política o termo também tem seu uso, mas é diferente do sentido que aqui uso; pois geralmente trata de sistemas eleitorais onde a parte majoritariamente votada de um determinado território, ganha todo os representantes da área, não observando portando a aplicação de critérios de proporcionalidade.

entendimento e tradição já havia se consolidado para a área; e sendo assim, anteriormente os eleitos trocavam os nomes, mas mantendo um certo perfil esperado para o cargo. E como mostramos, esse era um consenso construído pelo neoliberalismo com sua lógica tecnocrática.

Operando guiados pelo *winner take all*, a extrema direita uma vez tomando seu lugar nos mais altos cargos da administração se sentem confortáveis (ou pressionada pelos partidários) a apoderar-se de cada espaço da máquina governamental colocando à funcionar por preceitos políticos-ideológicos que por vezes são sabidamente nocivos e destruidores desses departamentos públicos.

Para citar alguns exemplos da política de *winner take all*; o presidente Bolsonaro uma vez eleito coloca no Ministério do meio Ambiente um político que atua justamente no sentido contrário do que se espera do ministério; e tal ministro foi durante a sua gestão um dos grandes sabotadores das ações de fiscalização e prevenção da floresta amazônica. Ainda sob a direção da *winner take all*, tal ministro se sentiu confortável a trocar seus subordinados que apresentassem dados que mostravam os números da degradação ambiental. Um outro exemplo da política do que estamos chamando de *winner take all* no Brasil é a escolha de um polêmico secretário para a Fundação Cultural Palmares, um instituto originalmente criado para a promoção e preservação dos valores, tradições e história da influência negra na formação brasileira. Na verdade, o escolhido para a fundação atua na direção oposta do esperado para efetivação dos princípios da entidade e muito frequentemente está envolvido em polêmicas por exaurir comentários racistas e implementar ações que desestrutura políticas importantes defendidas por especialistas e pelo movimento negro do país.

Acima citamos dois casos no Brasil; um que é o principal cargo de confiança a disposição da indicação de um presidente brasileiro (o de ministro) e o outro que é um cargo considerado de “terceiro escalão” dentro dos cargos da administração pública federal. Mas podemos citar muitos outros nomes sempre envoltos em polêmicas na condução de suas funções; aplicando diretrizes completamente desaconselhadas ou tradicionalmente esperadas para o cargo; tal como o ministro da Educação (que frequentemente escrevia errado) e que gostava de atacar os universitários e as universidades. Um outro caso brasileiro significativo foi o do polêmico ministro das Relações Exteriores do Brasil que com suas conspiratórias posições erodia as relações diplomáticas brasileiras com parceiros comerciais importantes. O *winner take all* também foi aplicado “de ponta a ponta” no Ministério da Mulher da Família e dos Direitos

Humanos onde uma fundamentalista religiosa a frente do ministério, muitas vezes mistura a religião com políticas públicas e gosta de pregar contra o aborto e a liberdade sexual. Num episódio bastante conhecido; a ministra juntamente com subordinados montou uma complexa operação para intimidar e desencorajar médicos e uma criança de apenas dez anos de realizar um aborto de uma gravidez fruto de um estupro; isto é, a ministra atua na direção contrária de tudo aquilo que seu ministério carrega no nome; a defesa da mulher e dos direitos humanos (como por exemplo o de livre orientação sexual). Muito danosas também foram as gestões de nomes da direita radical frente a Fundação Nacional do Índio; onde líderes religiosos sem experiência com políticas públicas na área usam da fundação para levar suas religiões a aldeias indígenas isoladas ou mesmo defender o interesse de fazendeiros em detrimentos dos indígenas.

Citamos casos brasileiros na qual conhecemos de perto, mas isso acontece também em outros locais onde a extrema direita apoderou-se do poder. A indicação de ministros da Suprema Corte que tenha como requisito para a indicação, a completa concordância com os radicalismos exaurado pelos presidentes também tem sido artifícios que se verificam em países como EUA, Polônia e Hungria. Mas, vale notar que o tecnocratismo neoliberal tem conseguido até o momento defender os seus *locus* estratégicos dentro dos aparatos estatais dessas investidas consideradas populistas até porque o expurgo de práticas progressistas, obviamente só cabem em algumas repartições onde haveria erigido algum progressismo. Assim, nos EUA por exemplo, o secretário do Tesouro indicado por Trump seguiu a já tradicional indicação de um banqueiro advindo do Goldman Sachs.

Em resumo; chamo de *winner take all*, a completa tomada e ideologização de órgãos da administração pública com nomes e diretrizes que atuam na direção contrária do que tradicionalmente e/ou estatutariamente rege o órgão. Como a própria terminologia diz; *winner take all* deriva do entendimento das extremas direitas vencedoras de que a eleição para o mais alto cargo dá plenos poderes para fazer da máquina pública o que bem entenderem, como o de explicitamente desestruturar, sabotar ou aplicar diretrizes diametralmente opostas ao que se espera do departamento. O *winner take all* difere da simples composição dos órgãos a partir de arranjos políticos como vigorava antes; é a tomada dos aparatos político-administrativos para fins ideológicos muito bem definidos e estes têm primazia sobre o estatuto e funcionamento dessas autarquias, fundações, ministérios etc.

A política do *take all* é possível, ou mesmo se faz necessária pois é mantido um alto grau de polarização na sociedade e a própria base política do grupo no poder faz as

cobranças no sentido de “expurgar” a máquina pública de quaisquer resquícios do “inimigo”. E assim, por exemplo, chave do macartismo está sempre ligada na extrema direita atual, buscando comunistas em todos os cômodos do governo, mesmo que esse “comunista” seja apenas um cientista, diplomata, delegado etc., que está fazendo apenas o que da função dele se espera.

Essa desconstrução não tem caminhado no sentido de prover mais democracia ou representação popular nestas esferas de poder e políticas públicas. Na verdade, tem caminhado em sentido contrário; uma desconstrução que buscar retirar os aspectos básicos de cidadania, direitos sociais e humanos rumo a gestões mais negacionistas, repressivas e destrutivas.

2.1.5 O ressentimento, os “recalcados” e o crescimento da extrema direita

O neoliberalismo aprofunda a dissolução daquilo que sociólogos costumam chamar de “tecido social”. A política neoliberal promove sistematicamente uma guerra contra os despossuídos, as mulheres, os negros, os deficientes e os mais oprimidos. Diz Mbembe (2017, s. p) “o capitalismo neoliberal deixou em sua esteira uma multidão de sujeitos destruídos, muitos dos quais estão profundamente convencidos de que seu futuro imediato será uma exposição contínua à violência e à ameaça existencial” e que sendo assim esses sujeitos procuram retornar a portos seguros tais como a religião, a tradição, a hierarquia, o sagrado⁷⁷. Essa posição, acrescida do componente emocional do medo também encontra respaldo em Castells (2018, p. 32):

É assim que a crise de legitimidade democrática foi gerando um discurso do medo e uma prática política que propõe voltar ao início. Voltar ao Estado como centro da decisão, acima das oligarquias econômicas e das redes globais. Voltar à nação como comunidade cultural da qual são excluídos os que não compartilham valores definidos como originários. Voltar à raça, como fronteira aparente do direito ancestral da etnia majoritária. Voltar, também, à família patriarcal, como instituição primeira de proteção cotidiana diante de um mundo em caos. Voltar a Deus fundamento [...] A reconstrução parte de uma afirmação encarnada num líder ou numa causa que surge em contradição com as instituições deslegitimadas.

Estes sujeitos se apegam a ideia de que esse mundo está “perdido”, que é preciso restaurar valores, tradições e patriarcalismo de tempos passados. Há, portanto, um

⁷⁷ Essa ideia aproxima-se da tese de Wendy Brown, Melinda Cooper e de Streeck que percebe indivíduos nostálgicos afeitos a ideia de que é preciso retornar a preceitos do passado.

componente de nostalgia e de reacionarismo⁷⁸ muito forte. Num mundo em que os referenciais de um futuro próspero e de uma sociedade de realizações se esvaem num presente cada vez mais concorrencial, automatizado, gerador de desigualdades e precariedades; estes sujeitos se apegam e abraçam discursos que remetem a uma ordem ou a um modelo de passado onde o mundo era supostamente, um lugar melhor⁷⁹. A *Foreign Affairs*, uma centenária revista do pensamento geopolítico da potência americana consta com pesar uma redução do apelo ao “capitalismo democrático e valores liberais” (essa afeição reduz mesmo dentro do país). Diz o colunista da revista (que também aposta na manutenção da hegemonia americana no século):

A automação provavelmente tornará os Estados Unidos mais forte; mas é improvável que reforcem a decadente ordem liberal liderada pelos EUA. Nas democracias liberais em todo o mundo, o apoio público a essa ordem há muito se baseia no aumento da renda da classe trabalhadora que por sua vez foi em grande parte resultado do crescimento populacional e de tecnologias de criação de empregos. O *baby boom* do pós-guerra produziu muitos jovens trabalhadores e consumidores e a linha de montagem proporcionou-lhes empregos estáveis. Mas hoje, as populações em todo o mundo democrático estão envelhecendo e encolhendo e as máquinas estão eliminando empregos. A crença básica de trabalhar duro, apoiar o sistema liberal e confiar que uma maré econômica crescente levantará todos os barcos do cais, se esvaiu. O nacionalismo e a xenofobia estão preenchendo o vazio” (BECKLEY, 2020, s. p. Tradução nossa).

Para Streeck, nas baixas participações eleitorais observadas nas últimas décadas os que menos participam são as camadas de rendas mais baixas. Segundo ele; “tudo indica que a diminuição de participação eleitoral nas democracias capitalistas não pode explicar com a satisfação, mas sim com a resignação: os perdedores da viragem

⁷⁸ Uma obra que debruça sobre o tema do apelo ao reacionarismo é; “A mente naufragada” de Mark Lilla (2018). Em um dado momento o autor escreve sobre os fundamentos do pensamento reacionário atual: “A mente reacionária é uma mente naufragada. Onde os outros veem o rio do tempo fluindo como sempre fluiu, o reacionário enxerga os destroços do paraíso passando à deriva. Ele é um exilado do tempo. O revolucionário vê o futuro grandioso que os outros não são capazes de ver, e com isto se exalta. O reacionário, imune às mentiras modernas, vê o passado em todo o seu esplendor, e também se sente exaltado. Sente-se em mais forte posição que o adversário por se julgar guardião do que de fato aconteceu, e não profeta do que poderia ser. Isso explica o desespero estranhamente arrebatador que permeia a literatura reacionária, **seu palpável senso de missão** — tal como exposto pela revista reacionária americana *National Review* em seu primeiro número, a missão consistia em “posicionar-se contra a história, gritando ‘Pare!’”. A **combatividade da sua nostalgia** é o que torna o reacionário uma figura tipicamente moderna, e não tradicional. Ela também explica a duradoura **vitalidade do espírito reacionário, mesmo na ausência de um programa político revolucionário**. (LILLA, 2018, p. 12, negritos nosso). Em tempo; sobretudo se aceitarmos tal linha de exposição de Mark Lilla; não podemos confundir reacionário com conservador embora estes dois campos compartilhem bastantes elementos em comum.

⁷⁹ Castells também tem enxerga nesse apelo ao passado como um sintoma da crise da democracia liberal.

neoliberal, sobretudo, já não veem o que possam esperar de uma mudança de partido no governo” (STREECK; 2013, p.81).

Em Streeck (2017) tendo o autor já observado a ascensão de movimentos *anti-establishment* e eleições como a do Brexit, conclui que depois de décadas de decréscimo, a participação nas eleições tem voltado a subir em países ocidentais puxado pelas camadas mais baixas da sociedade e favorecem partidos e movimentos novos logo taxados de populistas pela elite político-partidária estabelecida⁸⁰ que coloca num mesmo diapasão; figuras de extrema-direita e de esquerda que contestam a globalização e buscam saídas fora do receituário neoliberal. Em linha; Mouffe (2018, p. 17) que toma positivamente a terminologia de populismo afirma que “os partidos social-democratas, que em muitos países desempenharam um papel importante na implementação de políticas neoliberais, são incapazes de compreender a natureza do momento populista e de enfrentar o desafio que ele representa” e agora tais partidos tinha como concorrentes um radicalismo que se espalhava em toda a Europa no momento em que escrevia (que vem até hoje).

Diz Streeck que o populismo é tratado pelos adeptos da globalização pelo prisma cognitivo; caracterizando os populistas como pessoas que buscam soluções simples ignorando as práticas recomendadas pelos tecnocratas e especialistas (neoliberais). Mouffe concordaria com ele:

A globalização neoliberal foi vista como um destino que tínhamos que aceitar, e as questões políticas foram reduzidas a meros problemas técnicos a serem tratados com por especialistas. Não foi deixado espaço para os cidadãos terem uma escolha real entre diferentes políticas projetos e seu papel limitava-se a aprovar as políticas "racionais" elaboradas por esses especialistas (MOUFFE, 2018, p. 27).

Classificar os partidos populistas de direita como 'extrema-direita' ou 'neofascista' e atribuir sua o apelo à falta de educação é, obviamente, especialmente conveniente para as forças da centro-esquerda. É um maneira fácil de desqualificá-los, sem reconhecer a responsabilidade da centro-esquerda nessa emergência. Estabelecem uma fronteira "moral" de modo a excluir os "extremistas" da democracia [...] A estratégia de demonização dos 'inimigos' do consenso bipartidário pode ser moralmente reconfortante, mas é politicamente desempoderador (MOUFFE, 2018, p. 17).

⁸⁰ “Por isso, partidos tradicionais irmanados há tempos e já integrados aos aparatos estatais, assim como seus assessores de imprensa, identificam e combatem esses novos partidos e movimentos como um perigo mortal para ‘a democracia’. A palavra de luta aí empregada, e rapidamente inserida no saber pós-verdade, é populismo” – com ela se etiquetam correntes e organizações de direita e de esquerda que se fecham à lógica da falta de alternativas, da política ‘responsável’ sob a égide da globalização neoliberal” (STREECK; 2017, p. 13).

Nos trechos acima, a autora está caracterizando um estilo de governança no neoliberalismo aplicado por sucessivos governos de matizes ideológicas distintas dentro de um modelo chamado por Mouffe de pós-política. Mas a autora defende e acredita que a política é muito diferente do suposto consenso que o neoliberalismo faz crer; que achata a esfera de participação e leva a uma crise de representação. Na redução forçada dessa arena de luta política, os confrontos irrompem em questões étnicas, religiosas, geracionais, de gênero ao invés de projetos de direita *versus* projetos de esquerda. Para a autora, é preciso resgatar a agonística e quem tem saído na frente nessa questão são os chamados populistas de direita ou de extrema-direita.

Segundo Dardot e Laval, o reformismo da esquerda que abraça os preceitos neoliberais e de alguma forma aceita o “fim da história” deixa parecer que o capitalismo venceu plenamente. A esquerda socialdemocrata ficou condenada ao vazio político se tornando instrumento da globalização capitalista e do mercado financeiro⁸¹ (DARDOT & LAVAL; 2016). Em outra obra os autores mostram as consequências do neoliberalismo na sociedade e nas suas escolhas eleitorais. Perguntam os autores: “como se surpreender então com a resposta da massa de perdedores ao estabelecimento desta ordem competitiva?” (DARDOT & LAVAL, 2019, p. 10). Segundo os escritores, degradando s instrumentos coletivos de luta dos trabalhadores como os sindicatos (e claro, os partidos de esquerda); as respostas se deram sob a forma de refúgios em abstenções políticas e votos de protestos que deveriam serem entendidos como um chamado a proteção contra as ameaças do que pesam sobre a vida desta sociedade. E os autores são claros; o neoliberalismo é artífice de uma crise na democracia liberal⁸²:

Despercebidos, criticados e sem atrativos para cerrarem fileiras nos partidos das concertações neoliberais em seus países (sobretudo da centro-esquerda) vê se a formação de agrupamentos sociais que apelam ao identitarismo nacional, ao tradicionalismo, a nostalgia e a resistência a arranjos econômicos globais. Esse é um dos vértices da tese de Streeck:

⁸¹ Em outra obra dizem os autores: “por certo, a social-democracia, assentida à racionalidade dominante, está em vias de desaparecimento em um grande número de países” (DARDOT & LAVAL; 2019, p. 9. tradução nossa).

⁸² No fundo, é como se o neoliberalismo aproveitasse a crise da democracia liberal-social que provocou e não cessa de agravar para impor melhor a lógica do capital sobre a sociedade (DARDOT & LAVAL; 2019, p.10, tradução nossa).

Quem, econômica ou moralmente, pressiona uma sociedade para que se dissolva vai colher uma resistência tradicionalista, porque aquele que se vê entregue às incertezas dos mercados internacionais – cujo controle é promessa antiga, mas jamais cumprida – prefere ter na mão o pássaro da democracia nacional do que ver a sociedade democrática global voando (STREECK, 2017, p.21).

Belluzzo & Galípolo (2019, p. 158) vem de encontro as linhas anteriores e também constatam que:

O capitalismo “social” e “internacional” do imediato pós-guerra transfigurou-se no capitalismo “global”, “financeirizado” e “desigual”. A desarticulação econômica descortina uma nova fase, marcada por desencontros nas relações entre o modo de funcionamento dos mercados globalizados e os espaços jurídicos-políticos nacionais. Ante o nervosismo da insegurança econômica, recrudescer a polarização política, fomentado pelo crescimento da massa daqueles que tiveram suas condições de trabalho e vida precarizadas na senda da arbitragem geográficas de salários, impostos, câmbio, e juros pela finança globalizada. “Os irracionais” querem os empregos de volta [...] a polarização política exprime de forma dramática a ruptura das relações mais “equilibradas” entre os poderes do “livre mercado” e o resguardo dos direitos econômicos e sociais dos cidadãos desfavorecidos (BELLUZZO; GALÍPOLO, 2019, p. 158).

Em países como os Estados Unidos, a própria globalização e os valores cosmopolitas tendem a dissolver laços comunitários locais fazendo com que comunidades interioranas ou rurais se sintam despojadas em detrimento de minorias e grupos vistos como beneficiados⁸³. É um caldeirão para o ressentimento e para o fortalecimento de posicionamentos conservadores que buscam na tradição um refúgio contra as “hordas” de imigrantes, gays, islâmicos, comunistas, libertinos etc.:

Não é difícil enxergar como a fé tecnocrata em mercados prepara o cenário para o descontentamento populista. A versão de globalização favorável ao mercado trouxe uma crescente desigualdade. E também desvalorizou identidades e a fidelidade nacionais. À medida que bens e capital fluíram livremente atravessando fronteiras nacionais, pessoas que dominavam a economia global valorizaram identidades cosmopolitas como alternativa progressista, iluminada para os modos restritos, provincianos de protecionismo, tribalismo e conflito (SANDEL, 2020, p.34).

O fracasso do neoliberalismo criou um indivíduo ressentido, mas apegado ao que consideram de liberdade (na verdade um individualismo). Um indivíduo que frequentemente se considera seguidor dos escritos das tradicionais e das Sagradas Escrituras mas que pode assumir uma moral desvirtuada dos dogmas pois é forjada num

⁸³ E um bom retrato para esse fenômeno nos EUA é captado por Hochschild (2017) que mostra a formação do pensamento conservador nas regiões pobres, rurais e economicamente muito exploradas por empresas petroquímicas no sul dos Estados Unidos.

ambiente de niilismo⁸⁴, competição e capitalismo selvagem. Ultraconservadores encontraram nas fileiras da direita um *locus* para ampliar as suas novas Guerras Santas; que é direcionada aos pobres, aos diferentes e aos fragilizados. O fundamentalismo religioso cristão aplicado aos espaços políticos já tem ganhado na literatura a terminologia de “cristofascismo” e não é um exagero semântico; pois há fortes imbricações atuais de elementos do cristianismo com elementos fascistas; e no Brasil isso se explicita mesmo no *slogan* de campanha bolsonarista; o “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos” um jargão que por si próprio já remete a linguagem nazista.

Preceitos religiosos de solidariedade, respeito ao próximo, compaixão, pacificidade e outros são abandonados por indivíduos que se mostram preconceituosos e afeito a políticos de discursos belicosos⁸⁵ e intolerantes. Esse cristianismo “selvagem” não é uma novidade na história (com suas cruzadas sanguinárias, inquisições, guerras papais por territórios etc.) e tampouco no *ethos* do cristão da modernidade; mas talvez a novidade contemporânea é que agora saiu quase que completamente de cena os ensinamentos de humildade e solidariedade:

É difícil pensar em um movimento histórico que mais sordidamente traiu suas origens revolucionárias. O cristianismo há muito tempo mudou do lado dos pobres e despossuídos para o lado dos ricos e agressivos. O *establishment* liberal realmente tem pouco a temer com isso e tudo a ganhar. Na maior parte, tem se tornado o credo dos prósperos suburbanos e não a promessa tonificante oferecida à gentalha e militantes anticoloniais com os quais o próprio Jesus convivia. A resposta dos ricos suburbanos aos *anawim* [termo hebraico usado nos evangelhos e traduzidos no ocidente para termos designando humildes, pobres de espírito, submissos e desprezados] um termo que pode ser traduzido aproximadamente para o inglês americano como " *loser* ", é para o a maior parte para expulsá-los das ruas.

Este tipo piedoso fica horrorizado ao ver o peito de uma mulher, mas consideravelmente menos chocado com a obscena desigualdade entre ricos e pobres. Lamenta a morte de um feto, mas aparentemente não foi perturbado pela queima de crianças até a morte no Iraque ou Afeganistão em nome do domínio global dos EUA (EAGLETON, 2009, p. 55, tradução nossa).

⁸⁴ “[...]O niilismo deprime o significado da conduta, da consistência e da verdade: não é mais necessário que o indivíduo seja moral, apenas que grite sobre isso. Outra é que o niilismo torna a política de valores contratual: a base evangélica de Trump não liga para quem ele seja ou o que faça, desde que faça acontecer quanto a Jerusalém, ao aborto, ao banimento de pessoas trans das forças militares, a rezar na escola e ao direito a discriminação por negócios e indivíduos cristãos” (BROWN, 2019, p. 212).

⁸⁵ É significativo que o próprio Trump identifique a vingança como sua única filosofia de vida [...] Também é significativo que muitos apoiadores de Trump, quando entrevistados a respeito de suas mentiras, casos, desprezo pela verdade ou pela lei, digam "Eu não ligo. Estou cansado do desrespeito que seus opositores têm por ele e por mim". Que tipo de defesa do seu homem é essa? Ao se esquivar de razões ou valores, também ela expressa niilismo (BROWN, 2019, p. 218-9).

Estas características foram observadas por exemplo nos perfis de militantes da extrema-direita na ocasião da invasão do Capitólio nos EUA, buscando reverter o resultado eleitoral desfavorável ao Trump. A revista *The Atlantic* noticiou que estavam presentes na manifestação bandeiras com os dizeres “*God, Guns and Guts, Let’s keep all threes*” (Deus, armas e coragem. Vamos manter os três). Havia no mesmo espaço um grupo intitulado usando inspiração bíblica de “Marcha de Jericó” que portavam berrantes de chifres de carneiros alternavam pedidos de aplausos para “eu amo Jesus” e “eu amo Trump” (GREEN, 2021). Evangélicos brancos votaram em peso em Donald Trump em 2016 e 2020. Fazem parte de um tipo de indivíduo que curiosamente:

Suporta assassinos ditaduras em nome de Deus, vê as críticas pessimistas como antipatrióticas, e imagina que ser cristão significa manter um sorriso bonito, um saldo bancário substancial, e uma boca cheia de banalidades piedosas. Ele denuncia o terrorismo, mas exclui de suas restrições tais sequestros, torturas, assassinatos a queima roupas da CIA [...] Este tipo de fé falha em ver que a única cura para o terrorismo é a justiça (EAGLETON, 2009, p. 57. *Tradução nossa*).

Para o caso norte-americano, a socióloga de Berkeley, Arlie Hochschild (2016) em *Estranhos na sua própria terra*, (um título já bastante elucidativo do sentimento daqueles que a autora propôs a colher relatos) faz uma interessante imersão na *Deep América* e traz relatos curiosos de eleitores; como por exemplo alguns do estado da Luisiana que mesmo sofrendo consequências de degradação de seus meios de subsistência por petroleiras e petroquímicas (pântanos, rios e o Golfo do México), eles se engajam politicamente filiando ao *Tea Party*. Estes moradores, mesmo reconhecendo a cumplicidade dos políticos republicanos para com as empresas poluidoras, mesmo perdendo muitos parentes por câncer derivado da poluição ou mesmo perdendo suas casas por sumidouros provocados pela extração desenfreada no subsolo, ainda assim votam em candidatos que desmantelam os organismos de proteção ambiental; pois na concepção destes eleitores, é mais importante votar em candidatos que (supostamente) tem fé na bíblia, tem honra e são a favor da vida; mesmo que essa “defesa da vida” seja algo genérico como impedir abortos na Califórnia em detrimento de defender a vida de sua comunidade e do meio ambiente que jaz sem vida.

Hochschild mostra que estes luisianenses, mesmo queixando da falta de peixes e rãs outrora limpos, abundantes e importantes à alimentação local, mesmo sentindo falta dos lagos limpos para o lazer familiar tais cidadãos preferem votar em candidatos que atuam contra o meio-ambiente, mas que supostamente estaria defendendo

essa comunidade dos invisíveis comunistas e infiéis. A autora nota nos discursos que a repulsa ao Estado é maior do que a crítica aos negócios poluentes, dando origem a uma saída libertária e populista curiosa. Um habitante local assim descreveu suas angústias: “Pegue como exemplo esse *bayou* [leito fluvial]. Se sua lancha vazar um pouco de óleo na água, o diretor [do meio ambiente] vai escrever para você. Mas se as empresas vazarem milhares de galões nele e matar toda a vida aqui? O Estado os deixam irem” (HOCHSCHILD, 2016, p.39).

Para Wendy Brown o sujeito ressentido é um indivíduo que perde com o neoliberalismo e vê sua influência/status em declínio. Nos EUA é por ela caracterizado como o homem branco adulto e sem diploma⁸⁶. Este sujeito já foi tido como muito importante e se vê diante de uma perda inclusive de *status* (algumas leituras chamam esse grupo de uma nova minoria). Concomitantemente com as perdas econômicas, de empregos, de *status*, este sujeito se depara ainda com um mundo cada dia mais privatizado em que vários serviços cobram adicionais para oferecer um “*upgrade*”, um “*espaço premium*”. Isto é, sai de cena os privilégios do homem branco (que nos seus anos “*áureos*” convivia com segregação racial) e entra em cena os privilégios que exigem pagamentos para serem acessados. E o dinheiro tem escasseado nos bolsos desses altivos, mas empobrecidos cidadãos:

O ressentimento, o rancor, a raiva, a reação, a humilhação e o sofrimento - certamente todos estão em jogo hoje no populismo e no apoio da direita à liderança autoritária. No entanto, essa política do ressentimento emerge nos indivíduos que historicamente dominaram quando sentem tal dominação em declínio - na medida em que especialmente a branquitude, mas também a masculinidade, fornece uma proteção limitada contra os deslocamentos e perdas que quarenta anos de neoliberalismo produziram nas classes trabalhadoras e médias (BROWN, 2019, p.215).

E os políticos manejam estes grupos de indivíduos ressentidos e economicamente desfavorecidos e subjugados que por muitos anos não puderam mostrar suas facetas de intolerância, preconceitos, xenofobias, frustrações etc., mas que sempre estivera presente em grandes percentuais da sociedade (pois o racismo, o sexismo, as hierarquizações são componentes inscritos estruturalmente no capitalismo) e que é trazido à tona encorajada por um político (as vezes *outsider*) que se portando como autêntico tem

⁸⁶ “Eleitores brancos da classe trabalhadora, definidos como aqueles sem diplomas universitários, apoiaram Trump por uma margem de 67 a 28, uma diferença de 39 por cento. Entre os homens brancos da classe trabalhadora, a margem era ainda maior: 72 a 23, ou um abismo de 49 por cento. Hillary Clinton, que contava com o voto feminino para compensar a perda, perdeu no segmento de mulheres brancas, em 10 pontos” (KUTTNER, 2018, p. 21).

a coragem de explicitar estes pensamentos e sentimentos que uma parcela grande da sociedade sempre carregaram mas que não tinha espaço na arena política liberal. Em linha e observando a sociedade norte-americana que elegeu Trump⁸⁷, diz Brown (2019, p. 209)

[Uma] agressão e sevícia alimentadas pela valorização neoliberal da liberdade libertária, pela masculinidade branca ferida e raivosa e pela depressão radical da consciência e da obrigação social realizada pelo niilismo. São organizadas discursivamente por ataques neoliberais ao social e ao político e pela legitimação neoliberal da indiferença em relação aos apuros ou ao destino de outros humanos, de outras espécies ou do planeta. No entanto, os ataques aos liberais e às pessoas de esquerda, às feministas, aos antirracistas e outros também são uma forma niilista de ação. A paixão e o prazer envolvidos em trolar e acabar com alguém são sinais daquilo que Nietzsche chamou de "destruição da vontade" simplesmente para sentir seu poder quando a afirmação do mundo ou a construção do mundo não estão disponíveis.

O apoio ao Trump, segundo Brown (2019) carrega o componente de um apoio de sujeitos destronados de seu prestígio que para defender o presidente de suas falas mentirosas e suas atitudes imorais, usam argumentos para o defender assim resumidos: "eu não ligo. Estou cansado do desrespeito que seus opositores têm por ele e por mim"⁸⁸. Também recorrem a outros componentes tais como 'no meu tempo o presidente era tratado com respeito' e assim revela um componente que espelha o prestígio perdido do próprio eleitor. Vem de encontro a posição de Lazzarato que acredita que:

O gozo é hoje o que Trump oferece aos brancos estadunidenses, quando defende sua "*whitensess*" contra as "raças" (negro, hispano, árabes) que a "ameaçam"; ou ainda o gozo dos homens quando os movimentos neoconservadores prometem o reestabelecimento do poder que perderam impondo a ordem da família e da heterossexualidade; na Europa, é o islã o alvo de todas as investidas paranoicas e de todos os ressentimentos produzidos pelo liberalismo nos últimos quarenta anos (LAZZARATO, 2019, p. 53).

Em tempo, cabe mencionar uma ligeira diferença entre Wendy Brown e Wolfgang Streeck. Para este, o populismo de direita tem relação com o sujeito ressentido

⁸⁷ Esse niilismo e desfiguração dos códigos éticos e tradicionais vai até certo ponto. E assim, poderia ser um recurso usado por Trump com amplo apoio, mas que se fosse igualmente dito ou praticando por uma mulher, um gay ou um negro tomaria uma direção inversa. Nas palavras de Brown (2019, p. 214): "Agarrar bucetas, adultério, associar-se com prostitutas, dar golpes em empresas contratadas ou em trabalhadores sem documentação - esses são direitos dos poderosos que os valores tradicionais implicitamente autorizam [...] Um político não branco ou mulher não poderia praticar uma dessas atitudes sem perder imediatamente o cargo - que é precisamente o ponto. A grosseria e o rompimento das regras por Trump longe de estarem em desacordo com os valores tradicionais' consagram a supremacia branca masculina no seu âmago' cujo declínio é um incentivo crucial para o apoio a Trump (BROWN, 2019, p. 213-4).

⁸⁸ Argumento de uma eleitora trumpista citada por Wendy Brown (2019, p. 218).

que foi deixado para trás na globalização, portanto uma interpretação com viés mais assentado no econômico. Já para Brown, o enfoque é no declínio (destronamento)⁸⁹ da branquitude masculina ressentidas pois perderam seus *status* e privilégios, sendo esse declínio também econômico, mas englobando a suposta perda de prestígio frente aos novos movimentos sociais, LGBTs, imigrantes etc. Apesar disso, a autora afirma que advoga uma posição que mistura as duas teses. Diz ela:

[A] questão de saber se o populismo de direita nasce hoje do ressentimento de classe ou de outros tipos de ressentimento, se se trata da raiva dos que foram deixados para trás economicamente ou da raiva do masculinismo branco destronado. A neoliberalização da vida cotidiana - não meramente seus efeitos desigualitários, mas também seu espírito implacavelmente desigualitário - combina intensamente ambos (BROWN, 2019, p. 217).

Com posições em alguns aspectos ligeiramente distintas de Brown, Cooper, Hochschild e Streeck (e também de outros autores do debate francês como Laclau e Mouffe) vale a menção de Jacques Rancière que rejeita o que ele chama de racionalidade pseudo-acadêmica que consideram os eleitores de Trump como comunidades brancas angustiadas com suas elites por serem deixadas para trás pelos processos de transformações econômicas e sociais. Para Rancière (2021) é confortável, mas não explicativo que as teses sustentem isso ao criar chaves analíticas também cômodas como a contraposição entre povo frustrado, invejoso, irracional e brutal contra o povo racional, ingênuo e bom.

Rancière afirma que mesmo as irracionais teorias conspiratórias e *fake News* mais absurdas como integrantes da racionalidade inscrita no coração do mundo atual⁹⁰(vale dizer que a Razão iluminista em como preceito a dúvida, o questionamento)

⁸⁹ A autora oferece duas explicações para o rancor que advém da arrogância perdida (que diferiria daquele advindo da fraqueza). Segundo ela, a primeira possibilidade é que é esse rancor e ressentimento não geram valores morais refinados. Essa humilhação e sofrimento é uma chama permanente de vingança e ataque aos culpados por esse destronamento (multiculturalistas, feministas, ambientalistas, globalistas etc); estes novos, que teriam chegado e imposto um monte de regras de conduta e que até desdenham destes sujeitos em declínio. É um ressentimento que não edifica um novo modelo para sair da situação de fracasso; é um rancor retido, uma vingança pura e sem futuro. A segunda possibilidade é que diferente da primeira, nasce do ressentimento um quadro de valores e estes valores são os direitos passados numa inversão de valores da democracia. Fazem um ataque as bases judaico-cristã, uma crítica que Nietzsche (o “pai” do niilismo) começou. Estes ressentidos reivindicam uma supremacia atacando (e convergindo com o ataque neoliberal) a igualdade, a democracia e o social. Este “sujeito abomina a democracia, que julga responsável por suas feridas, e busca derrubá-la junto à medida que decai” (BROWN, 2019, p. 220).

⁹⁰ Na explicação do autor: “Essas teorias têm aspectos delirantes, como a teoria da grande conspiração pedófila internacional. Mas esse delírio é, em última análise, apenas a forma extrema de um tipo de racionalidade geralmente valorizada em nossas sociedades: aquela que exige que vejamos cada fato particular como consequência de uma ordem global, conectando esse fato com tudo ao seu redor, numa conexão que tanto o explica, como o mostra de uma forma muito diferente do que parecia ser à primeira

e não podem ser enxergadas como proveniente de pessoas cínicas ou ingênuas, mas de indivíduos gratos de serem ouvidos e terem seus sentimentos de pertencimento a uma comunidade que lhe dá voz e ouvidos (notada através de likes e respeito em suas bolhas ou mesmo os discursos presidenciais).

Para Rancière; os trumpistas por exemplo, não são extratos sociais em busca de um protetor; mas uma profusão de indivíduos que se veem como ativos e expressão máxima da democracia. E se nos por quê esses indivíduos se consideram tão importantes? Porque eles enxergam líderes como Trump sendo um dos seus, da sua comunidade falando diariamente em público o pensamento que essa comunidade também tem. Este coletivo tem orgulho daquele que seria um dos seus em posição de poder. Uma segunda pergunta poderia ser feita a luz da opinião de Rancière e seria; por quês indivíduos veriam em Trump, um bilionário com histórico machista e xenofóbico como sendo um dos seus, da sua comunidade? E assim responderia o autor:

Não há nada de misterioso na paixão a que Trump apela: é a paixão pela desigualdade, a paixão que permite que ricos e pobres encontrem uma multidão de inferiores sobre os quais devem manter a todo custo sua superioridade. Na verdade, há sempre uma superioridade da qual você pode participar: superioridade dos homens sobre as mulheres, das mulheres brancas sobre as mulheres de cor, dos trabalhadores sobre os desempregados, dos que trabalham nas ocupações do futuro sobre os outros, daqueles com bons seguros sobre aqueles que dependem dos serviços públicos, de nativos sobre os imigrantes, de locais sobre os estrangeiros e de cidadãos da pátria-mãe da democracia acima do resto da humanidade.

No Capitólio ocupado pelos bandidos trumpistas, a presença dupla tanto da bandeira dos treze estados fundadores, quanto da bandeira do Sul escravocrata, ilustra muito bem essa montagem singular que transforma a igualdade numa prova suprema da desigualdade, e a “busca de felicidade” num afeto odioso (Rancière, 2021, *s.p*)

Hochschild (2016); complementar a tese acima; corroborando em relatos e experiências na qual observou nos condados pobres (e trumpistas)⁹¹ do sul dos EUA. Esta característica é por certo um fator marcante na explicação da *alt right*:

vista. Sabemos que este princípio de explicar tudo pela soma das conexões também funciona ao contrário: é sempre possível negar um fato invocando a ausência de um elo na cadeia de condições que o tornariam possível” (RANCIÈRE, 2021, *s.p*).

⁹¹ Em 2016 Trump venceu em 652 de 654 dos condados com população branca superior a 85% e com renda familiar média abaixo da média nacional. No total, pra 2016 Trump venceu em 2584 condados que representava apenas 36% da economia do país; contra 476 condados com vitória para Hillary Clinton mas que representavam 64% da produção econômica do território. Os números foram semelhantes na eleição de 2020 onde os 509 condados que deram vitória a Biden representavam 71% da atividade econômica americana e os mais de 2500 que deram vitória a Trump representavam apenas 29% da atividade econômica dentro do território dos Estados Unidos (KUTTNER, 2018; MURO *et al.* 2020).

[...] Desde 1970 a Louisiana votou nos republicanos em sete das dez eleições presidenciais. E nessas multidões brancas mais velhas, essa mudança para a direita parece fadada a continuar.

Como um homem explica [em um piquenique-comício]: “Muitos de nós nos saímos bem, mas não queremos perder o que temos.” Quando eu pergunto a ele o que ele viu como sendo “doador”; não era a água em caminhões-pipa. Não era saúde ou anos de vida. Não eram empregos no setor público. **O que ele sentiu que estava sendo dado como dinheiro de impostos para pessoas não trabalhadoras e não merecedoras - e não apenas dinheiro ou impostos, mas honra também** [...] as conversas moveram-se em direção a esta brecha entre contribuintes merecedores e **tomadores de dinheiro de impostos indignos, aqueles de uma classe abaixo deles**. Repetidamente, esse era um ponto emocional, especialmente para os homens que trabalhavam com petróleo e outros empregos predominantemente masculinos no setor privado. Assim como era também coisa dos homens caçar e pescar; mas a poluição acabou com os peixes do Bayou d’Indie e os patos não existem mais. E na mesa do piquenique do congressista Landry um homem diz: “Hoje em dia, os homens americanos também são uma espécie em extinção” (HOCHSCHILD (2016, p. 44, tradução nossa).

Vangloriar do status e do poder de imprimir uma desigualdade com relação aos demais indivíduos ainda mais empobrecidos, oprimidos, etnicamente vítimas de preconceito e tidos como “não merecedores” são características que também são identificadas nesse eleitorado de extrema-direita.

Um outro autor que destaca a pulsão pela diferenciação social mesmo entre os segmentos mais desfavorecidos é Bauman, que vê nesse aspecto uma força motriz para o voto na extrema-direita francesa por parte de pessoas pobres:

A Frente Nacional, obtém votos sobretudo entre as camadas da base da sociedade francesa, deserdadas, discriminadas, empobrecidas e com medo da exclusão, induzindo seu apoio à palavra de ordem, explicitamente declarada ou tacitamente presumida, “A França para os franceses” [...] Ser francês (ou francesa) é uma característica (a única viável?) que situa seus compatriotas na mesma categoria das pessoas boas, nobres, imaculadas e poderosas situadas no topo, simultaneamente situando-os acima de estrangeiros também miseráveis, os sem pátria recém-chegados. Os migrantes representam aquele fundo desejado que se situa mais abaixo ainda – abaixo do fundo a que os *miserables* nativos foram destinados e relegados; um fundo que pode tornar a sorte de uma pessoa um pouco menos que totalmente humilhante, insustentável e intolerável. Aos migrantes se deve dizer que estão vivendo e sendo mantidos para que franceses e francesas se sintam pelo menos *chez soi*, para o bem ou para o mal (BAUMAN, 2017, p.12).

Sob a luz de eleições e plebiscitos que ocorreram no mundo nos últimos anos; na qual destacamos as eleições norte-americanas com a presença de Donald Trump, o Brexit e em certa parte as eleições brasileiras; podemos observar muito claramente divisões entre os cosmopolitas e “cidadãos do mundo” em contrastes com os locais e provincianos. É uma divisão entre os de lugar nenhum e os de algum lugar; os primeiros que aproveitam e se integraram bem ao que a globalização oferece e os segundos que vivem e morrem em uma área geográfica bastante precisa. No plebiscito sobre o Brexit

por exemplo; os mais jovens e londrinos votaram majoritariamente pelo *remain*, isto é, continuando a participar da integração europeia com suas facilidades para deslocamentos, acesso cultural e educacional intra-bloco; uma realidade muito mais próxima aos jovens escolarizados da conectada e cosmopolita Londres do que para os britânicos de idade mais elevada do norte inglês.

O contraste jovens-grandes cidades com rural-interior-meia idade tem sido um aspecto importante para compreender as divisões político-eleitorais em países onde a extrema-direita tem obtido resultados vitoriosos ancorados no segundo grupo. No Brasil; um correspondente do Financial Times, assim descreve a correlação entre o *boom* agrícola interiorano, as igrejas neopentecostais e a popularidade de Bolsonaro:

Bruno Mendes dos Santos, pastor das Igreja Mundial do Poder de Deus, em Sorriso, diz que as igrejas são importantes para manter um senso de comunidade e responsabilidade, nessas cidades fronteiriças. “Religião é o traço de união”, ele diz, quando lhe pergunto sobre o papel da fé em lugares como Sorriso. “Ajuda em tudo”. Se a classe média urbana das grandes cidades brasileiras enfrenta dificuldade para entender por que Bolsonaro continua tão popular, os moradores dessa região agrícola [Mato Grosso] do país não conseguem compreender por que ele é tão odiado em outras áreas. “Só gosto do jeito dele”, diz Madalena Euclides dos Santos, que vende roupas religiosas em uma loja em Sinop. “Ele é um político que fala as coisas como são. Os brasileiros estão acostumados com as mentiras doces. Mas ele não esconde quando é preciso nos dizer verdades duras” (HARRIS, 2021, *s.p*).

O fator etário também tem alguma correlação com a afiliação em movimentos de extrema-direita. Diferente de fundamentalismos e correntes extremistas anteriores, os atuais extremistas do ocidente tem uma idade significativamente mais elevada. Dos invasores do Capitólio no dia de transmissão presidencial, a média de idade era de 41,8 anos, quando normalmente fica entre 20 e 30 anos nos movimentos extremistas ou violentos da Europa e do Oriente Médio. Curiosamente, estudos posteriores mostraram que nesse protesto, os “insurgentes” tinham mais probabilidades de serem de condados na qual Trump tinha sido o derrotado. Essa correlação é explicada pela queda na taxa de residentes brancos nessas localidades (mais abertas, ricas e propensas a votarem nos Democratas). Cada queda de 1 ponto percentual de brancos na população de condado entre 2015 e 2019 aumentava a probabilidade de um insurgente desse local nos protestos do Capitólio em 25%. Esses insurgentes podem estar vendo seus *status* e sensação de domínio escorrerem de suas mãos e reagem a esses acontecimentos com engajamento superior a regiões mais (e classicamente) conservadoras.

Vale ressaltar que embora a literatura tenha encontrado nos estereótipos de homem branco, empobrecido, de meia idade e interiorano⁹² como a força das fileiras de extrema-direita americana. Há autores que discordam e alertam sobre a complexidade na construção de um perfil de eleitorado típico. Eatwell e Goodwin (2018) por exemplo nos mostra altos percentuais no apoio de jovens votando em Trump, no Brexit, no La Liga, Le Pen, AFD na Alemanha e outras alternativas tidas como radicais de extrema-direita. Embora vistos como cosmopolitas e muito tolerantes; 41% dos jovens de 18 a 25 anos do Reino Unido achavam a imigração muito alta na ilha em 2018 e dois quintos dos jovens entre 18 e 44 anos votaram pelo Brexit. Mulheres também tem votado massivamente em candidatos de extrema-direita mesmo aqueles que tem dado declarações controversas acerca da posição da mulher; 53% das mulheres brancas votaram em Trump na sua primeira eleição. A concepção de um perfil pobre em busca de um salvador em figuras como Trump também podem ser contestadas. Segundo Eatwell e Goodwin; o eleitorado de Trump tinha renda média superior aos eleitores de Clinton. Em resumo, há que se considerar que embora se encontre correlações fortes entre perfis votantes no que se chamam de populistas de direita, há que considerar que há também apoios consideráveis entre parcelas da sociedade não inscritas entre aquelas consideradas o estereótipo do tipo ideal pela literatura.

É bastante importante mencionar nessas linhas um autor/obra que muito cedo detectou o potencial de guinadas substantivas por parcelas grandes da sociedade. Trata se de Guy Standing que publicou *O precariado: a nova classe perigosa* em 2011. Traçando um perfil de eleitorado diferente dos comumente associados como eleitores de extrema-direita e que já foi apresentado aqui (interioranos, naturais da nacionalidade, idade mais avançada, religiosos); Guy Standing classifica como precariado os jovens (“a juventude constitui o núcleo do precariado⁹³), imigrantes, os não-sindicalizados, trabalhadores temporários⁹⁴ e de meio período, engenheiros em trabalhos abaixo de sua qualificação e afins, que não se conformaria como classe trabalhadora clássica e sim um nova classe social sujeita a guinadas políticas bruscas. Em síntese, o precariado seria uma massa de

⁹² Nos EUA, tem uma expressão pejorativa para designar os moradores dos estados não costeiros, eles são chamados de *flyovers*; isto é, “os sobrevoados”. Isto deriva do fato de serem vistos de cima pelos passageiros que viajam entre as ricas metrópoles de uma costa a outra.

⁹³ Standing (2014, p. 108).

⁹⁴ “A maioria das pessoas que se encontram em empregos temporários está perto de estar no precariado porque tem relações de produção tênues, baixas rendas comparadas com outros que fazem um trabalho similar e tem oportunidades mínimas em termos ocupacionais” (STANDING, 2014, p.34).

sujeitos descobertos da proteção social e dos laços comunitários⁹⁵ que outrora vigorava sob o *Welfare State*. São filhos de um casamento entre a globalização e o neoliberalismo que tem até “data de nascimento” como escreve o autor: “de certa forma, 1968 marcou o início do precariado, com a rejeição da sociedade industrial e o trabalhismo monótono” (STANDING, 2014, p. 108).

Para Standing, a globalização (para o autor, a era da globalização teve o auge de 1975 a 2008) tem sua importância na formação do proletariado ao fragmentar as estruturas de classes nacionais que não desapareceram, mas se configuraram de forma mais fragmentada e global. As políticas da globalização (termo usado pelo autor como interdependente com neoliberalismo) têm influência decisiva no aumento desse precariado que a cada dia “está se tornando uma classe global”. A globalização também tem atuado contra a empatia e mais pela competição entre os indivíduos⁹⁶ o que dificultaria ainda mais uma atuação mais unificada do precariado; “eles estão flutuando, a deriva e potencialmente furiosos, capazes de se desviar politicamente para extrema direita ou para a extrema esquerda e de apoiar a demagogia populista que tira proveito de seus medos ou suas fobias” (STANDING, 2014, p.19).

Para a parte que mais nos interessa aqui; Standing vê no indivíduo que cerra fileiras do precariado com um comportamento anômico, com medo e nervoso, mas apático. É uma raiva reprimida, passiva, entre outros fatores pois não possuem ainda uma “classe para si” e não tem nenhum sentimento de orgulho ou de pertencimento ao precariado (Standing mostra relatos de muitos trabalhadores que perderam empregos de classe média e passaram a trabalhar em empregos precários como de pescadores; e escondem a situação da família e dos amigos). Há em parcelas do precariado uma ilusão nutrida pela esperança de estar em uma ‘desgraça’ provisória; e sendo assim, tais precarizados buscam não se apegar à classe que é sua nova realidade; não se identificando a essa classe em formação, também não se organiza e reivindica como tal classe:

Isso ressalta uma característica atual do precariado. Ele ainda tem de se solidificar como uma classe-para-si. Pode-se descrever um processo de “queda” para dentro do precariado ou de ser arrastado para uma existência

⁹⁵ “Uma característica do precariado não é o nível de salários em dinheiro ou de rendas auferidas em qualquer momento específico, mas a falta de apoio da comunidade em momentos de necessidade, a falta de benefícios assegurados da empresa ou do Estado e a falta de benefícios privados para complementar ganhos em dinheiro” (STANDING, 2014, p. 30).

⁹⁶ “O precariado não é uma classe organizada que busca ativamente seus interesses, em parte porque está em guerra consigo mesmo. Um grupo dentro dele pode responsabilizar outro por sua vulnerabilidade e indignidade” (STANDING, 2014, p.48).

precarizada. As pessoas não nascem nessa classe e é improvável que se identifiquem como membros dela com um brilho de orgulho. Medo, sim; raiva, provavelmente; humor sarcástico, talvez; mas não orgulho (STANDING, 2014, p.45).

Standing observa que já no momento em que escrevia, o precariado era arrastado para soluções políticas de cunho neofacistas. Falsas soluções que não propunham a resolução das causas dos problemas do desemprego e da desigualdade mas que faziam campanhas mobilizando os sentimentos de ódio, preconceito, insegurança e insatisfação. Em países como nos Estados Unidos cresceram após a crise de 2008, as organizações de extrema direita como o Tea Party. Pelo flanco esquerdo, o autor via a redução do número de votos pelo mundo, a falta de programas políticos e a redução do comparecimento desse eleitorado às urnas (apatia). A mercadorização da política construindo candidatos com marketing também era visto como mais um elemento que atuava em favor dos grandes financiadores e das caras campanhas e que atuavam para conquistar esse precariado, uma parcela eleitoral perigosa que segundo mais este autor, poderia ser mobilizada a favor de plataformas antidemocráticas, xenófobas e que não solucionaria os problemas deste próprio precariado (STANDING, 2014).

2.1.6 Resiliência dos dogmas neoliberais ou aprofundamento da sua crise de legitimidade?

Há autores que nos lembram o reforço ou insistência na aplicação dos credos neoliberais mesmo quando tais se mostram ineficientes. E achamos pertinente pontuar essas posições, até porque é difícil discordar que políticas econômicas mundo afora continuam sendo aplicadas sob os preceitos neoliberais auxiliados por batalhões de supostos especialistas que não se deixam abater pelas crises óbvias dos seus modelos teóricos. Mais do que isso, o neoliberalismo pode ser entendido como uma governamentalidade (não somente políticas econômicas) que estão arraigadas no conjunto da sociedade e seus agentes econômicos (para usar um termo bastante neoliberal). De forma bastante disseminada os trabalhadores, os indivíduos, as instituições públicas e privadas estão imersas sob métricas, padrões de comportamento e racionalidades originárias do neoliberalismo. As pessoas se enxergam e tomam como natural o preceito de um “indivíduo- empresa” que busca maximizar seus ganhos via incremento de seu “capital humano”.

Mirowski (2013) afirma que o neoliberalismo e seu arcabouço teórico passaram incólumes a Crise de 2008. Os defensores neoliberais, passado o choque inicial decidiram reafirmar seus dogmas. Um exemplo ilustrativo está numa reunião especial da Sociedade Monte Pélerin em 2009 na cidade de Nova York em que os membros presentes decidiram reafirmar a teoria e culpar os Estados ou até a China pela crise.

Mirowski nos lembra que instados pela imprensa a produzir explicações sobre a crise; a maioria dos economistas apologetas do mercado se viram num primeiro momento atordoados, visto que nos seus arsenais teóricos alguns sequer consideravam possível a existência de crises⁹⁷ e continuaram a defender que mercados eficientes precificavam adequadamente os ativos⁹⁸. A forma encontrada para continuar dando entrevistas foi a de fornecer explicações superficiais (mas também incorretas e/ou inexistentes nesse arcabouço teórico) tais como resgatar termos como “ativos tóxicos” (termo que apareceu pela primeira vez como figura de linguagem em 2004 no Wall Street Journal) que não explicava como um sistema os produzira intencionalmente até causar um grande risco sistêmico. Podemos lembrar também de outros léxicos como “queda da confiança”, “risco moral”, “créditos ninja” e outros. Estes economistas neoliberais chegaram a dizer que todas as crises são iguais e não conseguiram apresentar diferenças entre a Crise de 2007/8 com a Crise de 1929 revelando o desconhecimento destes com relação a história e aproveitando o desconhecimento histórico do público que consumia estas explicações. E com o passar do tempo “o público conseguiu esquecer que os economistas haviam sido pegos de surpresa no momento inicial, e começou a brincar com o pretexto de que os economistas estavam sempre por dentro das coisas” (MIROWSKI, 2013, p.112 tradução nossa).

A profissão de economista e seus métodos de ensino (ambos majoritariamente ortodoxos) não passaram por grandes choques. As faculdades de economia mantiveram seus quadros de professores e de disciplinas; e em muitas dessas

⁹⁷ “Quero insistir que, ao contrário da lenda urbana, quase nenhum economista ortodoxo avisou quão difundido a crise seria ou a extensão de seu caráter devastador de antemão. O motivo era simples: os modelos ortodoxos ensinados nas melhores universidades em seus níveis mais avançados de macroeconomia não tinham espaço para política fiscal ou desemprego involuntário ou crises financeiras ou colapso em todo o sistema” (MIROWSKI, 2013, p. 115, tradução nossa).

⁹⁸ John Cassidy, jornalista da revista *The New Yorker* fez uma série de entrevistas em 2010 com economistas da Escola de Chicago (alguns recusaram a respondê-lo) e tais economistas defenderam a validade das suas teorias frente a crise, reafirmando teorias do mercado eficientes e de sinalizações eficientes do sistema de preços. Em um momento de uma das entrevistas, Eugene Fama chegou a afirmar que o “mercado financeiro era vítima da recessão e não a causa dela” mitigando o papel da especulação hipotecária na formação da crise. Ver: Cassidy (2010a; 2010b).

cátedras a crise do outono de 2007 era totalmente ignorada e professores diziam que ela não oferecia nada de novo para contestar os dogmas ensinados. Muitos autores de manuais de economia se limitaram a atualizar as edições criando um novo capítulo para tratar da crise, mas sem atualizar todo o ensinamento que se provara incorreto e que continuaram a ser impresso e ensinado.

[...] um grupo que parece ter emergido ileso da crise, apesar de seu comportamento antes e depois da crise ter sido não ter sido exemplar. Esse clã em particular não ganhou com a crise, mas ao contrário de todas as expectativas, também não sofreu. Eles parecem ter evitado toda a responsabilidade de ter fomentado as condições para a crise se materializar e, posteriormente, foram mantidas em grande parte da imprensa como repositórios sólidos de sabedoria, ou pelo menos profetas da prosperidade. O grupo que examino aqui é a profissão econômica contemporânea ortodoxa, ou "neoclássica". Embora seu centro de gravidade intelectual pode ser encontrado nos EUA; a história acabou sendo mais ou menos global em escopo e caráter. A ortodoxia econômica é (ainda) surpreendentemente homogênea intelectualmente na Europa e nas Américas. Economistas neoclássicos, tem trabalhado duro para convencer o mundo de que tudo era absurdo por volta de 2005 [...] Individual e coletivamente, eles só se tornaram mais dominantes na academia e no governo. Ninguém entre eles foi demitido por incompetência, e ninguém se viu forçado a ver degradação de status. (MIROWSKY, 2013, p. 102, tradução nossa).

Por outro lado; muitos autores viram na crise de 2008 motivos para atestar a morte ou declínio do neoliberalismo. Mirowski (2013, p.25-6, tradução nossa) reúne alguns trechos de diferentes autores sustentando essa tese:

“A primeira consequência intelectual da crise econômica foi minar o neoliberalismo - ou a crença na suficiência dos mercados para garantir o bem-estar humano - como a ideologia padrão da época” [Kunkel; *On your Marx*].
 “O projeto do livre mercado está nas últimas. Nunca antes se debateu a questão do papel — ‘culpa’ talvez fosse uma expressão melhor — político, econômico e social do neoliberalismo com tanta premência, tão globalmente e de forma tão pública” [Peck, Theodore & Brenner. *Postneoliberalism and its Malcontents*].

“O neoliberalismo se autodestruíu. A marcha global de trinta anos da ideologia do livre mercado chegou ao fim” [Birch & Mykhnenko. *The Rise and Fall of Neoliberalism*].

“Hoje houve um despertar parcial [...] Um número impressionante de economistas do livre mercado, seguidores de Milton Friedman e seus colegas de Chicago fizeram fila para vestir sacos e cinzas e jurar lealdade à memória de John Maynard Keynes” [Judt, *Ill Fares the Land*].

“A crise revelou o caráter insustentável da estratégia, levando ao que pode ser denotado como a ‘crise do neoliberalismo’ [...] Não é feita uma distinção entre hegemonia e dominação, como nas abordagens da inspiração gramsciana” [Duménil & Lévy, *The Crisis of Neoliberalism*].

“As promessas do neoliberalismo são reveladas pelo que eram: uma farsa. Uma ideologia que seduziu a maioria da população está quebrada agora. As consequências psíquicas e políticas são incalculáveis [Wilby. *All of Us Live by the Logic of Finance*].

“A queda de Wall Street é para o neoliberalismo o que a queda do muro de Berlim foi para o comunismo” [Gusenbauer, *La Strada on Wall Street*].

“Essa naturalização da lógica do mercado (ou ‘valores’, para usar a linguagem de Massimo de Angelis) não passou de um feitiço. Esse feitiço foi quebrado em 2008, um ano após a publicação de *The Beginning of History*. O ponto é: quando argumento que agora vivemos em um mundo pós-neoliberal, não quero dizer que suas práticas ou programas tenham cessado (Irlanda, Grécia e Portugal deixam claro que está vivo), mas a narrativa da universalidade do mercado não é mais incontestável. O mercado não é o único; tem um *outsider*, tem um limite” [Charles Mudede; em resenha de DeAngelis, *The End of History*].

“O fundamentalismo neoliberal do mercado sempre foi uma doutrina política que atende a certos interesses. Nunca foi apoiado pela teoria econômica. E agora deve ficar claro, não é apoiado pela experiência histórica. Aprender esta lição pode ser o revestimento de prata na nuvem que está agora armada sobre a economia global” [Stiglitz, *The End of Neoliberalism*].

“[Considerando o] neoliberalismo como o consenso de Washington, ele está morto na maioria dos países ocidentais. Veja os debates na América do Sul ou em outros países. Os EUA perderam seu papel de modelo para outros. Todo mundo ri quando tecnocratas americanos fazem palestras em outros países e dizem: ‘Faça o que fazemos, liberalize seus mercados financeiros’” [Stiglitz em entrevista na *Berliner Zeitung*, 2008].

“O colapso da confiança nos mercados financeiros e nos sistemas bancários desacredita a sabedoria convencional do neoliberalismo” [Konzelmann et al., *Governance, Regulation and Financial Market Instability*].

Os trechos acima coletados por Mirowski são bastante parecidos com muitos argumentos que agora, no momento em que escrevemos, reaparecem em meio à crise que se instala catapultada por uma pandemia de coronavírus. Como hoje sabemos, aqueles não foram os últimos dias das políticas neoliberais nem da sua ideologia⁹⁹ embora alguma coisa realmente aconteceu com o neoliberalismo que vinha até então.

Diz Mirowski que curiosamente, quem se viu em crise nos anos seguintes a 2008 não foi a teoria neoliberal e sim a esquerda moderada. O *Caminho da Servidão* livro de Hayek, voltava a ser um dos mais vendidos no pós-crise (junto com os de autoajuda sobre a crise). Dois economistas ortodoxos, Thomas Sargent e Christopher Sims ganharam o Nobel de economia de 2011 reafirmando o prestígio¹⁰⁰ reinante da

⁹⁹ Enquanto políticos e teóricos de todo o mundo vaticinavam a morte do pensamento neoliberal; a Universidade de Chicago achou propício lançar uma campanha para arrecadar 200 milhões para “honrar o legado de Milton Friedman construindo um monumento e um instituto de pesquisa em sua homenagem. A iniciativa teve oposição de vários outros docentes e não prosperou muito bem. Ver: Nik-Khah (2010).

¹⁰⁰ Uma colunista do *New York Times* escreveu em 2009 uma coluna intitulada “*Ivory Tower Unswayed by Crashing Economy*” em que dizia “No entanto, professores de economia proeminentes dizem que sua disciplina acadêmica não está mudando tanto quanto algumas pessoas podem pensar. Teoria do mercado livre, modelos matemáticos e hostilidade à regulamentação governamental ainda reinam na maioria dos departamentos de economia de faculdades e universidades de todo o país. É verdade que algumas novas abordagens foram exploradas nos últimos anos, principalmente por economistas comportamentais que argumentam que a psicologia humana é um elemento crucial na tomada de decisões econômicas. Mas a crença de que as pessoas tomam decisões econômicas racionais e o mercado se ajusta automaticamente para responder a elas ainda prevalece [...] Quando perguntado por que os alunos de pós-graduação não estudam Keynes ou Minsky, [Philip J.] Reny respondeu que os estudantes de pós-graduação trabalham em assuntos (como modelos reais de ciclos de negócios) que estão na fronteira do campo; em contraste, Keynes e Minsky não estão mais na fronteira. [L. Randall] Wray prefere chamar essa modelagem matemática de ‘a

macroeconomia ortodoxa. Em síntese; para Mirowski, o neoliberalismo, seu conjunto de crenças e o sistema financeiro, continuavam a funcionar exatamente como estavam no pré-crise. E nos alerta o autor: economistas neoliberais gostam de professar suas teorias de livre mercado para a massa e em complicadas discussões internas, mas frequentemente estas posições são contrárias as que eles realizam quando empenhados em atividades políticas.

Streeck (2017) embora esteja colocado no lado daqueles que enxergam uma crise neoliberal, apontam nos seus escritos que a característica desses períodos de pós-democracia são as práticas sistematizadas de mentiras especializadas. A primeira delas; a da Curva de Laffer que erroneamente dizia comprovar que a redução de impostos levaria a arrecadações fiscais maiores. As crenças na racionalidade de decisões individuais no mercado (inclusive o financeiro) que sozinhas levariam a estabilidade econômica também foram mitos difundidos pelo/e em favor do neoliberalismo. Sai de cena as decisões e escolhas democráticas e passam a ser tomadas como verdades universais as recomendações de dirigentes de poderosas instituições financeiras (STREECK, 2017).

Dardot & Laval (2019) é da posição de que apesar dos frequentes anúncios de fim do neoliberalismo, este não só se mantém como tem se reforçado. E os autores colocam como entendem o neoliberalismo:

[O neoliberalismo] não se trata somente de políticas econômicas monetaristas ou de austeridade, de mercantilização das relações sociais ou *de ditadura dos mercados financeiros*. Trata-se mais fundamentalmente de uma racionalidade política que se tornou mundial e que consiste em impor por parte dos governos, na economia, na sociedade e no próprio Estado, a lógica do capital até a converter na forma das subjetividades e na norma das existências (DARDOT & LAVAL; 2019, p. 5, tradução nossa, *Grifos no original*).

Para os autores franceses; o neoliberalismo tem sido um modo permanente de governamentalidade; isto é, assume com as políticas de austeridade, de arrocho salarial, de corte de gastos sociais etc., uma forma permanente de se gerir as sociedades. A crise toma os discursos públicos que diariamente justificam ações que degradam a vida das sociedades e políticas austeras são aplicadas e anunciadas como sendo o único remédio amargo possível. (DARDOT & LAVAL, 2016; DARDOT & LAVAL, 2019). Em resumo:

fronteira do absurdo'. Por mais de uma década, Wray afirmou que tanto a teoria quanto os modelos usados pelas agências de classificação de riscos estão errados. Ele foi convidado a falar na Universidade de Chicago, disse ele, mas por estudantes de graduação em ciências sociais, não pelo departamento de economia." Ver: Cohen (2009).

O que caracteriza este modo de governo é que se alimenta e se radicaliza por meio de suas próprias crises. O neoliberalismo só se sustenta e se reforça porque governa mediante a crise. Com efeito, desde os anos 1970, o neoliberalismo se nutre das crises econômicas e sociais que gera. Sua resposta é invariável: em vez de questionar a lógica que as provocou, é preciso levar ainda mais longe essa mesma lógica e procurar reforçá-la indefinidamente (DADTOT & LAVAL; 2019, p. 06, tradução nossa.).

Para Dardot e Laval (2019) a perpetuação dessa governamentalidade neoliberal em meio a sucessivas crises (que até reforçaria e aprofundaria o neoliberalismo que as causam) tem sido assegurada nos últimos anos por uma metamorfose neoliberal que não se furta a mobilizar autoritarismos e instrumentalizar parcelas de ressentimentos de amplos setores. O neoliberalismo de agora já não faz questão de se apresentar como democrático e liberal como o era nos seus primeiros anos¹⁰¹. Os autores apontam que no mundo inteiro a extrema-direita de apelos autoritários, xenófobos e até fascistas tem utilizado de práticas neoliberais. Para os autores o neoliberalismo não estaria em crise e sim passando por uma mutação, o que é confundida por alguns como sinais de uma derrocada.

O que Dardot e Laval (2019) chama de novo neoliberalismo seria uma variante da matriz neoliberal que impera pós-2008. Este novo neoliberalismo apoia-se na cólera da população e tem adotado o que os autores chamam de paradigma de guerra¹⁰² contra a população. Este novo neoliberalismo não teme manejar de forma populista os desejos de soberania popular e os direcionar contra a globalização, contra as elites ou contra a união Europeia. Isto é; o novo neoliberalismo tem na retórica elementos do soberanismo popular.

Hardt & Negri (2019) reafirmando suas convicções de *Império*, afirmam que apesar dos prognósticos de alguns autores, a globalização não está morta, nem em declínio, apenas mais difícil de se visualizar. Para eles, os anunciados retornos do Estado-nação, as guerras comerciais e as medidas protecionistas não são sinais da fratura da

¹⁰¹ “No passado, muitas vezes, o neoliberalismo se associou com a abertura, o progresso, as liberdades individuais, com o Estado de direito. Atualmente, conjuga-se com o fechamento de fronteiras, a construção de muros, o culto à nação e a soberania do Estado, a ofensiva declarada contra os direitos humanos, acusados de colocar em perigo a segurança” (DARDOT & LAVAL; 2019, p. 7, tradução nossa).

¹⁰² “Em outras palavras, a democracia liberal-social tende progressivamente a se esvaziar para passar a não ser mais que o revestimento jurídico-político de um governo de guerra [...] Aqueles que se opõem à neoliberalização se situam fora do espaço público legítimo, são maus patriotas, quando não traidores. Esta matriz estratégica das transformações econômicas e sociais, muito próxima a um modelo naturalizado de guerra civil, se junta com outra tradição, esta mais genuinamente militar e policial, que declara a segurança nacional a prioridade de todos os objetivos governamentais” (DARDOT & LAVAL; 2019, p. 11, tradução nossa).

ordem da globalização, mas manobras das disputas do que eles chamam de poderes aristocráticos. Em outras palavras, são ações em que estados, governos e sociedades buscando se recolocarem dentro dos marcos da globalização. Em reforço deste argumento; os autores citam que os líderes de governos e instituições supranacionais estão imbuídos da ideologia neoliberal e agem para a sua manutenção.

Há também fortes indicativos e trabalhos mostrando que o neoliberalismo se aproveita de crises para reforçar sua lógica no campo da representatividade e gestão sociopolítica. Isso é possível; entre outros fatores dado aos elementos de competição e competitividade impressos em toda a sociedade; incluindo nos trabalhadores. No regime fordista anterior a hierarquia, a disciplina e a cadeia de comando eram elementos centrais; e as contestações poderiam se dar na forma de indisciplina e recusa as ordens vinda de cima. Já no neoliberalismo a lógica de competitividade horizontal entre trabalhadores as métricas de desempenho e a ideologia do empreendedorismo arraigada na sociedade tende a favorecer perfis e práticas políticas que prometam oferecer melhores condições ao empreendedorismo individual; a melhoria para as condições de disputa e competitividade no seio da sociedade (e do trabalho) e as práticas de gestão tidas como não paternalistas (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 1999; DARDOT & LAVAL 2016, ANDRADE, 2019, DARTOT & LAVAL, 2019; HAN, 2015). Nas empresas, desaparece a figura do chefe e aparece a de equipes vigiadas e competindo com os próprios colegas e/ou por ferramentas de avaliação, medição e controle que podem ser inclusive automáticas. Portanto, a empresa que no regime fordista era um *locus* importante de luta e sociabilidade; é, no regime neoliberal um espaço de dificuldade da ação política entre outros pontos, porque já não se identifica sequer o chefe imediato.

Contemporaneamente, a mais conhecida tese de que o capitalismo aproveita das crises para aprofundar suas políticas vem da canadense Naomi Klein. Em “Doutrina do Choque” escrito em 2007, a autora mapeia uma serie de tragédias tais como furacões, guerras, golpes, instabilidades políticas e regimes ditatoriais, atentados terroristas e outras situações que envolvem altas cargas de tensão, pavor, medo e desorientação em que o capital age rapidamente aproveitando tais situações que são desagradáveis e dolorosas para a maioria mas que para o capitalismo é visto como oportunidade de impor uma “doutrina de choque” em curto prazo e reforçar os mecanismos de acumulação. Assim; após o atentado de 11 de setembro nos EUA o governo aproveitou para aumentar uma política de Guerra ao Terror que injetava bilhões em alguns conglomerados empresariais e ao mesmo tempo aumentava o grau de vigilância sobre os próprios cidadãos.

Dispositivos legais para estes fins foram rapidamente aprovados durante esse momento em suspensão. No período imediatamente posterior a passagem do Furacão Katrina no sul dos EUA em 2005, enquanto as famílias ainda encontravam-se desabrigadas várias ações foram tomadas privatizando escolas e presídios, o que em tempos normais arrastariam debates de longos anos. Na Guerra do Iraque, corporações de mercenários americanos e empreiteiros ganharam muito dinheiro e rápidas privatizações foram feitas deixando inclusive a elite local a ver navios.

Mas talvez a primeira aplicação em grande escala dessa Doutrina de Choque (assim chamada pelo seu propositor, Milton Friedman) foi o 11 de setembro chileno; isto é, o golpe dado por Pinochet em 1973. Com a subida de Pinochet ao poder; os Chicago Boys foram chamados para sua primeira grande experiência num governo no mundo. E enquanto a ditadura pinochetista prendia, matava e torturava; os economistas de Chicago impunham suas também violentas reformas econômicas. Diz Klein (2008) que tais reformas só foram possíveis pois estavam sendo aplicadas por um governo ditatorial que exterminava e prendia os opositores. E embora, fingisse não saber da repressão que ocorria, os Chicago Boys sabiam que esta era uma condição fundamental para a aplicação do fundamentalismo de mercado. Numa entrevista em 2000, Friedman não escondia seu orgulho (e cinismo) do processo em que foi um dos maestros no Chile: “o mais importante sobre o negócio do Chile foi que os mercados livres fizeram sua parte na construção de uma sociedade livre” (FRIEDMAN, *apud* KLEIN, 2008, p. 161).

Streeck tem pontos de contato com a teoria de Naomi Klein; para o autor alemão, o capitalismo sempre teve a disposição o instrumento de manejar e criar crises como uma reação a interferências sociais indesejadas no mercado. Ou seja; as crises assumem uma postura de uma ferramenta a disposição do capital. É uma leitura que se inspira em Kalecki. Nas palavras de Streeck:

O capital teve sempre possibilidade de reagir com crises às interferências sociais no mercado que lhes pareceram excessivas. As crises surgem quando aqueles que controlam os meios de produção imprescindíveis acreditam que existe perigo de acabarem por não ser remunerados de acordo com as suas concepções de justiça de mercado. Nesses momentos, a sua “confiança” desce abaixo do nível mínimo necessário para os investimentos. Os detentores de capital podem deslocar o seu capital para o estrangeiro ou depositá-lo algures na economia monetária, retirando-o para sempre ou temporariamente do circuito económico de uma jurisdição política que deixou de ser digna de confiança – causando desemprego e baixo crescimento. Hoje, nas condições dos mercados capitais liberalizados, isto aplica-se mais do que nunca (STREECK, 2013, p. 86).

Ou seja, tanto para Naomi Klein como para Streeck, o capital não é passivo nas crises e age em muitos casos conscientemente para as criarem, as agravarem ou tirarem proveitos delas, mesmo que isso custe vidas populares ou desemprego.

Em tempo; se tomarmos o neoliberalismo como uma governamentalidade e/ou racionalidade política em linha com as formulações originais de Foucault (também de Wendy Brown e Dardot & Laval) a vigência do neoliberalismo é ainda mais observável. Esta racionalidade estaria espalhada pela sociedade, podendo ser observada nos diversos níveis de governos, escolas, empresas, relações entre indivíduos, famílias etc.

Se acima destacamos autores e pontos de suas obras que podem dá vazão ao entendimento de que o neoliberalismo continua com sua força (ou até se reforça) sobretudo em seus dogmas acadêmicos e ideológicos; algumas interpretações distintas sobre o movimento do neoliberalismo podem ser encontradas no sentido de apontar para sua crise.

Podemos perceber, sobretudo a luz de Brown e Streck que há um desgaste do neoliberalismo perante os mais pobres; uma repulsa ao sistema, mesmo que esta assuma formas disformes. Castells também viria de encontro a essa posição. O autor é claro ao afirmar que há uma crise de legitimidade da democracia liberal (por extensão do sistema como um todo) e que uma nova legitimidade é buscada em líderes e causas que se colocam na oposição às instituições deslegitimadas (globalização, burocracias partidárias, multiculturalismo etc.). Há uma revolta do “tribal” contra o cosmopolitano; este último agora visto como aquele que abriu as fronteiras para vários males e permitir a invasão do desconhecido (que pode ser uma etnia, uma religião, um estrangeiro que “rouba” emprego etc.). Em resumo; diz Castells¹⁰³ (2018, p. 33): “essa é a raiz comum às diversas manifestações que, em diferentes países, estão transformando a ordem política estabelecida [...] um movimento profundo de rebelião das massas contra a ordem estabelecida”.

Autores como Chesnais, Duménil & Levy, Michael Roberts, Costas Lapavistas e outros de inspirações marxista também veem pressões sobre o sistema

¹⁰³ Em uma obra mais antiga [publicada em inglês em 2009] do mesmo autor ele diz: “Os dados mostram repetidamente que quanto mais o mundo se torna global, mais as pessoas se sentem locais [...] As pessoas se identificam primeiramente com sua localidade. A identidade territorial é uma âncora fundamental de pertencimento que não é perdida nem mesmo no rápido processo de urbanização generalizada que estamos vivenciando. Uma aldeia não é deixada para trás; ela é transportada com seus laços comunais” (CASTELLS, 2018b, p.17).

neoliberal vigente dado o crescente desacoplamento da esfera financeira com a produção. Michael Roberts por exemplo enfatiza a taxa decrescente da taxa de lucro tal como preconizado por Marx sem que o capitalismo tenha encontrado contratendências satisfatórias para aumentar a lucratividade na última década. Chesnais destaca em seus artigos mais recentes uma desaceleração da produtividade nas economias capitalistas acompanhado de taxa de crescimento modestas o que pressionam por políticas expropriatórias, de desmantelamento de serviços públicos e de dilapidação de recursos minerais e florestais (CHESNAIS, 2019). Já autores como Bresser-Pereira enxerga na eleição de Trump e a escolha britânica pelo Brexit em 2016 como fortes indicativos políticos da crise do neoliberalismo, que de acordo com o autor tende a persistir atingindo países ocidentais de diferentes graus de desenvolvimento capitalista (BRESSER-PEREIRA, 2020).

Manifestações contra a degradação moral e econômica feita pelas classes plebeias violando regras estabelecidas são chamadas pelo *establishment* de anticivilizatórias e fascistas. Esse sujeito, o perdedor da globalização e tratado como um homem das cavernas pelas elites liberais (incluindo a burocracia dos partidos de esquerda) é que vem assumindo protagonismo eleitoral e de mobilização (principalmente nas redes sociais); que trava uma luta no que consideram estar buscando a recuperação da democracia (ou pelo menos contestando a democracia real de baixa intensidade). Esse sujeito é chamado por Streeck (2017) de recalcado. Foi este “recalcado” que votou no Trump derrotando a máquina clintoniana, também é um perfil que votou a favor do Brexit; em Bolsonaro no Brasil, na Liga do Norte na Itália e no Vox da Espanha. A resumir com a concordância de dois autores brasileiros, “o Brexit e as eleições americanas exprimem o inconformismo com o estreitamento democrático e o desejo dos cidadãos de decidir sobre a própria vida no exercício da política” (BELLUZO; GALÍPOLO, 2019, p. 195).

Para Streeck “tudo isso inaugura uma nova fase na crise do sistema estatal capitalista transformado pela revolução neoliberal. Para caracterizar essa fase, recorro ao conceito de “interregno” de Antonio Gramsci: um período de duração indeterminada em que a velha ordem já se rompeu, mas a nova ainda não pode surgir” (STREECK; 2017, p. 17). Este interregno é um volátil e situações completamente fora dos padrões e serie de encadeamentos imprevisíveis podem acontecer.

Na concepção de Streeck; há uma crise da globalização (as vezes chamado por ele de internacionalismo) que se reflete nas decisões eleitorais do sujeito chamado por ele de “recalcado”. Para o autor, as escolhas dessas massas que por tempos estiveram

distantes ou sem influência nos rumos da política, reforça de algum modo a democracia. A democracia (nacional) estaria, portanto, sendo reconquistada pela população:

Os novos protecionistas não vão encerrar a crise do capitalismo, mas vão trazer a política de volta à cena e lembrá-la constantemente das classes baixas e médias transformadas em perdedoras da globalização. Tampouco a esquerda, ou o que foi feito dela, sabe como seria uma transição do capitalismo ingovernável do presente para um futuro mais ordenado, menos ameaçado e ameaçador – basta observar Hollande, Renzi e Clinton (STREECK; 2017, p. 20-1).

Dardot & Laval (2016) embora advoguem a força atual do neoliberalismo que age como uma governamentalidade inclusive fora da esfera econômica; afirmam que com certeza está se abrindo um longo período de convulsões e reviravoltas pela frente; mas não significando que uma ruptura histórica será o parto de um modo superior. Para os autores franceses, a exploração dos ressentimentos existente na sociedade pela extrema-direita estaria dando luz a um novo tipo de neoliberalismo mais militarizado, bárbaro e agressivo exemplificado em figuras de governo como o Trump e Bolsonaro. Em outra obra eles dizem: “esta natureza antidemocrática do sistema neoliberal explica em grande parte, a espiral sem fim da crise e o aceleração diante de nossos olhos do processo de desdemocratização, pelo qual a democracia se esvazia de sua substância, sem que se suprima formalmente” (DARDOT & LAVAL, 2019, p. 16).

Também Mounk (2019, p. 154) em linhas semelhantes aos franceses, diz que “há uma reserva imensa de energia antissistema ainda por ser explorada [...] é provável que sua [dos jovens] oposição ao *status quo* possa ser posta a serviço de algum movimento populista ainda obscuro, insignificante ou inexistente”. Uma tese que se aproxima com essa citação vem de escritos de Boaventura Souza Santos que acredita que o lado do antissistema encontra-se em disputa; entre anticapitalistas de esquerda e extrema-direita¹⁰⁴.

Crises profundas como essas não significam vácuo de poder já que nestes períodos os governos são mais facilmente ocupados por aventureiros. Essa crise se manifesta com uma multiplicidade de poderes (incluindo o reforço de posições como da Igreja e as finanças no interior do Estado) que afetando a capacidade dirigente, não pode ser perpetuada indefinidamente pois representa um risco do deslocamento da burguesia do poder. Por que uma capacidade dirigente pode ser tão abalada? Para Gramsci este pode vir do fracasso de um projeto político (como a guerra) ou porque a pequena

¹⁰⁴ Ver Santos (2021).

burguesia intelectual e amplas massas saem da passividade política apresentando reivindicações desordenadas e caóticas que à burguesia incapaz de atender ou pactuar, as enxergam como uma revolução.

Para o sociólogo inglês Colin Crouch, o mundo estaria caminhando para uma fase de pós-democracia. O autor descreveu este processo em 2003, para significar uma condição na qual as instituições da democracia liberal continuam a funcionar formalmente, mas com muitas pressões e com a energia política vindo de fora dessas esferas institucionais que não conseguiam acomodar aspirações vinda de movimentos feministas, ambientalistas e do populismo xenófobo; este último com uma explosão não prevista pelo autor em 2003. Para o autor; instituições da democracia liberal vinham sendo minadas por ataques da direita que substituem estes pesos e contrapesos institucionais pela figura de um líder populista que qualquer freio institucional ao seu comportamento tende a frustrar os seus eleitores. Esse populismo exigiria segundo o autor, a fé incondicional das pessoas e está intimamente ligado ao que o autor chama de pós-democracia. O populismo também surge em forma de movimentos gestados fora das estruturas partidárias de forma explosiva e com organizações pouco estruturadas com líderes com pouca prática que irrompem nos debates públicos desafiando as estruturas e os ritos de poder existentes (CROUCH, 2019).

Na visão de Crouch, movimentos populistas podem surgir à esquerda (como o Unido Podemos na Espanha, o Syriza na Grécia, França Insoumise na França e até o M5S da Itália além do movimento em torno de Bernie Sanders nos EUA); ao centro (cujo o único importante é o movimento Em Marche na França que levou Emmanuel Macron a presidência) e a direita (como Trump nos EUA; o movimento em torno de Viktor Orban na Hungria; o partido UKIP na Grã-Bretanha, o partido La Ligue na Itália, partido de extrema direita Vox na Espanha e em torno de nomes como Jair Bolsonaro no Brasil e Xavier Milei na Argentina e do polemista francês Éric Zemmour).

Embora o populismo não esteja atrelado a nenhum espectro político em específico, os movimentos populistas de direita têm ganhado proeminência maior frente aos demais no terreno dos descontentamentos de pós-crise de 2008 por mobilizar de forma mais clara e incisiva as chamadas questões dos estrangeiros (internos e externos) frequentemente recorrendo ao xenofobismo. Essa é a variante populista mais facilmente aceita pelas elites uma vez que não ameaça frontalmente os interesses estabelecidos como a variante populista de esquerda que faz ataques com viés classistas que é visto como muito arriscado a burguesia.

O que Crouch chama de pós-democracia tem segundo o mesmo, duas causas; a globalização que tirou as principais decisões da economia da esfera nacional e a segunda causa é o declínio das identidades de classe e religião que foram os substratos dos partidos do século XX. Para o autor houve uma redução da importância do elemento classista para a formação das bases partidárias com o declínio de ocupações industriais. Crouch diz que a religião também vem perdendo importância na sociedade (exceção dos EUA) e conseqüentemente para a formação de identidades partidárias como eram elementos-chaves em algumas organizações partidárias do século 20. A perda da centralidade desses elementos centrais; faz com que a política atual e suas instituições partidárias operem numa lembrança do passado das quais as gerações atuais pouco identificam. Mas a perda de centralidade da religião e de classe é substituída no século XXI por outras pautas por vezes muito emotivas e friccionais como terrorismo islâmico e migração. Tais situações reforçam apelos a identidades nacionais supostamente ameaçadas. O nacionalismo sempre esteve disponível a ser usado como plataforma política, mas tem sido usado mais eficazmente por novos movimentos; embora também tenha uso pelo *establishment* e partidos antigos (CROUCH, 2019).

Na percepção de Crouch a irrupção do populismo pode revigorar a democracia e trazer ao palco questões negligenciadas; mas caso não mude rapidamente de forma a aceitar os pesos e contrapesos da democracia e suas instituições restritivas; tais populismo se convertem em ameaça a esta democracia. Para o autor; os “invasores rudes” que irrompem com o populismo são bem-vindos desde que aceitem as salvaguardas democráticas. E para o temor da tecnocracia, eles continuarão a chegar (CROUCH, 2019).

Sob a luz de Streeck, podemos concluir que o capital encontra-se num momento crítico na qual não dispõe de nenhum mecanismo claro para (re)legitimar o neoliberalismo. Para Streeck, o capital rompeu com o *Welfare State* (que trazia benefícios reais aos trabalhadores) mas buscou legitimar o neoliberalismo em sucessivas ondas (“comprando tempo”). Primeiro com o inflacionamento, na década de 70, depois com endividamento público e finalmente com o endividamento privado, isto é, a abertura de mercados de crédito que mostrou-se esgotado com a crise dos *subprimes* em 2007 (mas que ainda respira). Acrescentamos que; com a pandemia foi necessário ampliar novamente ao endividamento público. Mas tais soluções não são permanentes; e aparentemente não há muita margem de manobra para voltar a tais instrumentais de maneira satisfatória e estável e que portanto; dirá Streeck, a crise de representatividade

das democracias liberais, que são traduções de crises mais profundas na organização econômica neoliberal, deve continuar enquanto a globalização neoliberal continuar aprofundando sua crise (isto é, desempregando, criando empregos precários e não cobertos, aumentando a desigualdade, reduzindo a mobilidade social, degradando o meio ambiente etc.).

A meu ver, a crise da democracia liberal burguesa, uma vez se nutrido-se de uma crise mais profunda, tende a se arrastar; desembocando ou desencadeada por processos que autores supracitados chamam de pós-democracia, nacional populismo, governos de extrema-direita ou afins; dado que retornos ao *mainstream* político pode ser esperado à medida que as crises capitalistas (ou a desigualdade) se arrefecerem. Na crise do capital na qual estamos inseridos, as crises mais se acumulam do que se dissipam. Aqueles eleitos ou apoiadores de propostas *anti-establishment* frequentemente “dobram a aposta” no que a imprensa rapidamente chama de radicalismos com bravatas ou ações tidas como atípicas, autoritárias e repreensíveis. Se como tudo indica; crises econômicas, sociais e migratórias estão sendo grandes impulsionadoras de saídas iliberais; há poucas perspectivas de que num futuro próximo essas alternativas deixem de ter sua relevância; sobretudo nos anos que se seguirão após uma crise epidêmica de proporções gigantescas.

No capítulo seguinte trataremos rapidamente de um desafio colocado à expansão capitalista e a própria sobrevivência da humanidade na terra que é a crise ambiental. Quer seja o capitalismo tal como hoje impera, quer seja um capitalismo reformado ou mesmo um outro modo de produção terá que mudar radicalmente as técnicas produtivas, de transportes, o modo de consumo etc., dado a visível exaustão ecológica em várias frentes incluindo o efeito estufa. A história humana chega a um momento histórico na qual deve mudar sua forma de interagir com o meio ambiente para garantir que o planeta onde a espécie habita, continue sendo um *locus* seguro, capaz de continuar oferecendo de alimentos, materiais e condições satisfatórias para a vida de gerações futuras da própria espécie humana.

3. A CRISE AMBIENTAL COMO IMPORTANTE CONTRADIÇÃO NO CAPITALISMO

A experiência das pessoas em diferentes lugares do mundo se projeta na mercadoria, significando que ela é tudo o que está fora de nós[...] que depende cada vez mais da exaustão das florestas, dos rios, das montanhas, nos colocando num dilema em que parece que a única possibilidade para que comunidades humanas continuem a existir é à custa da exaustão de todas as outras partes da vida.

A conclusão ou compreensão de que estamos vivendo uma era que pode ser identificada como Antropoceno deveria soar como um alarme nas nossas cabeças (Ailton Krenak; Ideias para adiar o fim do mundo).

3.1 OS DESAFIOS AMBIENTAIS PARA A HUMANIDADE

Os desafios impostos ao capitalismo continuam a se avolumar e desmascaram a incapacidade do sistema em manejar as contradições, principalmente tendo em conta o baixo crescimento econômico. A pandemia de Covid-19 aprofundou as diferenças entre o Norte e o Sul e provou a total inadequação do modelo neoliberal em estabilizar e garantir a criação e fluxos de suprimentos em momentos de graves crises. Definitivamente, fica mais uma vez provada a ineficiência da mão do livre mercado em fornecer as ferramentas de gestão em momentos de grandes impactos globais.

A epidemia de Covid-19 que até o momento em que escrevemos ainda continua ativa e gerando variantes cada vez mais transmissíveis, mostra os desafios em conciliar a globalização neoliberal com a segurança sanitária dos países. Da forma que o mundo se organiza hoje, as epidemias constituem ameaças que vão de quebras financeiras a perdas catastróficas de vidas humanas. E mesmo tendo práticas e exemplos louváveis, a gestão da pandemia mostrou que tais crises sanitárias tem o poder de aprofundar o pior dos seres humanos e com isso potencializar a perda de vidas. A desinformação e os boatos atrapalham políticas de imunização e governos de países ricos atuam no sentido de dificultar acesso de países pobres às vacinas por meio da manutenção das patentes. Em uma pandemia global que deveria ser melhor combatida com coordenação global; os países ricos recusam a deixarem possibilidades de compras de imunizantes por países mais pobres uma vez que firmam contratos com as grandes farmacêuticas comprando e estocando doses de vacinas muito superiores a necessária para imunizar população dos seus territórios. As promessas de doações de vacina e ajuda financeira feitas pelos países capitalistas centrais foram apenas parcialmente cumpridas e dentre as remessas de

doações de vacinas os países da África tiveram que descartar vacinas que só chegaram aos seus países muito próximos das datas de vencimento, inviabilizando uma logística de aplicação.

Os impactos desse sistema econômico também se fazem presentes no meio ambiente; tornando difícil mesmo a reprodução dele próprio; bem como da própria vida. Estima-se que 60% da população de animais vertebrados tenha sido eliminada desde os anos 1970 e que 9 em cada 10 aves marinhas tem algum pedaço plástico no corpo (GARCIA, 2018). A elevação do nível dos oceanos; consequência do aquecimento global deve inundar já em 2050 áreas de residência de 300 milhões de pessoas; principalmente na Ásia e algumas micronações do Pacífico devem desaparecer. Segundo a OMS; a alteração do clima deve causar entre 2030 e 2050 mais de 250 mil novas disfunções adicionais a cada ano como diarreia; desnutrição e malária (KULP & STRAUSS, 2019; OMS, 2018). O aquecimento do mundo deverá dificultar algumas culturas agrícolas, aumentar o estresse hídrico e tornar mais frequentes as ondas de calor (que quando acontecem, aumentam a mortalidade humana). Vastas regiões do mundo, sobretudo as mais próximas da linha do Equador experimentarão temperaturas mais altas do que as já vividas e consideradas aceitáveis pelos seres humanos (e que também mudará a incidência, magnitude e a frequência das chuvas). O aumento do nível do mar, além de avançar sobre cidades, irá modificar a direção e frequência de correntes marinhas cruciais para o clima e biodiversidade e avançará sobre aquíferos, salgando-os. Mas em meio a tudo isso governos já fazem planos para defenderem militarmente e se beneficiarem de novas rotas marítimas que devem se abrir no Polo Norte.

A redução das emissões de gases do efeito estufa não vem ocorrendo na velocidade e magnitude que se espera para que garanta condições de manutenção da vida humana. Em 2012, os EUA, maior emissor se retirou de um acordo feito entre quase todos os países do mundo em 2010. Este acordo buscava limitar o aumento da temperatura média do planeta em 2° Celsius tomando por base o nível pré-industrial¹⁰⁵(o país voltou

¹⁰⁵ Posteriormente esta meta foi rebaixada no Acordo de Paris, buscando limitar o aumento da temperatura em 1,5° C até 2100. A nova meta se deu dado a novos entendimentos científicos que concluíram que a elevação em 2° C traria impactos de proporções exponencialmente maiores. Por exemplo, estima-se que com a elevação da temperatura média do planeta em 1,5° C, 4% dos animais vertebrados e 8% das plantas perderão pelo menos metade da sua distribuição geográfica; com a elevação da temperatura em 2° C estes números sobem para 8 e 16% respectivamente; ou seja, os efeitos são duas vezes piores com o incremento de 0,5° C. Para o *permafrost* (o gelo permanente) se espera o degelo de 4,8 milhões de km² com a elevação de 1,5°, já com a elevação em 2°C esse número passa para 6,6 milhões de km². O degelo do verão do ártico que aconteceria de século em século com a elevação em 1,5° C, passaria a ocorrer a cada dez anos caso o mundo veja a temperatura subir 2°C em relação aos níveis pré-industriais.

ao acordo em 2021, duas administrações depois). A justificativa que a administração Obama deu para sair do acordo era de que tais metas seriam inatingíveis, o que mostra a dificuldade para o capitalismo em baixar as emissões. Para termos ideia do grau de dificuldade:

Para limitar o aquecimento a 1,5°C sem correr o risco de ultrapassar esse valor, o mundo precisa reduzir as emissões para 25 a 30 gigatoneladas de dióxido de carbono equivalente (GtCO_{2e}) anuais em média até 2030. O mundo está atualmente a caminho de emitir mais que o dobro desse valor até 2030 (52 a 58 GtCO_{2e}). Limitar o aquecimento a 2°C exigiria reduzir as emissões anuais em cerca de 20% abaixo dos níveis de 2010 até 2030. Para 1,5°C, as emissões precisarão cair de 40% a 50%. As emissões líquidas de dióxido de carbono precisarão chegar a zero por volta de 2050 para limitar o aquecimento a 1,5°C e por volta de 2075 para limitar a 2°C (LEVIN, 2019, *s.p.*).

A continuar nesse ritmo de emissões e com a pouca efetividade na redução que tem sido vista até agora; somente um dos efeitos da elevação da temperatura que é o derretimento das geleiras deve causar a inundação de importantes metrópoles e acabar com vários com pequenos estados insulares ainda neste século. E a diplomacia mundial já discute como tratar dos refugiados climáticos. A expansão do que é entendido como progresso capitalista é, portanto, uma ameaça a própria vida humana.

Cientes dos limites ambientais, há uma corrida contra o tempo para atrasar um *default* ecológico e as “soluções” vão desde o resgate a teses malthusianas à adoção de novas fontes de energia, novas matérias primas e novas tecnologias, passando por novas dietas e técnicas de cultivos. Mas como nos lembra István Mészáros:

Argumentar “que ciência e tecnologia podem solucionar todos os nossos problemas a longo prazo” é muito pior do que acreditar em bruxas, já que tendenciosamente omite-se o devastador enraizamento social da ciência e da tecnologia atuais [...] uma vez que hoje ambas são estreitamente determinadas e circunscritas pela necessidade da perpetuação do processo de maximização de lucros” (MÉSZÁROS, 2011, p. 53).

Hannah Holleman também é uma das autoras que ceticamente discorre sobre as medidas pouco efetivas que o capitalismo tem lançado a título de consciência ecológica. Diz a autora:

As mudanças sociais mais profundas necessárias para reverter a tendência geral de declínio ecológico e correção da injustiça [social] são impossíveis de alcançar sem desafiar o *status quo* e o *business* usual. Esse desafio ainda não está na agenda dos principais atores da política ambiental. Portanto, os esforços atuais dos líderes mundiais, das Nações Unidas, conferências, corporações e ONGs ambientais para tratar crises ambientais têm se mostrado, na melhor das hipóteses inadequadas em escala; e na pior, apenas criaram novas crises ou mudaram problemas de um sistema ecológico para outra, de uma comunidade para outra, ou adiaram para que gerações futuras fiquem sobrecarregadas com

o mesmo problema ou as consequências de soluções falsas (HOLLEMAN, 2018, p.110, tradução nossa).

É o que também constata Nancy Fraser (2021, p.1) para a qual “a ecopolítica resumida em uma palavra tornou-se onipresente [...] Incorporada a uma série de agendas concorrentes, a questão é diversamente modificada de acordo com os diferentes compromissos. O resultado, sob um consenso superficial, é um dissenso turbulento”. Isto é; muito se fala de envolvimento ambiental e preocupação ecológica, mas pouca ação prática efetiva tem sido tomada, dado que ainda há grandes divergências políticas e resistências ao *que fazer*. Sendo assim, em meio a essa cacofonia, a autora deposita suas esperanças no surgimento de uma contra hegemonia pautada nas descobertas da ciência e que transcenda o “ecologismo restrito” criando um senso comum que:

Aborde toda a extensão de nossa crise geral, que conecte o diagnóstico ecológico com outras preocupações vitais - incluindo insegurança de subsistência e negação de direitos trabalhistas; desinvestimento público no social e subvalorização crônica do trabalho assistencial; opressão étnico-racial-imperial e dominação de gênero e sexo; desapropriação, expulsão e exclusão de migrantes; militarização, autoritarismo político e brutalidade policial (FRASER, 2021, p. 1)

As teses malthusianas também se pintam de verde para defender soluções que colocam em plano a ameaça ao direito de existência de uma parcela da humanidade. Nessas pseudopolíticas reacionárias a eliminação de uma parcela da humanidade parece mais atrativa do que pensar as causas advindas de um modelo de organização social altamente exploratório (dado sua lógica de produção, acumulação e o consumismo). Em resumo:

No mundo contemporâneo o ambiente é ameaçado sobretudo por uma tendência para a superprodução de mercadorias (que acarreta um aumento exacerbado do consumo). O principal motor da destruição é a lógica de acumulação: a concorrência empurra o sistema para uma produção sem precedentes. Claro que os pobres ainda podem provocar alguns danos, geralmente para fugir à fome, mas seu comportamento não pode ser analisado independentemente do contexto econômico mundial que os exclui da produção e torna suas exigências indignas de crédito (TANURO, 2012, p. 63).

Mas tampouco a humanidade deve desconsiderar o peso do crescimento populacional e seus impactos no meio ambiente e na sustentabilidade da raça humana e seus meios de vida. O mundo cresceu demograficamente 0,8% ao ano desde o ano de 1700. Parece muito pouco, mas isso implica um crescimento de 10 vezes nesses 3 séculos. A seguir nesse ritmo, a terra veria 70 bilhões de pessoas no ano de 2300; embora as estimativas mais confiáveis e longínquas arriscadas até agora, coloca a terra com cerca de 10 bilhões de habitantes em 2100 (na última projeção da ONU se chegou ao número

de 11,9 bilhões; um estudo posterior da The Lancet¹⁰⁶ projetou números menores, com 8,8 bilhões de pessoas em 2100 com o pico a ocorrer no ano de 2060). De todo modo, crescimentos próximos a 1% ao ano são insustentáveis caso esses números permaneçam por aproximadamente um século, pois a taxa de crescimento de 1% ao ano por exemplo, significa uma multiplicação por 3 ao final de 100 anos contínuos (PIKETTY, 2014).

O capitalismo é também um gerador de desperdícios o que também se entende como uma contradição para encontrar um modelo sustentável dentro do atual modo de produção. Grandes somas de recursos e energia são gastas por atividades capitalistas de utilidades contestáveis como a produção de armas, a publicidade com suas grandes placas iluminadas, a produção de objetos descartáveis ou com obsolescência programada etc. Mesmo a produção de alimentos também se mostra uma cadeia com bastante desperdícios. Grandes deslocamentos são feitos dos campos produtivos para as cidades, onde muitas vezes cargas inteiras de alimentos são jogadas no lixo por falta de lucratividade. E aliás, a cadeia alimentícia que engloba a produção, distribuição/armazenamento e consumo de produtos agropecuários respondem por cerca de metade das emissões de carbono do mundo (FAO, 2020; TANURO, 2012).

No Brasil, país que figura entre os três maiores emissores de gases estufa advindo da agropecuária, três quartos das emissões anuais de CO² do país são provenientes de atividades ligadas a agropecuária (desmatamento incluso). Para o caso brasileiro, os dados mais recentes para o ano pandêmico de 2020 mostram que o país aumentou as emissões de CO₂ em 9,5% em relação ao ano anterior, um aumento impulsionado (cerca de 25%) pelas mudanças no uso da terra; denominação que engloba desmatamento e queimadas que tem crescido dado a falta de vontade política e ações para coibir queimadas que sabidamente são promovidas pelo rico agronegócio (GRILLI, 2020; FAO, 2020; POTENZA, 2021).

E o CO² não é o único gás de efeito estufa. Um outro gás com grande importância no aquecimento global, respondendo por aproximadamente um quinto do aquecimento global é o gás metano (CH⁴), que é cerca de 80 vezes mais potente do que o Gás Carbônico no efeito de aquecimento tomando por base um período de 20 anos. E a maior parte desse gás é emitido pela agropecuária (sobretudo arroz e gado). Sendo um gás um muito mais nocivo embora tenha uma vida atmosférica muito menor que o Gás Carbônico (12 vs 100 anos). Uma redução da emissão de CH⁴ traria efeitos positivos em

¹⁰⁶ Salas (2020).

prazos muito menores mas o desafio é bastante grande dado a sua vinculação com a produção de alimentos muito importantes para uma humanidade em crescimento.

A redução da emissão de gases poluentes passa por alterações sobretudo nos sistemas de transporte e de logística no último século foi baseada em motores de combustão:

Aprender a viver sem combustíveis fósseis é por isso O GRANDE desafio na luta contra o aquecimento global. Por várias razões interligadas. 1) o carvão, o petróleo e o gás natural cobrem 80% das necessidades energéticas do mundo; 2) as instalações energéticas, como as centrais hidrelétricas tem uma vida útil de entre 30 e 40 anos- e não são propriamente estruturas que se possam substituir num piscar de olhos; 3) o mais popular dos combustíveis fósseis, o petróleo, desempenha um papel decisivo nos transportes, sem o qual a economia global não poderia funcionar, 4) o ‘ouro negro’ não é somente um combustível mas também a matéria prima da indústria petroquímica [...] (TANURO, 2012, p. 91, maiúsculos no original).

Embora a tecnologia tem avançado rapidamente no sentido de disponibilizar veículos com motores elétricos, a matriz elétrica no mundo ainda é altamente dependente dos combustíveis fósseis (em parte, pelo *lobby* e pressões de grupos petrolíferos). Além do mais, pouco tem sido feito no sentido de reorientar os transportes em modelos mais eficientes e que garanta mobilidade nas grandes cidades; isto é, a tecnologia está mudando para os motores dos carros, mas a mobilidade ainda se baseia nas premissas do *American way of life* de carros particulares. Este modo de vida foi aprofundado com o advento do neoliberalismo e a destruição e deliberado sucateamento de soluções de transportes coletivos e ferroviários. Nesse sentido, o “capitalismo verde” que; redundantemente, ainda é capitalismo e continua inscrito sob a busca de lucros rápidos, desigualdade, produtivismo, desperdício, produção de supérfluos etc., não parece ser uma alternativa segura rumo ao equilíbrio ecológico.

Ainda nos limites ecológicos, doenças que há décadas ou séculos foram erradicadas voltam a aparecer mesmo em países ricos. Movimentos antivacinas (um sintoma da irracionalidade dos tempos atuais) estão sendo associados a retorno de surtos de doenças já erradicadas como sarampo, rubéola, coqueluche, poliomielite e outras. Isto é; as sociedades estão vendo o ressurgimento de males que já estavam erradicados e que reaparecem entre outras coisas dado a perda de cobertura de saúde preventiva, campanhas de desinformação, má alimentação e avanço da ocupação humana sobre áreas silvestres.

A epidemia de Covid-19, uma epidemia de um vírus respiratório se espalhou pelo mundo numa velocidade impressionante e sem muita resistência dado que na maioria dos países, a pandemia encontrou sistemas de saúde e de controle de doenças sucateados

e semi-inoperantes depois de décadas de políticas neoliberais de desmonte. Vale mencionar que o vírus surgiu para humanos, dizem as pesquisas, após o contato de pessoas com animais silvestres contaminados; sendo provável que a contaminação foi via alimentação destes animais. Virologistas afirmam que epidemias como essas podem se tornar cada dia mais comuns dado a crescente invasão e interação com áreas silvestres pelos seres humanos; e a epidemia tem, por conseguinte um aspecto muito ligado a crise ambiental dos nossos tempos.

Ficamos com as palavras de Mészáros para sintetizar o atual tempo do mundo:

Vivemos na era de uma crise histórica sem precedentes. Sua severidade pode ser medida pelo fato de que não estamos frente a uma crise cíclica do capitalismo mais ou menos extensa, como as vividas no passado, mas a uma crise estrutural, profunda, do próprio sistema do capital. Como tal, esta crise afeta — pela primeira vez em toda a história — o conjunto da humanidade, exigindo, para esta sobreviver, algumas mudanças fundamentais na maneira pela qual o metabolismo social é controlado (MÉSZÁROS, 2000, p. 7).

Estamos, portanto, frente a uma das épocas na qual a sociabilidade e a existência da raça humana encontram numa encruzilhada, frente a desafios significativos que se acumulam num modo de produção que dá mostras de exaustão e aumento do grau de exploração para a grande maioria da humanidade. E essa questão deverá ser central para considerar os encaminhamentos da humanidade e do planeta.

3.2 AS ALTERNATIVAS QUE LEVAM EM CONTA O ASPECTO AMBIENTAL

Repensar o futuro passa por repensar a relação com o meio ambiente. Até hoje a modernidade encarou a natureza como uma adversária a ser vencida com a ciência e com a tecnologia. Era uma batalha que parecia tender ao lado dos humanos, mas estes começam a perceber que estavam acumulando vitórias de Pirro. No quadro geral, cada vez mais parece que a natureza não pode ser vencida sem que isso implique derrotar também o seu desafiante, a humanidade. Aquecimento global, contaminação nuclear, extinção de espécies, poluição das águas, epidemias, ondas de calor podem ser lidas como consequências tardias de guerras que pareciam ganhas pelos humanos e suas tecnologias.

Qualquer modelo de desenvolvimento e sociabilidade sustentável a que se possa vislumbrar num futuro terá que mudar as bases ecológicas na qual o capitalismo e assenta na sua lógica de acumulação. Como nos diz Tanuro (2012, p.18) “não existe

nenhum projeto emancipador que não tenha em conta os limites naturais. Os desafios sociais e ambientais agora são indissociáveis”.

Dado que o aquecimento global advindo pela emissão dos gases de efeito estufa é apontado como um dos principais desafios ambientais ainda neste século, as sociedades precisam buscar uma economia livre de carbono para frear o aquecimento do planeta. Usamos frear pois já há um nível de aquecimento acumulado em relação aos níveis pré-industriais que está consolidado, sendo o mundo 1,07°C (estimativa mais confiável) mais quente do que no início da Revolução Industrial (IPCC, 2019).

O Sexto Relatório do IPCC; (IPCC, 2021) estima que apenas para manter esse aquecimento em 1,5° Celsius (um nível considerado mais seguro), a emissão de CO² deverá baixar pela metade até 2030 e chegar a zero em 2050. Além de ações de mitigação de emissões, todos os cenários para manutenção da elevação em 1,5 graus celsius ao fim do século exigirá emissões líquidas negativas a partir de 2050 que fará necessário o uso medidas de CDR (*Carbon Dioxide Removal*), que é possível através de reflorestamento, mas que se projeta o uso soluções artificiais (armazenagem e/ou inserção em sumidouros), Até hoje; tal tecnologia em escala e sustentabilidade não existe:

Todas as trajetórias que limitam o aquecimento global a 1,5°C sem *overshoot* ou com *overshoot* limitado projetam o uso de Remoção de Dióxido de Carbono (*Carbon Dioxide Removal* – CDR), na ordem de 100–1000 GtCO₂ ao longo do século XXI. O CDR seria usado para compensar as emissões residuais, e, em muitos casos, chegar a valores líquidos negativos de emissões para retornar ao aquecimento global de 1,5°C (alta confiança). O uso de CDR de centenas de GtCO₂ está sujeito a limitações diversas de viabilidade e sustentabilidade (alta confiança). Reduções significativas nas emissões no curto prazo e medidas para reduzir a demanda de energia e terra podem limitar a implantação de CDRs a algumas centenas de GtCO₂ sem depender da bioenergia, com captura e armazenamento de carbono (BECCS) (alta confiança).

As medidas potenciais e as já existentes de CDR incluem florestamento, reflorestamento, restauração da terra e sequestro de carbono no solo, BECCS [*Bioenergy with carbon capture and storage*], captura e armazenagem de carbono diretamente do ar (DACCS), intemperismo intenso e alcalinização dos oceanos. Elas diferem amplamente em termos de maturidade, potenciais, custos, riscos, có-benefícios e *trade-offs* (alta confiança). Até o momento, apenas algumas trajetórias publicadas incluem medidas de CDR além do reflorestamento e BECCS (IPCC, 2019, p. 20).

Em face as dificuldades óbvias de alcançar tais patamares de emissões, os cenários mais prováveis já apontam que a terra estará 1,5° Celsius mais quente até 2040. Caso esse patamar seja ultrapassado, se fará necessário recorrer sobremaneira a CDRs¹⁰⁷; na qual mesmo o mais natural e simples processo, isto é, o reflorestamento pode criar

¹⁰⁷ Para uma discussão sobre os CDRs não naturais e seus custos, benefícios, controvérsias e estágio tecnológico; ver Anderson (2017) e Jeffery *et al.* (2020).

tensões sociais, sobreutilização de cursos de água e prejudicar a produção de alimentos por exemplo. Nas palavras dos especialistas:

Trajatórias com *overshoot* de 1,5°C de aquecimento global recorrem ao CDR excedendo as emissões residuais de CO₂ no final do século para retornar abaixo de 1,5°C até 2100, com maiores *overshoots* exigindo maiores quantidades de CDR (alta confiança). Limitações no ritmo, escala e aceitabilidade social da implantação de CDR, portanto, determinam a capacidade de retornar o aquecimento global para abaixo de 1,5°C após um *overshoot*. **O entendimento do ciclo de carbono e do sistema climático ainda é limitado no que se refere à eficácia das emissões negativas líquidas para reduzir as temperaturas após o pico** (IPCC, 2019, p. 20, grifos nosso).

Em tempo; *overshoots* é a superação temporária de um certo limite de temperatura; que nos casos tratados nas linhas anteriores, é o de 1,5° C.

A seguir listaremos quatro alternativas colocadas para o futuro do meio ambiente. O primeiro tópico aborda as alternativas totalmente acopladas a esta atual ordem capitalista com soluções fortemente atreladas ao sistema financeiro e com transições suaves. A segunda alternativa é o que chamamos de alternativas advinda de setores reformistas do capital. A terceira alternativa que abordaremos são as proposições ecossocialistas. E por fim, mostramos no quarto tópico os entendimentos centrais das teses anti-crescimento.

3.2.1 A saída ecológica proposta pelas corporações

A criação de um mercado de carbono encontra vozes no FMI que concluiu que o mundo deveria cobrar 75 dólares por tonelada de carbono antes de 2030 embora a própria instituição reconheça que os desafios políticos para a implementação de tais taxas são consideráveis tendo em vista que o preço de 75 dólares a tonelada encareceria a energia elétrica em 45% e o combustível em 15% no espaço de uma década; impactando fortemente as famílias e os preços de produção (BEHSUDI, 2021).

Autores como Willian Nordhaus (ganhador do Nobel de Economia em 2018) afirma que há desde os primeiros debates governamentais sobre a emissão de gases estufa no Rio-1992, três grandes modelos econômicos propostos como alternativas para reduzir a emissão de gases estufa. Frequentemente tais modelos se complementam e interseccionam, mas em comum todas elas tratam as emissões como externalidades do mercado.

A primeira abordagem é a da regulamentação que defende um papel maior dos estados a nível internacional na cooperação e regulamentação das emissões nos seus

espaços domésticos. Essa abordagem foi bastante bem sucedida na contenção da destruição da Camada de Ozônio causadas por gases CFC. Uma segunda abordagem é a de preços/impostos que passa por exigir que a iniciativa privada busque alternativas viáveis economicamente para a redução de emissões. Em tal modelo estão incluídos também as soluções de *cap and trade*. O terceiro modelo é o do subsídio e envolve subsidiar (frequentemente via créditos fiscais) produtores ou consumidores de soluções sustentáveis.

Muito corretamente, Nordhaus percebe que além de todas as grandes abordagens ambientais atuais enxergarem a emissão como externalidades do mercado, todas entendem que a solução passaria pelo mercado, pelos indivíduos e pelas empresas.

Mesmo tendo em Nordhaus a interpretação da emissão de carbono como uma externalidade passível a uma precificação¹⁰⁸; o autor reconhece que tratar o desafio climático como uma questão de infraestrutura pública traria uma série de vantagens que modelos de preços e taxaço de externalidades não conseguem abarcar. O autor lembra que as grandes iniciativas modernas eficazes na área de infraestrutura energética limpa foram todas emprenhadas pelos estados¹⁰⁹, em parte porque é o único agente disposto a realizar inversões cujo retornos financeiros vem em prazos muito longos:

Energia abundante, barata e limpa e a infraestrutura e tecnologia de baixo carbono necessárias para fornecê-la são bens públicos. Historicamente, as nações forneceram esses tipos de bens diretamente e os governos fizeram exatamente isso para bens públicos tão diversos quanto defesa nacional, saúde pública, pesquisa científica e água limpa e abundante (NORDHAUS, *s.p.* 2019).

¹⁰⁸ Este preço ideal para o carbono não fica claro na obra do autor. Em artigo na *Foreign Affairs* (Nordhaus, 2020) ele cita que poderia começar em 50 US\$ em 2020 com acréscimo de 3% ao ano para todos os países. Em entrevistas ele diz que se esse preço chegar a 100 US\$ já é um “bom trabalho” (MUFSON, 2021). Em conferências proferidas pelo autor e matérias jornalísticas recentes há também muitas referências a preços que variam entre 30 e 40 US\$ por tonelada. (GLECKMAN, 2018). Essa dubiedade do autor é curiosa pois a defesa de um preço para o carbono (ao invés da imposição de limites de carbono) é um dos pilares do pensamento recente do autor. O autor chega a dizer que um preço muito elevado pode minar os esforços de para a adoção em nível mundial, mas tem se esquivado em dizer qual seria esse preço-teto; justificando que a adoção de um preço a nível mundial depende de um esforço diplomático e cooperativo enorme. Mesmo tendo embrenhado por anos em apresentar diferentes modelos econométricos para a precificação do carbono, essa defesa não parece muito consolidada no pensamento do autor visto que, como mostramos aqui; há passagens de Nordhaus bastante elogiosas a intervenção e inversão pública na descarbonização energética em detrimento de taxaçoes.

¹⁰⁹ “As iniciativas de energia limpa de maior sucesso na história moderna seguiram esse modelo liderado pelo público, e não nenhum dos três modelos [já citados nesse tópico] de política que dominaram a formulação de políticas climáticas. A França descarbonizou 80% de seu sistema elétrico por meio da implantação de energia nuclear liderada pelo estado. A Suécia fez o mesmo por meio de uma combinação de plantas nucleares e hidrelétricas. O Brasil atingiu níveis semelhantes principalmente com a construção de barragens” (NORDHAUS, [*s.p.*], 2019). .

A taxação do carbono já é realidade no mundo e sinaliza que será uma das principais apostas do capitalismo. No Canadá por exemplo, a taxação de Carbono começou em 2018. Uma lei federal obrigou todas as províncias a determinarem um sistema de taxas (com um mínimo estabelecido nacionalmente) ou modelos que levem a redução do carbono (como o *cap and trade* que já era adotado por Quebec). Em 2023 o preço mínimo nacional atingirá 65 dólares canadenses¹¹⁰ por tonelada e chegará a 170 dólares canadenses em 2030. Houve contestações das províncias na Suprema Corte do país e muitos mecanismos surgiram para burlar essa taxação (o programa de *price carbon* pode estar associado a políticas de incentivos que devolvem partes dos impostos). Nos ajustes do programa tais problemas têm sido resolvidos, como por exemplo; proibindo que as províncias abatam impostos para empresas de combustíveis (e no consumo da gasolina) ou emita licenças gratuitas a postos de combustíveis¹¹¹. O governo canadense instituiu que parte desse imposto retorne a sociedade com financiamento de infraestrutura verde, subsídio as famílias que adotarem alternativas mais ecológicas de consumo e transporte, além de financiamento de um fundo ambiental.

A União Europeia tem um sistema de *cap and trade* denominado de *Emissions Trade System* (ETS). No ETS grandes emissores são limitados por uma determinada quantidade de emissão ao ano, caso extrapole essa cota, novos créditos carbonos são comprados a 50 Euros por tonelada de emissão. Outro mercado que adota o *cap and trade* é o *Western Climate Initiative* (WCI) um mercado administrado por uma empresa fiscalmente sediada em Delaware (estado americano com leis fiscais mais frouxas). Deste mercado resta como participantes apenas os estados da Califórnia nos EUA e a província canadense de Quebec¹¹². No mundo há atualmente mais de meia centena de modelos *cap and trade* cobrindo 1/5 das emissões de carbono. As críticas a este modelo são diversas, entre as quais a gestão, controle e emissão das licenças bem como a efetividade; segundo o Banco Mundial os modelos de *cap and trade* precifica em média apenas 10 US\$ por tonelada emitida.

¹¹⁰ Nos últimos 5 anos, o dólar canadense tem sido cotado entre 0,75 e 0,80 dólar americano. Estando no último ano mais frequentemente cotado nesse patamar mais alto.

¹¹¹ Informações sobre políticas ambientais canadenses podem ser encontradas no site do Canadian Institute for Climate Choices. Endereço eletrônico: <https://climatechoices.ca/>

¹¹² Especificidades e características dos modelos de taxação e mercados de licenças carbono em especial o WCI, podem ser conferidas em Carmody (2019).

Temos que lembrar que a emissão de títulos e certificados ambientais não é propriamente algo novo. Há centenas de selos emitidos para diferentes produtos por diferentes associações e o alcance e efetividade tem sido pouco significativo. Kuttner (2018) nos mostra por exemplo que mesmo com a adoção de grandes redes e de consumidores dispostos a pagar a mais por um *Fair Coffee* estima-se que apenas 5% do café comercializado no mundo é produzido e comercializado seguindo boas práticas trabalhistas e ambientais. A certificação para produtos florestais, FSC-Forest Stewardship Council, implementado por um amplo esforço e acordo e adotado por grandes madeireiras e varejistas como a IKEA, cobre apenas 15% das vendas mundiais de madeira.

Portanto, iniciativas como a de créditos carbono e selos de certificação ambientais embora possa contribuir por uma diminuição de poluição e degradação ambiental, ainda assim devem ser vistos com desconfianças quanto as suas efetividades e coberturas. Inclusive já se criou um termo, o *greenwashing* para designar estes movimentos de grandes corporações com práticas que visam a uma suposta responsabilidade ambiental quando na verdade se trata de técnicas mercadológicas de ampliação de nichos de mercado e mistificação.

Kuttner, por exemplo é bastante cético quanto a contribuições que certificações/e fiscalizações de fora dos Estados nacionais incorram em significativas boas ações corporativas:

Na prática, o progresso social produzido pela certificação e monitoramento programas têm sido bastante lento. Apesar de todo o esforço, existem grandes áreas de comércio global como de práticas financeiras, onde não foi possível para estabelecer tais regimes. Responsabilidade social corporativa, para a maior parte, é uma manobra de *branding* e relações públicas. Por mais engenhoso que as ONGs globais possam ser, se quisermos restaurar o controle democrático de capitalismo, a ação real está no nível do estado-nação (KUTTNER, 2018, p. 260, tradução nossa).

Mas há de reconhecer que o capitalismo é um modo de produção altamente resiliente e que em muitas vezes na sua história conseguiu sair de crises dadas como finais pelos críticos. Mesmo dentro do *status quo*, há esboços e viradas tecnológicas impressionantes que são capazes de oferecer um panorama menos poluente (pelo menos em termos de emissões de gases) a médio prazo. As sociedades tem pressionado e caminhado no sentido da compreensão do desafio climático por parte de todos os dirigentes dos grandes países. Metas ousadas são acordadas e há alguns esforços reais para a consecução destes patamares. Diversos painéis e conferências climáticas são montadas e assessoram governos e órgãos multilaterais. A questão ambiental já tem se

tornado a principal pauta de discussão em debates eleitorais nos países europeus e segundo pesquisas é a maior preocupação dos eleitores jovens. Os consumidores dos países desenvolvidos pressionam suas cadeias de supermercados a boicotarem produtos advindos de locais focos de desmatamento e os próprios produtores tem buscado seguir protocolos e selos ambientais para conseguirem colocar seus produtos nas prateleiras dos supermercados. Os carros elétricos já são uma realidade e deverá ser obrigatoriamente os únicos modelos vendidos na Europa a partir de 2035. Hoje, na Europa¹¹³ mais de 10% dos novos veículos emplacados são elétricos; num segmento onde se cresce a taxas de 100% ao ano. No momento em que escrevemos, as maiores montadoras do mundo já anunciaram mais de 250 bilhões de dólares no desenvolvimento e produção de veículos elétricos.

É bastante conhecida a previsão do *Times* de Londres que em 1894 previu que em 50 anos a cidade estaria soterrada por 3 metros de esterco de cavalo, tamanha era a dependência do animal nos transportes na cidade e a sujeira que tais animais deixavam nas ruas¹¹⁴. Na última década do século XIX era muito presente os prognósticos de que os andares térreos das principais ruas das grandes cidades ocidentais estariam soterrados por esterco; e tal tema foi a pauta principal da primeira conferência mundial de Planejamento Urbano em 1898. Como sabemos, nenhum desses prognósticos se cumpriram pois já no início do novo século, Henry Ford inventou a linha de montagem para o automóvel, este que logo se tornou o meio de locomoção mais importante nas cidades (em 1912 os carros passaram a ser mais numerosos do que as carroças em Nova York). Como também sabemos, décadas mais tarde descobre-se que a emissão dos carros também traz graves problemas a sociedade e que é preciso desenvolver alternativas para a mobilidade; e é em tal ponto que as conferências atuais se encontram.

Em resumo, a inovação dentro do capitalismo também é uma força dinâmica capaz de redirecionar rotas problemáticas criando alternativas ou paliativos. Embora o capitalismo a nosso ver, não possa resolver permanentemente as pressões destruidoras sobre o meio ambiente (dado ser um sistema assentado na acumulação, consumismo e sistema de preços que não quantifica danos ambientais) é importante destacar que a

¹¹³ Para a Europa, a Renault espera que em 2030, 90% de suas vendas sejam de veículos elétricos, já o conglomerado Stellantis espera que 70% de suas vendas no continente europeu (e 40% no norte americano) sejam de veículos elétricos. Outras montadoras tradicionais como a Ford, Volkswagen e GM estão investindo pesado para atingir índices semelhantes já no final dessa década.

¹¹⁴ Conferir: Doochin (2016) e Johnson (2017).

inovação (atrelada ao capitalismo) foi capaz de dar saltos qualitativos e também pode resolver problemas ambientais mais imediatos, embora isso possa significar a criação e outros¹¹⁵.

Mas uma transição a uma economia verde apenas por altruístas, responsabilidade ambiental ou adoção tecnológica sustentável não é um caminho livre de embargos e interesses contrários. O *lobby* das atuais empresas e atividades poluidoras ainda tem grande peso econômico para ditar o ritmo e a direção das eventuais mudanças de trajetórias. Para se ter uma ideia, na última metade da década passada, os bancos americanos emprestaram mais de 220 bilhões de dólares em empreendimentos de extração de petróleo por *fracking* nos Estados Unidos, um método muito mais agressivo ao meio ambiente do que as extrações de petróleo tradicionais.

Já após o Acordo Climático de Paris, os 60 maiores bancos do mundo financiaram 3,8 trilhões de dólares entre 2016 e 2020 em setores de combustíveis fósseis¹¹⁶. Desde o Acordo de Paris, bancos de fomento e desenvolvimento nacionais (portanto, instituições ligadas aos governos) de países do G-20 financiaram em média US\$ 77 bilhões¹¹⁷ na indústria do petróleo; isso equivale a três vezes mais do que o investimento em energias sustentáveis.

3.2.2 O ambientalismo no reformismo

É importante lembrar que os esforços por atividades humanas menos poluentes e por redução da degradação e esgotamento ambientais se dão tendo em plano a também desejável busca pela melhora da qualidade de vida de bilhões de pessoas que ainda não tem acesso a serviços e tecnologias básicas como saneamento, eletricidade, moradia digna, internet, máquinas agrícolas etc., e que por sua vez pressionam ainda mais o meio ambiente e o cumprimento de metas ambientais; sobretudo dentro da lógica

¹¹⁵ Por exemplo; escassez de lítio é um limite para a eletrificação de veículos. Atualmente há reservas mundiais estimadas em aproximadamente 14 milhões de toneladas. Somente para suprir a demanda dos 2 bilhões de novos carros elétricos estimados até 2025, necessitaria de aproximadamente o dobro dessas reservas mundiais descobertas. Sem contar a demanda de lítio por outros setores.

¹¹⁶ Dados do relatório: *Bank on Climate Chaos: fossil fuel finance report, 2021*. O relatório é organizado por algumas ONGs ambientais e contém bastantes dados sobre o financiamento em combustíveis fósseis no mundo e as instituições envolvidas. O relatório pode ser acessado em: <https://www.ran.org/wp-content/uploads/2021/03/Banking-on-Climate-Chaos-2021.pdf>

¹¹⁷ Tucker & DeAngelis (2020).

capitalista. É buscando soluções que equilibram nesse antagonismo que estão inclusas as soluções reformistas.

Refletindo especificamente sobre as dificuldades para um consenso e implementação de cotas de emissão e preços carbono, Tanuro chega à conclusão de que “no curto espaço de tempo que nos é dado, não se vê como o sistema poderá, com mecanismos de preço, de concorrência e de mercado, dirigir uma transição energética que esteja à altura do exigido e do possível” (TANURO, 2012, p. 106). Para termos a magnitude do esforço exigido; mesmo com a drástica queda na atividade econômica em 2020¹¹⁸, um ano pandêmico, na qual alguns países pararam suas produções ou as reduziram fortemente por alguns meses; a queda na emissão de dióxido de carbono no mundo foi da magnitude de 7% em relação a 2019, uma queda considerável, mas que para ser obtida chegou a haver inexistência total de trânsito de cidades, fechamento de fábricas, diminuição dos fluxos de voos em até 97% por algumas semanas.

O chamado *Green New Deal* (GND) é um conjunto de propostas ambientais popularizadas pelo movimento de jovens Sunrise e vocalizado principalmente por vozes mais à esquerda do Partido Democrata dos Estados Unidos como o Senador e duas vezes postulante a presidente (derrotado nas prévias) Bernie Sanders, a congressista Alexandria Ocasio-Cortez, o senador Edward Markey e a senadora Elizabeth Warren (presidenciável em 2020). Tal programa ressoa e aproxima das propostas do *Green Party* mais frequentemente visualizado através da sua líder Jill Stein e também foi respaldado por autores como Naomi Klein. Tal *Green New Deal* de verniz neokeynesiano acabou tendo partes adotada por outros políticos do país em especial no gabinete do presidente Joe Biden.

O GND apresentado por Alexandra Ocasio-Cortez ao Congresso americano, além de propostas ambientais como a emissão zero de carbono em 2050 e 100% da eletrificação de fontes sustentável, vem acompanhado também de proposições de justiça social, distribuição de renda e criação de postos de trabalho em atividades ligadas a Economia Verde.

O movimento GND norte-americano pede ainda várias medidas (algumas muito vagas ou que fogem ao escopo ambiental) como um ambiente comercial sem interferência de monopólios, saúde de alta qualidade, segurança econômica, incentivos a nacionalização da produção. No GND do *Green Party* americano, o partido defende entre

¹¹⁸ Segundo o FMI, no ano de 2020 o PIB caiu 4,6% para as economias avançadas e 3,2% para a média mundial.

outros pontos a transição para uma energia 100% limpa ainda em 2030, um programa de pleno emprego com 16 milhões de empregos na área de energia sustentável, controle democrático no sistema energético (RES. 109, 2019). Defensores do GND defendem que o programa é viável economicamente pois geraria empregos, renovaria e modernizaria a infraestrutura do país, reduziria gastos de saúde com problemas advindo da poluição e seria capaz de reduzir em até 50% do gasto militar com a desativação de bases militares localizadas com fins de manutenção do suprimento de petróleo.

Similar ao Green New Deal é o Green Industrial Revolution (GIR) do *Labour Party* do Reino Unido. O programa propõe seguir as recomendações do IPCC, investimentos maciços em energia limpa, criação de um banco de desenvolvimento nacional (com aporte de 250 bilhões de libras) e um fundo nacional (com filiais regionais) para financiar infraestruturas energéticas sustentáveis, transporte de baixo carbono e programas de restauração do meio ambiente. O programa do *Labour Party* propõe a extinção da listagem da Bolsa de Londres de toda empresa que não cumpra critérios de descarbonização.

Ainda sobre a questão ambiental, Naomi Klein escreveu um livro apresentando o que seria as propostas aprofundadas do ultimamente muito badalado *Green New Deal*. Embora seu livro contenha uma série de propostas elogiadas de investimentos sustentáveis capazes de frear a degradação ecológica e seus riscos associados; a autora reconhece o quão complicado é conseguir apoio para a implementação de planos mais sustentáveis. Diz ela que a defesa do meio ambiente, de mudança da matriz energética e de redução das emissões de carbono foram desacreditadas em um mundo de sociedades muito polarizadas e chegam a ser vistas como pautas socialistas por ideólogos da direita (KLEIN, 2019).

Nordhaus tem formulado críticas importantes aos tributários do *Green New Deal* por enxergar neles um radicalismo sem substância e propostas amorfas ou insuficientes. O autor desconfia da prioridade dos ativistas verdes em conter o aquecimento global, visto que, segundo Nordhaus suas ações concentram mais em ataques morais a corporações e políticos.

As políticas específicas de descarbonização defendidas por ambientalistas e progressistas são incrementais, mornas e neoliberais, resumindo-se a alguma variante de qualquer uma das corporações reguladoras para impedi-las de fazer coisas que produzem emissões de carbono ou subsidiá-las para usar energia e outras tecnologias que reduzem o carbono emissões; ou subsidiá-las para usar energia e outras tecnologias que reduzem o carbono emissões - principalmente

o conjunto muito pequeno de tecnologias e práticas que os ambientalistas aprovam: eólica, solar, bioenergia, veículos elétricos e agricultura orgânica. Esse tipo de proposta, na verdade é um anátema para os princípios libertários e *laissez-faire* que muitos conservadores professam. Mas eles [GND] estão muito longe de qualquer coisa reconhecível como socialismo que parecem professar. Seja na defesa de um imposto sobre o carbono, um programa de *cap and trade*, um *Green New Deal*; ou uma agenda do clima defendida por centristas orientados para o mercado e *Climate Hawks* e o "mudar isso tudo" dos progressistas, volta essencialmente a duas coisas bem capitalistas: regulamentar ou tributar empresas privadas para impedi-las de emitir carbono e subsidiá-las para utilizar ou vender tecnologia limpa. Há uma clara desconexão entre o que a esquerda ambientalista diz sobre o capitalismo e o papel do governo e o que ela realmente se propõe a fazer (NORDHAUS, 2009, s. p.) tradução nossa).

Em outras palavras; as vozes mais proeminentes do *Green New Deal* são reformistas, mesmo quando se reivindicam socialistas.

Mais adiante o autor critica o fato de que os discursos a favor de ações enérgicas e do quadro apresentado de apocalipse climático propagado pelo ambientalismo progressista esconde uma falta de programa efetivo e exequível:

O ambientalismo apocalíptico tem, desde suas origens nos anos após a Segunda Guerra Mundial, feito regularmente esses tipos de exigências abrangentes e incipientes. Mas nunca houve uma agenda acionável que o radicalismo verde realmente abraçasse. É uma política de protesto e negação, de desinvestimento, de “manter no solo” e de decrescimento. É o niilismo pós-moderno vestido com as armadilhas da seriedade moral [...] o que a maioria dos ambientalistas, incluindo os radicais verdes [nominalmente citados Bernie Sanders e Ocasio-Cortez] estão basicamente exigindo é o capitalismo com regulamentações de carbono e muitos moinhos de vento (NORDHAUS, 2019, [s.p]).

Em tempo, embora acreditamos que Nordhaus (2019) formula críticas válidas ao que ele chama de Radicais Verdes, há também uma demasiada simplificação das defesas de tal grupo. É também bastante duvidosa a premissa de que a esquerda progressista americana seja refratária a soluções estatais ou que envolvam soluções centralizadas planejadas pela burocracia estatal tais como os grandes parques energéticos. O autor é um tributário da tese que diz que a própria esquerda foi a primeira e principal contestante ao fordismo e ao “Estado paternalista” no terceiro quartel do século passado e que manteria tal linha até hoje. Nas palavras dele; “hoje, muitos na esquerda culpam os conservadores e a ascensão da ortodoxia econômica neoliberal após as eleições de Margaret Thatcher [...] mas no mundo desenvolvido, essa transição veio muito antes e foi liderada pela esquerda” (NORDHAUS, 2019, [s.p.]). Segundo Nordhaus “no final dos anos 60, o governo para muitos da esquerda era parte do problema tanto quanto o foi para Ronald Reagan uma década depois” (NORDHAUS, 2019, [s.p.]). Essa tese não é nova (e inclusive foi perpassada rapidamente neste trabalho) mas é problemático que Nordhaus

resgate e traga para tempos atuais e nos mesmos termos, uma suposta resignação por parte da esquerda dos anos 1960 com os problemas da regulação social fordista e do Estado belicoso da época.

Piketty também é um importante autor reformista que tem sido incisivo em suas obras mais recentes afirmando que a globalização neoliberal foi a grande responsável pelo aumento da desigualdade de riquezas nas últimas décadas bem como ampliado a degradação ambiental. Para ele é necessário repensar a globalização rumo a moldes ambientalmente responsáveis e com princípios claros de justiça social a ser alcançada com mais redistribuição de riqueza e renda¹¹⁹. A defesa central do autor, tem sido uma maior tributação dos mais ricos para financiar um modelo de crescimento mais justo, ecológico e socialmente mais humano.

Suas defesas reformistas certamente as colocam entre aquelas mais radicais dentre as atualmente existentes defendidas por instituições, partidos e economistas do mundo; que fica claro em passagens como a seguinte:

Digamos com clareza: é perfeitamente possível mover-se gradualmente em direção a um socialismo participativo, mudando o sistema legal, fiscal e social neste ou aquele país sem esperar a unanimidade do planeta. É assim que a construção do estado social e a redução das desigualdades se deu durante o século XX [...] O governo dos EUA tem a capacidade de aplicar o imposto sobre os bilionários, cujo os lucros poderiam contribuir para atualizar o modesto estado de bem-estar dos EUA. Posto isto, é bastante claro que é possível ir ainda mais longe e mais rápido, adotando uma perspectiva internacionalista e tentando reconstruir o sistema internacional em uma base melhor. Em geral, para dar ao internacionalismo uma chance de novo, precisamos virar as costas à ideologia da liberdade absoluta que guiou a globalização nas últimas décadas e colocar em prática um sistema econômico alternativo, um modelo de desenvolvimento baseado em princípios verificáveis de justiça econômica, fiscal e ambiental (PIKETTY, 2021, p. 21).

Vale mencionar que no arcabouço de medidas propostas por Piketty, a maioria delas podem e devem ser feitas nos espaços nacionais pelos governos e comunidades políticas nacionais. Mas ao mesmo passo, as relações multilaterais entre os países devem se guiar por preceitos de maior cooperação, preservação ambiental e sanções comerciais devem ser sempre evitadas, principalmente quando direcionadas a países menos desenvolvidos. Para o autor, é imprescindível que o capitalismo reordene

¹¹⁹ “O hipercapitalismo foi longe demais e agora estou convencido de que precisamos pensar sobre uma nova maneira de ir além do capitalismo, uma nova forma de socialismo, participativa e descentralizada, federal e democrática, ecológica, multirracial e feminista. A história decidirá se a palavra ‘socialismo’ está definitivamente morta e deve ser substituído. De minha parte, acho que pode ser salvo, e até que continua a ser o termo mais apropriado para descrever a ideia de uma alternativa sistema econômico ao capitalismo” (PIKETTY, 2021, p. 9).

sua trajetória a um rumo que não tolere tamanha regressividade fiscal, desigualdade, destruição ambiental e deterioração das condições de vida humana.

3.2.3 *Ecossocialismo*

Dentro das alternativas que atualmente se postulam como a solução para os problemas ambientais enfrentados pela humanidade está o ecossocialismo, uma renovação das postulações socialistas mais clássicas. Os ecossocialistas afirmam que apenas em uma sociedade fora dos ditames do capital é capaz de garantir não só a emancipação humana (como já bem presente nas vertentes socialistas) como também garantir a sustentabilidade do mundo onde vivemos enquanto humanidade. Ou seja; “o ecossocialismo implica uma radicalização da ruptura com a civilização material capitalista. Nesta perspectiva, o projeto socialista visa não apenas uma nova sociedade e um novo modo de produção, mas também um novo paradigma de produção” (LÖWY, 2014, p. 38).

O ecossocialismo é um projeto revolucionário embora adote ideias que também são comuns a projetos reformistas como o apelo por energias sustentáveis, eficiência energética, redução das emissões de gases estufa etc. A diferença entre o ecossocialismo e outros ambientalismo de esquerda e/ou reformistas resulta no entendimento de que as práticas reformistas, uma vez subordinadas a lógica do capital estão fadadas a tornarem ineficazes frente as contradições do capital; que baseia entre outros fatores na expansão consumista, e a não inclusão dos custos ambientais nos sistemas de preços etc. Nas palavras de uma ecossocialista brasileira:

O ecossocialismo é a síntese entre socialismo e a luta ecológica e forma a compreensão de que é impossível sustentar o socialismo sem um compromisso profundo e inseparável com a preservação do metabolismo da natureza, equilibrada com as necessidades humanas de sobrevivência e qualidade de vida. Portanto, o ecossocialismo é uma corrente de pensamento e ação – ou seja, *práxis* – focada em superar a dicotomia entre humanos e natureza para promover uma síntese marxista ecológica que leve a uma estrutura emancipatória para a construção de uma sociedade global socialista (FERNANDES, 2020, p.92-3).

O ecossocialismo é também a idealização de uma sociedade ecologicamente racional e sustentável e baseada nos preceitos de controles democráticos, igualdade e socialização da produção (de valores de uso).

O ecossocialismo é certamente uma frente em avanço dentro das fileiras teóricas do marxismo. Buscando corrigir e lembrar que os governos socialistas foram

historicamente, no mínimo negligentes em relação as questões ecológicas¹²⁰. Lembramos que quando nos governos; como no socialismo dirigente na União Soviética, emulando o modelo produtivo fordista americano a produtividade foi obtida às custas de grandes degradações ambientais (comparáveis ao modelo capitalista) sendo a seca do Mar de Aral é a grande fotografia desse pouco zelo com o meio ambiente.

Michael Löwy; que é um dos primeiros teóricos ecossocialistas; também enxerga um atraso do marxismo na temática ambiental. Ainda de acordo com o autor; “os temas ecológicos não ocupam um lugar central no dispositivo marxiano” (LOWY, 2014, p. 21). Para Löwy o ecossocialismo inspira-se no marxismo ao mesmo tempo em que livra dos seus resquícios produtivistas. Aliás, a noção do produtivismo como perseguição ao progresso é rechaçada por parte significativa dos ecossocialistas embora concordem com a necessidade de prover a humanidade de bens, tecnologias e serviços que promovam o bem estar, o conforto e justiça social.

3.2.4 As teses de crescimento zero e economia circular

Nos últimos anos tem reavivado as discussões sobre novas formas de pensar a criação de riqueza que no capitalismo é medida normalmente por meio do Produto Interno Bruto (PIB). A autora Kate Raworth, escreveu *Doughnut Economics* em 2017. Nos sete capítulos do livro a autora propõe que as sociedades repensem a economia para o século XXI. Na defesa da autora, a chamada economia circular deve ocupar o primeiro plano de uma nova forma de produção material de riqueza com vistas sobretudo a preservação das capacidades da natureza em prover os bens básicos a manutenção de uma vida confortável a humanidade:

Raworth é bastante crítica aos economistas que supostamente seguindo leis naturais do mercado estão replicando modelos que são agressivos ao meio ambiente e gerador de desigualdades e discriminações. A esta forma produtiva que impera atualmente, a economista chama de economia linear ou projeto degenerativo.

Em essência este é um sistema degenerativo que devora as fontes de seu próprio sustento. O que se necessita é uma mudança, um novo paradigma de projeto regenerativo; e este paradigma já está emergindo atualmente, dando

¹²⁰ Devemos ressaltar que na obra de Marx há diferentes passagens que podem ser entendidas como preocupações ecológicas; mas que é bem incipiente na obra do autor; certamente pelo tempo em que escrevia na qual tal preocupação era no geral, praticamente inexistente em todos os teóricos sociais. Mas reafirmamos que na tradição socialista as preocupações ambientais não foram presentes até pelo menos até por volta dos anos 1990. Para uma luz sobre as questões ambientais em Marx queira ver: Saito (2021).

lugar a um fascinante leque de respostas empresariais (RAWORTH, 2018, p. 245, tradução nossa).

Raworth defende técnicas produtivas e regulações que valorizem a reciclagem, o reaproveitamento, a restauração e o compartilhamento. E a autora cita exemplos de instituições que tem feito ações nesse sentido, que vai de grandes empresas como uma planta industrial da Nestlé do México que utiliza o vapor de água condensado da fervura de leite para suprimento da demanda de água industrial ou um conjunto de edifícios em Seattle que produz toda a sua energia por placas solares. Estes são exemplos de impactos zero, o que segundo a autora já representa um novo paradigma frente ao desenho da economia linear e degenerativa.

Em que se pese os inúmeros elogios a obra e as boas intenções da autora; a obra de Raworth tem lacunas significativas. Suas propostas estão bastante centradas no voluntarismo, na consciência empresarial ou no consumismo consciente; questões que não se adequa no movimento do capital (tal como já observado por Marx). E como o novo paradigma proposto pela autora não pressupõe a superação do capital, suas proposições não se adequaria aos movimentos do capital em sua luta pela expansão. É inimaginável por exemplo, que as empresas “sejam generosas e deixem a natureza melhor do que a encontrada”. Também é pouco provável que empresas capitalistas compartilhem suas patentes e desenhos industriais num modelo de economia de código aberto (a própria autora reconhece que é pouco provável que a ortodoxia empresarial abra mão dessa alternativa). No desenho regenerativo proposto pela autora não haveria dejetos ou sobras não aproveitadas das indústrias pois “os restos de um processo de produção; sejam restos de comida ou fragmentos de metal, se convertem na matéria prima do processo seguinte” (RAWORTH, 2018, p. 253, tradução nossa.).

É bastante duvidosa a afirmação de Raworth de que “hoje as firmas mais inovadoras se inspiram na ideia de que o negócio da empresa seja criar um mundo próspero” (RAWORTH, 2018, p. 266, Tradução Nossa). A nosso ver; nada sugere que os grandes *locus* de empresas inovadoras tal como as *Big Techs* ou modestas *startups* estão dispostas a abandonar a lógica de acumulação de capital e obtenção de lucro a qualquer custo (tal como vender dados de usuários, direcionar anúncios a crianças e monetizar *fake news* etc.). Aliás, o modelo de negócio tanto das *Big Techs* como de inovadoras *startups* estão altamente centradas no controle e administração privada de tecnologias, patentes e segredos tecnológicos.

Ademais, as teorias de crescimento zero na qual; grosso modo, a tese de Raworth também se encontra (no título do último capítulo, a autora aconselha a sermos agnósticos quanto ao crescimento) tem o problema de ser bastante inviáveis a sociedades pobres e que ainda necessita de muito crescimento para chegar a níveis civilizacionais considerados modernamente como minimamente decentes e justos (como saneamento, eletrificação, acesso à educação e comunicação etc.). Em Raworth por exemplo, embora haja citações a empreendimentos da economia regenerativa em países pobres; a “Economia Donut” ainda é um luxo a ser imaginado apenas para os países do capitalismo central onde tecnologias como as de energia solar, de tratamento de dejetos, de coleta seletiva ou de cidades inteligentes podem estar acessíveis ou num horizonte imaginável. O salto de sociedades que estão precariamente inseridas no pior da atual economia degenerativa (como provedoras de minerais por exemplo) rumo a sociedades ecossustentáveis numa economia circular parece distante de ser concebido.

Tanuro (2012) é um dos tributários das teses antiprodutivistas e postula que há uma necessidade de redução do consumo energético dos países desenvolvidos; necessitando para isso menos dispêndios energéticos com transportes e produção. Mas o próprio autor reconhece que sua implementação é impossível sem derrubar o capitalismo:

Como é bem sabido, isto é totalmente incompatível com as leis do capitalismo. De certa forma é, possível afirmar que o obstáculo da acumulação é ainda maior que a do lucro. Porque o capital pode tolerar um plano de rigor (e fá-lo amiúde em tempos de guerra). Pode tolerar um governo que esprema alguns dos seus lucros, temporariamente, para evitar uma explosão social (foi o que fez Roosevelt com o *New Deal*, na década de trinta). Mas não pode existir [capitalismo] sem crescimento (TANURE, 2012, p. 112).

Felber também é um autor cuja sua teoria do bem comum tem aproximações com as propostas de economia de crescimento zero (“o fim da obrigação do crescimento”, é um dos capítulos do seu livro). Para Felber, a economia do comum busca resolver contradições entre o mercado e a sociedade, propondo para isso incentivar princípios valorizados nas relações humanas como solidariedade, cooperação, empatia, compartilhamento entre outros. Numa economia do comum, o êxito dessa economia passaria a ser medido em termos de utilidade social ao invés de parâmetros assentados nos valores de troca e indicadores monetários¹²¹ “o produto do bem comum de uma

¹²¹ “O dinheiro possui algumas vantagens atrativas, porém possui uma desvantagem decisiva: o dinheiro pode mostrar valores de troca porém não mostra os benefícios sociais. E o que ao fim os seres humanos necessitam são de utilidades [no marxismo, valores de uso]. Um valor de troca não pode esquentar-me, nem alimentar-me, nem abraçar-me. O que necessito é alimento, vestimenta, moradia, relações e ecossistemas intactos: isto é, utilidades. O PIB e os benefícios financeiros não informam de forma confiável acerca da

economia nacional e os balanço empresariais numa sociedade do bem comum ultrapassam o PIB e os benefícios financeiros” (FELBER, 2010, p.14, tradução nossa). Ademais, o autor acrescenta que no comum os rumos da economia devem ser debatidos em assembleias populares de forma democrática.

Felber (2010) caracteriza a “sociedade do bem comum” como uma sociedade guiada rumo aos princípios da felicidade geral, da sustentabilidade ecológica, do intercâmbio cultural etc. Nesta sociedade, inclusive as empresas devem reorientar seus objetivos para conquistar tais propósitos.

Para Felber (2010) no bem comum, a confiança entre os indivíduos deveria suplantar a busca exaustiva pela eficácia. Para o autor, confiança é o maior bem social que mantém as comunidades unidas. A concorrência capitalista em busca de lucros deveria ser substituída por cooperação com fins a produção de bem estar comum.

Felber (2010) ancora suas proposições numa esperança da conscientização e economistas, corporações e indivíduos rumo a construção de uma sociedade de bem comum. São proposições, mesmo que bastante ousadas e diametralmente opostas ao neoliberalismo são bastante assentadas no voluntarismo e em um suposto despertar virtuoso do homem (incluindo aí grandes capitalistas). O pano de fundo da tese de Felber é a de um neoproudhonismo. Sua teoria embora circule aproxime de algumas propostas não chega a apontar para a cogestão das fábricas, de contestar a propriedade privada (embora dedique um capítulo de apenas um parágrafo ao tema) ou propor saídas fora do mercado. Sua inspiração proudhoniana fica clara em trechos como:

Distribuição aos trabalhadores: Quando um ano for mais satisfatório do que se esperava, todos que tiverem colaborado deveriam poder aumentar seus recebimentos. Porém tais rendas devem estar limitada a um determinado número de vezes do salário mínimo, também para os proprietários que colaboram. Esse limite deve ser desenvolvido por convenção econômica e ratificado pelo povo soberano. Empréstimo a sócios: Quem quiser ajudar outras empresas, clientes ou fornecedores pode conceder empréstimo sem juros [...] (Felber, 2010, p.56, tradução nossa).

Podemos enquadrar Felber como um autor munido do desejo de mudanças significativas no capitalismo inclusive para dotá-lo de maior sustentabilidade ecológica, mas que não chega a propor um modo de produção fora desse sistema econômico. E assim como outras proposições proudhonianas e/ou antiprodutivistas elas soam bastante

disponibilidade das utilidades” (FELDER, 2010, p. 38, tradução nossa). Mais adiante o autor destaca as desvantagens de observar uma sociedade por parâmetros do PIB que não capta a natureza democrática ou ditatorial de uma sociedade, seu estado de guerra ou paz, do stress e desconfiança dos cidadãos ou a calma etc.

utópicas principalmente em se considerando sua implementação mantendo o mercado e modo de produção capitalista. O excesso de voluntarismo e fé na adoção de boas práticas ambientalmente responsáveis a surgir da iniciativa das grandes corporações, também são pontos questionáveis dentro dessas teorias.

Sendo assim, a nosso ver, todas as teses antiprodutivistas embora com boas propostas de maiores controles sociais e maiores eficiências produtivas (que gera menos danos ambientais) incorre em graves deficiências uma vez que não conseguem propor a superação das contradições do capital sendo, portanto, impossíveis de se realizar dentro de um modo de produção que se guia pela expansão e acumulação e sendo assim configuram como alternativas pouco concebíveis sem a derruba completa do modo de produção capitalista.

3.3 PLANOS AMBIENTAIS QUE ESTÃO SENDO LANÇADOS

A nomenclatura do *Green Industrial Revolution* e alguns de suas proposições foram adotados pelo governo do partido Conservador. Num plano de 10 pontos para uma economia verde, o governo inglês prevê somas significativas de investimentos em energias limpas, tecnologias sustentáveis, recuperação ambiental e reestruturação da infraestrutura para modelos ecologicamente menos invasivos. Pretende se fazer o plantio de 30 mil hectares de árvores por ano até 2025 (cada hectare tem o tamanho de um campo de futebol).

O governo britânico estima ainda quadruplicar a geração eólica até 2030 chegando à marca de 40 GW de geração *offshore* e chegar a 8GW de geração por hidrogênio. A tecnologia, segundo o governo inglês deverá garantir 8 mil empregos em 2030 e redução de 9% da emissão de carbono comparado com o nível de 2018. O projeto do governo propõe ainda fortes investimentos na energia nuclear, subsídios a construções de prédios mais ecológicos, investimento em tecnologias de captura de carbono e armazenamento deste no Mar do Norte além da implementação de uma densa rede de recarga de veículos elétricos com 2500 pontos em 2030 (ano da proibição de veículos movidos a combustíveis fósseis) dentre outras metas. Ao fim do governo Boris Johnson, este prevê que terá criado 90 mil empregos ligados a tecnologias de baixo carbono (THE TEN, 2020).

Em 2021 o presidente francês já em fim de mandato e aproximando às eleições da qual buscava a recondução; também lançou um programa com apelo

sustentável denominado France 2030 que prevê destinação de 30 bilhões de euros em 5 anos para “tornar a França uma grande nação da inovação” e “aumentar a capacidade francesa de crescer através da inovação”. O plano, embora tenha elementos para uma economia verde é centrado na industrialização e na pesquisa e desenvolvimento para manter a França entre as nações de vanguarda nas novas tecnologias; e dentre estas, as tecnologias verdes. Dos 30 bilhões de Euros anunciados, 8 bilhões vão para o setor de energia para; 1. tornar a França líder em hidrogênio em 2030; 2. Pesquisa e desenvolvimento de pequenos reatores nucleares (1 bilhão de euros); 3. Reduzir a emissão de gases estufa em 35% comparado com os níveis de 2015 (patamar abaixo do que recomenda o IPCC). Também no plano, 4 bilhões de euros foram anunciados para atingir duas metas do setor de transporte (carros elétricos e desenvolvimento de um avião *low carbon*). O restante do montante pouco diz respeito a área ambiental (MALLET, 2021; BARROUX, PÉCOUT, 2021).

Ressaltamos que o plano francês anteriormente apresentado tem que ser observado tendo em tela o *France Relance*, um plano de 2020 que integrava o rol de investimentos para recuperar a economia francesa dos efeitos da Covid-19 ao mesmo tempo em que aponta investimentos para transformações de médio e longo prazo. Dos 100 bilhões de euros anunciados no France Relance para serem desembolsados em 2 anos, 30% seria investidos em transição ecológica, contemplando entre outras coisas; bônus para consumidores de veículos elétricos, construção de cinco mil postos de carregamentos elétricos nas rodovias; destinação de 1,2 bilhões de euros para desenvolvimento do transporte público e de bicicletas para mobilidade diária; mais de 1 bilhão em editais envolvendo pesquisa com hidrogênio; reforma de edifícios públicos e subsídios aos privados para adoção de tecnologias que reduzam o consumo energético dentre outras medidas para resíduos sólidos, parques, agricultura saudável etc. (LE PLAN, 2021; TONNELIER, 2020).

A China, a maior emissora de gases de efeito estufa também tem lançado políticas visando reduzir suas emissões e há imensa cobrança do resto do mundo para que o país acelere tais políticas ambientais, uma vez que o esforço de descarbonização depende muito dos avanços chineses na área. Na China, a descarbonização depende enormemente da redução do uso de termoeletricas a carvão, que responde por cerca de 63% da geração elétrica do país. O 14º Plano Quinquenal do país a vigorar até 2025 tem proposto a redução de 18,5% da emissão de carbono por unidade de crescimento do PIB, o que configura como metas bastante ousadas. O plano prevê ainda o aumento da

cobertura florestal do país para 24,1% do território (contra 23,2% em 2019). O aumento do número de áreas verdes, historicamente tem sido um dos grandes avanços ambientais do país. Aliás, no geral a China entrega resultados ambientais ainda melhores do que os prometidos. Grandes esforços também têm sido feitos no país asiático para aumentar a eletrificação da frota e aumento da geração de energia renovável.

Na maioria dos casos, os projetos de despoluição e menor impacto no meio ambiente tem sido lançados pelos países ricos e no geral tem buscado aliar as preocupações ambientais com a geração de empregos e transição tecnológica. Acima destacamos alguns exemplos com grandes similaridades entre eles dentre as quais destacamos impulso a adoção de geração de energia por hidrogênio, eletrificação de frota e adoção da energia solar especialmente em prédios públicos. Tais planos também dão espaço a formação de força de trabalho para que saibam manejar e se adequar as exigências que as novas tecnologias adotadas requerem.

No geral, as perspectivas para o futuro do meio ambiente e do aquecimento global não são muito otimistas e muitas metas são revisadas para baixo. Felizmente a preocupação ambiental parece estar caminhando rumo a um maior nível de preocupação e de exigências dos cidadãos para que seus países e governantes apresentes resultados na área.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há de ressaltar que este é um trabalho que não tem a pretensão de esgotar a temática. Por escolha do autor, algumas questões que caberiam neste trabalho não foram inseridas por razões distintas. Iremos apresentar alguns desses elementos faltantes.

Inicialmente estava planejado apresentar nessa pesquisa o desenrolar da Crise de 2007-08 até chegar no que consideramos ser um novo marco da crise da globalização neoliberal que foi o ano de 2016 (tendo como marcos a eleição de Trump e o resultado do Brexit). Sendo assim, caberia nesta pesquisa a apresentação das diversas crises e suas manifestações na segunda década do século XXI tais como: a Crise na Zona do Euro, os grandes movimentos de contestação da governamentalidade neoliberal e do *establishment* como o movimento *Ocuppy Wall Street*, as chamadas Jornadas de Junho no Brasil em 2013, o surgimento dos grandes movimentos de rua na Espanha; os Indignados que deram origem a novos partidos que desafiaram o arranjo político no país. Os muitos protestos que irromperam na América Latina em 2018 e 2019 também são sintomas da desordem do capitalismo contemporâneo e que não tivemos tempo de apresentar aqui. Também não está nesse trabalho a Chamada Primavera Árabe que lembramos, irrompeu na Tunísia em fins de 2010 com a autoimolação de um vendedor de rua em protesto (e desespero) contra as condições de vida no país e as constantes investidas policiais contra seu negócio. A Primavera Árabe poderia estar presente nesse trabalho pois foi o primeiro grande movimento político de massas que utilizou exaustivamente das redes sociais (principalmente o Facebook) para convocar protestos e irradiar se para as praças e para outros países, afinal, rapidamente grande parte do Norte da África e Oriente Médio tiveram grandes protestos e derrubada de governos. Aliás, também por escolha deste autor, a própria Crise de 2007-8 é tomada neste trabalho como um marco, mas nela não aprofundamos; com o entendimento de que alargaria por demais o escopo desse trabalho adentrando em uma temática que outros trabalhos já abordam magistralmente.

A terminologia “crise” está bastante presente neste trabalho, mas uma aprofundada definição do termo não se faz ver. Optamos por essa abordagem pois entendemos que uma pesquisa aprofundada sobre as teorias das crises e suas nuances não seriam necessárias a este trabalho. Quando o termo vem a adquirir uma carga teórica mais específica tal como “crise estrutural”, “crise de representatividade” etc., estas estão

referendadas por autores ou tem seus significados explicados pela própria terminologia; e também não julgamos necessários aprofundar também nessas nuances.

Uma escolha um pouco mais difícil foi a de não incluir nessa pesquisa uma caracterização e aprofundamento sobre o surgimento, história e teorias acerca do neoliberalismo e globalização (aqui na maioria das vezes tratados em conjunto como globalização neoliberal, pois entendemos serem imbricados). Estando presente dispersos em diferentes partes deste trabalho, acreditamos que dedicar um capítulo para a conceituação e historicização do neoliberalismo acabaria por se tornar supérflua ou repetitiva. Também não era a pretensão inicial deste autor, adentrar nos nuances das teses do neoliberalismo nesta pesquisa; embora julgue que este trabalho conseguiu expor os princípios básicos do que entendemos de neoliberalismo aplicado a pesquisa em questão. Em outras palavras, a globalização neoliberal teve uma longa história desde pelo menos os anos 1970, mas em tela está a globalização neoliberal no que julgamos ser a fase do seu declínio, isto é, a partir da Crise Econômica de 2007-08.

Este trabalho surgiu da premissa de um aprofundamento da crise de regulação neoliberal (aliás, compreendemos que a corrente regulacionista francesa também poderia estar presente) tendo como marco a Crise de 2007-08. Foi um trabalho que debruçou sobre algumas das facetas dessa crise na contemporaneidade, sobretudo as manifestações socio-políticas do que podemos concluir como um declínio da globalização neoliberal. Grandes guinadas políticas foram observadas nessa segunda década do século XXI e estas majoritariamente desafiaram (mesmo que retoricamente) os preceitos da globalização.

A pandemia global, que no momento em que encerramos este trabalho, se arrefeceu, mas ainda não acabou (inclusive tem gerado novos *lockdowns* nas grandes cidades chinesas) muito claramente acelerou tendências que apontamos neste trabalho. Ainda é cedo para captar ou entender o desenrolar dos efeitos pandêmicos, mas é fato ela mostrou as lacunas de um mundo globalizado e escancarou desordens e injustiças do capitalismo em sua forma neoliberal, tal como a desigualdade, o racismo estrutural e a pouca efetividade das leis do mercado no controle da pandemia e seus efeitos econômicos. O receituário neoliberal sai ainda mais desacreditado da pandemia. Mas como apontamos aqui, este é de bastante resiliência. A pandemia certamente elevou de forma exponencial os graves problemas do mundo contemporâneo e pode ter acelerado processos; e indicamos que pesquisas futuras debruçem com muita atenção sobre os efeitos dessa grande epidemia.

Embora não debruçamos com maior grau de detalhamento, vale destacar que nessa crise da globalização, houve um acirramento das tensões geopolíticas, com confrontos cada vez mais frequentes pela ampliação da área de influência de duas grandes potências em ressurgimento que desafiam a hegemonia americana; isto é, a Rússia (ressurgimento por modernização militar) e China buscando ampliar seu *soft power* sobretudo rumo a países da África, América Latina e Ásia Central, além claro, do seu grande poder econômico. A União Europeia também se coloca como um importante bloco nessa nova ordem que se constrói. Portanto, vemos o surgimento de uma ordem multipolar, baseadas em blocos regionais com linguagens políticas e organização socioeconômicas diferentes.

Como exemplo desses acirramentos geopolíticos podemos citar como um ponto máximo a invasão russa da Ucrânia em 2022; a maior agressão a um país europeu desde a Segunda Guerra. A própria retórica desse conflito foi permeada de fortes ameaças incluindo diversas vezes a menção do poderio nuclear pronunciadas tanto pelo presidente russo como pelos generais da Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte). Estrategistas e diplomatas do mundo também dão como provável uma incursão militar chinesa sobre Taiwan num futuro próximo, com os pretextos de retomada da integridade territorial do país, mas também para controlar uma das poucas áreas que a China ainda não domina; a produção de chips semicondutores na qual Taiwan é a grande fábrica do mundo.

Em resumo, a globalização pregada como um sistema vantajoso a todos os participantes começa a dar claros sinais de esgarçamento; tanto pela adesão das populações/ eleitores, quanto das grandes potências que buscam uma mudança de *status quo* dentro da ordem global mesmo que isso seja alcançado às custas da deterioração da globalização. E é significativa a declaração do Ministro de Relações exteriores da Rússia, Sergei Lavrov que em meio a Guerra na Ucrânia afirmou que “seu país perdeu todas as ilusões sobre o ocidente” e que não aceitaria uma “ordem unipolar dominada pelos Estados Unidos como um xerife global”.

A luz da pesquisa apresentada neste trabalho, podemos conjecturar que o declínio da globalização neoliberal tem sido uma tendência nos últimos anos. E no momento que escrevemos as últimas linhas deste trabalho se avolumam as análises e especialistas que estão concluindo aquilo que nossa pesquisa também apontou. Agora não

são raras as manchetes como: “globalização sob remodelagem”¹²², “guerra na Ucrânia, pandemia e nacionalismo colocam globalização em xeque”¹²³ etc., e especialistas sempre requisitados pela mídia ocidental como Martin Wolf, Michael O’Sullivan e Ian Bremmer já apontam a derrocada da globalização e o fortalecimento de programas e governos antiliberais pelo mundo e recrudescimento das rivalidades entre ocidente e oriente no que já se chamam de uma nova Guerra Fria.

Como dissemos no decorrer deste trabalho, é difícil conjecturar qual capitalismo (ou outro sistema econômico) que vem pela frente ou até quando durará a crise do neoliberalismo. Hoje parece mais claro que a luta de classes e os conflitos inter-imperialistas que a globalização neoliberal por mais de 30 anos lutou para ocultar, tem voltado à tona.

A imensa desigualdade, da qual o neoliberalismo é o grande responsável pela sua explosão contemporânea (e tem muitos dados corroborando este processo) tem sido um fator que impulsiona contestações ao capitalismo tornando-o cada dia mais instável (além de claro, injusto). Nesse sentido já se juntam importantes economistas, políticos e outras vozes que lutam por uma remodelagem do sistema fiscal e tributário do capitalismo contemporâneo buscando torna-lo mais socialmente aceitável e humano. Piketty por exemplo, tem defendido uma elevação da carga tributária¹²⁴ para uma remodelação do Estado a fim de prover uma distribuição de renda oferecendo serviços públicos de qualidade e compatíveis as novas necessidades das sociedades nos tempos atuais. Há uma enfática defesa do autor de um provimento universal de educação de qualidade que

¹²² MING, Celso. Globalização sob remodelagem. **Estadão**. São Paulo, 31 de mar. 2022. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,globalizacao-sob-remodelagem,70004025812>

¹²³ GONZATTO, Marcelo. Guerra na Ucrânia, pandemia e nacionalismo colocam globalização em xeque. **Gaúcha Zero Hora**. 18 mar. 2022. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/economia/noticia/2022/03/guerra-na-ucrania-pandemia-e-nacionalismo-colocam-globalizacao-em-xeque-cl0x58ukh00ey017c1y9ziy9y.html>

¹²⁴ Piketty pouco detalha a magnitude, velocidade ou como implementar essa elevação de carga fiscal. Se sabe que o autor defende que essa carga fiscal seja suficiente para manter sistemas de saúde públicos e educação universal que garanta a meritocracia e mobilidade social. O autor deixa algumas outras pistas: “Claro, em teoria, nada impede que se imagine uma sociedade onde os impostos representariam dois terços ou três quartos da renda nacional, a partir do momento em que eles fossem arrecadados de uma maneira transparente, eficaz e aceita por todos, e sobretudo que fossem utilizados para financiar as necessidades e os investimentos julgados prioritários, como, por exemplo, a educação, a saúde, a cultura, a energia limpa e o desenvolvimento sustentável. O imposto não é nem bom nem ruim em si: tudo depende da maneira como ele é arrecadado e do que se faz com ele. Existem, porém, duas boas razões para pensar que uma progressão tão grande não é nem realista nem desejável, pelo menos num horizonte mais próximo” (PIKETTY, 2014, p. 600-1).

segundo ele, historicamente tem sido o fator mais preponderante na melhoria das condições de vida da humanidade.

Mostramos neste trabalho alguns desafios urgentes à ordem capitalista que não podem mais ser ignorados, tal como a questão ambiental. Algumas proposições reformistas foram apresentadas aqui, mas é difícil assegurar que tais terão força para suplantar a governamentalidade neoliberal mesmo que esta esteja em decadência.

O mundo e suas sociedades estão substancialmente diferentes do que era no início do milênio podemos tomar por exemplo pelo prisma das comunicações sobretudo com a emergência das redes sociais. É necessária e urgente uma maior regulação dos usos e dos abusos cometidos pelas plataformas de comunicações sociais e seus algoritmos como forma de combater o recrudescimento de ódio contra grupos de indivíduos, disseminação massiva de desinformação e campanhas eleitorais obscuras; mas não podemos também alimentar um desejo de um retorno a um mundo democrático aparentemente estável de quando as informações eram controladas por alguns conglomerados de comunicações. Esse saudosismo que tem um apelo de fundo para que as elites¹²⁵ retomem o controle dos rumos da democracia aos moldes da sua paz de cemitério também não chega a ser uma solução.

Concluimos com esta pesquisa que o modo de produção capitalista organizado na sua atual fase neoliberal está vivenciando uma longa e profunda crise. Como sintomas dessa crise, convulsões políticas se avolumam e alternativas autoritárias são postuladas como respostas a esta crise sugerindo que é possível amenizar a crise de legitimidade com mais hierarquia e repressão. Devemos entender as atuais e várias desordens do mundo (geopolíticas, de baixo crescimento econômico, desglobalização, políticas e sociais e outras) como ramificações de uma crise mais profunda do capitalismo contemporâneo.

Vale ressaltar que neste trabalho optamos por aprofundar em alguns dos aspectos da crise do capitalismo, crise que já se manifesta em pilares essenciais do seu atual modelo de organização, isto é, da globalização neoliberal. Pesquisas futuras poderão buscar entender se o capitalismo poderá prescindir do seu modelo neoliberal e buscar um novo regime de acumulação sem ter em frente a contraparte de uma ameaça ideológica

¹²⁵ De maneira mais ou menos implícita, esse posicionamento aparece em alguns autores aqui citados dentre aqueles que veem com temor a desconsolidação democrática, o mal estar da democracia, a erosão do liberalismo político e terminologias afins por eles mobilizados. Algumas destas obras foram *best sellers* nos últimos anos são obras importantes e que trazem avanços as discussões, mas como o leitor pode ter notado, não necessariamente tem o endosso total deste autor às suas posições.

distinta. Em outras palavras, o Estado de bem estar-social só prosperou dado ao imperativo do capital de ser uma alternativa viável para a classe trabalhadora para que esta não se tentasse ao socialismo. Atualmente não há essa contraparte ideológica e resta saber se o capitalismo buscará responder sua crise organizando-se em torno de um novo modelo ou aprofundando o grau de autoritarismo e barbárie juntamente com o definhamento do neoliberalismo.

Analisamos de forma mais aprofundada somente algumas dessas facetas da crise, tal como a crise da democracia liberal burguesa. Nos parece bastante fundamental que pesquisas futuras deverão aprofundar na crise geopolítica, pois é nesse tabuleiro que os choques entre os diferentes sistemas organizativos dos Estados e capitais se duelarão, inclusive de forma literal. Há visivelmente o crescimento de uma hegemonia chinesa que ameaça interesses da hegemonia americana que se porta em aparente estagnação. Entre esses dois polos, *players* importantes como a União Europeia e Rússia buscam se reposicionar. E esses choques entre potências já se dão tendo em conta a deterioração dos pilares organizativos do capitalismo do Pós-Guerra.

O capitalismo nos trouxe também a uma crise civilizacional, sobretudo se tomarmos em mente o grau de deterioração do meio ambiente e a ameaça a vida que tal destruição representa; e esta parece não ter fim à vista. Portanto, pesquisas abordando esses aspectos se tornarão cada vez mais necessárias enquanto durarem as leis capitalistas de desenvolvimento.

É importante termos em mente que o capitalismo não é regido por leis naturais imutáveis e tampouco será eterno. Como todo sistema social tem uma origem histórica sendo fruto de relações sociais que estão inscrita numa dinâmica de contradições passíveis de mudanças e direcionamentos históricos indefinidos que são difíceis de prever.

REFERÊNCIAS

- AFP. Empresa aérea da Noruega pede falência de filiais por crise da covid-19. **Revista Exame**, 20 abr.2020. Disponível em: <https://exame.com/negocios/empresa-aerea-da-noruega-pede-falencia-de-filiais-por-crise-da-covid-19/>
- AMORIM, Henrique José Domiciano (org.) **Trabalho (imaterial), valor e classes sociais: diálogos com pesquisadores contemporâneos**. São Carlos: EdUfscar,2017.
- ANDERSON, Steven. Risk, Liability, and Economic Issues with Long-Term CO2 Storage—A Review. **Springer**. 2017. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11053-016-9303-6>
- ANTUNES. Ricardo. **Privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo; 2018.
- APPADURAI, Arjun. In: GEISELBERGER, Heinrich. **The Great Regression**. Cambridge: Polity Press, 2017 (*ebook*).
- BARROUX, Rémi; PÉCOUT, Adrien. France 2030: près de la moitié des financements doivent servir à « décarboner » l'économie. **Le Monde**. Paris, 12 out. 2021. Disponível em: https://www.lemonde.fr/politique/article/2021/10/12/plan-france-2030-pres-de-la-moitie-des-financements-doivent-servir-a-decarboner-l-economie_6098028_823448.html
- BECKLEY, Michael. Rogue Superpower: Why this could be an a illiberal American Century. **Foreign Affairs**. Nova York: Nov-Dez. 2020. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2020-10-06/illiberal-american-century-rogue-superpower>.
- BEHSUDI, Adam. What is mitigation vs adaptation. **FMI**. Set. 2021. Disponível em: <https://www.imf.org/external/pubs/ft/fandd/2021/09/climate-change-what-is-mitigation-and-adaptation-behsudi-basics.htm>
- BELLUZZO, Luiz Gonzaga; GALÍPOLO, Gabriel. **A escassez na abundância capitalista**. São Paulo: 2019.
- BENASAYAG, Miguel & SCHMIT, Gérard. **L'epoca delle passioni tristi**. Roma: Feltrinelli, 2004.
- BERARDI, Franco. **Depois do Futuro**. São Paulo: Ubu Editora, 2019.
- BERNARDO, João. **Labirintos do fascismo: Na encruzilhada da ordem e da revolta**. 2 ed. [edição digital revista e ampliada pelo autor], 2015.
- BIANCHI, Álvaro. Crise, política e economia no pensamento gramsciano. **Novos Rumos**. V. 36; nº 36. São Paulo, 2002.
- BLOODWORTH, James. **Hired: six months undercover in Low-Wage Britain**. Londres: Atlantic Books, 2018.
- BOBBIO, Noberto. **O futuro da democracia: Uma defesa das regras do jogo**. 6º. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

BOITO JUNIOR, Armando. O caminho brasileiro para o fascismo. **Caderno CRH**. Salvador, v.34, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/35578/24872>

BOITO JUNIOR, Armando. Por que caracterizar o bolsonarismo como neofascismo. **Crítica Marxista**. nº 50, Campinas: 2020.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BONIS, Gabriel. Como partido de esquerda abraçou propostas de direita para voltar ao poder na Dinamarca. **BBC News Brasil**. 14 jun.2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48637568>

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. A democracia não está morrendo: foi o neoliberalismo que fracassou. **Lua Nova**. Nº 111, p-51-79; São Paulo: 2020.

BROMHEAD, Alan de; EINCHEGREEN, Barry; O´ROURKE, Kevin H. Right-Wing political extremism in the Great Depression. **NBER-National Bureau of Economic Research**. Cambridge, 2012. Disponível em: <http://www.nber.org/papers/w17871>

BROWN, Wendy. **Cidadania sacrificial**: neoliberalismo, capital humano e políticas de austeridade. Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2019.

BROWN, Wendy [entrevistada por Verônica Gago]. El neoliberalismo es una de las fuentes del ascenso de las formas fascistas y autoritarias. **Le Mode Dipomatique Cono Sur** 2020. Disponível em: <https://www.eldiplo.org/notas-web/el-neoliberalismo-es-una-de-las-fuentes-del-ascenso-de-las-formas-fascistas-y-autoritarias/>

BROWN, Wendy. **El pueblo sin atributos**: La secreta revolución del neoliberalismo. Barcelona, 2017 (*e-book*).

BROWN, Wendy. Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política democrática no ocidente. São Paulo: Editora Filosófica Politéia, 2019.

CANOFRE, Fernanda. Constituição deixou o país um tanto quanto ingovernável, diz Zema. **Folha de São Paulo**. Belo Horizonte: 11 nov. 2019.

CANTO, Georges: *La mondialisation est en perte de vitesse: Slowbalisation. d’Lëtzebuenger Land*. Luxemburgo. 01 mar. 2019. Disponível em: <http://www.land.lu/page/article/184/335184/FRE/index.html>

CARMODY, Chios. A Guide to Emissions Trading under the Western Climate Initiative. **Centre For International Governance Innovation**. CIGI press: Waterloo, 2019.

CASSIDY, Jonh. *Interview with Eugene Fama*. **The New Yorker**. 13. Jan. 2010^a. Disponível em: <https://www.newyorker.com/news/john-cassidy/interview-with-eugene-fama>

CASSIDY, Jonh. *Interview with John Cochrane*. **The New Yorker**. 13 jan. 2010^b. Disponível em: <https://www.newyorker.com/news/john-cassidy/interview-with-john-cochrane>

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 9 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018^b.

CASTELLS, Manuel. **Ruptura**: crise da democracia liberal. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CHESNAIS, François. De nuevo sobre el impasse económico histórico del capitalismo mundial. Madrid: **Viento Sur**, nº 163, abr. 2019.

COHEN, Patricia. *Ivory Tower Unswayed by Crashing Economy*. **The New York Times**. 04 mar. 2009. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2009/03/05/books/05deba.html>

COMPANY pay ratios. **AFL-CIO-The American Federation of Labor and Congress of Industrial Organizations**. Washington, 2021. Disponível em: <https://aflcio.org/executive-paywatch/company-pay-ratios>

COOPER, Melinda. **Family Values: Between Neoliberalismo and the New Conservatism**. Nova York: Zone Books, 2017.

DARDOT, Pierre & LAVAL, Chirstian. **A nova razão do mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DARDOT, Pierre & LAVAL, Chirstian. **Comum: Ensaio sobre a revolução no século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2017 (*Ebook*).

DARDOT, Pierre & LAVAL, Christian. Anatomía del nuevo neoliberalismo. **Viento Sur**. nº 164, Madri, jun. 2019.

DATAFOLHA. Brasileiros veem forças armadas como instituição mais confiável. **Datafolha instituto de pesquisas**. São Paulo; 15 abr. 2019. Disponível em: <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2019/04/1987746-brasileiros-veem-forcas-armadas-como-instituicao-mais-confiavel.shtml>

DATAFOLHA. Partidos, Congresso e Presidência são instituições menos confiáveis do país. **Datafolha instituto de pesquisas**. São Paulo; 15 jun. 2018. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2018/06/1971972-partidos-congresso-e-presidencia-sao-instituicoes-menos-confiaveis-do-pais.shtml>

DEBRE, Isabel; AKRAN, Fares. Facebook's language gaps weaken screening of hate, terrorism. **Associated Press**. 25 out. 2021. Disponível em: <https://apnews.com/article/the-facebook-papers-language-moderation-problems-392cb2d065f81980713f37384d07e61f>

DENEEN, Patrick J. **Why liberalism failed**. New Haven: Yale University Press, 2018.

DESEMPREGO entre jovens ainda desafia a Europa. **Estado de Minas**, 01 fev. 2018. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2018/02/01/interna_internacional,935210/desemprego-entre-jovens-ainda-desafia-europa.shtml

DESROSIERS, Éric. *Les multinationales à l'heure de la «moudialisation»*. **Le Devoir**. Montreal. 25 jan. 2019. Disponível em: <https://www.ledevoir.com/economie/546370/analyse-les-multinationales-a-l-heure-de-la-moudialisation>

DIAS, Marina. Drama nos EUA, dívida universitária vira tema da corrida pela Casa Branca. **Folha de São Paulo**. 3 jun.2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/06/drama-nos-eua-divida-universitaria-vira-tema-da-corrída-pela-casa-branca.shtml>

DOOCHIN, David. The First Global Urban Planning Conference Was Mostly About Manure. **Atlasobscura**. Nova York: 29 jul. 2016. Disponível em:

<https://www.atlasobscura.com/articles/the-first-global-urban-planning-conference-was-mostly-about-manure>

DORN, David; AUTOR, David H.; HANSON, Gordon H. **The China shock: learning from labor market adjustment to large changes in trade**. Cambridge: NBER, 2016.

DUMÉNIL, Gérard; LÉVY, Dominique. **A crise do neoliberalismo na história do capitalismo. 2008-2011, os dois primeiros atos**. 2011.

DUMÉNIL, Gérard; LÉVY, Dominique. **Crisis y salida de la crisis: Orden y desorden neoliberales**. México: Fondo de Cultura Económica, 2007 (*e-book*).

EAGLETON, Terry. **Reason, Faith and Revolution**. New Haven: Yale University press, 2009.

EATWELL, Roger; GOODWIN, Matthew. **National Populism: The revolt against liberal democracy**. Londres: Pelican Book, 2018.

EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestigio, 2019 (*e-book*).

ESTADÃO CONTEÚDO. Vítima do coronavírus, companhia aérea britânica pede falência. **Estadão conteúdo** 5 mar.2020. Disponível em:

<https://exame.abril.com.br/negocios/companhia-aerea-pede-falencia-e-se-torna-la-vitima-do-coronavirus-na-area/>

FAO. Emissions due to agriculture. Global, regional and country trends 2000–2018.

FAOSTAT Analytical Brief Series, nº 18, Rome, 2020. Disponível em:

<http://www.fao.org/3/cb3808en/cb3808en.pdf>

FELBER, Christian. **La economía del bien común**. Bilbao: Deusto, 2010.

FERNANDES, Sabrina. **Se quiser mudar o mundo: um guia político para quem se importa**. São Paulo: Planeta, 2020.

FOA, Roberto Stefan; MOUNK, Yascha. The danger of deconsolidation. **The Journal of Democracy**. V.27, Nº3; Jul. 2016.

FRASER, Nancy. Climates of Capital. **The New Left Review**. nº 127, jan-fev. 2021.

Disponível em: <https://newleftreview.org/issues/ii127/articles/nancy-fraser-climates-of-capital>.

FRASER, Nancy. **The old is dying and the new cannot be born**. Nova York: Verso, 2019.

FRENKEL, Sheera; MAC, Ryan; ISAAC, Mike. Instagram Struggles With Fears of Losing Its ‘Pipeline’: Young Users. **The New York Times**. 16 out. 2021. Disponível em:

<https://www.nytimes.com/2021/10/16/technology/instagram-teens.html?action=click&module=RelatedLinks&pgtype=Article>

FUNKE, Manuel; SCHULARICK, Moritz; TREBESCH, Christoph. Going to extremes: politics after financial crisis, 1870-2014. **European Economic Review**. Nº 88, p. 216-260, 2016.

GALEANO, Eduardo. **O caçador de histórias**. Porto Alegre: LPM, 2016.

GARCÍA; Esther Sanchez. População mundial de vertebrados diminui 60% desde 1970. **El país**. Madri; 31 out.2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/30/ciencia/1540890264_143200.html

GARDNER, Amy; FIROZI, Paulina. Here's the full transcript and audio of the call between Trump and Raffensperger. **The Washington Post**. 05 jan. 2021. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/politics/trump-raffensperger-call-transcript-georgia-vote/2021/01/03/2768e0cc-4ddd-11eb-83e3-322644d82356_story.html

GELLMAN, Barton. January 6 was practice. **The Atlantic**. 06 dez. 2021. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2022/01/january-6-insurrection-trump-coup-2024-election/620843/>

GLECKMAN, Howard. Bill Nordhaus, The Nobel Prize, Climate Change And Carbon Taxes. **Forbes**. 10 out. 2018. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/howardgleckman/2018/10/10/bill-nordhaus-the-nobel-prize-climate-change-and-carbon-taxes/?sh=bedee376a03d>

GOLDRIC-RAB; Sara; RICHARDSON, Jed; SCHNEIDER, Joel; HERNANDEZ, Anthony; CADY, Clare. **Still hungry and homelless in college**. Wisconsin Hope Lab. Madison, 2018.

GONZATTO, Marcelo. Guerra na Ucrânia, pandemia e nacionalismo colocam globalização em xeque. **Gaúcha Zero Hora**. 18 mar. 2022. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/economia/noticia/2022/03/guerra-na-ucrania-pandemia-e-nacionalismo-colocam-globalizacao-em-xeque-cl0x58ukh00ey017c1y9ziy9y.html>

GOODBYE globalization: The dangerous lure of self-sufficiency. **The Economist**. 16 mai. 2020.

GREEN, Emma. A Christian Insurrection: Many of those who mobbed the Capitol on Wednesday claimed to be enacting God's will. **The Atlantic**. 08 jan. 2021. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/politics/archive/2021/01/evangelicals-catholics-jericho-march-capitol/617591/>

GRILLI, Mariana. Agropecuária foi responsável por 73% da emissão de CO² do Brasil em 2019. **Revista Globo Rural**. 06 nov. 2020. Disponível em: <https://revistagloborural.globo.com/Noticias/Sustentabilidade/noticia/2020/11/brasil-emitiu-217-bilhoes-de-toneladas-de-co2-em-2019-96-mais-que-em-2018.html>

GUIMÓN, Pablo. Desemprego nos EUA chega a 14,7%, o mais alto em 70 anos. **El País**, Washington, 08 mai. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/economia/2020-05-08/desemprego-nos-eua-chega-a-147-o-mais-alto-em-70-anos.html>.

GUIRADO; Antônio Martín. Número de moradores de rua cresce 75% em Los Angeles nos últimos 6 anos. **Revista Exame**. 16 abr.2018. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/numero-de-moradores-de-rua-cresce-75-em-los-angeles-nos-ultimos-seis-anos/>

HAGEY, Keach; HORWITZ, Jeff. Facebook's Internal Chat Boards Show Politics Often at Center of Decision Making. **The Wall Street Journal**. 24 out. 2021. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/facebook-politics-decision-making-documents-11635100195>

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HARDT, Michael; NEGRI, Antônio. **Bem-estar comum**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2016 [ebook].

HARDT, Michael; NEGRI, Antônio. *Empire twenty years on*. **The New Left Review**. n° 120. Londres, Nov., Dez. 2019. Disponível em: <https://newleftreview.org/issues/III120>

HARRIS, Bryan. Mato Grosso transforma seu destino com boom movido por China, fé e Bolsonaro. Tradução de Paulo Migliacci. **Folha de São Paulo**. 16 fev. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/02/mato-grosso-transforma-seu-destino-com-boom-movido-por-china-fe-e-bolsonaro.shtml>

HARVEY, David. **Diecisiete contradicciones y el fin del capitalismo**. Quito: Editorial IAEN, 2014.

HERON, Kai; DEAN Jodi. Revolution or Ruin. **E-flux Journal**. Jun. 2020. Disponível em: <https://www.e-flux.com/journal/110/335242/revolution-or-ruin/>

HOCHSCHILD, Russell Arlie. **Stranger in their own land: anger and mourning on the american right**. Nova York: The New Press, 2016.

HOLLEMAN, Hannah. **Dust Bowls of empire: imperialism, environmental politics and the Injustice of “green” capitalismo**. New Haven: Yale University Press, 2018.

IBOPE. Confiança brasileira nas instituições é a mais baixa desde 2009. **Ibope Inteligência**; 2018. Disponível em: <http://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/confianca-do-brasileiro-nas-instituicoes-e-a-mais-baixa-desde-2009/>

IPCC. **Climate Change 2021: The Physical Science Basis**. Contribution of Working Group I to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change. Cambridge: Cambridge University Press, 2021. Disponível em: https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg1/downloads/report/IPCC_AR6_WGI_Full_Report.pdf

IPCC. **Sumário para formuladores de políticas: Aquecimento Global de 1,5° C** [versão traduzida pelo Governo do Brasil]. Ministério da Ciência, Tecnologia, inovações e comunicações-MCTIC, Brasília, 2019.

JEFFERY, Louise; HÖHNE, Niklas; MOISIO, Mia; DAY, Thomas; LAWLESS, Benjamin. Options for supporting Carbon Dioxide Removal. **New Climate Institute**. Berlin: jul. 2020. Disponível em: <https://newclimate.org/wp-content/uploads/2020/07/Options-for-supporting-Carbon-Dioxide-Removal-July-2020.pdf>

JOHNSON, Ben. The Great Manure Crisis of 1894. **Historic UK**. Londres, 2017. Disponível em: <https://www.historic-uk.com/HistoryUK/HistoryofBritain/Great-Horse-Manure-Crisis-of-1894/>

JUDT, Tony. **Ill Fares the Land**. Nova York: Penguin Press, 2010.

KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque: A ascensão do capitalismo de desastre**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KLEIN, Naomi. **On: The (burning) case for a Green New Deal**. Nova York: Simon & Schuster, 2019.

KOTZ, David. *¿El fin de la era neoliberal? Crisis y reestructuración em el capitalismo estadounidense.* **The New Left Review [Espanhol]**. Nº 113, Nov.-Dez.2018. Madrid, 2018.

KULP, Scott A.; STRAUSS, Benjamin H. *New elevation data triple estimates of global vulnerability to sea-level rise and coastal flooding.* **Nature communications**; 29 out. 2019. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41467-019-12808-z>

KUTTNER, Robert. **Can democracy survive global capitalism?** Nova York: W.W. Norton & Company, 2018.

LAU, Mimi. China can't count on global markets for food security, Xi Jinping says. **South China Morning Post**. 07 mar. 2022. Disponível em: <https://www.scmp.com/news/china/politics/article/3169467/china-cant-count-global-markets-food-security-xi-jinping-says>

LA REAU, Jamie L. GM CEO Barra earns \$ 23,6 million in 2020, topping 2019 compensation. **Detroit Free Press**. Detroit, 30 abr. 2020. Disponível em: <https://www.freep.com/story/money/cars/general-motors/2021/04/30/gm-ceo-mary-barra-pay-compensation-2020/7389374002/>

LAFRANCE, Adrienne. History Will Not Judge Us Kindly. **The Atlantic**. 25 out. 2021. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/ideas/archive/2021/10/facebook-papers-democracy-election-zuckerberg/620478/>

LAZZARATO, Mauricio: **Fascismo ou revolução: o neoliberalismo em chave estratégica.** São Paulo: n-1 edições, 2019.

LE PLAN France Relance: la transition écologique comme objectif stratégique. **Ministère de la transition écologique.** Paris, 24 set. 2021. Disponível em: <https://www.ecologie.gouv.fr/france-relance-transition-ecologique>.

LEVIN, Kelly. A diferença entre os impactos de um aquecimento de 1,5°C ou 2°C no planeta. **WRI Brasil.** São Paulo: 2019. Disponível em: <https://wribrasil.org.br/pt/blog/2019/03/diferenca-entre-os-impactos-de-um-aquecimento-de-15c-ou-2c-no-planeta>

LEVISTKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem.** Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2018.

LÖWY, Michael. **O que é o ecossocialismo.** São Paulo: Cortez, 2014.

MALLET, Victor. Emmanuel Macron unveils €30bn plan to boost French industries. **Financial Times.** Londres, 12 out. 2021. Disponível em: <https://www.ft.com/content/5da38637-292f-4c2f-ae48-8e0c74b6014c>

MARX, Karl. **O capital: Crítica da Economia Política.** L. 1, T. 2. São Paulo: Nova Cultural, 1996b.

MARX, Karl. **O capital: Crítica da Economia Política.** V.1, L.1. São Paulo: Nova Cultural, 1996a.

MATTHEWS, David. *Capitalism and Mental Health.* **Montly Review**; 01 jan.2019. Disponível em: <https://monthlyreview.org/2019/01/01/capitalism-and-mental-health/#en1>

MATTINGLY, Phil. Speaker Pelosi says she spoke to top US general about Trump and nuclear codes. **CNN**, 08 jan. 2021. Disponível em: https://edition.cnn.com/politics/live-news/washington-dc-riots-trump-news-friday/h_54554e3d41127a23b67975f8edf5ff96

MBEMBE, Achille. A era do humanismo está terminando. **IHU Unisinos**. 24 jan.2017. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/564255-achille-mbembe-a-era-do-humanismo-esta-terminando>

MCGRATH, Matt. Mudanças climáticas: cinco coisas que descobrimos com o novo relatório do IPCC. **BBC Brasil**. 2021.

MCKELVEY, Tara. Eleições EUA 2020: 'Ele não aceita que perdeu': os últimos dias na Casa Branca de Trump. **BBC News Brasil**. 3 dez. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55171523>

MÉSZÁROS, István. A crise estrutural do capital [tradução: Alvaro Biachi]. **Revista Outubro**, nº4; fev. 2000

MILANOVIC, Branko. **Capitalismo, nada más: o futuro del sistema que domina el mundo**. Barcelona: Taurus, 2020.

MING, Celso. Globalização sob remodelagem. **Estadão**. São Paulo, 31 de mar. 2022. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral/globalizacao-sob-remodelagem,70004025812>

MOUFFE, Chantal. **Por um populismo de esquerda**. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.

MOUNK, Yascha. America is not a democracy. **The Atlantic**. Mar. 2018. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2018/03/america-is-not-a-democracy/550931/>

MOUNK, Yasha. **O povo contra a democracia**: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la. Companhia das letras: São Paulo, 2019.

MOURA, Júlia; PAMPLONA, Nicola. Preço do petróleo americano derrete e fica negativo pela primeira vez na história. **Folha de São Paulo**, São Paulo e Rio de Janeiro, 20 abr. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/04/petroleo-wti-cai-quase-80-e-vai-a-menos-de-us-5-o-barril.shtml>

MUFSON, Steven. Nobel winner's evolution from 'dark realist' to just plain realist on climate change. **The Washington Post**. 14, jun. 2021. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/climate-solutions/2021/06/14/qa-william-nordhaus-interview-carbon-pricing/>

MURO, Mark; DUKE, Eli Byerly; YOU, Yang; MAXIM, Robert. Biden-voting counties equal 70% of America's economy. What does this mean for the nation's political-economic divide? **Brookings Institute**. 10 nov. 2020. Disponível em: <https://www.brookings.edu/blog/the-avenue/2020/11/09/biden-voting-counties-equal-70-of-americas-economy-what-does-this-mean-for-the-nations-political-economic-divide/>

NEIVA; Leonardo. Los Angeles vê aumento da população de rua em meio a crise de habitação. **Folha de São Paulo**. 22 set. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/06/drama-nos-eua-divida-universitaria-vira-tema-da-corrida-pela-casa-branca.shtml>

NIK-KHAH, Edward. *Chicago neoliberalismo and the genesis of the Milton Friedman Institute (2006-2009)*. Cambridge University Press, 2010.

NORDHAUS, Willian Dawbney. The Climate Club: How to fix a failing global effort. *Foreign Affairs*. Vol. 99, nº 3. Nova York, mai.-jun., 2020.

NORDHAUS, Willian Dawbney. The Empty Radicalism of the Climate Apocalypse. **Issues in Science and Technology**. V. 35, no. 4 verão, 2019. Disponível em: <https://issues.org/empty-radicalism-of-the-climate-apocalypse/>

NORDHAUS, Willian Dawbney. **The spirit of green**. Princeton University Press: Princeton, 2021.

O GLOBO e agências. Número de moradores de Rua em Los Angeles aumenta 12% em 2018. **O Globo**. 5 jun. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/numero-de-moradores-de-rua-em-los-angeles-aumenta-12-em-2018-23718227>

OBSTFELD, Maurice. À medida que os riscos econômicos se materializam, o crescimento mundial estaciona. **FMI**. 09 out.2018. Disponível em: <https://www.imf.org/pt/News/Articles/2018/10/08/blog-weo-global-growth-plateaus-as-economic-risks-materialize>

OMS. *Cambio climático y salud*. **Organização Mundial da Saúde**; 01 fev.2018. Disponível em: <https://www.who.int/es/news-room/fact-sheets/detail/cambio-climático-y-salud#>

OQUENDA, Catalina. Avianca recorre à lei de falência nos EUA devido ao impacto econômico do coronavírus. **El País**, 10 mai. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/economia/2020-05-10/companhia-aerea-colombiana-avianca-declara-falencia-devido-ao-impacto-economico-do-coronavirus.html>

PAXTON, Robert. **A Anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PIKETTY, Thomas, *et al.* Fiscalité des multinationals: “L’ accord obtenu est un accord au rabais qui profitera essentiellement aux pays riches”. **Le Monde**, 12 out. 2021. Disponível em: https://www.lemonde.fr/idees/article/2021/10/12/fiscalite-des-multinationales-l-accord-obtenu-est-un-accord-au-rabais-qui-profitera-essentiellement-aux-pays-riches_6097997_3232.html

PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI**. Intrínseca (*ebook*): Rio de janeiro, 2014.

PIKETTY, Thomas. **Time for socialism**: dispatches from a world in fire, 2016-2021. New Haven: Yale University Press, 2021, (*Ebook*).

POLANYI, Karl. **A grande transformação**: as origens políticas e econômicas do nosso tempo. Edições 70: Lisboa, 2016. (*Ebook*).

POTENZA, Renata Fragoso *et al.* **Análise das emissões brasileiras de gases de efeito estufa e suas implicações para as metas climáticas do Brasil**. SEEG. 2021. Disponível em: https://seeg-br.s3.amazonaws.com/Documentos%20Analiticos/SEEG_9/OC_03_relatorio_2021_FINAL.pdf

RANCIÈRE, Jacques. The fools and the wise. **Verso Books**. 22 jan. 2021. Disponível em: <https://www.versobooks.com/blogs/4980-the-fools-and-the-wise>

RAWORTH, Kate. **Economía Rosquilla**: 7 maneras de pensar la economía del siglo XXI. Paidós: Barcelona, 2018.

REDAÇÃO. Batata quente: Petróleo dos EUA cai 300% a US\$ 37 negativos; você não leu errado. **Investing.com**, 20 abr. 2020. Disponível em: <https://br.investing.com/news/commodities-news/batataquente-petroleo-dos-eua-cai-300-a-us-37-negativos-voce-nao-leu-errado-739421>

RES.109- Recognizing the duty of the Federal Government to create a Green New Deal. **116th United States Congress**. Washington, 2019. Disponível em: <https://www.congress.gov/bill/116th-congress/house-resolution/109/text>

ROIO, Marcos del. Gramsci e Togliatti diante do fascismo. **Crítica Marxista**. Nº 50; Campinas, 2020.

SAITO, Kohei. **O ecossocialismo de Karl Marx**. São Paulo: Boitempo, 2021 (*ebook*).

SALAS, Javier. A humanidade não chegará aos 10 bilhões de pessoas, **El País**. 15 jul. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/ciencia/2020-07-16/a-humanidade-nao-chegara-aos-10-bilhoes.html>

SANDEL, Michael J. **A tirania do mérito**: o que aconteceu com o bem comum? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2020.

SANDOVAL, Pablo Ximénez de. A “devastação total” da economia de Las Vegas. **El País**, Las vegas, 13, mai. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-05-13/a-devastacao-total-da-economia-de-las-vegas.html>

SANTOS, Boaventura Souza. A grande disputa pelo antissistema. **Outras Palavras**. 10 fev. 2021. Disponível em: <https://outraspalavras.net/movimentoserebeldias/boaventura-grande-disputa-pelo-antissistema/>

SAYURI, Juliana. Entrevista: O capitalismo ainda está no poder mas, mas está morto diz Franco Berardi. **The Intercept Brasil**. 28 dez. 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/12/28/entrevista-o-capitalismo-ainda-esta-no-poder-mas-esta-morto-diz-fra>

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984.

SCOTT, Mark. Facebook did little to moderate posts in the world’s most violent countries. **Político**. 25 out. 2021. Disponível em: <https://www.politico.com/news/2021/10/25/facebook-moderate-posts-violent-countries-517050>

SETTI, Rennan. Grande Depressão traz alerta para extremismos. **Revista Época**. 25 out. 2019. Disponível em: <https://epoca.globo.com/economia/grande-depressao-traz-alerta-para-extremismos-1-24041120>

SIMAS, Fernanda. Crise levará 28,7 milhões à pobreza na América Latina, diz comissão da ONU. **Jornal Estado de São Paulo**, Santiago, 4 mai. 2020. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,crise-levara-28-7-milhoes-a-pobreza-na-america-latina-diz-comissao-da-onu,70003303513>

SLOWBALIZATION The future of global commerce. **The Economist**, 24 jan.2019.

SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações**: investigação sobre sua natureza e suas causas. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

SODRÉ, Eduardo. Produção de veículos tem pior mês desde a instalação da indústria automotiva no Brasil. **Folha de São Paulo**, 08 mai. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/05/producao-de-veiculos-tem-pior-mes-desde-a-instalacao-da-industria-automotiva-no-brasil-em-1957.shtml>

STANDING, Guy. **O precariado**: a nova classe perigosa. Autêntica Editora. 1º reimp. Belo Horizonte: 2014.

STANLEY-BECKER, Isaac. Top general was so fearful Trump might spark war that he made secret calls to his Chinese counterpart, new book says. **The Washington Post**. 14 set. 2021. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/politics/2021/09/14/peril-woodward-costa-trump-milley-china/>

STIGLITZ, Joseph E. A era do neoliberalismo totalitário. **Outras Palavras**. 08 nov. 2019. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/stiglitz-a-era-do-neoliberalismo-totalitario/>

STREECK, Wolfgang. O retorno do recalcado: o começo do fim do capitalismo neoliberal. **Revista Piauí**. Ed. 135, dez. 2017. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-retorno-do-recalcado/>.

STREECK, Wolfgang. Tempo comprado: a crise adiada do capitalismo democrático. Coimbra: Conjuntura actual editora, 2013.

STREECK; Wolfgang. ¿Como terminará el capitalismo? **The New Left Review**. nº 87; jul. ago. 2014.

STREECK; Wolfgang. Las crisis del capitalismo democrático. **The New Left Review**. nº 71, Quito;Nov.-Dez. 2011. Disponível em: <https://newleftreview.es/issues/71/articles/wolfgang-streeck-las-criisis-del-capitalismo-democratico.pdf>

THE FACEBOOK FILES: A Wall Street Journal Investigation. **The Wall Street Journal**. 2021. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/the-facebook-files-11631713039>

THE TEN Point Plan for a Green Industrial Revolution. **United Kingdom Government**. Nov. 2020. Disponível em: <https://www.gov.uk/government/publications/the-ten-point-plan-for-a-green-industrial-revolution/title>

TIROLE, Jean. **La economía del bien común**. Barcelona: Penguin Random House Editora, 2017.

TOGLIATTI, Palmiro. **Sul fascismo**. (A cura di Giuseppe Vacca). Bari: Editori Laterza, 2004.

TONNELIER, Audrey. Avec son plan de 100 milliards, le gouvernement compte redresser l'économie d'ici à 2022. **Le Monde**. Paris, 3 set. 2020. Disponível em: https://www.lemonde.fr/politique/article/2020/09/03/avec-son-plan-de-100-milliards-le-gouvernement-compte-redresser-l-economie-d-ici-a-2022_6050794_823448.html

TUCKER, Bronwen; DeANGELIS, Kate. Why \$77 billion a year in public finance for oil, gas, and coal is even worse than it sounds. **Oil Change International**, 2020.

Disponível em: <http://priceofoil.org/2020/05/27/why-77-billion-a-year-in-public-finance-for-oil-gas-and-coal-is-even-worse-than-it-sounds/>

VITÓRIO, Tamires. Com horários de trabalho excessivos, funcionários da Amazon urinam em garrafas. **CNN BRASIL**. São Paulo: 03 abr. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/2021/04/03/com-horarios-de-trabalho-excessivos-funcionarios-da-amazon-urinam-em-garrafas>

WALLERSTEIN, Immanuel. Mudança social? “A mudança é eterna. Nada muda, nunca”. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Nº 44. Coimbra, 1995.

WOOD, Ellen Meiksins. **Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico**. São Paulo: Boitempo, 2006.

ZABLIT, Jocelyne. Nos Estados Unidos, sem-teto vivem em carros e dormem em estacionamentos. **Estado de São Paulo**. 15 mar.2019. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,nos-estados-unidos-sem-teto-vivem-em-carros-e-dormem-em-estacionamentos,70002755788>

ZAKRZEWSKI, Cat; VYNCK, Gerrit De; MASIH, Niha; MAHTANI, Shibani. How Facebook neglected the rest of the world, fueling hate speech and violence in India. **The Washington Post**. 24 out. 2021. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/technology/2021/10/24/india-facebook-misinformation-hate-speech/>